

**O BANDEIRISMO PAULISTA
E O
RECÚO DO MERIDIANO**



BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERIE V

BRASILIANA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

Volumes publicados :

- I — Baptista Pereira : FIGURAS DO IMPERIO e OUTROS ENSAIOS (2.a edição).
- II — Pandiá Calogeras : O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.a edição).
- III — Alcides Gentil : AS IDEIAS DE ALBERTO TORRES (synthese com indice remissivo).
- IV — Oliveira Vianna : RAÇA E ASSIMILAÇÃO (2.a edição augmentada).
- V — Augusto de Saint-Hilaire : SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MINAS GERAES E A S. PAULO (1862) — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
- VI — Baptista Pereira : VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — Baptista Pereira : DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).
- VIII — Oliveira Vianna : POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL (3.a edição).
- IX — Nina Rodrigues : OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Pires). — Profusamente illustrado.
- X — Oliveira Vianna : EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.a edição illustrada).
- XI — Luis da Camara Cascudo : O CONDE D'EU (vol. illustrado).
- XII — Wanderley Pinho : CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (vol. illustrado).
- XIII — Vicente Licínio Cardoso : A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — Pedro Calmon : HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — Pandiá Calogeras : DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.º volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).
- XVI — Alberto Torres : O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — Alberto Torres : A ORGANIZAÇÃO NACIONAL
- XVIII — Visconde de Taunay : PEDRO II.
- XIX — Affonso de E. Taunay : VISITANTES DO BRASIL COLONIAL (Seculos XVI-XVIII).
- XX — Alberto de Faria : MAUÁ (com tres illustrações fóra do texto)
- XXI — Baptista Pereira : PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — E. Roquette-Pinto : ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILEIANA.
- XXIII — Evaristo de Moraes : A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — Pandiá Calogeras : PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.
- XXV — Mario Marroquim : A LINGUA DO NORDESTE.
- XXVI — Alberto Rangel : RUMOS E PERSPECTIVAS.
- XXVII — Alfredo Filho Junior : POPULAÇÕES PAULISTAS.
- XXVIII — General Conto Magalhães : VIAGEM AO ARAGUAYA (3.a edição).
- XXIX — José de Castro : O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- XXX — Cap. Frederico A. Bondon : PELO BRASIL CENTRAL (Ed. illustrada).
- XXXI — Azevedo Amaral : O BRASIL NA CRISE ACTUAL.
- XXXII — C. de Mello Leitão : VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO (Illustrado com 19 gravuras fóra do texto).
- XXXIII — J. de Sampaio Ferraz : METEOROLOGIA BRASILEIRA (Esboço elemental de seus principaes problemas).
- XXXIV — Angyone Costa : INTRODUÇÃO A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA — Etnografia e Historia (Edição illustrada).
- XXXV — A. J. de Sampaio : PHYTOGEOGRAPHIA DO BRASIL (Edição illustrada com 38 gravuras).

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Serie V

"BRASILIANA"

Vol. XXXVI

ALFREDO ELLIS (junior)

**O BANDEIRISMO
PAULISTA
E O
RECÚO DO MERIDIANO**

Pesquisas nos documentos quinhentistas e setecentistas
publicados pelos Governos Estadual e Municipal

2.ª EDIÇÃO



1934

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 24 A / 30

SÃO PAULO

DO MESMO AUTOR

"O BANDEIRISMO PAULISTA E O RECÚO DO MERIDIANO"

— Pesquisas nos documentos publicados pelos governos estadual e municipal. (1.ª edição) — "Publicado pelo Governo do Estado de São Paulo".

"RAÇA DE GIGANTES"

Estudo da evolução bio-sociologica dos paulistas através dos seculos primeiros.

"PEDRAS LASCADAS" (2 edições)

Estudos varios sobre a sociologia na economia paulista.

"O THEOURO DE CAVENDISH"

Romance sobre a Historia de S. Paulo em collaboração com Menotti Del Picchia.

"CONFEDERAÇÃO OU SEPARAÇÃO" (3 edições)

Doutrina politica paulista.

"GEOGRAPHIA GERAL" (2 edições)

Geog. physica, politica, humana e economica. Compendio para o curso pre-juridico e para as Escolas de Commercio.

"A NOSSA GUERRA"

Estudo critico politico-militar da guerra paulista-brasileira.

"ELEMENTOS DE HYGIENE E BIOLOGIA"

Compendio para exames vestibulares na Faculdade de Direito.

"GEOGRAPHIA"

Organisada segundo o programma gymnasial (3a. serie)

"POPULAÇÕES PAULISTAS"

Estudo sociologico e demographico da gente e da terra paulista. Vol. XXVII da Serie V - Brasileira, edições da Companhia Editora Nacional.

N O P R É L O :

"GEOGRAPHIA"

Organisada segundo o programma gymnasial (4a. serie)

"GEOGRAPHIA"

Organisada segundo o programma gymnasial (5a. serie)

"HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO"

(Em collaboração com o Dr. Pinto Junior) organisada segundo o programma gymnasial (3a. serie)

"A MADRUGADA PAULISTA"

Lendas da historia de S. Paulo.

"OS PRIMEIROS CRUZAMENTOS EURO-AMERICANOS NO PLANALTO PAULISTA"

Serie V - Brasileira da Companhia Editora Nacional.

Ao

*Dr. Washington Luis
Pereira de Souza*

*homenagem muito grata e
muito sincera.*

INDICE

Prefacio da 2.^a edição		11
Prefacio da 1.^a edição		23
Introdução		27
CAPITULO		
I — O Bandeirismo		39
II — O Bandeirismo Quinhentista		46
III — Bandeiras de João Pereira de Sousa Botafogo e de Domingos Rodrigues (velho?) (1596-1600)		53
IV — João Pereira de Sousa Botafogo		63
V — Bandeiras de André Leão e de Nicoláu Barreto		71
VI — Bandeiras contra os indios Bilreiros — Belchior Dias Carneiro e Martim Rodrigues (1606-1609)		90
VII — Diversas expedições ao sertão — Bandeiras de Lazaro da Costa e de Antonio Pedroso de Alvarenga (1610-1613)		97
VIII — Bandeiras de Henrique da Cunha Gago, o velho, de Sebastião Preto e de Manuel Preto (1623-1624). — Os holandezes no Nordéste. — Repercussão em São Paulo da tomada da Bahia. — Pródromos da conquista de Guayrá (1627)		105
IX — Guayrá		113
X — Guyará (Outubro 1628 a julho 1632)		120
XI — Conquista do Itati		128

CAPITULO	XII — Conquista de “Tapes” e “Uruguay”..	130
”	XIII — Conquista de “Tape” e “Uruguay” — Início da invasão. — Bandeiras de Aracambi (1635).....	136
”	XIV — Conquista de “Tape” e “Uruguay”. — Bandeira de Raposo Tavares.....	146
”	XV — Conquista de “Tape” e “Uruguay”. — Bandeira de Francisco Bueno, no rio Taquary (1637-1639)	154
”	XVI — Conquista de “Tape” e “Uruguay” — Bandeira de Fernão Dias Paes, no Rio Grande, (1637-1638)	163
”	XVII — Conquista de “Tape” e “Uruguay” — Bandeira de Domingos Cordeiro (1639). — Bandeira de Jeronymo Pedroso de Barros (1641) — M’Bororé.....	173
”	XVIII — Primeiro socorro paulista para a restauração do Nordéste brasileiro (1639)	183
”	XIX — Acclamações de Amador Bueno e dom João IV (1 e 3 de abril de 1641).	190
”	XX — Diversas expedições ao sertão (de 1640 a 1650)	199
”	XXI — Raposo Tavares, campeador de Minas (1648-1652)	211
”	XXII — Diversas expedições ao sertão de 1640 a 1650	217
”	XXIII — Domingos Barbosa Calheiros, Luiz Pedroso de Barros, Antonio Pedroso de Barros (1650-1660)	223
”	XXIV — Bandeira de Alvaro Rodrigues do Prado. — Sabarabuçu. — Grande bandeira de apresamento revelada (1650-1660)	229
”	XXV — Bandeira das esmeraldas. — João Correia de Sá (1650-1660)	239
”	XXVI — Domingos Barbosa Calheiros e o socorro paulista ao reconcavo bahiano (1650-1660)	244

CAPÍTULO	XXVII	— Diversas expedições (1660-1670).....	252
"	XXVIII	— Lourenço Castanho Taques, o velho. — Bandeira dos Cataguazes.... (1668-1670). — Engano de Pedro Taques	260
"	XXIX	-- Fernão Dias. — Varias bandeiras entre 1670 e 1680	267
"	XXX	— Segundo soccorro paulista ao reconcavo bahiano. — Estevam Ribeiro Bayão Parente, Braz Rodrigues de Arzão (1670-1680-	277
"	XXXI	— Diversas expedições ao sertão entre 1680 e 1690. — Garcia Rodrigues Paes..	284
"	XXXII	— Diversas expedições ao sertão entre 1680 e 1690. — Dom Rodrigo de Castél Branco	292
"	XXXIII	- Grandioso movimento regionalista em São Paulo. — Acclamação de Ama- dor Bueno da Veiga. — Guerra dos Emboabas	304
"	XXXIV	— Bandeira das esmeraldas. — Bandeira do ouro de Amador Bueno da Veiga, o Anhanguera. — Ultimas referen- cias documentaes sobre o bandei- rismo	315
"	XXXV	— O bandeirismo em declinio	322

PREFACIO DA 2.^a EDIÇÃO

A primeira edição deste trabalho sahiu ha dez annos precisamente.

Era Presidente de São Paulo o dr. Washington Luis, esse character adamantino, esse homem de tempera ferrea, de attitudes definidas e nitidas, que todos que conhecemos, admiramos e veneramos, ungidos de grande respeito.

Quiz o dr. Washington Luis ver valor neste modesto trabalho, para ter uma maior divulgação, que a que lhe davam simples publicações semanaes na imprensa.

Por isso, fel-o publicar em volume, por conta do Estado.

A primeira edição do livro se esgotou rapidamente e durante largos annos elle esteve ausente das livrarias.

Muitos, interessados pelos fastos do bandeirismo, formulavam a constante pergunta sobre o livro e recebiam a invariavel resposta de que se preparava um trabalho baseado no "O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano", o qual seria uma pequena e resumida historia da maravilhosa epopéa paulista desses seculos longinquos.

Preferi, porém, fazer a reedição das velhas pesquisas originaes, sem mais accrescimos,

que não fossem os condizentes com um melhor esclarecimento do assumpto tratado.

Como a primeira edição, que foi a que tão generosamente me abriu as portas para as letras, eu quero ainda dedicar esta segunda edição ao dr. Washington Luis, meu eminente amigo, um dos homens mais rectos e abnegados que se tem visto no scenario publico.

A estima e a admiração que elle é alvo, não tem senão crescido e augmentado enormemente com o desenrolar tempestuoso dos acontecimentos.

Ha homens que são como os grandes monumentos naturaes. Vistos de perto não podem ser fielmente observados, mas á medida que a distancia augmenta com a majoração do angulo visual os seus contornos se fazem mais nitidos, proporcionaes e expressivos tomando um realce formidavel.

E' o que acontece com o notavel estadista que presidiu São Paulo e que depois foi chamado a dirigir o Brasil.

Quanto mais delle nos afasta o tempo, mais se vae tornando harmonica a sua obra notavel de dirigente; mais se vão fixando os perfis puros da sua governação.

Os serviços prestados a São Paulo por esse illustre varão, jamais poderão ser esquecidos pelo nosso povo.

E', pois, do modo o mais sincero, que aqui fica testemunhado publicamente, o quanto me está merecendo o dr. Washington Luis, que, pelas suas inconfundiveis attitudes, pela sua austeridade ina-

tacavel, pela sua rectidão de proceder, pela sua coherencia inflexivel, traçou tantas directrizes á nossa geração.

E' com esta disposição de sentimentos que fica entregue ao publico esta segunda edição. Esse publico que tão generosamente acolheu a primeira edição certamente receberá bem a que óra sáe para as estantes das livrarias.

Ella evoca ainda os primordios dessa gente de prodigio que é a paulista. Essa estirpe que vem de escrever a monumental epopéa das trincheiras, nessas mil Thermopylas que ameaçadoramente rodeavam o sagrado territorio do nosso São Paulo.

E' essa estirpe paulista que evidenciou com a leonina bravura, que os velhos troncos, engalhados nestas seivosas ramagens novecentista, não decahiram.

Cada seculo que se passa é a reedição de uma pagina de glorias colhidas.

Bemdicto esse povo paulista que tem uma historia que é um rosario continuo de epopéas maravilhosas.

O quinhentismo vetusto dessas éras mortas do além, viu nas plagas vicentinas o capitulo fantastico do povoamento.

Depois, veiu esse bandeirismo monumental com a penetração indomavel pela virgem America.

Depois, nos setecentos, foi a fatidica guerra dos emboabas, com o seu sequito de traições e de soffreres inenarraveis, e a mineração nas distantes Geraes, ou nos sertões dos guayazes, ou ainda, no longinquo Cuiabá.

Nos oitocentos, foi a implantação da grande lavoura cafeeira, esse repositório de esforço agrícola, que no mundo não encontra paralelo.

Era preciso que nos novecentos, o paulista desse mostras das suas virtudes.

As circumstancias da tragedia se incumbiram de obrigar o habitante desta terra a se lembrar do nome que tanta honra dava ao immortal Feijó.

O passado paulista foi como a mãe de Antheu, que tantas forças lhe soube communicar.

Elle será o anjo tutelar desta terra.

Com um livro de glorias como têm os paulistas só um grandioso futuro os póde aguardar.

Tenho a sublime ventura de ser paulista da mais velha estirpe desta terra.

Não o fosse, teria a mais entranhada inveja dos possuidores dessa suprema "mercê de Deus".

Foi com o mais commovido sentimento que testemunhámos os authenticos descendentes dos velhos troncos dos quinhentos e dos seiscentos, reproduzindo as homericas nominatas do bandeirismo, ao escrever, ao som da cruenta metralha inimiga, as paginas mais fulgurantes da vida de um grande povo.

Que sirva a reproducção do "O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano" para reavivar na lembrança dos de hoje, a memoria dos asperos titans que nos legaram os contornos do nosso feito.

Que sirva esta reedição do "O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano" de élo solidifi-

cador entre o passado giganteo e este presente monumental, para que juntos possam conquistar um futuro que se enquadre bem nessas proporções.

E' o que-com sinceridade almejo e por isso contribuo com esta parcella.

*
* *
*

Sou accusado de dois peccados:

Dizem-me contrario aos jesuitas e exaggeradamente regionalista.

Verifiquemos o fundamento dessas arguições.

Não sou contrario aos reverendos da Companhia de Jesus.

Que Deus me livre de tamanho absurdo!

Ninguem mais que eu tributa homenagem e respeito aos vultos milagrosos dos Anchietas, dos Nobregas, dos Aspilcuetas, dos Grans, etc.

Estou na profunda crença de que esses jesuitas foram super homens e verdadeiros apóstolos, relegados por um cruel destino nas selvas da America nascente.

A elles todo o fervor de um culto reverencioso, eis o que lhes dedico com a maior sinceridade.

Tenho além disso, pela personalidade do padre Antonio Vieira a admiração a mais fervorosa.

Estou na crença de que esse membro da Companhia de Jesus, foi um dos espiritos mais clarividentes que o mundo já possuiu.

Penso que foi elle um dos politicos mais sábios e mais bem orientados que jamais trilharam as rotas da diplomacia.

Sou dos que vêem a mais alta visão no autor do famosissimo "papel forte".

Elle e d. Francisco de Sousa Coutinho, o embaixador portuguez em Ilaya, esses a quem chamavam "judas do Brasil", tinham a mais nitida intelligencia politica que se possa imaginar (Calogeras — "Politica Exterior do Imperio" — 122 e 132).

Com uma admiração tão ardente por tantos vultos loyolanos, como ser eu taxado de contrario aos jesuitas?

Se não empresto grande autoridade ás chronicas jesuiticas seiscentistas e em particular ás do padre Simão de Vasconcellos, é porque ellas são por demais apaixonadas contra os paulistas.

Havia uma séria contenda entre jesuitas e paulistas.

Os jesuitas escreveram chronicas a respeito.

Mas elles eram parte nessa justa.

Elles, humanamente, não poderiam querer fazer obra de historiadores conscienciosos e imparciaes.

Legaram-nos méros arrazoados, os quaes naturalmente tinham que vir eivados de dogmatismo apaixonado.

Não são essas chronicas relatos serenos e placidos dos eventos.

Nellas uma critica historica bem feita, teria de descobrir laivos de raivosa violencia de linguagem contra os paulistas.

Frei Gaspar da Madre de Deus o angelico benedictino, o seraphico monge historiador não julgou os escriptos dos jesuitas seiscentistas de outra fórma.

O illustre historiador Affonso Taunay, sem duvida o "primus inter pares" na sciencia historica dos nossos dias, não se mostra differente de mim ao commentar as paginas dos escriptores jesuitas do seiscentismo (1).

*
* *
*

Eram duas as expansões que avançavam em sentido contrario.

A dos paulistas que haviam arribado no planalto e a dos jesuitas, que havendo entrado pelo Paraguay, buscavam uma sahida para o Atlantico.

Elles tinham fatalmente que se encontrar. O choque foi violento. A pugna foi rude e cheia de peripecias.

Os paulistas venceram.

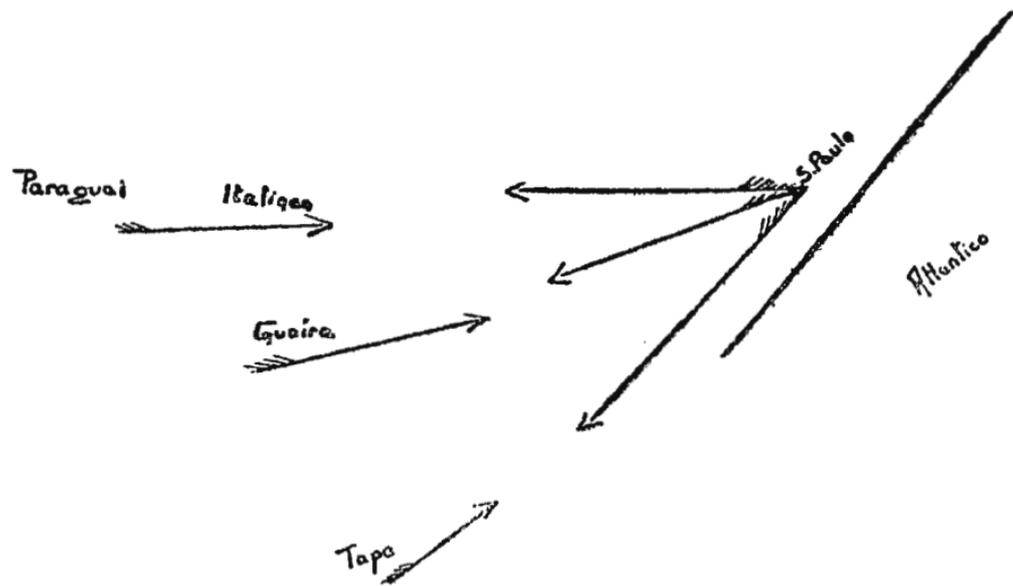
Os vencidos rangeram os dentes e rugiram ameaças.

Isso é profundamente natural! Isso é naturalmente humano! Isso é facilmente comprehensivel! Nada ha a extranhar!

O que não é intelligente, consiste em reconhecer autoridade de julgadores nos que foram parte vencida.

O padre Simão de Vasconcellos escreveu justamente quando os paulistas enxotavam os padres loyolanos do planalto paulista.

(1) Tudo que eu disse acima a respeito dos paulistas e primeiros jesuitas, vem de ser confirmado por novos documentos jesuitas que vêm sendo revelados pelo reverendo padre Serafim Leite, nas conferencias realizadas no Instituto Historico de S. Paulo.



Choque violento das expansões paulista e jesuítico-hispâno-guarani

E' natural que elle ainda estivesse afoqueado pela cólera e pelo desejo incoercivel de tirar uma desforra.

Não é de se pensar que o padre Simão fosse um santo, que recalcasse no amago de sua alma ferida esses sentimentos torvos.

Elle e seus companheiros hespanhóes, como Montoya, Domenech, e outros, cuja linguagem trõe a violencia denunciadora de espiritos tempestuosos ainda não foram sequer beatificados.

E' licito não attribuir a esses escriptores grande parcella de autoridade.

Antes delles serem padres, eram homens e como tal sentiam e raciocinavam sob o imperio das paixões.

Eis o meu espirito.

Não sou contra os jesuitas, cuja obra grandiosa respeito, reconheço e reverencio profundamente.

*
* *
*

Alem disso, dizem que sou regionalista em exaggero. E' porque acho que não ha historia do Brasil, como um conjunto homogeneo. Ella é uma somma de capitulos de historias regionaes.

Cada agrupamento humano isolado na immensidão territorial, sem communicações, ia com sua historia particular formando a sua mentalidade especial, creando o seu typo definido.

Não tenho culpa se isso é a realidade.

Aliás quem ensina isso é o eminente Oliveira Vianna, fluminense illustre, no brilhante prefacio de seu "Populações Meridionaes".

Elle ahí affirma:

“— é já possível distinguir, da maneira mais nitida, pelo menos TRES HISTORIAS DIFFERENTES: a do norte, a do centro sul, a do extremo sul, que geram por seu turno, tres sociedades diferentes: a dos sertões, a das mattas, a dos pampas, com seus tres typos especificos: o sertanejo, o matuto, o gaúcho. E' impossivel confundir esses tres typos, como é impossivel confundir essas tres sociedades, como é impossivel confundir essas tres HISTORIAS, como é impossivel confundir esses ecumenos”.

São do riograndense Coronel Alencastre, no seu livro "O regionalismo no Rio Grande do Sul", as phrases seguintes:

“O Brasil é um vasto scenario, grande demais para manter uniformidade. O Rio Grande do Sul, por exemplo, é um quadro á parte. Apresenta as suas linhas características, as suas personagens originaes, o seu meio claro e perfeitamente definido. Não deve haver motivos para extranhezas no facto de ser o gaúcho um typo á parte na communhão brasileira. O paiz é muito grande. Os elementos de differenciação actuam com caracter permanente em muitas circumscripções do territorio nacional. Noutras mais. Noutras menos. Em algumas nada”.

O livro citado corre todo por essa ordem de idéas.

O meu crime consiste em estar mais ou menos de accôrdo com o autor do livro, o qual é official do exercito.

E' esse mesmo autor quem diz:

“Nós não temos ainda no Brasil uma alma nacional, mas temos no Rio Grande uma alma rio-grandense”.

O meu crime é concordar com isso e tambem ter alma paulista.

PREFACIO DA 1.^a EDIÇÃO

Este trabalho não tem a pretensão de ser uma historia do bandeirismo, e nem mesmo a da conquista territorial, que sobrepujou o meridiano de Tordezilhas.

E' elle sómente a reunião de alguns artigos que publiquei no "Correio Paulistano", fructo muito modesto de pesquisas que procedi nos documentos officiaes, que o benemerito dr. Washington Luis, como Prefeito da Capital e como Presidente do Estado, fez publicar, franqueando, assim, aos que se interessam pelas cousas do nosso brilhante passado um riquissimo cabedal que, até então, se achava quasi inexplorado.

Assim, pois, não é este volume um tratado completo onde se possam estudar todos esses "raids" fantasticos, que fizeram essa epopéa rutilante das bandeiras, nem é nelle que se possa acompanhar esse phenomeno do nosso passado, em suas causas e consequencias.

Outros, mais competentes, farão essa obra necessaria, que virá certamente preencher uma enorme lacuna, no conhecimento exacto dos nossos maiores.

Com o trabalho, que óra apresento, só tive em mente trazer um pequeno concurso, original, e baseado em provas documentaes, para quem futuramente queira escrever a historia definitiva das bandeiras.

Assim, procedi ás minhas pesquisas, procurando adaptar os conhecimentos novos nellas colhidos, a respeito do bandeirismo, ao que já era sabido, através dos muitos escriptos dos sabios historiadores como Pedro Taques, Azevedo Marques, Silva Leme, Orville Derby, Toledo Piza, Washington Luis, Basilio de Magalhães, Diogo de Vasconcellos, Padre Carlos Teschauer e Affonso d'E. Taunay, que com precisão têm revelado tanta cousa a proposito do capitulo magno da nossa historia.

As minhas buscas foram, principalmente, orientadas pelo que tem ensinado Taunay, na sua preciosa analyse da documentação hespanhóla, que se refere ao passado paulista.

Desta norma de proceder, resultou a verificação de que a publicação da documentação official paulista, tanto municipal como estadual, veiu revelar innumerous feitos de bandeirismo, que até então eram desconhecidos, tendo atravessado incolumes aos olhos perscrutadores dos muitos que se têm dedicado ao desvendamento do nosso mysterioso passado. Além disso essa abençoada publicação veiu reformar muitos pontos tidos até então como axiomas, nas paginas da nossa expansão territorial, modificando por completo idéas erroneas, que já se achavam radicadas no estudo das bandeiras e que eram constantemente repetidas, pela multidão inconsciente e ignorante, de copiadores

de cousas já impressas, que, divulgando seus escriptos perniciosos, espalhavam a falsidade.

Com a publicação desses documentos, também, foram cortadas algumas controversias de opiniões, que se entrechocavam, obscurecendo o conhecimento dos feitos dos nossos memoraveis antepassados. Por outro lado finalmente veio ella confirmar muitos sadios ensinamentos, dos velhos estudiosos das épocas primévas, firmando-os em provas irrecusaveis.

Estes foram os resultados produzidos pela publicação dos documentos dos nossos archivos.

Analysando-os, seleccionando os que se relacionam com o bandeirismo, comparando com outros conhecimentos já certos, e applicando as illações que a logica imparcial permittiu, acredito trazer uma pequena contribuição nova, para o estudo desse cyclo immorredouro, que foi a conquista de desbravamento do nosso territorio.

Neste trabalho, encontrando bondosamente o dr. Washington Luis, então Presidente do Estado, com o seu grande amor ao passado paulista, algum prestimo, houve por bem ordenar a sua publicação, pelo que lhe hypotheco a minha gratidão.

I N T R O D U C Ç Ã O

E' sabido que, logo após a descoberta da America, Hespanha e Portugal, com a mediação de Alexandre VI, papa hespanhol, Rodrigo Borgia, esses paizes se entenderam em um tratado, pelo qual delimitavam as suas possessões.

Descoberto o Brasil, após esse tratado, que se chamou de Tordezilhas, deveriam as suas clausulas vigorar nos limites americanos dos dois reinos ibericos. E, como estabeleciam ellas uma linha imaginaria, que, pelas dimensões das distancias, deveria penetrar no continente, nas cercanias de Belém do Pará, e sahir em Laguna, em Sta. Catharina, cortando em recta inflexivel o territorio brasileiro, a Castella ficavam tres quartos da actual área territorial, restando a Portugal apenas uma quarta parte, nos Estados do norte e do centro.

De accôrdo com o tratado de Tordezilhas, Castella tinha todo o Amazonas, quasi todo o Pará, todo o Matto Grosso, quasi a totalidade de Goyaz, dois terços de São Paulo, parte de Minas, todo o Paraná, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul, que bem internados se achavam nas terras que a linha pontificia deixava a Hespanha.

Mais de 6.000.000 de kilometros quadrados eram graciosamente attribuidos ao imperio de Fernando e Izabel, ficando a Portugal apenas ... 2.500.000 kilometros.

Nem toda esta immensa área, porém, foi logo apossada pelos dois reinos peninsulares. Portugal se limitou a conhecer o litoral de seu quinhão, dividindo-o em capitánias, que entregou a pessoas de pról da sua côrte, que semearam por ellas parcos nucleos de colonisadores.

Hespanha, a quem coube a parte de leão na divisão, e a quem já pertencia o resto da America sulina, foi tanto mais favorecida, porquanto tinha a sua área cortada por duas grandes vias naturaes de penetração, que facilitavam senão o povoamento, ao menos a tomada de posse. Ao norte era o Amazonas que, descendo das geleiras andinas, do vice-reinado do Perú, rasgava, extensamente com seus numerosissimos afluentes, o territorio castelhano, que assim podia ser navegado e penetrado com grande facilidade. Ao sul eram o Paraná e o Paraguay, em continuação, que davam accesso ao centro mattogrossense do Brasil hespanhól, dispensando as difficuldades de uma laboriosa penetração.

Por essas estradas fluviaes, até as caravellas oceanicas podiam penetrar subindo aos Andes ou indo ao Paraguay.

Não foi assim a Portugal, a quem faltaram, na sua porção, essas vias de entrada. Na sua faixa, não tinham os lusos senão o São Francisco, esse mesmo encachoeirado, logo acima da sua fóz. Nenhum outro grande caudal permittia aos portuguezes communicação facil com o seu *hinterland*.

Hespanha, porém, com tão immensa quantidade territorial, não se aproveitou de tudo. Para cumular a impotencia castelhana, em absorver esse colosso, a occidente da linha demarcadora, havia no Perú a prata e ouro em abundancia, de fórma que o brilho dos metaes attrahia para a sua mineração as energias que poderiam estar espalhadas a povoar o paiz immenso.

Com isto e, talvez, devido ao clima e ás intempéries do norte, Hespanha desprezou todo o valle amazonico, com as suas optimas estradas liquidas. Toda a bacia do rio, até aos contrafortes andinos, Hespanha abandonou, para apenas se aproveitar da bacia platina, parano-paraguaya, por onde os hespanhóes se internaram, fundando as agglomerações humanas do Paraguay e sul de Matto Grosso. Além disso penetraram elles pelo Uruguay, Paraná e seus affluentes, onde se espalharam os jesuitas hespanhóes á frente de suas myriades de reduções.

Com este blóco importantissimo de população dos rios da bacia platina, não só Hespanha se apossava de grande área, ao sul, concretizando o seu direito, como creava um intransponivel entrave a qualquer progressão portugueza, para o occidente, que partisse de São Vicente, o nucleo mais meridional de povoamento das terras lusitanas.

Em synthese, Castella, abandonando o norte, povoava fortemente o sul, impedindo o accesso aos seus rivaes.

Portugal, se fôra desprotegido na partilha da America meridional, e, se a natureza o desamparou, na hydrographia do seu quinhão, foi-lhe grandemente prodiga na aventurosa, temeraria e

audaciosa psychologia, com que doára os herdeiros dos conquistadores heroicos do "mar tenebroso", e das tradições homericas, que ainda gravavam as fragas graniticas do promontorio de Sages (2).

Não paravam ahi porém, os paradoxos, com que a natureza primordiava a conquista da America do Sul, em rectificação ás clausulas tordezilhadas.

Puzera ainda a suprema mater, para proteger o povoamento castelhana do valle parano-paraguay, um impecilho giganteo, logo em seguida ás niveas praias vicentinas. A capitania de São Vicente, para onde o luso Martim Affonso conduzira o seu pugillo incomparavel de aventureiros povoadores, era ao sul a sentinella avançada da gente portugueza, na lucta que esta iria travar para a colonisação do continente.

Antes, porém, de poderem os portuguezes se apossar das terras dessa capitania mistér se fazia galgar a formidavel muralha de Paranapiacaba, esse colosso granitico vestido da luxuriante vegetação da matta virgem tropical.

Nem esse obstaculo, porém, era de fazer demorar por muito tempo a invasão portugueza.

Pelas consequencias, muitas vezes, é facil se conhecer as causas, acompanhando-se um determinado sylogismo, em sentido inverso. Disso não é demais se concluir que a capitania vicentina foi nos primeiros annos o repositorio da nata da emigração portugueza quinhentista. Para ahi deve-

(2) Em outro trabalho ("*Raça de Gigantes*"), vem as causas desses phenomenos, estudadas em minucias e á luz de sciencias bio-sociologicas.

riam ter refluído os melhores elementos ethnicos, portadores das mais accentuadas virtudes da raça e os typos mais eugenicos dos que se aventuraram a abandonar a terra lusitana, no seculo dos quinhentos, em busca da fortuna e a conquista de ideaes, que não cabiam na estreita faixa do pequenino reino peninsular.

Sim, porque os portuguezes povoadores vicentinos, mais que quaesquer outros, em terras da America souberam honrar as tradições, que traziam ainda quentes das guerras da reconquista, dos campos de Aljubarrota e dos mares ignotos desvendados pelos tritões do infante D. Henrique.

Só assim, se explica haverem os mais colonisadores das outras circumscripções se limitado a arranhar, quaes caranguejos, o litoral brasilico, como pittorescamente se referia Frei Vicente do Salvador, sem ousar penetrar no interior, emquanto que os companheiros de Martim Affonso, de uma só arrancada ganhavam o sertão sem se intimidar com o vulto fantastico da Serra do Mar.

Franqueado este primeiro entrave e attingido o planalto piratiningano, ahi fincaram esses portuguezes de selecção o marco primévo da conquista. Pelo seiscentismo afóra elles se estenderiam por immenso raio, invadindo os estabelecimentos castelhanos. Não pararam, mesmo, ante o espectro soturno e negro da roupeta loyolana, a quem Castella pedira auxilio, para se assegurar dos direitos que lhe dera Tordezilhas. Fizeram esses portuguezes emfim recuar o meridiano divisorio, até aos confins, que hoje orgulhosa, ingrata e ignorantemente contempla o brasileiro no mappa de sua patria immensa.

Conhecidos são já, em parte, os detalhes dessa penetração bandeirante, nas terras castelhanas. Ella é fructo unico da audacia, temeridade e heroismo paulistas, filho dos lusos povoadores, em cruzamento com a raça de bronze (3).

Com o duplo fim da conquista do indio e da busca de preciosidade do sub-sólo, desvirginaram os paulistas as selvas do Novo Mundo, desprezando o ronco bravio da féra, o rugido do incola anthropophago e o bramir monumental da cyclopica natureza.

Na phase da caça ao indio, logo aos alvares do seiscentismo nascente, avassalaram os paulistas as terras castelhanas ao Sul, supplantando a formidavel organização jesuitico-guarani, que, sob a egide dos leões de Castella, dominava os Esta-

(3) Ha muita gente a pensar, e muita gente de cultura, que o bandeirismo se deu em virtude da configuração do nosso sólo, que dispôz que os rios corressem para o interior.

Ainda ha pouco, em um livro desta collecção, Vicente Licinio Cardoso, se enfileirava entre os que attribuiram ao Tieté, o phenomeno das bandeiras.

Erro de visão e deficiencia de conhecimentos sobre o capitulo — bandeirismo.

Os bandeirantes que alargaram a Capitania Vicentina, não se aproveitaram de rios que correm do nosso planalto para o interior.

Nada disso. Como se verá deste trabalho, as incursões se faziam por terra, a pé, e não pela via fluvial. Esta só foi utilizada, no periodo das "monções" setecentistas, em navegação permanente entre Piratininga e Matto Grosso.

Mas essas "monções" nada mais têm que ver com o bandeirismo que havia já passado.

E' preciso não confundir, para que de uma confusão lamentavel não resultem injustiças e inverdades.

O esforço bandeirante foi muito maior do que o de simples aproveitamento de vias fluviaes.

dos do Paraná, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul.

Cedo, já em 1602, de São Paulo, tremenda *razzia* se fazia, sob o commando de Nicoláu Barreto, que deveria ter atravessado os sertões do Paraná, para penetrar no Páraguay e dahi na Boli-
via, chegando talvez ás nascentes do Pilcomayo, bem proximo a Potosi, com quatro longos annos de peregrinação pelos invios sertões da America deserta. Se bem que, tenha ella sido uma bandeira que demandou apparentemente descobertas metalliferas, deve ser encerrada no cyclo do indio, porque só trouxe de preciosidades, desillusões, juntamente com um bom numero de servos tememinós.

Outras entradas se succederam para o sul, seguindo a directriz deixada por Nicoláu Barreto, e o territorio das araucarias foi trilhado, em todos os sentidos, pelos rudes companheiros de Manoel Preto, Henrique da Cunha, Lazaro da Costa, João Pedroso de Moraes, Sebastião Preto, Matheus Grou, Pedro Vaz de Barros, e tantos outros. Em 1628, Manoel Preto e Raposo Tavares militarisaram esses empreendimentos, dando verdadeira organização bellica ás bandeiras, de maneira a serem os seus resultados mais completos. Nessa data os paulistas, ao mando desses dois caudilhos intemeratos, deram tremenda batida nos jesuitas do Guayrá, conquistando todo esse grande territorio que é o Estado do Paraná. Não contentes com isso, atravessaram o caudal desse nome, passando ao Matto Grosso, cujo sólo tambem limpam de castelhanos e ignacianos.

A invasão do Rio Grande do Sul foi iniciada em 1635, com uma bandeira, que tomou o caminho marítimo, embarcando em Santos, São Vicente ou Conceição de Itanhaem, rumando á Lagôa dos Patos, na fôz do Jacuhy, por onde atacou essa região de possessão hespanhola. Em 1636, succedeu-lhe a expedição do já famigerado Raposo Tavares, quasi concomitante com a dos Buenos. Seguiram-se-lhes mais tres ou quatro, que expulsaram de vez, os da Companhia de Jesus, para além Uruguay. Certamente, teriam os paulistas se assenhoreado dos terrenos mesopotamicos entre o Paraná e o Uruguay, se empreitadas outras como a guerra hollandeza e acontecimentos varios, como a acclamação de Amador Bueno, enchotamento dos jesuitas de São Paulo e a lucta de "clans" entre Pires e Camargos, não tivessem distrahido a actividade dos sertanistas. Com isso estes foram estacados em M'Bororé, ultima escaramuça travada, já na margem direita do Uruguay. E assim foi o sul trazido á communhão lusitana, arrancado do poderio dos Felippes, depois da conquista confirmada pelas expedições do occaso seiscentista a mando de Campos Bicudo, Bixira, Paes Linhares, Manoel Lobo, Pedroso Xavier, Barbosa Calheiros e Rodriguez Arzão, bem como as setecentistas de Leme da Silva e do Iguatemy e de tantas outras, que seria longo nomear (4).

(4) Não fossem os eventos relatados, os bandeirantes teriam, com certeza, levado a colonia portugueza muito mais para o sul e muito mais para o oeste.

Com a não occorrença dos factos acima enumerados, os bandeirantes paulistas teriam feito o recúo do Meridiano, de um modo muito mais accentuado nessa parte do continente.

Ao norte as fronteiras da colonia lusa que, pelas clausulas tordezilhanas, deveriam passar a léste do curso do Tocantins, foram recuadas até aos sopés andinos. Isso foi realizado pelos bandeirantes Domingos Rodrigues, Pedroso de Alvarenga, Sebastião Paes de Barros, Bartholomeu Bueno o Anhangüera, e outros, que entraram por Goyaz e pelos descobridores do ouro matto-grossense. Iniciaram estes a povoação das bacias do alto Paraguay e alto Madeira. Paulistas eram os seguidores dos Paschoal Moreira Cabral, Fernão Dias Falcão, Miguel Sutil, irmãos Paes de Barros, Antonio Pires de Campos e tantos outros, que no seculo XVIII, arrancaram á "cellula mater" paulistana, a seiva, a energia e a vida para as espalhar pelos socavões auriferos, que desvendaram no longinquo horizonte cuiabano.

O Amazonas não foi conquistado, propriamente, por paulistas, se bem que, já em 1648 a 1652, tivesse o grande Raposo Tavares com sua gente audaz percorrido as suas aguas, naquella fantastica correria em busca do ouro, através da America.

Como eu disse, os cursos do grande rio e de seus numerosissimos afluentes não foram por Castella aproveitados, para a penetração de suas vastissimas colonias, ficando a bacia amazonica ao abandono. Por isso não foi difficil aos missionarios religiosos portuguezes, no seculo XVIII, ahí penetrar, fundando nucleos, que foram marcos

E' possivel que, com isso, a colonia lusa fosse se enfrontear com o rio Paraná, na sua parte baixa até a sua fóz.

Como teria sido differente a historia!

possessorios, que valeram perante o tratado de 1750, que mais ou menos conformou o Brasil de hoje.

Não houvessem, porém, os descobridores do ouro mattogrossense sido paulistas, que povoaram o flanco sul da bacia amazonica, certamente não seria possível a Portugal, estender o seu dominio pelo curso do Rio Mar.

Eis a obra de conquista feita a Castella pelos sertanistas paulistas, descendentes dos povoadores vicentinos. Isso já não falando das expedições a léste da linha demarcadora, como as que levaram o povoamento ás regiões torridas do Nordeste com os criadores de gado, além da exploração aurífera em Minas Geraes, que determinou o seu povoamento.

E essa actividade paulista, a oriente de Tordezilhas, bem como a desenvolvida em Matto Grosso, determinada pela ambição do ouro, foi a causa da conformação actual do Brasil.

Não fosse o ouro descoberto em Minas e a energia empregada nesse fim, teria tomado a directriz dos dominios castelhanos, e talvez, hoje, o Paraguay estivesse comprehendido nas raias da fronteira brasileira. Não fosse a avalanche humana, que, de São Paulo demandou os socavões auríferos de Cuiabá, é possível não pertencessem hoje ao Brasil o noroeste mattogrossense e o oeste amazonico, vindo a Bolivia e o Perú até as margens do Tocantins e do Araguaya, mas, em compensação, a actividade do sertanista, que para ali foi distrahida, teria sido empregada em dilatar as terras luso-americanas, pelo sul, através do Chaco

argentino boliviano, e não é exaggero em crer fossem hoje as suas fronteiras emparelhadas com os Andes chilenos.

De qualquer maneira, porém, é certo que aos paulistas vetustos das éras passadas deve o Brasil o que é como grande nação continental.

CAPITULO I

O BANDEIRISMO

O bandeirismo que fez a penetração no territorio desta parte do continente; que fez a expansão geographica; que foi o grande vehiculo da civilisação; que foi a grande alavanca sociologica desta região, para ser bem estudado precisa ser classificado de duas fórmãs:

- a) *quanto ao tempo*
- b) *quanto ao objectivo.*

Quanto ao tempo o bandeirismo classifica-se em tres partes:

- Do seculo I (quinhentista)*
- Do seculo II (seiscentista)*
- Do seculo III (setecentista)*

O primeiro seculo, ou quinhentista, foi um scenario em que um bandeirismo tímido foi dirigido por capitães môres e governadores, ou por prepostos officiaes desses dirigentes no qual esses chefes davam ás expedições o character de protecção á comunidade nascente.

Era um curto raio de acção o dos europeus no *hinterland* do Tieté, talvez do Parahyba, do Jeticahy, etc., o que marcava a expansão do bandeirismo.

Por esse motivo não é esse periodo o que caracteriza com nitidez a fulgurante epopéa.

Na historia de São Paulo, o seculo quinhenista foi antes o seculo do povoamento que se iniciava em sedimentações que se succediam.

O quinhenismo recebeu as primeiras camadas que se foram assentando no fundo indigena, formando as primeiras mestiçagens, originando a raça mesclada que deveria surgir no palco do seiscentismo, como personagem maxima da penetração.

O quinhenismo preparou o salto, que no periodo seguinte deveria ser dado pelo bandeirismo.

O quinhenismo cavou os alicerces, sobre os quaes o edificio se levantaria majestoso.

O quinhenismo preparou o scenario e creou as personalidades, que deveriam representar o grande drama das bandeiras.

O quinhenismo foi um prologo embaciado de uma madrugada que se abria radiante e ensolarada no seiscentismo.

O segundo seculo foi o capitulo magno da maravilhosa empreitada.

Elle testemunhou todo o devassamento, toda a conquista. Elle assistiu a penetração da civilização. Elle viu a vehiculação do europeu lusitano e do paulista, este mesclado daquelle com o guayaná, o tememinó, o carijó, etc., até as fraldas enrocadas da grande Cordilheira.

Elle foi marcado pelos passos dos paulistas na historia desta região sul americana, avassalando terras para Portugal, na sua incontida furia de penetração.

Elle foi o grande seculo das bandeiras.

Foi no seiscentismo que São Paulo foi o fóco attractador das massas de indios trazidos de um sertão distante pelas algáras triumphantes dos Raposo Tavares.

Foi no seiscentismo que o ouro tão buscado, por tão invias paragens era esplendentemente revelado, pelos Arzão, pelos Bueno, pelos Pedroso, pelos Taques, pelos Cunha Gago, pelos Paes Leme, immortaes peregrinadores da gloria.

O seculo setecentista quando os paulistas haviam já na sua faina apresadora de indios, rebuscado todos os fócos de reduções, deparando-se sempre com outras forças de penetração européa, entrando, muitas vezes, com ellas em conflictos, quando os paulistas haviam já attingido seu objectivo campeador de riquezas, foi o seculo do trabalho e da mineração.

A guerra carniceira e selvagem dos emboabas, preludio de um futuro em que os paulistas, differentes por todos os motivos, deveriam ser tidos como extranhos, marca a época que transformaria os paulistas de rudes batalhadores em obreiros do ouro. Por isso o seculo setecentista foi o da mineração.

Foi ahi o fim da immortal epopéa.

Foi elle o tumulo engrinaldado do bandeirismo que se findára.

Assim, quanto ao tempo o quinhentismo foi o início, o seiscentismo foi o desenvolvimento e o apogeu, e o setecentismo foi o fim.

Quanto ao objectivo, o bandeirismo foi:

- a) *da caça ao indio*
- b) *de busca aos metaes.*

O bandeirismo de caça ao indio tinha que ser differente.

Elle era impulsionado pela necessidade de braços para as lavouras.

Os paulistas, não sendo opulentos, como eram os bahianos, pernambucanos, etc., os quaes, graças ás riquezas, que lhes proporcionava a canna de assucar, podiam importar a cara mercadoria que era o africano escravo, ficavam na continencia obrigatoria de se atirar ao sertão, para apresar o indio.

Não podiam ter o negro, buscavam o indio.

— *Quem não tem cão, caça com gato.* —

Dahi a imperiosa precisão em que se viam os paulistas, em ir ao sertão buscar "*o remedio para a sua pobreza*" como dizem em linguagem franca, e ingenua os documentos dos nossos avós.

O bandeirismo de caça ao indio tinha que ter o character aggressivo e tinha que agir em offensiva, tirando o maximo partido da iniciativa e da surpresa.

Eram corpos armados, de certo vulto em milhares de homens, por força do que procuravam em luctas bellicas o seu objectivo.

Eram expedições guerreiras offensivas que deviam assim ser organisadas.

O seculo XVII com Raposo Tavares, depois de dom Francisco de Sousa, veio dar a esses corpos armados as proporções e a organização que a experiencia militar européa aconselhava, com a adaptação ás condições nas quaes tinham que operar.

As bandeiras de caça ao indio eram corpos de cerca de 3 a 4 mil indios, com 3 a 4 centenas de paulistas e portuguezes. Divididos em companhias, com seus estados maiores, vanguarda, flanqueadores, etc., os paulistas formavam pequenos exercitos que percorriam as selvas, armados uns poucos de armas de fogo e a maioria de arcos e flechas.

O bandeirismo de busca de metaes, era diferente.

As expedições não tinham character offensivo, e por isso eram despidas de condições que lhes dariam as possibilidades da aggressividade.

Muito menores em proporções, compunham-se apenas de algumas dezenas de homens, que agindo defensivamente, evitavam as tribus, contra as quaes, não era seu objectivo luctar.

Assim faltava-lhes a organização militar e se carregavam armas, o faziam para defesa propria e contra os animaes.

*
* *
*

E' preciso, ao lado do bandeirismo propriamente dito não esquecer as expedições militares a léste do meridiano com que os paulistas costumavam correr em auxilio do seu litoral ameaça-

do, ou acudir ao appello angustiado da Bahia, de Pernambuco ou do Rio onde os lusos luctavam contra os hollandezes, os francezes, ou contra indios ou negros em revolta.

Essas expedições de soccorro seriam bandeiras offensivas um pouco maiores que as que mandavam o sertão.

*
* * *

O cavallo era quasi inexistente nas organizações bandeirantes.

Quem percorre a documentação paulista; os "*Inventarios e Testamentos*", principalmente, tem a impressão de que não havia cavallaria nas organizações militares paulistas.

Aliás o terreno a ser percorrido pelas bandeiras, de natureza montanhosa, enrugado, pedregoso, coberto de vegetação arborea entrelaçada de cipoaes, não permittia a passagem facil senão ao infante. O peão seria pois o grande elemento das bandeiras.

Outro grande erro, do qual não têm escapado nem mesmo muitos historiadores de certo renome, consiste na supposição de que o movimento expansionista das bandeiras se deu pelas vias fluviaes.

O Tieté, o velho Anhemby, á primeira vista, parece ter sido o grande caudal que determinou o bandeirismo, foi desconhecido de grande parte do movimento.

O sul, com o Paraná, Sta. Catharina, e o Rio Grande foram trazidos ao gremio luso-paulista, sem que o Tieté houvesse sido tocado.

Só quando, no setecentismo, o Matto Grosso com as minas de Cuiabá, vertia ouro do seu sólo, formando nucleos civilisadores em torno de seus alluviões, é que o Tieté serviu de acesso, pela navegação, nas monções, de São Paulo aos centros mineradores.

O Parahyba encachoeirado não foi a via que permittiu o recúo do meridiano. O seu curso de oéste para léste, era até orientado em outro sentido.

Talvez, fosse esse curso o caminho para a garganta do Embahú, por onde se penetrava nas geraes, depois que o ouro ahi foi achado nos ultimos estertores do seiscentismo.

Não ha nada porém, que, dê corpo á méra supposição de que fossem pelo rio as viagens que demandavam as minas.

Pelo contrario. Tudo nos leva a crer que o Parahyba não tivesse tido no movimento para as minas o minimo papel.

Sabemos mesmo que dom Rodrigo de Castello Branco preferiu o caminho por Atibaia, que pelo curso do Camandocaia dava entrada nas geraes.

E' mesmo possivel que muitas bandeiras tivessem tambem, passado por ahi.

CAPITULO II

O BANDEIRISMO QUINHENTISTA

Parece que no seculo dos quinhentos o bandeirismo foi mais vultoso no que se refere ás buscas de riquezas metalliferas, do que á caça ao indio.

O bandeirismo de caça ao indio se circumscrevia ás proximidades do villarejo piratiningano, onde ainda abundava gente de raça aborigena. O valle do Parahyba ainda era cheio de tribus guayanazes, de tamoyos, etc., e do Tieté e do Mogy Guassú, ou o do Alto Paranapanema, etc., ainda eram muito povoados por gente cubiçada pelos bandeirantes. Não havia precisão de ir muito longe para lograr os encontrar. Elles estavam perto. O objectivo do paulista não se localisava fóra das actuaes fronteiras de São Paulo.

E' assim que nesse seculo, primeiro da nossa vida paulista, o principal objectivo no bandeirismo distante não era a caça ao indio.

Os anceios pelas riquezas metalliferas obscurciam mais as ambições na época. A caça ao indio, simples accessorio da agricultura piratiningana não era o principal nas imaginosas cerebrações dos nossos avoengos do seculo XVI.

Elles, impulsionados por Portugal, se esforça-

vam de preferencia em achar, em terras lusas, um simile metallifero, ao que Castella explorava com inimaginavel successo no Perú ou no Mexico.

Não são de se observar outra cousa os esforços nesse sentido feitos do lado da Bahia pelos Aspilcueta Navarro, Fernandes Tourinho, Dias Adorno, Sebastião Alvares, João Coelho de Sousa, Gabriel Soares, Vasco Rodrigues Caldas, Martim Carvalho, Bruza de Espinosa, e do Espirito Santo pelos Diogo de Cão, ou o paulista Francisco de Proença, etc.

Com essa mentalidade pois iniciou-se o movimento de pesquisas com a expedição exploradora de Aleixo Garcia, muito mal conhecida, ainda em 1536, (apud Ruy Dias de Gusmão "Argentina").

Dizem que essa expedição priméva atravessou o rio Paraná, entrou pelo territorio paraguay, onde se engrossou com os indios da região, e foi ao Perú, de onde voltou com ricos despojos, sendo Aleixo Garcia assassinado pelos indios.

Essa expedição envolta em romance é mais detalhada pelo insigne Basilio de Magalhães, no seu "*Expansão Geographica do Brasil até o fim do seculo XVIII*".

Após ella são de se consignar as que algumas decadas depois devassaram as selvas da America sulina engrinaldando o nome de Braz Cubas, um dos meus antepassados que vieram com Martim Affonso de Sousa.

Por ordem de Mem de Sá, Braz Cubas, que 15 annos antes havia fundado Santos, em 1560 partiu com uma pequena léva da qual era parte o minerador Luiz Martins. E' possivel que essa en-

trada fosse inspirada pelo grande jesuita Manoel da Nobrega, que já impulsionava o bandeirismo na Bahia.

Essa expedição penetrou cerca de 300 leguas no interior.

Não se sabe com exactidão qual a direcção.

O dr. Pereira Leite no seu "*Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes*" diz que essa entrada de Braz Cubas penetrou nas geraes de além Mantiqueira, de combinação com a que Vasco Fernandes Caldas, da Bahia procurava encontrar riquezas nas Geraes. Ella teria ido á barra do Pará-mirim, isto é, onde hoje está ItapicERICA, mais ou menos.

Calogeras, porém, suppõe que Braz Cubas tenha tomado outro rumo indo até onde hoje está a cidade paulista de Apiahy, no Ribeira, nas nossas fronteiras com o Paraná, onde ainda existe ouro.

Nada de solido entretanto estribam essas supposições.

Não se sabe, ao certo onde tenha ido Braz Cubas, apesar de ser a supposição de Calogeras, mais interessante.

No anno seguinte a da bandeira do fundador de Santos, em 1561, sahiu outra sempre com o objectivo de buscar ouro.

Era chefiada pelo já mencionado minerador Luiz Martins, em vista de se achar doente Braz Cubas.

Dizem que essas expedições tiveram exito achando metaes.

Não é de se crer fossem esses achados de importancia, pois do contrario o planalto teria sido rapidamente invadido e o local das minas seria povoado de aventureiros e mineradores.

Entretanto nada se falou mais, a respeito.

E' que nada de valioso fôra reconhecido.

Depois disso, só em 1585 os paulistas estenderam os seus tentaculos para as selvas.

Pelo menos não se conhece empreendimento algum até esse anno.

Isso foi com a expedição que Jeronymo Leitão levou a effeito com o fito de militarmente se dirigir ao sul e ahí castigar os carijós que constituam uma séria ameaça.

Não é de se levar em conta qualquer outro empreendimento anterior até Paranaguá.

Heliodóro Eobanos que o dr. Ermilino de Leão acreditava haver penetrado em 1584 com Gabriel de Lara, no Paraná, só o deveria ter feito isso no seiscentismo, como diz Pedro Taques e confirma abundante documentação.

Se se quizer incorporar ao bandeirismo militar as expedições de socorro que sahiram de São Vicente, cousa que aliás é feito mais tarde em relação ao que fizeram Raposo Tavares, Barbosa Calheiros, Ribeiro Bayão, Jorge Velho e outros, não se poderia esquecer da expedição á Guanabara, que os vicentinos enviaram em 1566, não se sabendo bem ao mando de quem, para auxiliar a Mem de Sá na expulsão dos francezes que tentavam então a famosa "*França Antartica*".

Já nessa época longinqua São Paulo auxiliava os demais nucleos lusitanos das colonias.

Nessa expedição de auxilio á Guanabara, contra os francezes estiveram os nossos avós do quinhentismo.

Então São Paulo já começava a prodigalisar esforços em beneficio dos portuguezes de outros

nucleos de colonisação no litoral. Em 1574 os paulistas enviaram ao Rio de Janeiro um corpo auxiliar que tomou parte na formidável arrancada em que Antonio Salema se arrojou contra os tamoyos.

Tambem poder-se-ia chamar de bandeirismo o que elles fizeram, na ultima decada do quinhentismo, no Jaraguá, em Sta. Fé, Biraçoyaba, Ibituruna, etc., em materia de mineração em que foram auxiliados por Clemente Alvares.

Em 1592, foi até Goyaz, uma bandeira paulista capitaneada por Sebastião Marinho.

Não se sabe quem haja sido na sociedade paulista do fim do quinhentismo esse Sebastião Marinho, nem até onde tenha chegado, como o que tenha obtido, nem os paulistas que compuzeram a sua bandeira.

Em 1594, o capitão Jorge Correia chefio um novo empreendimento bellico contra os carijós. Quem diz é Pedro Taques na sua Nobiliarchia.

Esses carijós eram os mesmos que pelo sul ameaçavam sempre a comunidade paulista.

Elles seriam afins dos guayanazes, indios de Piratininga, e dos patos de Sta. Catharina e do Rio Grande do Sul.

E' possivel que depois da batida nelles dada por Jeronymo Leitão, como acima foi verificado, nove annos após, nova arremettida contra elles se fazia mistér, e então o capitão mór Jorge Correia a apprehendeu.

Depois dessa batida, o filho do velho Salvador Correia de Sá, esse que pela segunda vez exer-

cia o cargo de governador do Rio de Janeiro, organisou uma entrada no *hinterland*.

Foi Martim Correia de Sá, cujo empreendimento vae mais detalhado no capitulo seguinte.

Diz Basilio de Magalhães loc. cit. que em 1599, isto é, annos após o relatado, Affonso Sardinha com seu filho de igual nome e João do Prado, o moço, estavam bandeirando no rio de Jeticahy, hoje rio Grande.

Como se verá em capitulo adeante esses bandeirantes foram denunciados no sertão em 1593, isto é, seis annos antes. E' possivel que seja um cochilo dos chronistas em que se baseou Basilio de Magalhães, para affirmar a data de 1599 para o mesmo empreendimento, que tivera tido occasião seis annos antes, mas é provavel tambem que se tratasse de dois feitos diversos no bandeirismo.

E' mais de se crer que em 1593 tivessem alguns paulistas e com elles Affonso Sardinha ido ao sertão e que em 1599 tivesse havido outra entrada e que os Sárдинhas della fossem partes.

Assim teria findado o seculo quinhentista.

O curto raio das empreitadas no bandeirismo faz crer houvesse tido a grande epopéa a sua introduccão apenas.

O bandeirismo que estivera em defensiva acanhada, só se manifestando em grande maioria por entradas chefiadas pelos capitães môres e governadores, não produzira nesse seculo quinhentista, grandes nomes, grandes caudillos, grandes capitães.

Os chefes paulistas desse seculo eram nomes que mais se resaltavam como governantes.

O padre Nobrega foi a figura empolgante que tanto se projectou na historia, á medida que esta vae sendo mais conhecida.

Com João Ramalho, que tendia para a caça ao indio, Nobrega que teria sido o impulsionador das buscas auríferas, foi do primeiro plano no desenvolver dos eventos da Historia de São Paulo.

Não será surpresa se se verificar que elle foi a mola occulta que determinou a fundação de São Paulo, as procuras pelo sertão, etc.

João Ramalho teria sido o iniciador inconsciente de uma nacionalidade, mas Nobrega sabia bem os passos que fazia dar, ou os planos que vislumbra e fazia executar.

CAPITULO III

BANDEIRAS DE JOÃO PEREIRA DE SOUSA BOTAFOGO E DE DOMINGOS RODRIGUES (VELHO?) (1596 - 1600).

Após os primeiros annos de lucta defensiva, contra os guayanazes, carijós, tupinaens e tupiniquins, que, constantemente, ás portas da juvenil Piratininga, lhe talavam os arredores, impedindo a expansão de seus moradores diminutos, tornaram os paulistas resolutamente a offensiva, internando-se nos sertões em dezenas de expedições, á cata do inimigo vermelho, que, impotente ante o impeto das quadrilhas de assalto bandeirantes, se embrenhavam em logares mais distantes, procurando a salvação na distancia que os separava da recém-nascida villa de Anchieta.

Sem falar da guerra levada por João Ramalho, aos sertões do Parahyba, em 1562, desde 1574, attendendo ao appello do governador Salema, iniciára São Paulo a sua offensiva, enviando uma pequena bandeira de auxilio ao primeiro acto da destruição da nação tamoya, emprehendida pela gente do Rio de Janeiro. Muito espaçados eram, porém, os assomos da gente piratiningana na lucta

aggressiva ao selvagem, pelo menos não eram elles vultosos, a ponto de deixarem sulco na Historia, pois só onze annos mais tarde se assignala outra expedição ao sertão, que foi a chefiada por Jeronymo Leitão, capitão mór da Capitania de S. Vicente, em 1585, da qual fizeram parte Diogo de Onhatte, escrivão da Camara de São Paulo, Diogo Teixeira de Carvalho, Affonso Sardinha, Antonio de Proença, o moço, fidalgo da Camara do Infante Dom Luiz, Sebastião Leme, Manuel Ribeiro, Paulo Rodrigues, Manuel Fernandes Ramos, Domingos Dias, o velho, padre Sebastião de Paiva, Salvador Pires, o moço, e Affonso Dias. (“*Arquivo Municipal de São Paulo*”, “*Livro do Tombo*”).

Cinco ou sete annos mais tarde, o capitão Sebastião Marinho, á frente de uma pequena bandeira, attingiu as nascentes do Tocantins, em Goyaz, descobrindo metaes preciosos, segundo consta. Foi essa expedição registrada, em um mappa anonymo castelhano da segunda metade do seculo XVIII, mappa esse constante da brillantissima collectanea, organisada pelo erudito mestre Affonso Taunay, director do Museu Paulista.

Em 1594, o substituto de Jeronymo Leitão, como Capitão Mór da Capitania de São Vicente, Jorge Correia, dirige, contra os carijós irrequietos e tupinaens, ao sul de São Paulo, uma expedição não só registrada por Pedro Taques, como ainda constante da provisão de cavalleiro fidalgo, outorgada por dom Francisco de Sousa, a Sebastião de Freitas, que della fez parte, logo depois da sua chegada, da Bahia. (“*Registro da Camara Municipal*”, vol. I, 104).

Ameudando-se as entradas dos paulistas, que intensificavam a sua offensiva, encontrámos logo

no anno seguinte de 1595 o capitão Manuel Soeiro (?), capitaneando outra léva de bandeirantes contra os carijós. Nella tomou parte Sebastião de Freitas, o antigo soldado de Gabriel Soares, que em 1596 de novo se achava em São Paulo. (“*Registo*”, loc. cit.).

Foi nesse anno de 1596, que sahiu de São Paulo a mais importante das bandeiras, até então registradas. Parece-nos ter ella tomado rumo norte, pelo valle do rio Parahyba, indo capitaneada, pelo Capitão Mór João Pereira de Sousa Botafogo, a fazer “*guerra da Parnahyba*”, conforme rezam os documentos. Sahiu ella de São Paulo no mez de outubro de 1596, na mesma occasião em que do Rio partia a gente de Martim de Sá, que ia contra os Tamoyos, orientado conforme o roteiro, que Knivet nos legou (5). Por esse itinerario de Knivet, a arrancada de Martim de Sá deveria ter arribado em Paraty, subido a serra do Mar, atravessado os campos de Cunha, e em seguida transposto os rios Parahytinga e Parahyba, justamente

(5) E’ preciso ficar em memoria que é apenas uma hypothese a aventada.

E’ possível e quiçá provavel mesmo que seja a de João Pereira de Sousa Botafogo, um empreheudimento diverso do de Martim de Sá, cujo itinerario Knivet descreve.

Basilio de Magalhães, no seu já citado “*Expansão geographica*”, diz que a expedição de Martim de Sá, composta de 700 portuguezes e 2.000 indios, teria partido não em 1596, como suppunhamos, mas em 14 de outubro de 1597, isto é, um anno após.

Sendo assim, vê-se que nada teria de commum uma expedição com a outra, a não ser a região do Parahyba percorrida por ambas.

O que parece não restar duvidas é quanto a participação dos paulistas na expedição de Martim de Sá. Esta teria sido uma reedição da de Salema, vinte e tres annos antes.

na occasião em que julgo estar trilhando essas regiões a bandeira de Botafogo, que por São Miguel deveria ter chegado ao valle do Parahyba. E' possivel terem sido Botafogo e seus companheiros incorporados á gente de armas de Martim, indo com elles perlustrar os sertões dos rios Verde e Sapucahy, na faina de destruição dos restos da tribu tamoya.

Sou levado a essa supposição pelas referencias contidas em documentos, sobre essa bandeira de Botafogo, a respeito do sertão de Parnahyba, ou Parahyba, que acredito se traçar do rio Parahyba, bem como a coincidência de datas com a expedição de Martim de Sá (*"Inventarios e Testamentos"*, vol. 1.º, inventarios de João do Prado e de Francisco da Gama), além de que é sabido, Botafogo, ter tomado parte activa na lueta contra os tamoyos (*Silva Leme, "Genealogia Paulistana"*, vol. V, 508).

A ser verdadeira essa hypothese, facilimo se tornaria o estudo do percurso da primeira grande bandeira sahida de São Paulo, qual a chefiada por Botafogo. Orville Derby, na *"Revista do Instituto Historico de São Paulo"* e Theodoro Sampaio, da *"Revista do Instituto Historico Brasileiro"*, tomo especial, vol. 2.º, com grande proficiencia tratam do itinerario de Knivet, e da expedição de Martim (6).

(6) Após haver eu levantado essa hypothese, que se me afigurava prenhe de probabilidades, affirmou-me o eminente historiador paulista Washington Luis, que viu um documento dizendo: "passar o caminho do sertão de Parnahyba por Mogy", que seria o proprio Mogy-Guassú. A ser assim, por terra fica a minha hypothese localisadora do rumo da bandeira de Botafogo, o qual se orienta assim para o oéste, em direcção ao Parahy-

Os paulistas que acompanharam João Pereira de Sousa Botafogo, elevavam-se a mais de uma centena, além do corpo de índios. Dentre elles, porém, só consegui assignalar os seguintes:

Capitão João Pereira de Sousa Botafogo (cabo da tropa), capitão Francisco Pereira, João do Prado, o velho, e seu genro Miguel de Almeida de Miranda, Sebastião de Freitas, Gaspar Collaço Villela, Estevam Martins, Simão Borges de Cerqueira, João Bernal, Francisco Farel, Vasco da Motta, Antonio Castilho, Antonio Pinto, João de Sant'Anna, Manuel Gonçalves, Diogo Ramires, Ascenço Ribeiro, Francisco da Gama, Braz Gonçalves, o velho, Tristão de Oliveira, Antonio Zouro, Antonio de Andrade, de Barros, Pero Velho, Mathias Gomes, Antonio Pereira e capitão Domingos Rodrigues (Velho). (*Inv. e test.*, V. I, 77).

Deveriam ter occorrido importantes factos durante a "guerra da Parnahyba", pois, em julho de 1597, o chefe da entrada, Botafogo foi preso, sendo obrigado a passar o commando a Francisco Pereira, que trouxe a bandeira a São Paulo, onde chegou nos ultimos mezes do anno, tendo-se demorado no sertão pelo espaço de anno e meio.

ba, talvez, em vez do norte como suppunha eu. Tambem se transtorna o objectivo por mim vislumbrado, como tendo sido o procurado por Botafogo, qual a guerra contra os tamoyos, de combinação com Martim de Sá.

Estou hoje na crença de que a bandeira de Botafogo nada teve com a expedição de Martim de Sá.

Ignoro os motivos da prisão de Botafogo, mas o certo é que foi ella relaxada, em São Paulo, por dom Francisco de Sousa, que, por uma provisão, lhe enalteceu os meritos, galardoando-lhe, com a nomeação de capitão mór, ouvidor da capitania, cargo esse que vinha sendo exercido por Jorge Correia, que nessa occasião foi apeado das funcções. Tudo leva a crer ter havido uma desintelligencia entre Botafogo e Correia, da qual nasceu a prisão daquelle e as medidas mencionadas de dom Francisco ("*Registo*", vol. I, 74).

Não foram esses, porém, os unicos successos, desenrolados no decorrer da expedição. Logo ao iniciar ella a volta de São Paulo, desgarrou-se importante grupo de sua composição, sob o commando do capitão Domingos Rodrigues (penso se tratar de Domingos Rodrigues Velho, filho de Garcia Rodrigues e Izabel Velho, o unico desse nome em São Paulo na época e com idade para chefiar empreendimentos dessa natureza, Silva Leme "*Genealogia Paulistana*, vol. VII, 396). É' possivel que esse desgarramento se tenha dado, nas proximidades do Rio Sapucahy, tendo Domingos orientado a sua gente pela bacia do São Francisco, para dahi penetrar no territorio goyano, ao norte, onde a encontrei apresando indios "*guayazes*", em pleno sertão de "*Parahupava*", que sómente viute annos mais tarde seria trilhado pela bandeira de Antonio Pedroso de Alvarenga.

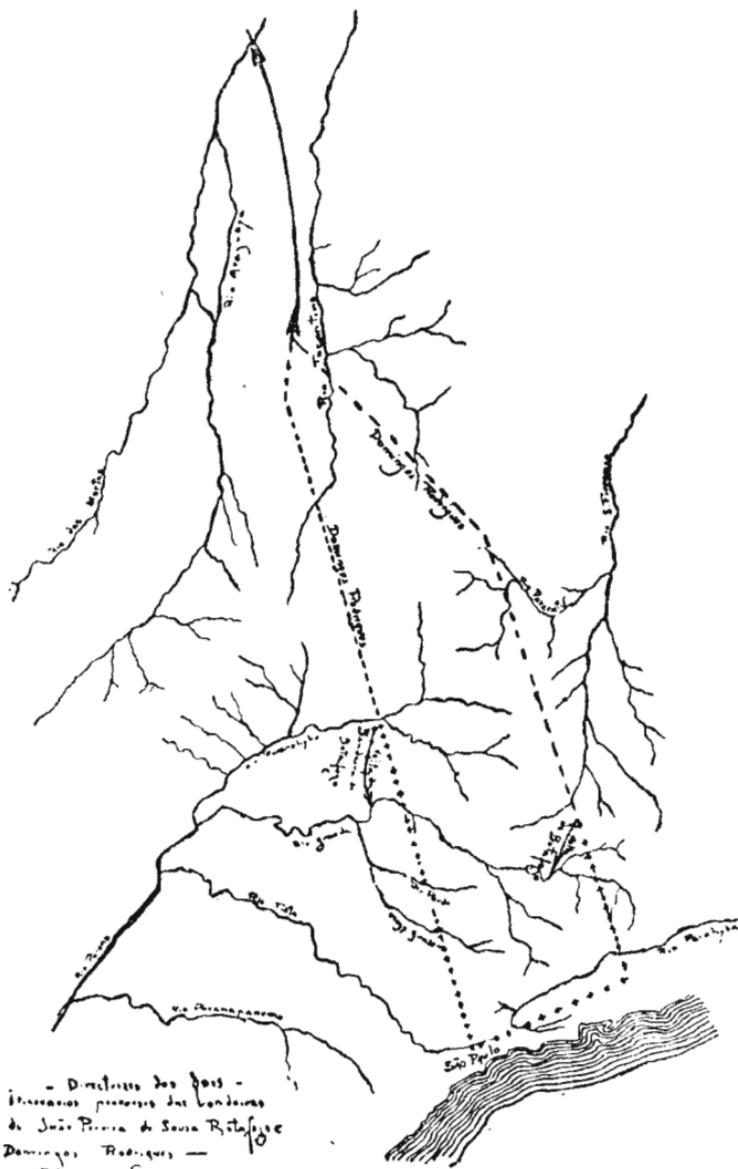
E' o que nos ensinam os documentos constantes do inventario de Martim Rodrigues Tenorio de Aguiar (Silva Leme o chama de Martim Fernandes), onde se vê o auto de avaliação de uma escrava:

“... negra por nome “Guayá”, digo da nação *Guoayá*, que diz ser escrava da entrada de Domingos Rodrigues de Parahupava...” (*Inventarios e testamentos*, vol. II, 6).

Ora, o territorio goyano do Tocantins e de seu affluente Araguaya era precisamente o “habital” da nação “guayá”, da qual tirou o nome o Estado. Além disso Pedro Taques, na “*Nobiliarchia*”, ao falar de Antonio Pedroso de Alvarenga e sua bandeira de 1616, affirma ser nessa circumscripção territorial o sertão de “Parahupava”, habitado por indios de tribu dos “guayazes” (7).

E’ pois certa, á vista da autoridade do nosso linhagista, e sobre tudo, por força do documento supra citado, ter Domingos Rodrigues perlustrado os sertões goyanos, nos ultimos alentos do seculo XVI. Permaneceu internada por longos annos no sertão a bandeira de Domingos Rodrigues, pois tendo partido de São Paulo, como parte integrante da expedição de João Pereira de Sousa Botafogo, em outubro de 1596, sómente chegou a São Paulo a 23 de dezembro de 1600, isto é, mais de quatro annos depois. E’ isso que nos demonstra o inventario de Francisco da Gama, um dos expedicionarios, que falleceu em feveiro de 1600, ainda no sertão, onde o capitão Domingos Rodrigues procedeu ao arrolamento dos bens, que o fallecido trazia comsigo (*Invent. e test.*, v. I,

(7) Até hoje se conservou essa denominação de Parahupava, em um rio, affluente esquerdo do Tocantins no sul do Estado do Pará. E’ bem provavel que essa fosse a região attingida pela léva.



339). Só foi iniciado judicialmente em São Paulo esse inventario a 23 de dezembro do mesmo 1600, por ocasião da volta da bandeira (“*Inv. e test.*”, I, 335).

O mesmo inventario, procedido em S. Paulo, tendo a si acostada uma sentença do juiz, Sebastião de Freitas, faz certo ter o agrupamento de Domingos Rodrigues feito parte da bandeira de Botafogo onde diz:

“... porquanto havia perto de quatro annos que era ido á guerra da Parnahyba e não havia novas delle...”, (22-7-1600):

e um documento de divida do proprio Francisco da Gama:

“... que lhes pagarei em dinheiro de contado ou uma peça pelo que valer nesta guerra a que óra vamos com o senhor João Pereira de Sousa capitão...” (22-7-1600); (“*Invent. e test.*”, vol. I, 340 e seguintes).

Graças aos documentos pertencentes ao inventario de Francisco da Gama, procedido pelo capitão Domingos Rodrigues, no sertão, pude assignalar os seguintes nomes, dos que o acompanharam ao *Parahupava*. Todos esses nomes figuram tambem na lista dos expedicionarios de Botafogo:

Capitão Domingos Rodrigues, Antonio Pereira, Mathias Gomes, Pero Velho.... de Barros, Antonio de Andrade, Antonio

Zouro (del Toro), Tristão de Oliveira, Braz Gonçalves, Francisco da Gama e Ascenço Ribeiro.

Foi notabilissima essa bandeira de Domingos Rodrigues, pela vastidão do territorio por ella percorrido, em quatro annos de immensa caminhada. Deveria ella ter attingido remotissimas regiões do planalto central, o qual era virgem de qualquer penetração européa. Tem sido ella desconhecida, entretanto, na lista das *razzias* bandeirantes não tendo sido mencionada por Pedro Taques, o insigne historiador das bandeiras, e nem perscrutada pelos muitos devassadores do nosso passado.

O seu conhecimento, é importante passo, no desvendar do mysterio, que tem encoberto o bandeirismo paulista. E' elle devido exclusivamente ás benemeritas publicações officiaes dos governos estadual e municipal, dos nossos archivos quincentistas e seiscentistas, deixando-os ao alcance dos que se interessam pelos feitos dos nossos maiores.

Oxalá, perdurem os futuros governos da cidade e do Estado nessa louvavel norma de proceder.

CAPITULO IV

JOÃO PEREIRA DE SOUSA BOTAFOGO

Estudavam-se os documentos referentes ao bandeirismo e ao se falar da bandeira levada ao sertão do rio Parahyba, em 1596, pelo capitão mór João Pereira de Sousa Botafogo, já eu havia dito que, dos laconicos documentos do tempo, claramente se deprehendia ter havido séria lucta entre o capitão mór João Pereira de Sousa Botafogo e o capitão mór Jorge Correia. Em virtude dessa lucta este, por ordem de dom Francisco de Sousa, havia sido suspenso das funcções do cargo de Capitão Mór da Capitania, sendo aquelle galardoado, pelos seus meritos.

Era minha intenção, após haver passado em revista o bandeirismo, apreciado através do prisma da documentação paulista impressa, aprofundar o estudo dessa questão. Eis que me surgiu ás mãos um livrinho: "*Vultos do passado paulista*", de Ermelino de Leão, membro do Instituto Historico de São Paulo, etc., no qual é tratado, em um de seus capitulos, o assumpto referente á prisão de João Pereira de Sousa Botafogo.

Assim pois, aproveitando as referencias feitas pelo historiador paranaense, resolvi antecipar o estudo.

Como muito bem disse Ermelino de Leão, o interessante episodio da nossa historia de que foi protagonista João Pereira de Sousa Botafogo, foi olvidado pelos historiadores e chronistas, de maneira que o devemos reconstituir, por inteiro, unicamente amparados pela documentação de publicação official.

Tendo essa analysado, o dr. Leão chega á conclusão que João Pereira de Sousa Botafogo, em 1595, ao concluir Jorge Correia o seu triennio de Capitão Mór da Capitania de São Vicente, appareceu com uma procuração de Lopo de Sousa e com ella tomou posse do cargo que Jorge Correia muito naturalmente, havia deixado por se ter extinguido o seu tempo regulamentar.

Com isto, Botafogo ás pressas organisou uma bandeira e, contra a opinião de Gaspar Nabo, o ouvidor, e da Camara de Santos, penetrou no sertão do rio Parahyba. Ahi, em 1597, em fevereiro, iniciou o inventario, por morte de João do Prado. Esse inventario não foi acabado, por ter sido preso Botafogo por Jorge Correia, que marchou para o sertão, logo que verificára a falsidade da procuração de Lopo de Sousa, com a qual Botafogo se tinha apoderado do poder. Preso Botafogo por Jorge Correia, continua o dr. Leão, foi elle conduzido a São Paulo, onde na "*forca pagou as suas culpas*".

Ao proceder a esta reconstituição, fantasista, o dr. Leão não teve, porém, a curiosidade de examinar os documentos da collecção do "*Registo*

Geral da Camara Municipal", porque, se o tivesse feito, certamente não se abalançaria, com tamanha facilidade, a enforçar Botafogo, atirando-lhe a pecha de falsario.

Se o historiador paranaense fosse folhear a documentação municipal do "*Registo Geral*", encontraria, no vol. II, 74 e 75, o documento que escapou á sua visão e ficaria sabendo uma série de cousas em relação a este curioso capitulo historico, de maneira a orientar a sua reconstituição por vias bem diversas.

Eis o documento que bem define o caso:

"Traslado provisão de João Pereira de Sousa de capitão desta capitania de S. Vicente.

"Dom Francisco de Sousa do conselho de el rei nosso senhor governador deste estado do Brasil etc. faço saber a todos e quaesquer justiças da capitania de São Vicente a que esta minha provisão fôr apresentada e o conhecimento della com direito pertencer que eu mando ora vir emprezado a esta cidade S. Salvador da Bahia e alçada. Jorge Corrêa logar tente. de capitão e ouvidor da dita capitania e outrosim devassar delle pior m'o requererem as Camaras principaes Santos e São Vicente por seu procurador, bastante Athanasio da Motta por razão... (infelizmente o documento aqui estava comido, de maneira que o decifrador não conseguiu reintegral-o nessa parte o que prejudica o se saber o motivo das accusações a Jorge Correia)... logar tenente se dizer... bem em seus cargos... sua magestade... bem commum

da republica como... que delle... foram apresentadas... as ditas... pelo dito Athanasio da Motta (aqui me parece que Athanasio apresentou as provas da accusação)... "por esta razão fi... vaga a dita capitania emquanto se tirar a dita devassa e fizerem... diligencias que mando fazer para se saber a verdade do conteúdo nos ditos capitulos hei por bem a serviço de sua magestade de prover por capitão da dita capitania de São Vicente a João Pereira de Sousa por ser pessoa benemerita e dê que confio faça o que convem ao serviço de sua magestade obrigação do dito cargo e para que nelle corra com mais brevidade e inteireza lhe nomeio por seus adjuntos a Simão Machado e João Baptista Malio para todos trez determinarem os casos e negocios da dita capitania como lhes parecer justiça e augmento... o qual cargo o dito João Pereira de Sousa servirá emquanto eu o houver por serviço de sua magestade e o dito senhor não mandar o contrario... ordenado prós e percalços ao dito cargo pertencentes assim de maneira que... o dito Jorge Corrêa, e elle me deu... menagem da dita capitania obrigando-se na forma della como é costume e houve juramento perante mim dos Santos Evangelhos de bem e verdadeiramente servir o dito cargo guardando em tudo o serviço de sua magestade e ás partes seu direito pelo que mando ás justiças da dita capitania que tanto que o dito Jorge Corrêa for suspenso do dito cargo de capitão e ouvidor por virtude da provisão que para isso mando passar seja logo remettido de posse do dito cargo o dito João Pereira de Sousa com os ditos... nomeados e os deixem servir... declarando e esta cumpriisse... ("Registo", II, 47 e 75).

Este é o documento que escapou á visão do dr. Ermelino de Leão. Por elle se vê que dom Francisco de Sousa nomeou a João Pereira de Sousa Botafogo para exercer, interinamente, o cargo que Jorge Correia deixara vago, em virtude de suspensão, motivada pelas accusações que lhe foram feitas, como se vê acima.

Eis que Botafogo nunca esteve em exercicio, por força de uma "procuração" de Lopo de Sousa, a qual é accusado de ter falsificado, e sim, por mãos do governador geral dom Francisco, que o considerava pessoa benemerita.

Nem se affirme que Botafogo tenha falsificado a provisão de dom Francisco acima reproduzida, visto como elle foi accusado de havel-o feito em relação a uma procuração de Lopo de Sousa, segundo este affirma no documento que levou o dr. Leão as conclusões que ora rebato:

"Por carta que desa camara que me foi dada entendi e me maravilhei das maldades de João pra. de Sousa e atrevimt. tão grande como foi levar hua provisão falsa MINHA e hua provisão pa. cobrar o meu..."* ("Actas", vol. II, 175).

Assim sendo pois, cáe por terra a affirmação do dr. Ermelino de Leão de ter havido um falso governador da capitania de São Vicente. O exercicio de capitão mór de Botafogo foi perfeitamente legal, uma vez que, para tal cargo, foi elle nomeado, pelo governador geral, se bem que, interinamente, e que essa nomeação foi feita por uma provisão onde nada ha que autorise a pensar ter sido falsificada.

E' verdade que o registro da provisão acima citada do senhor de Beringel não contém a data do documento, em virtude de ter o tempo comido o fim do papel, mas quanto a isso não ha a menor duvida de que a provisão foi passada em 1595, pois estava o registo della entre os papeis dessa data, sendo o ultimo documento do volume I do "Registo", que no Archivo Municipal tem o numero de 126. Alem disso é sabido terem sido consummidos os registos, depois de 1595 e antes de 1600, quando dom Francisco já se achava em São Paulo e Botafogo já deveria ter morrido.

Não houve, pois, como quer o historiador paranaense, um falso governador da capitania vicentina. Botafogo foi capitão-mór de facto e de direito.

Quanto a Jorge Correia, parece ter elle se defendido com exito, junto a dom Francisco, das accusações que lhe haviam feito as Camaras de Santos e de São Vicente, pois, em 22 de novembro de 1597, a acta de vereação o menciona como capitão mór, novamente, ("*Actas*", vol. II, 29).

Ao reassumir Jorge Correia o cargo, cessava *ipso facto* a interinidade de Botafogo, que estava no sertão, tendo sido preso, entre fevereiro e julho de 1597, ("*Invent. e test.*", vol. I, 79 e 87, invent. de João do Prado), "*por culpas de sua devassa*". Em março de 1598, ainda funcionava Jorge Correia como capitão mór, para, em novembro desse anno apparecer com esse posto Roque Barreto. ("*Actas*", II, 39 e 47) (8).

(8) Enganou-se o dr. Leão ao affirmar que a bandeira de Botafogo, em 14 de novembro de 1598, ainda estava no sertão, pois que Sebastião de Freitas, um dos membros da dita bandeira,

Por outro lado, é certo ter sido Botafogo preso e substituído no commando da bandeira pelo capitão Francisco Pereira, bem como accusado de haver falsificado uma provisão de Lopo de Sousa. (“*Actas*”, II, 175) (9).

Não se sabe, ainda, porém, que natureza de provisão tenha falsificado Botafogo. Deve ter sido forçosamente, referente a outra cousa qualquer, que não ao cargo de capitão mór, para o qual estava, como vimos, regularmente habilitado a exercer.

Em todo o caso, essa decantada provisão que Lopo de Sousa tão indignadamente diz ter o infeliz Botafogo falsificado, não apparece em parte alguma dos documentos publicados oficialmente, pois que a unica provisão referente a Botafogo é registrada na Camara paulistana é a que reproduzi acima.

ra, desde março de 1598, é encontrado em S. Paulo (“*Actas*”, II, 39). E’ que, o historiador paranaense, se baseou no documento encontrado em “*Actas*”, v. II, 47.

“...e outrosi que se requeresse ao dito capitão e p.r coãto a nossa gente; ficou no sertão da comp.^a de João p.ra de Sousa não vinha e podia estar necessitado de soccorro q hera bem q se lhe desse soccorro e se soubesse de nada estava...”

Interpretou-a mal, porém, pois este texto documental é referente á bandeira de Domingos Rodrigues, que se destacou da gente de Botafogo. Só chegou ella ao povoado paulistano em 1600. Isso se evidencia da documentação, que fiz acompanhar o meu estudo do empreendimento, que attingiu os sertões goyanos.

(9) Não se sabe que especie de provisão de Lopo de Sousa tenha Botafogo falsificado. Os documentos nada adeantam a esse respeito.

Onde, pois, o corpo de delicto, contra o insigne bandeirante do rio Parahyba, na ultima decada do seculo quinhentista?

Convém, além de tudo, não esquecer que João Pereira de Sousa Botafogo pertencia, em Portugal, a uma familia incessantemente perseguida, por ordens régias. Não se conhecem quaes os motivos dessa perseguição, sendo que até suas propriedades de Elvas teve elle confiscadas.

Herdou Botafogo essa perseguição. Não lhe davam tregua os do governo portuguez, até que aproveitando uma permissão aos criminosos vi-rem fazer guerra ao gentio no Brasil, o destemido bandeirante emigrou. Na colonia, o seu valor na lucta contra os tamoyos e a sua grande proeza do Cabo Frio, exterminando os francezes e prendendo Tucen Gurgel, fizeram-no respeitado. Parece porém que o destino cruel lhe fadara ser victima da odiosa perseguição, que atravessando o oceano, viera encontral-o á frente de sua bandeira, como capitão mór da capitania vicentina. Eis o que se sabe a respeito dessa personagem da nossa historia. Apesar de tudo, foi elle um grande precursor dos memoraveis sertanistas do seculo dos seiscentos. Nelle, sem duvida eram incarnadas as virtudes da raça, que já estavam escrevendo a grande epopéa das bandeiras e traçando o sulco luminoso mais fulgente do nosso passado.

CAPITULO V

BANDEIRAS DE ANDRÉ DE LIÃO E DE NICOLÁU BARRETO

Emquanto Domingos Rodrigues campeava, no Parahupava, os escravos da nação guayá, Affonso Sardinha, o moço, em 1593, sahia de S. Paulo á frente de corpo de armas e mais de

“çen índios xpãos e levavão intento de ir á guerra e saltos e corer a terra cõ intensão de irem tirar ouro e outros metaes. (“Acta da Camara de Villa de S. Paulo”, vol. II, 47).

Foi sem duvida essa a bandeira que Sardinha, o moço, capitaneou, contra os índios “pés largos”, trazendo ao povoado grande porção de índios apresados, dessa tribu, como se vê do documento constante dos *“Inventarios e testamentos”*, vol. I, 270. São os “pés largos”, até hoje, um mysterio da nossa ethnographia historica, nada se sabendo, ao certo, sobre o seu “habitat”. Talvez, fossem os mesmos que os “biobébas”!

Baseado em Pedro Taques, Basilio de Magalhães indica a entrada de Sardinha como tendo operado no sertão do rio Jeticahy. (*“Rev. Inst.*

Hist. Bras.”, tomo especial, vol. II). Se isso tiver fundamento, os “pés largos” não teriam andado longe do actual triangulo mineiro ou da zona sul de Minas, na bacia do Rio Grande.

No anno de 1600, além da chegada da bandeira de Domingos Rodrigues, que por quatro annos seguidos andára por além Tordezilhas, a principal nota do bandeirismo paulista foi o “raid” de Manuel Preto. O futuro heróe de Guayará, o tigre dos sertões sulinos, é assignalado nas cochilas rio-grandenses, affrontando o açoite gelido do minuano e as armas guaranis no Uruguay. Ahi foi o velho sertanista, o morgado de N. S. da Expectação, encontrado pelo eminente mestre Afonso Taunay, que o marca no bellissimo mappa das bandeiras de sua autoria, um dos documentos mais attrahentes do nosso Museu Paulista.

Ainda nesse mesmo anno de 1600, no seu ultimo quartel, fazia dom Francisco de Sousa, o lendario Senhor de Beringel, terminar o aviamento de 70 ou 80 homens, os quaes, chefiados por André de Lião, partiram em busca da famosa Sabarabuçu.

Teria tomado essa entrada o rumo norte do Parahyba, cujas aguas teria acompanhado, penetrado, pelo Embahú, nas Geraes, onde afinal chegaria ao curso do São Francisco, estacando em Pitanguy, para depois voltar atrás na caminhada e chegar a S. Paulo com nove mezes de ausencia. Engana-se Calogeras, ao commental-a, ter sido ella a primeira entrada paulista a tomar rumo norte e penetrar no territorio mineiro. Antes della, já não falando das duas bandeiras de Braz Cubas, que dizem uma dellas ter chegado ao Parahopéba,

Sebastião Marinho estivera em Goyaz, certamente passando por Minas, João Pereira de Sousa Botafogo, com quasi certeza, desceu as margens do Parahyba e talvez mesmo tenha penetrado em terras do Verde e do Sapucahy, e finalmente, Domingos Rodrigues, com absoluta segurança, alcançara Goyaz ao norte, não sem ter atravessado o São Francisco.

Em julho de 1601, era a expedição de Lião esperada em S. Paulo. O roteiro de Glimmer é o unico documento, que nol-a faz conhecida através dos seculos.

Muito maior vulto do que essa teve a grande bandeira, que ainda ao mando de dom Francisco de Sousa, Nicoláu Barreto organisou, quer seja ella considerada sob o ponto de vista de proporções em sua organização, quer ainda teuhamos em mente uma comparação das áreas territoriaes por ellas trilhadas.

Com Barreto foram ao sertão todos os futuros vultos do bandeirismo seiscentista, na sua primeira metade. Tem sido porém esse "raid" estudado sob uma orientação errada, de modo a lhe attribuirem um itinerario, exactamente opposto ao que, na verdade, percorreu, como adeante veremos.

Foi a tropa de Nicoláu Barreto, a meu ver, levantada, com o fito de penetrar no sertão, proximo ao Perú, possessão castelhana, onde prosperavam as minas de Potosi, afamadas no mundo inteiro. Partiu de S. Paulo a grande expedição uns poucos dias antes de 8 de setembro de 1602. Isso tem base na illação tirada da acta municipal da vereação dessa data, na qual o povo fez a eleição,

para substitutos dos officiaes da Camara “*por se irem todos mais fóra*”. (“*Actas*”, vol. II, 100).

Foi enorme a quantidade de gente levada por Barreto. Além do grande corpo de indios mansos de arco, 300 mamelucos e europeus acompanharam o chefe citado, conforme se vê em “*Actas*”, V. II, 126. Dentre elles consegui organizar a nominata abaixo que é algo mais completa do que a mencionada por Derby, (*Rev. Inst. Hist. S. Paulo*, vol. VIII, 401), por ter o saudoso cientista americano deixado de examinar o inventario de Martim Rodrigues Tenorio, do qual consta o testamento do mesmo, feito no sertão, quando em companhia de Nicoláu Barreto, onde assignaram como testemunhas muitos nomes escapos á lista de Derby. (“*Invent. e test.*”, vol. II, 21 a 27).

Eis a nominata:

Aleixo Leme, Antonio Luiz Grou, Antonio Bicudo (deve ser o velho), Antonio Pedroso (deve ser de Alvarenga), Antonio Pinto, Antonio de Andrade, Antonio Rodrigues Velho (Araá), André de Escudeiro Ascenço Ribeiro, Braz Gonçalves, o velho, e seu filho Braz Gonçalves, o moço, Balthazar Gonçalves, Balthazar de Godoy, Bento Fernandes, Domingos Barbosa, Domingos Dias, o moço, Domingos Fernandes (o fundador de Itú, mameluco, filho de Manuel Fernandes Ramos), Domingos Gonçalves, Domingos Pereda, Duarte Machado, Estevam Ribeiro (deve ser de Bayão, o moço), Francisco Alvarenga, Geraldo Correia, Henrique da

Cunha Gago, o velho, João Bernal, João Dias, João Gago (da Cunha, o velho), João Morzelho, João Jorge, Jorge Rodrigues, José Gaspar Sanches, Lourenço da Costa, Lourenço Nunes, Luiz Eanes, Manuel Affonso, Manuel Chaves, Manuel Mendes Allemão, Manuel de Soveral, Matheus Gomes, Matheus Neto, Nicoláu Barreto (cabo da tropa), Manuel Paes, Manuel Preto (o futuro heróe de Guayrá), Manuel Rodrigues, Nicoláu Machado, Paschoal Leite (Furtado), Paulo Guimarães, Pero Leme (o velho, genro de João do Prado), Pero Martins, Pero Nunes, Raphael de Proença, Salvador Pires (de Medeiros), Simão Leitão, Simão Borges de Cerqueira, Sebastião Pires Caleiro, Antonio Gonçalves Davide, Diogo de Oliveira Gago, Francisco de Siqueira, Francisco Ferreira, Francisco Alvares Correia, Francisco Nunes Cubas, Manuel Machado, Miguel Gonçalves, Martim Rodrigues Tenorio de Aguiar.

Quanto ao roteiro seguido pela expedição, enganaram-se profundamente o dr. Derby e os que reproduziram a opinião desse notavel sabio. Affirmava elle que, Nicoláu Barreto, com sua bandeira, rumou o norte, penetrou nas geraes e atravessando o rio das Velhas, pelo valle do S. Francisco, chegou ao Paracatú, nas proximidades do territorio goyano, ponto extremo, segundo o saudoso historiador americano, attingido pela léva em questão.

Tivesse sido essa a região perçorrida, pela

bandeira, não se justificaria ser ella a detentora até aquella data do "record" de penetração no *hinterland* vicentino conforme faz certo a estafadissima carta de 13 de janeiro de 1606; Marinho e Domingos Rodrigues foram muito alem.

Existem documentos, porém, que provam, *ex abundantia*, ter Barreto tomado rumo sudoeste e nunca trilhado as regiões, que a miragem do nome de Paracatú levou o dr. Derby a se desviar do bom caminho, na pesquisa historica.

Preliminarmente, o "habitat" dos indios tememinós, apresados, em numero de 3.000, pelos bandeirantes desta *razzia*, não era o terreno mineiro, nem tampouco o goyano, antes, pelo contrario, ficava elle ao sul da capitania de São Vicente, e, para attingir os sertões dessa nação gentilica, era necessario passar pelas cercanias de Villa Rica, no Guayrá. Quem isso assegura é um documento municipal, que o dr. Derby não viu, documento esse constante das "Actas", v. II, 184, segundo o qual:

"...enformado que mel. preto troicheira tememinós que vinhão de sua terra em busca dos brancos os quaes vinhão de pazes y elle mel. preto vindo de Villa Rica os encontrara no caminho e os troicheira a sua casa..."

Ora, a unica Villa Rica então existente era no Guayrá, territorio hoje paranaense, o que vêm provar que os tememinós, que foram guerreados por Barreto e seus seguidores, tinham as suas moradas muito distantes das Geraes.

Além desse preciosíssimo documento, existe um outro também municipal, publicado em "Actas", v. II, 130, mais eloquente ainda em elucidar a verdadeira região, caminhada pela expedição sob exame. Esse documento confirma o supra citado completando-o. Trata-se de uma carta escripta ao Governador Geral Diogo Botelho, pelos officiaes da Camara Paulistana, sobre a terça parte dos indios apresados pela bandeira de Nicoláu Barreto, a qual, segundo corria, seria tomada para o governo.

Tem essa carta a data de 18 de julho de 1603,

"...a cometer entrada tam perigoza e de tão pouco proveito q para se aviarem coalqer pobre fez mais gasto do que se espera trazer de proveito e anda já tão rota a fama e esta provisão posto q nos a não temos vto. q areseamos se mãde ao sertão recado do conteúdo na provisão e eles sabendo corre mto. risco vir nhu de la se não vense caminho do piquiri q he provinssia do rio da Prata de q resultaria mto. mal a esta capta..."

Prova esse documento, que Nicoláu Barreto estava para atravessar, na volta a S. Paulo, um chamado caminho do Pequiry, que é seguramente o affluente do rio Paraná, situado na então provincia do Rio da Prata, que, por força de Tordezilhas, abrangia o Guayrá, hoje Estado do Paraná. Creio que o chamado caminho do Pequiry seja o passo do rio Paraná, na fóz do rio Pequiry. Ahí justamente o grande caudal se estreita sobremaneira,

para se precipitar do alto da serra de Maracajú, nas Sete Quédas. Por esse passo, talvez, Barreto tenha passado para o Paraguay penetrando, tambem, a enorme área boliviana, em plena cordilheira andina (10).

Teriam Nicoláu e sua gente, assim, antecipado, de meio seculo, no inicio do seu itinerario, o famoso Raposo Tavares, que por essa região entrou para sahir em Gurupá, no Amazonas.

Essa foi a zona attingida pela *razzia* de que ora trato.

Infelizmente, não tenho base para saber qual o ponto extremo chegado pela bandeira, mas é de suppor, tenha ella ido muito ao fundo em possessões hespanhólas, ferindo de rijo a linha demarcadora de Alexandre Borgia (11).

(10) Em virtude do grande lapso de tempo demorado pela bandeira no sertão, é de crêr que, muito longe, no Perú, tenha ido a bandeira de Barretos. Assim, o Paracatú e o Guabihi, dos documentos que Derby erradamente quiz ver em Minas Geraes, talvez fossem no systema do Pilcomayo, ou mesmo na bacia do Madeira, na Bolivia, sendo certo que Potosi se situava no alto Pilcomayo, com suas minas, para onde muitos paulistas se haviam encaminhado, como Antonio Castanho da Silva, que ahí falleceu em 1622 (*"Invent. e Test."*, vol. VI, 216).

Os dous longos annos levados no sertão por essa grande expedição, se explicam, tendo ella attingido os Andes, talvez no meridiano de 65º.

Calogeras no seu *"Politica Exterior do Imperio"*. vol. I, 80, concorda com a correcção de itinerario acima feita. Acha, porém, o eminente polygrapho que Nicoláu Barreto não teria atravessado o rio Paraná, devendo ter rumado ao nosso Agua-pehy, que seria o Guabihi, dos documentos de Derby.

(11) Insisto em dizer que os pontos de além rio Paraná por mim aventados como tendo sido palmilhados pela gente de Nicoláu Barreto, constituem méra hypothese, estribada no lapso de tempo em que a bandeira esteve ausente de S. Paulo.

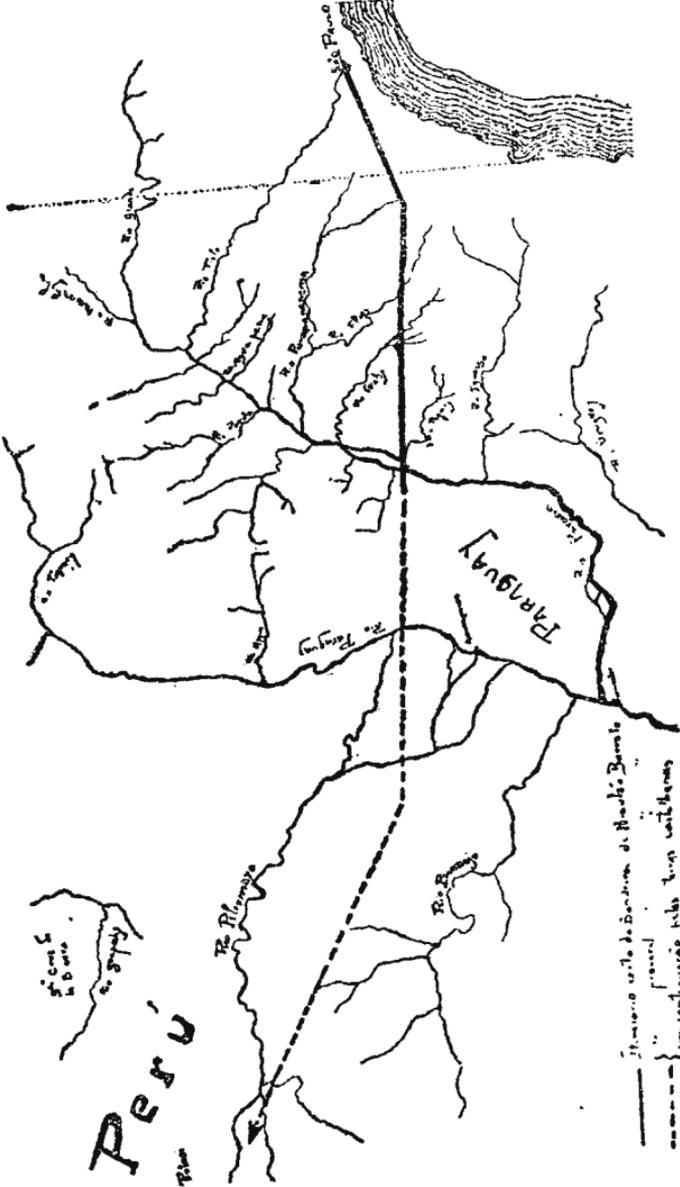
O documento por mim citado como denunciador da verdadeira direcção tomada pela expedição foi visto pelo dr. Derby, que o englobou no seu estudo, sobre a expedição óra objecto destas linhas (*“Rev. Inst. Hist. de S. Paulo”*, vol. VIII, 422 e 423; infelizmente, não o podendo decifrar na parte referente ao caminho do Pequiry, na provincia do Rio da Prata, o saudoso mestre ficou impossibilitado de tirar uma conclusão, que, sem duvida modificaria por completo a sua orientação no estudo que procedeu, aliás com brilhantismo.

Isso fez com que o dr. Derby se deixasse levar pela indicação de Paracatú, encontrada nos inventarios dos bandeirantes fallecidos no sertão, não se lembrando que muito outro poderia ter sido o Paracatú das referencias documentaes e muito diversa poderia ter sido a região assim designada, cousa muito commum com as nomenclaturas topographicas de outras éras (12).

(12) O preclaro historiador Affonso Taunay, a proposito da bandeira de Nicoláu Barreto, descobriu um valiosissimo documento hespanhol, que confirma a rectificação por nós feita sobre o itinerario della. Com a venia do prezadissimo mestre, reproduzimos o seu artigo, de 20 de agosto de 1923, no *“Correio Paulistano”*, sobre esse documento, na parte referente á bandeira citada:

“A proposito da Bandeira de Nicoláu Barreto, de 1603, acaba de demonstrar, com o auxilio da documentação paulista, quanto se enganou Derby a localisar o roteiro desta entrada para o Norte o valle de São Francisco, findando a jornada em Paracatú. Muito ao invés disto, foi Nicoláu Barreto ter á região do Guayrá. Um documento hespanhol serve contraprova aos paulistas adduzidos por Ellis. E’ um papel que se acha incorporado aos manuscriptos intitulados *Paraguariae Historia*, em dous *in folio*, pertencentes á Bibliotheca Nacional de Madrid, segundo relata o sabio Pablo Pastells. E’ uma carta do padre Justo Mansilha van Surck, dirigida da Bahia e de 2 de outubro de 1629,

ALFREDO ELLIS (Junior)



Foi sem duvida hypnotizado pela designação de Paracatú, que o dr. Derby chegou á illação que o rio Guabihi, mencionado nos inventarios, era o rio Guahicuhy nome primitivo do rio das Velhas,

ao Geral da Companhia de Jesus, documento relativo ao assalto das reduções do Guayrá pelos paulistas:

“Toda aquella Villa de San Pablo es gente desalmada y aleuantada, que no haze caso ni de las leyes del Rey ni de Dios, ni tienen que veer ni con justicias maiores deste estado, y quando no las puede ganar á su voluntade com dadiuas de oro ó Indios, las atemoriza con ameaças, ó sin pocos los culpados huyen-se á los bosques ó á sus heredades y smenteras, y allá se detienen, en quanto las justiolas estuieren en la Villa.

Los años passados fueron de aqui á San Pablo unos desembargadores, que llaman, con orden del gouernador, por razon no só de que delitos, y no pudieren acabar con nadie.

Otra vez fue un desembargador llamado Antonio Misquita, hombre entero y de muchas partes, y como él les apertaba algo el negocio, tirandole uns flechas á su ventana, con un escrito, que aquellas iuan á la ventana, pero que otras le auian de yr al coraçon, si no desistia de apertar el negocio.

De suerte que no só si en este particular acabarán con algunos do que se bueluan los yndios; porque no tienen consciencia.

Y mas digo que quando se vieran apertados con alguna mano poderosa á que no pudiessen resistir, desampararan sus casas y heredades y se fueran con sus mujeres, hijos, esclauos y toda su hazienda, (á) meterse por aquellos desiertos y montes nuevas tierras; porque dexar sus casas no se les da nada, porque no so sino de tierra y tapias; y en qualquer parte que estuieren pueden hacer otras seme(ja)ntes.

Dexar la Villa tampoco se les da nada; porque fuera de 3 ó 4 principales fiesta, muy pocos, ó hombros ó mujeres, estan en ella; si no siempre, ó en suas heredades ó por los bosques y campos, en busca de Indios, en que gastan su vida... Toda su vida dellos, desde que salen de la escuela hasta su vejez, no es sino yr y traer y vender Indios (con que se visten de mangas y medias de seda; buen vino, y compran todo lo que les viene de tener.) Y en toda la Villa de San Pablo no abrá mas de uno ó 2, que no vayan á captiuar Indios, ó embien sus hijos ó otros de su casa, con tanta libertad, como si fueran minas de oro ó pla-

quando é possível que seja Guapahy, que é hoje o alto Mamoré. Nenhum dos argumentos empregados pelo saudoso historiador pôde resistir a um

ta, de que S. M. vuiera dado licencia, que cada uno sacasse quanto pudesse hasta las mismas Justicias y clérigos de la Villa.

Y para que tengan alguna capa ó excusa deste su atreimiento contra las leyes del Rey, los que han de ser Capitanes de la entrada, compran unas prouisiones del Capitan de la tierra, ó para yr á descubrir minas, ó á confirmar las pazes con los Indios gentiles, ó en busca de algunos Indios suyos, que injustamente pssedian por eclauos, huydos, ó en busca de algunos portugueses vezinos de su Villa, que años auia estauan aquellos solledades y montes cautinuando Indios sim boluer á su casa, ó en alcanzes de los poco auia se auian ydo á capitulares, ó en busca de herejes metidos por allá, ó otros semejantes, que nunca les faltan para llegar al cabo de sus intentos.

Y con eso salem todos con sus armas y municiones de balas e poluora, tc., ni les falta oltra cosa que tocar caja para que publicamente vayan juntos; aunque luego despues de salidos en c(i)erto parage se juntan en sus compañías y leuantan sus Capitanes, Alfercezes, Sargentos y otros officios Reales: y sin hazer diligencia alguna para cumplir con las prouisiones que llenan, van derechos á las tierras de Indios, y llegados allá, hazen su fortaleça ó cerca de palos, y en elles sus casas ó choças, y luego com(i)ençan á dar assaltos á las aldeas que allaran, y capitular a quantos pudieren, ó por engaños ó por fuerça; por engaños, diziendoles mil y mil mentiras, prometiendoles que en San Pablo han de estar todos juntos en suas aldeas y libertad, como estauan en sus tierras, y que allá han de tener mucha ropa y hyerro, etc.; y para mejor hazer su negocio, vuo los años passados, quien se pusieron vnas sotanas largas, como si fueran de Nuestra Compañia, por el crédito que tenemos entre los Indios, y en esta entrada que muchos juntaron por via del demonio, como apuntamos en nuestra relacion. Pero no bastando los engaños les hazen fuerça (como ahora hizieran á los que sahiren de nuestras reducciones), hyriendo y matando con mucha crueldad, poniendo á veses á espada á aldeas enteras de Indios, no perdonando grandes ni a pequeños, matando á vezes mas gente que no eran los que truxeram cautivos, como si no fuesen si no perros ó caballos, trayendolos en cadenas, azotandolos y dandoles de palos y amenazandolos de matar y matando los que huyessen de

confronto com os que estampeei baseado na documentação archival municipal, publicada pelo benemerito Washington Luis.

Graças pois, a essa publicação, fica rectificado o itinerario de uma das mais importantes bandeiras, jamais sahidas de S. Paulo (13).

jando solos por aquellos caminos tan esteriles, sin comida, á los que cayren enfermos, apartando los maridos de sus mujeres, hijos de sus padres, etc., quando los reparten entre si y quando los vedden.

Todos estos y otros maiores sen los agranios y violencias que ordinariamente en todas sus entradas suelen cometer.

Vna cosa, de que me pame mucho, me conto el P. Francisco Carneiro, que fue Rector del Collegio de Rio de Henero, y la lei ecripta en vnos papeles del P. Sebastian Gomez, grande Apostol de los Indios aqui, que Dios tenga en gloria, y es que en año de 1602 (??) fue San Pablo á buscar y traer Indios Nicolas Barreto, con licencia de su hermano, Roque Barreto, de la tierra, con capa de buscar minas; y lleuo en su compañía 270 portuguezes y 3 clerigos. Vnos 40 dcllos dieron por aquellos montes con vnos Indios Christianes, que embiados de nuestros Padres de la Villa Rica de Espiritu Santo, avian ydo buscar sus parientes y traerlos para nuestras aldeas, y con lleuauan ia para ellos vnas 700 almas; pero estos portuguezes los tomaron á todos; aunque estos Indios Christianes les dizian que nuestros Padres les auian embiado, y que alli cerca auia otros muchos infieles que lleuer, etc. Y para que estes Christianos despues de huelos no se queixassen, los ahorcaron, negandoles confession que pedian, auiendo entre ellos vn clerigo que los pedia confessar. Y que para tantos desordenes, que ya de 40 años atras continuamente hicieron, y aun todavia hazen en tierras Christianas haya castigo ninguno ni enmienda"... Ciudad del Salvador, Bahia, 2 Octubre de 1629".

(13) Eis o que escrevi depois a respeito dessa bandeira:

Logo á chegada a S. Paulo de dom Francisco de Sousa, cuidou elle de enviar expedições ao sertão, que averiguassem a veracidade das lendas da existencia de metaes nas colonias portuguezas.

Da Bahia, já haviam partido em direcção ao Sabarabuçu, diversas quadrilhas expedicionarias officiaes, as quaes tinham o

nome de "entradas". Mistér se fazia, pois, que de S. Paulo se buscasse esclarecer tambem.

Foi assim que o Senhor do Beringel fez partir a gente que seguiu André de Lião, e logo depois organisou a empreitada chefiada por Nicoláu Barreto, esta maior e muito mais grossa em componentes, destinada a pôr termo de vez com essa atroz duvida sobre as riquezas mineracs da parte portugueza na America do Sul.

Orville Derby, o saudoso scientista norte-americano, que aqui perlustrou tantos ramos da cultura humana, abrindo campo a tão variadas investigações, quiz que essa expedição tivesse sido dirigida para o rumo noroeste, para o valle do S. Francisco, seguindo a trilha deixada pouco tempo antes pelo capitão André de Lião.

O notabilissimo sabio foi levado a assim concluir, não só pela provavel orientação, que, ao bandeirismo de então, estaria dando D. Francisco de Sousa, compenetrado da existencia do "el dorado", no centro sul-americano, de além Mantiqueira, como ainda pelos documentos que lhe foram fornecidos pelo dr. Washington Luis, que nas suas magnificas pesquisas pelos archivos de tão velhos tempos, havia copiado de inventarios, tudo quanto dizia respeito a essa entrada de Nicoláu Barreto.

De tudo isso Derby, concluiu que, a gente de Barreto attingira o hoje denominado rio de Paracatú, affluente do S. Francisco, no Estado de Minas Geraes.

Até certo ponto se poderia explicar essa opinião do notavel geologo norte americano, pois que dom Francisco vinha do norte imbuido da idéa de que as jazidas metalliferas ahí deveriam ser encontradas nessa região, tanto que, nessa direcção fez partir varias bandeiras.

Depois as referencias geographicas contidas nos documentos, que o emerito historiador Washington Luis tão altruisticamente lhe fornecera, serviram-lhe de complemento para essa sua convicção.

Assim, durante larguissimo tempo se teve o noroeste como o rumo certo tomado pelo capitão Nicoláu Barreto, no seu emprehendimento.

Tambem estive nessa crença.

Certa occasião, porém, Capistrano de Abreu, em um encontro que com elle tive no Instituto Historico e Geographico Brasileiro affirmou duvidas quanto a essa direcção.

A seguir a essa duvida do saudosissimo historiador, fui encontrar uma referencia existente á entrada de Nicoláu Barreto, na carta escripta a Diogo Botelho, governador que substituiu Francisco de Sousa, datada de 18 de julho de 1603 (10 mezes após a partida da bandeira de Nicoláu Barreto), carta essa que dizia peremptoriamente que Nicoláu Barreto e a sua gente haviam passado "*o macinho do Pequery*" na "*provincia do rio da Prata*".

Isso só seria já o sufficiente para que ficasse reformada a idéa a respeito da entrada de Barreto.

As palavras absolutamente categoricas contidas nesse documento citado não deixam subsistir duvida de que a expedição bem anteriormente á data de 18 de julho de 1603, tenha trilhado um certo caminho de um rio denominado Pequery, situado em terras castelhanas da provincia do Rio da Prata.

Além desse clarão sobre a direcção da expedição de Nicoláu Barreto, ha ainda uma confirmação absoluta em outro documento, esse de origem castelhana.

Trata-se de uma carta do padre Justo Mansilla, descoberta e assignalada pelo illustradissimo amigo e mestre Affonso Taunay, carta essa que o famoso jesuita escreve de S. Salvador em 2 de outubro de 1629, relatando ao geral da Companhia de Jesus o assalto ás reduções do Guayrá pelos paulistas (11).

Essa carta se acha incorporada aos manuscritos intitulos *Paraquariae Historia*, e assignala em 1602 a passagem de Nicoláu Barreto e sua gente pelo Guayrá, em busca de indios a apresarem.

Com isso ficava perfeitamente assente que essa empreitada paulista dos primordios do seiscentismo, tinha tomado a orientação sudoeste e não noroeste como se pensava até então.

Depois disso, a attenção do citado Taunay foi chamada por uma referencia contida em Azevedo Marques, chronista moderno da nossa historia.

Essa referencia lembrada por Taunay, poderia trazer qualquer duvida ainda no itinerario da bandeira de Barreto. Diz essa referencia:

"1602 — Agosto — Parte de S. Paulo, numerosa bandeira ao mando do capitão Nicoláu Barreto, em direcção a Mogy das Cruzes com o fim ostensivo de descobrir ouro.

Della fizeram parte pessoas importantes daquella época, taes como Simão Borges de Cerqueira, fidalgo da casa real; Ascenço Ribeiro, Pedro Leme, Manoel Preto, Francisco de Alvarenga, e outros (CARTORIO DE ORPHAOS DE S. PAULO, INVENTARIO DE ASCENÇO RIBEIRO)".

Não creio, entretanto, que essa referencia de Azevedo Marques possa trazer abalada a certeza de que Nicoláu Barreto houvesse perlustrado regiões do sul.

Examinemos bem a questão.

A favor da velha e obsoleta these de Derby, existem os seguintes argumentos:

- a) A orientação dada por dom Francisco de Sousa, ás procuras de metacs scria a região central brasileira, como provam as bandeiras precedentes que fez partir.
- b) A toponimia de "*Paracatu*" contida nos inventarios, a qual é igual do affluente do S. Francisco, em Minas.
- c) A referencia de Azevedo Marques, que fala em Mogy das Cruzes, e no fim do *periodo seguinte* menciona o inventario de Ascenço Ribeiro o qual não foi possível ser encontrado nos archivos paulistas, não obstante as devassas de Washington Luis.

Vejamos agora o que elles valcm.

O primeiro sustentaculo da these de Derby, não parece que deponha muito a favor da direcção norte, porquanto, nessa mesma occasião em que dom Francisco imbuído das idéas de descoberta das minas no centro continental havia tambem uma fortissima corrente que attrahia as ambições paulistas e portuguezas para a mineração nas regiões castelhanas de Potosi, cujo renome de Pactolo inexaurivel reboava por todos os cantos do universo, tanto que de S. Paulo para ahi se dirigiram não poucos moradores levados pela ancia de enriquecer. Antonio Castanho da Silva, nessa occasião passou de S. Paulo a Potosi, por

terra, onde falleceu em 1622. Ora, o caminho para essa região castelhana, nos Andes era mais facil e mais perto pelo Paraguay, todo conhecido e trilhado em varios sentidos, do que pelas ignotas paragens de Goyaz, Matto Grosso e Bolivia. Era, pois, muito possivel que dom Francisco já tendo visto fracassar varias tentativas de descobertas no centro brasileiro, tenha dirigido essa bandeira para o centro de mineração sul-americana, tanto mais quanto, é certo pela carta de 1606, 13 de janeiro, escripta a Lopo de Sousa, pelos da Camara de S. Paulo, ("Registo", VII, III), que a bandeira de Barreto chegára ao Perú.

Assim, pois, não aproveita a these de Derby esse argumento.

O segundo argumento versa sobre a toponimia de *Paracatú*, achada nos inventarios. Mas os portuguezes dessas eras priscas e os aborigenes brasileiros costumavam prodigalizar nomes iguaes a regiões as mais diversas e afastadas, de modo que o *Paracatú* das referencias do inventario visto por Derby, poderia ter sido o nome de um rio situado a muitos milhares de kilometros distante do affluente esquerdo do S. Francisco.

Paracatú, quer dizer rio Grande, rio caudaloso. (V. Montoya "Arte de La Lengua guarani o mas bien tupi").

Não sei se existia qualquer cousa que mais abundasse do que — rio grande — na região de então.

Os rios caudalosos existiam em quantidade e naturalmente por isso os tupis chamam-nos de tal no seu idioma. Era natural, pois, que a designação PARACATU' tambem abundasse.

Sendo assim a identidade da toponimia não soccorre a velha these de Derby que assim se vê desamparada por mais um dos seus sustentaculos.

Restaria a ella, por ultimo, a referencia de Azevedo Marques.

Em Azevedo Marques querem Washington Luis e Taunay ver um historiador dos mais honestos e escrupulosos. Estou de pleno accôrdo com esses doutos perscrutadores do nosso passado, mas o errar é humano, e Azevedo Marques não escapou a isso.

Como outro chronista qualquer, elle tambem errou, e até nesse seu primeiro periodo referente á bandeira de Nicoláu Barreto topa-se com um erro inicial, que por forma alguma

poderia ter sido baseado no citado inventario de Ascenço Ribeiro. Refiro-me á data da partida da bandeira de Nicoláu que foi em setembro, e não em agosto, como elle affirma quando os bandeirantes ainda são assinalados em S. Paulo, se aprestando para a sahida.

Assim, pois, a autoridade de Azevedo Marques, não é intangivel; pelo contrario.

Além disso, ainda ha o seguinte: teria de facto Azevedo Marques encontrado no inventario de Ascenço referencia á partida da bandeira de Nicoláu em direcção a Mogy das Cruzes?

Primo, em 1602, o agrupamento humano que deu origem a Mogy das Cruzes, não tinha esse nome, sendo conhecido por N. S. das Cruzes de Mogy-Mirim, como rezam os documentos.

Depois, não parece que Azevedo Marques nessa sua referencia á bandeira de Nicoláu Barreto, tenha invocado o inventario de Ascenço, tanto a direcção de Mogy das Cruzes tomada pela bandeira, mas sim unicamente em relação ao que dizia sobre os nomes dos componentes da bandeira. O inventario de Ascenço não se referiria á direcção de Mogy, e sim unicamente accusava uns poucos de nomes paulistas como companheiros da expedição.

Um exame attento do texto de Azevedo Marques isso denuncia com clareza, porquanto esse texto tem dois periodos distinctos:

um que diz: ter Nicoláu partido em agosto de 1602, em direcção a Mogy.
outro perfeitamente separado do primeiro, por um ponto final, diz que: dessa bandeira fizeram partes e taes nomes, em apoio do que cita o inventario de Ascenço.

Assim, pois, o primeiro periodo que diz ter Nicoláu e a sua gente tomado a direcção de Mogy, é fructo unicamente do modo de encarar a bandeira, por Azevedo Marques, que possivelmente tendo já visto os inventarios de Braz Gonçalves e de Manoel de Chaves, com os nomes de Guabihí, e de Paracatú, precedeu a Derby, no querer orientar a bandeira para o affluent do S. Francisco. Teria sido uma méra opinião.

O segundo periodo, sim, esse repousa em um documento, do inventario de Ascenço. Talvez um testamento, assignado como testemunhas pelos nomes que Azevedo Marques reproduz.

De nenhum valor, pois, é essa referencia de Azevedo Marques para sustentaculo da these de Derby, que assim sendo fica sem uma base séria.

Quanto aos argumentos que sustentam a minha thèse, parecem bem asseguradores da direcção sudoeste tomada pela empreitada de Barreto.

A carta escripta a Diogo Botelho tem a data de 18 de julho de 1603, o que quer dizer que, dez mezes após a partida da bandeira, em S. Paulo já se sabia que ella tinha passado o Pequiry. Ora, para a noticia da passagem do Pequiry ter chegado a S. Paulo (a uma distancia de 800 kilometros das reduções do alto Pequiry), seria preciso que essa passagem se tivesse effectuado pelo menos tres mezes antes de 18 de julho de 1603, isto é, o mais tardar em meados de abril, Nicoláu Barreto teria passado pelo caminho do Pequiry. Ora, os documentos do inventario de Manoel de Chaves, accusam a bandeira no sertão de Paracatú, em 4 de abril de 1603, o que quer dizer que o Paracatú dos inventarios não podendo deixar de ser ao sudoeste e não o affluente do S. Francisco, talvez seja o proprio Paraná, que os portuguezes chamavam de rio Grande, o que, após Montoya, traduzido para o tupi seria Paracatú.

Eis, pois, que com tudo isso, continuo na certeza de que Nicoláu Barreto não seguiu na esteira de André de Lião, tomando sim uma direcção opposta. Isto elle fez com o fito de procurar metaes em outras regiões, talvez nas proximidades de Potosi, como fizera Antonio Castanho da Silva, ou com o fim de buscar indios, como indica a carta escripta a Diogo Botelho, e affirma o padre Mansilla van Surck.

CAPITULO VI

BANDEIRAS CONTRA OS INDIOS BILREIROS. —BELCHIOR DIAS CARNEIRO E MARTIM RODRIGUES (1606-1609).

Em 1604, apontou finalmente em S. Paulo, na segunda metade do anno, a valente tropa de Nicoláu Barreto. Foi tão grande o esforço feito com essa bandeira que os paulistas, como que extenuados, repousaram durante o resto de 1604, todo o anno de 1605, para sómente em agosto de 1606 voltarem de novo com a sua actividade no bandeirismo. Pelo menos silenciam os documentos e calam-se os chronistas a respeito de qualquer empreendimento durante esse periodo de tempo (14).

E' que, Nicoláu Barreto havia feito, com a quasi totalidade da população mascula de S. Paulo do Campo, uma gigantesca caminhada, cujo ponto mais longinquo andou, por certo, a centenas de leguas da pequena villa recémfundada.

(14) E' possível que, sendo grande o numero de indios apresados pela expedição de Nicoláu Barreto, os paulistas passassem largo tempo sem que lhes obrigasse a novas correrias apresadoras, a necessidade de braços para suas lavouras. Dahi não terem comprehendido nada no bandeirismo senão annos depois.

A vida administrativa de S. Paulo ficou, durante os dous longos annos em que a bandeira esteve no sertão, quasi completamente paralyzada. A tal ponto isso aconteceu que, em 1604, se resumiu ella a apenas tres vereações do mez de janeiro.

Em agosto de 1606, tem-se noticias de que Diogo de Quadros (membro da familia dos Quadros, não mencionado por Silva Leme. "*Genealogia Paulistana*", v. IV) se aprestava para ir ao sertão com bandeira. Apesar de todos os protestos, platonicos e fingidos, seja dito de passagem, dos officiaes da Camara paulistana, em dezembro do mesmo anno estava elle: "*fazendo guerra aos gentios contra a ordem e regim. de sua mgde...*". ("*Actas*", vol. II, 161 e 169).

Diogo de Quadros foi aos carijós, como se vê em "*Registo*", v. VII, 151.

Em principios de 1607, voltava do Guayrá o capitão Manuel Preto, trazendo do caminho de Villa Rica indios apresados para a sua fazenda de N. S. da Expectação (hoje N. S. do O'). ("*Actas*", V. II, 184), e em fevereiro desse mesmo anno avia-se em S. Paulo muita gente, "*que hya ao sertão carijó ao resgate e tendas de fereiro*".

No mez de março, sempre do anno de 1607, a actividade irrequieta dos paulistas se accentuava com o mameluco Belchior Dias Carneiro (*Invent. e test.* vol. II, 114, testamento de Belchior), que arregimentando cerca de "*corenta ou cincoenta homes branquos com os quaes forão mta. parte dos indios desta vila e gastarão la dous anos, e não são chegados ainda e os que chegarão trouxerão mt.º gemtio... e aqui estava hu mädado do capitão gaspar conqr.º que luogo se apresentou em*

que manda fosse toda a jente da jornada trazida conforme a provizão de sua magestade por belchior carn.º do sertão (“Actas”, v. II, 235).

E’ a bandeira muito conhecida de Belchior Dias Carneiro, que nesse mez de março de 1607 partiu em demanda ao sertão dos indios “bilreiros”, conforme se vê do inventario do mesmo (“*Invent. e tests.*”, v. II, 196 e 197), onde se encontram no ról das dividas do finado as seguintes peças elucidativas:

“Mais a meu sobrinho Domingos Fernandes (o fundador de Itú), um capote de crize azul para dar ao princ... BILREIROS”.

e adeante

“e mais um facão para lhe comprar uma peça dos BILREIROS, a qual peça elle tem em seu poder por nome Guagaróba”.

Fica, pois, certo que Belchior Carneiro chegou ao habitat dos bilreiros, de onde trouxe a sua bandeira indios apresados dessa nação.

Dentre os quarenta ou cincoenta companheiros de Belchior, consegui identificar os do seguinte ról, graças ao inventario procedido no sertão, por fallecimento do chefe.

Capitão Belchior Carneiro (cabo da tropa), Antonio Raposo, o velho (immediato), João Moreira, Manuel Ribeiro Boito, Paschoal Delgado, Manuel Rodrigues,

Matheus Luiz Grou, Luiz Eanes Grou, Mathias Gomes, Manuel Requeixo, Estevam Raposo, o moço, Domingos Barbosa (Calheiros) (?), Miguel Gonçalves, Jeronymo Gonçalves, Lourenço Cabreira.

O fallecimento de Belchior se deu em junho de 1608, tendo assumido o commando da expedição, Antonio Raposo, o velho. Em fins de dezembro de 1608 deu elle entrada em S. Paulo com parte de sua gente, sendo que o restante da bandeira, como se vê do texto supra citado (*“Actas”*, V. II, 235), permaneceu no sertão até 15 de fevereiro de 1609, data em que aportou ao povoado.

Quanto ás regiões percorridas por essa expedição de devassadores do sertão, o eminente historiador Washington Luis, na sua brilhante monographia de Antonio Raposo Tavares, *“Revista do Instituto Hist. de S. Paulo”*, vol. IX, 487, falando de Antonio Raposo, o velho, sem attender ter a bandeira attingido os “bilreiros”, asseverou ter ella explorado o alto S. Francisco em Minas.

Os indios “bilreiros”, entretanto, parece-me que não moravam junto ao grande rio de Minas Geraes.

A respeito dessa tribu gentilica, tenho estudado duas versões, para sua localisação, e dahi concluir quaes as regiões attingidas por Belchior e sua bandeira.

Segundo uma dellas, registrada por Gentil de Assis Moura (*O Caminho do Paraguay e Santo André da Borda do Campo*, 15), tendo assento em Simão de Vasconcellos, “liv. I, n. 171”, os “bilreiros”, eram os mesmos que os “Ibirayaras”, localisados ao sul do curso do Tieté. Os mesmos, diz

Gentil de Moura, que foram encontrados por Ulrico Schmidel, antes de sua chegada a Santo André da Borda do Campo.

Segundo essa versão, muito proximo a São Paulo deveria ficar a tribo, alvo da incursão de Belchior, o que não justificaria os dous annos de permanencia no sertão, por parte da expedição. A favor dessa hypothese, porém, milita uma referencia encontrada no inventario de Bernardo Bocado (*"Invent. e test."*, vol. XV, 181), que diz: "*em Capivary na estrada velha do sertão que vai para o sertão dos Bilreiros*".

A outra hypothese, aliás a mais provavel, é a que está assente em um documento do padre Antonio Raposo, reproduzido pelo grande Basilio de Magalhães (*"Rev. Inst. Hist. Bras."*, tomo esp. V. II, 85), segundo o qual os indios em questão eram localizados sobre o Tocantins, tendo os mesmos luctado contra a bandeira de Sebastião Paes de Barros em 1674, que por elles foi anniquilada. Eram indios de extrema ferocidade, tendo como vizinhos os Aroaquins.

A se ter em conta essa versão como a verdadeira, teria sido enorme o percurso da léva de Belchior Dias Carneiro (15).

(15) Consegui conciliar essas duas versões sobre a localisação dos "bilreiros", após haver lido magnifico trabalho, de assignatura do ethnographo dr. Rodolpho Garcia, e constante do I vol. do "*Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico*", editado pelo Inst. Hist. Brasileiro.

Nesse estudo, a pag. 261, o dr. Garcia diz que os "bilreiros" eram os mesmos que os caiapós, conhecidos dos tupis pelo nome de Ubirajaras (Ibirayaras), localizados entre o rio Paraná e as cabeceiras orientaes do Paraguay.

Ora, os caiapós, como evidencia a serra desse nome, até hoje conservado, se extendiam pelas divisas actuaes de Matto Grosso

Após esse arranco, no mez de agosto de 1608, Martin Rodrigues Tenorio de Aguiar, registrado por Silva Leme, como Martin Fernandes (*"Geneal. Paulistana"*, tit. Tenorios), iniciou, pelo Anhemby abaixo, uma entrada, para a qual tinha aviado varias dezenas de bandeirantes, dentre os quaes:

Antonio Nunes, Balthazar Gonçalves, Braz Gonçalves, o velho, Diogo Martins, João de Santanna, João Paes, Manuel de Oliveira e Lourenço Gomes de Ruxaque, (*"Invent. e test."*, V. II, 357; V. III, 255; v. IX, 23).

Partiu essa expedição, com evidentes signaes de se destinar aos bilreiros, em seguimento das pégadas da gente de Belchior Carneiro, conforme rezam os textos documentaes.

Entretanto, infeliz, deveria ser o agrupamento de paulistas seguidores de Martin, pois, segundo se depreheende, foi elle victima da ferocissima

e Goyaz, não só na bacia Parano-Paraguaya, como na do Araguaya-Tocantins, ás margens do rio das Mortes, onde Sebastião Paes de Barros com elles foi lutar.

Toda essa região goyano-mattogrossense do divisor das aguas do Paraná, Paraguay e Araguaya, deveria ter sido percorrida pelas bandeiras de Belchior Carneiro, Martin Rodrigues e as que mais tarde marcharam contra os "bilreiros".

Eis, pois, conciliadas as duas hypotheses, que á primeira vista pareciam divergentes, só por ter Gentil de Moura se baseado em Simão de Vasconcellos, que localizou os Ibirayaras ou Ubirajaras, no curso do Tieté, até onde deveriam chegar nas suas correrias sendo, porém, verdade, que elles moravam mais para o noroeste.

Felizmente, o dr. Garcia, no seu trabalho citado, forneceu optimos elementos, com os quaes penso ter clareado a questão.

tribu do Tocantins. Até ao anno de 1612, quatro annos após a partida, não havendo em S. Paulo noticia alguma a seu respeito e não havendo chegado nenhum expedicionario, bem como correndo na villa rumores de que todos haviam perecido, foram procedidos os inventarios dos bandeirantes seus componentes (*"Invent. e test."*, vols. cit.).

E' possivel, porém, que, mais tarde, tenham surgido em S. Paulo alguns dos devassadores do sertão, do rol da bandeira de Martim, escapando á destruição, pois os nomes de Braz Gonçalves, o velho, e Balthazar Gonçalves appareceram mais tarde, em muitos documentos officiaes e em muitos arrolamentos de bandeirantes de outras expedições. Não foi, porém, a bandeira de Martim Rodrigues a ultima a penetrar junto aos bilreiros, como teremos occasião de ver (16).

(16) E' possivel tambem que a designação de "bilreiros" fosse attribuida a varias tribus indigenas, localisadas em regiões differentes.

— Este Martim Rodrigues foi casado com Suzanna Rodrigues e antepassado de bandeirantes famosos, entre os quaes Manoel Borba Gato e os Rodrigues de Arzão.

CAPITULO VII

DIVERSAS EXPEDIÇÕES AO SERTÃO — BANDEIRAS DE LAZARO DA COSTA E DE ANTONIO PEDROSO DE ALVARENGA (1610-1613)

Em seguida ás bandeiras de Martim Rodrigues Tenorio e de Belchior Dias Carneiro, durante todo o anno de 1609, não consegui encontrar referencia alguma a qualquer expedição ao sertão.

No anno seguinte, porém, de 1610, em outubro, encontro Clemente Alvares e Christovam de Aguiar, e Braz Gonçalves (o mesmo que acompanhou a bandeira aniquilada de Martim Rodrigues, aos “bilreiros”), a ponto de penetrar no sertão dos “carijós”, pelo porto de Pirapitinguy (Tieté), conforme se vê de um protesto, aparentemente energico, dos officiaes da Camara paulistana, publicado em “*Actas*”, vol. II, 278.

E' inutil dizer que os paulistas pouco se incommodavam com esses protestos e ameaças, feitos unicamente *pro-forma*, e transgredidos pelos seus proprios autores, segundo se pôde observar nos documentos municipaes.

Antes do anno de 1611, em data que exactamente não consegui precisar, João Pereira (?),

realizou uma entrada contra os índios “bio-bébas” (pés chatos), cujo “habitat” constitue um mysterio para os nossos ethnographos.

E’ de suppôr, porém, que elles fossem os mesmos que os “pés largos”; nem assim, porém, se adeanta em saber algo da região por elles occupada.

Foi nesse anno de 1611, que teve logar a bandeira chefiada por Pero Vaz de Barros, no Guayrá, sob as instigações de d. Luiz de Sousa. Varios historiadores, que se têm occupado do bandeirismo paulista, ao referir a essa expedição, attribuem-n’a erradamente a Fernão Paes de Barros, filho, dos mais moços do supra citado commandante. Fernão Paes de Barros nasceu em 1623, conforme se vê do inventario de sua mãe Luzia Leme (*Invent. e tests.*”, vol. XV, 409). (Basilio de Magalhães e Gentil de Assis Moura “*Rev. Inst. Hist. Bras.*”, tomo especial, vol. II) (17).

O sabio mestre Affonso Taunay a ella se refere magnificamente, ao commentar, pelo “Correio Paulistano”, a documentação hespanhola, sobre as bandeiras paulistas.

Infelizmente não consegui na documentação archival paulista nada sobre essa memoravel expedição.

Nessa mesma occasião ou quiçá pouco antes, Diogo Fernandes chefiou uma entrada contra os “pés largos”, trazendo muitos índios desses apre-sados a S. Paulo (“*Invent. e test.*”, vol. III, 60).

(17) Diz Basilio de Magalhães, loc. cit., que tal bandeira attingiu o Paranapanema, em fins de outubro de 1611, saqueando o povo do morubixaba Taubiú, arrebatando dahi cerca de 800 familias.

Sebastião Preto, um dos mais esforçados sertanistas do "clan" dos Pretos, em São Paulo, dos mais formidáveis no devassamento dos sertões, no anno de 1612, estava tambem internado no Guayrá, segundo menciona o insigne Basilio de Magalhães, loc. cit., e proficientemente estuda Taunay, sempre no "Correio Paulistano" (18). Ainda quanto a essa expedição não ha referencias nas publicações officiaes dos nossos archivos seiscentistas, sendo que tudo, quanto se sabe, a seu respeito se baseia na documentação hespanhola.

Antes de findar o anno de 1612, Garcia Rodrigues Velho, o filho de Domingos Gonçalves da Maia, e neto do casal de povoadores Garcia Rodrigues e Izabel Velho, á frente de uma bandeira, emprehendeu nova viagem aos indios "bilreiros".

Possivelmente em sua companhia teriam fallecido Diogo Martins Machuca, finado em abril de 1613 ("*Invent. e tests.*", vol. III, 451), e Balthazar Alvares. A bandeira de Garcia demorou-se largo tempo no sertão, tendo dahi tornado em fins de novembro de 1613 ("*Actas*", vol. II, 343).

Para os sertões sulinos, contra os sempre irrequietos carijós, partiu o capitão Lazaro da Costa, nos meados de 1615, com grande accompanha-

(18) Diz Basilio de Magalhães, loc. cit., que Sebastião Preto, em agosto de 1612, prendeu cerca de 900 indios e que com elles vinha de volta para São Paulo, quando o governador de Ciudad Real foi, em forças superiores ao encalço do paulista e retomou-lhe 500 dos guaranis apresados, dos quaes a metade fugiu para de novo se juntar aos paulistas.

Isso quer dizer que os guaranis preferiam os paulistas aos castelhanos.

Onde estaria então a crueldade dos sertanistas?

mento de paulistas e índios mansos. Dentre os componentes dessa expedição sabem-se os seguintes nomes:

Capitão Lazaro da Costa, capitão Francisco de Siqueira, Balthazar Gonçalves (o mesmo que acompanhou Martim Rodrigues aos "bilreiros" em 1608?), Francisco Nunes Cubas, Alonso Perez Callhamares, Pero da Silva, Romão Freire, Aleixo Jorge, Simão Fernandes, João de Sousa, Manuel Rodrigues, Luiz Delgado, Gaspar dos Reis, Martim do Prado, Felippe de Véres, Francisco Alvares, e Pero Sardinha, (*Inventarios e Testamentos*, vol. III, 394, invent. no sertão de Pero Sardinha, e vol. IV, 435, invent. de Martim do Prado).

A bandeira em dezembro estava no sertão dos "carijós", como se vê do testamento de Pero Sardinha. Isso, infelizmente, nada adianta sobre o ponto aproximado, onde se poderia encontrar nessa ocasião a expedição, pois que o "sertão dos carijós" abrangia vastíssima extensão territorial, desde as cercanias ao sul de São Paulo até à Lagoa dos Patos, no Rio Grande.

O mappa das bandeiras, do Museu Paulista, de autoria de seu director, o insigne Taunay, assignala a bandeira de Lazaro, em Sta. Catharina.

Parece-me ter ella voltado a São Paulo em abril de 1616, visto como nessa data ahi foi feito o inventario de Sardinha. A bandeira de Lazaro da Costa, quer me parecer foi a continuação dos

esforços feitos por Pero Vaz de Barros e Sebastião Preto, alguns annos antes, contra a fatidica linha de Alexandre Borgia.

Contemporaneamente á arrancada supra mencionada, orientada, porém, em direcção completamente opposta, partiu de São Paulo em 1615 uma importante léva sob o mando do capitão Antonio Pedroso de Alvarenga, o mesmo sertanista da bandeira de Barreto, onze annos antes. Dirigiu o notavel bandeirante a sua tropa para o planalto central de Goyaz, attingindo o curso do Tocantins e seus affluentes, em Goyaz, onde ao norte era chamado sertão de "Parahupava". Assim menciona-a Pedro Taques, que tambem affirma ter ella penetrado 300 leguas longe de São Paulo.

Muitos dos que se têm occupado dessa léva têm formulado duvidas a proposito do sertão de "Parahupava", o qual querem confundir com "Parahopéba" em Minas, limitando assim de muito o percurso da expedição (Diogo de Vasconcellos; "*Hist. antiga de Minas Geraes*") (19). A razão parece estar com o portentoso linhagista, como já vimos por occasião de estudar a bandeira de Domingos Rodrigues, que dezeseis annos antes havia perlustrado o "Parahupava" e ahi apresado indios "*guayazes*". Graças aos inventarios dos bandeirantes Francisco de Almeida e Pedro de Araujo, fallecidos no sertão ("*Invent. e tests.*", vol. V, 149 e 173), organizei a seguinte nominata:

(19) O sertão do Parahupava talvez fosse o margeante ao rio desse nome, affluente esquerdo do Tocantins, quando esse caudal separa o Maranhão do Pará, já bem perto da sua fóz, junto á serra de Surubiá.

Capitão Antonio Pedroso de Alvarenga (chefe), Pero Domingues (creio ser o primeiro deste nome), Francisco Roiz da Guerra, Francisco de Baldim, Diogo Barbosa do Rego, Francisco Dias Pinto, Gonçalo Gil, Vicente Alvares, Pedro Alvares, Francisco Preto, Ascençõ Luiz Grou, Francisco Duarte, Miguel Gonçalves Correia, Alonso de Gaia, Chrisostomo Alvarez, Manuel da Fonseca, João Fernandes, Raphael Dias, Domingos Marques Requeixo, Melchior de tal, Lourenço Rabelo, Pero de Araujo e Francisco de Almeida (estes dous ultimos falleceram no sertão e eram cunhados do capitão (20).

Sahida a bandeira de São Paulo na primeira metade de 1615, em abril de 1616 attingia ella o "*Parahupava*" (testam. de Pero de Araujo, loc. cit.), onde permaneceu até dezembro de 1617, quando falleceu Pero de Araujo, sendo inventariado, summariamente (loc. cit.).

Em junho de 1618, tres annos depois de ter partido, chegava novamente a bandeira a S. Paulo, pois só nessa occasião foi acostado o testamento de Araujo, feito no "*Parahupava*".

Este notabilissimo feito, na historia das bandeiras, concomitante com a expedição de Lázaro da Costa, veio demonstrar a crescente pujança offensiva da gente paulista que, simultaneamente, dirigia golpes ao sul e ao norte.

(20) Grande parte desses nomes são constantes do monumental trabalho de Silva Leme, e são de ascendentes de milhares de paulistas de hoje.

Após essa bandeira de Pedroso, desaparecem por alguns annos as referencias ás entradas sertanistas, na documentação archival paulista.

Nada encontrei referente ao anno de 1618, nem tão pouco a 1619, a não ser um ensaio, por ordem de Gaspar Correia de Sá, ouvidor e capitão mór da capitania de São Vicente, para que fossem frei Thomé e Manuel Preto á descoberta das "*pedras de iocoatheigebira*" (?) ("*Actas*", vol. II, 413). Esperando, porém, os officiaes camaristas a confirmação da ordem por parte de Salvador Correia de Sá, não sei se de facto teve logar esse empreendimento.

Ainda nesse anno, combinando as chronicas paulistas com as jesuíticas do padre Pastell's, Basilio de Magalhães ("*Revista do Instituto Historico Brasileiro*", tomo especial, vol. II, 98), assigna-la o mesmo capitão Manuel Preto, tirando "*grandes contingentes de indios das aldeias de Jesus-Maria e Sto. Ignacio*", no Guayrá.

Logo ao inicio do anno immediato, entretanto, encontra-se a assembléa municipal dando a commissão a José Preto (irmão de Manuel), para que fosse, com quatro homens, notificar a Simão Alvares e sua comitiva para que não sahissem ao sertão, como se preparavam. Creio não ter sido obedecida essa notificação ("*Actas*", vol. II, 424).

Nada diz o texto examinado, sobre o pretendido destino de Simão Alvares, mas é provavel se tratasse de uma expedição ao Guayrá, onde começavam a se concentrar as ambições paulistas.

"Deviam ser constantes as arremettidas dos caçadores de escravos no rumo do sul, por toda a

segunda década do século XVII” diz Basilio de Magalhães, loc. citada, porquanto a 5 de julho de 1619 (vide “Rev. do Instituto Hist. de S. Paulo”, V, 185), era expedido um alvará regio mandando tirar devassa “aos culpados de fazer entradas ao sertão de Patos a resgatar gentios”.

CAPITULO VIII

BANDEIRAS DE HENRIQUE DA CUNHA GAGO, O VELHO, DE SEBASTIÃO PRETO E DE MANUEL PRETO (1623-1624). — OS HOLLANDEZES NO NORDÉSTE. — REPERCUSSÃO EM SÃO PAULO DA TOMADA DA BAHIA. — PRÓDROMOS DA CONQUISTA DE GUAYRA' (1627).

São por completo isentos de referencias sobre o bandeirismo os nossos documentos archivaes, dos annos de 1621 e 1622. Isso não se dá, porém, com os de 1623, nos quaes se encontram algumas passagens dignas de menção.

Em começos de 1623, partiram de São Paulo muitas expedições ao sertão, deixando a villa desprovida da sua população mascula, como se vê pela acta da vereação de 1.º de julho desse anno. (“*Actas*”, v. III, 41).

“... que esta villa estava despejada pellos moradores serê idos ao sertão, pela qual rezão se não podia fazer o caminho do mar per não aver gente pera o poder fazer cõforme esta mandado...”

De facto, diversas são as referencias encontradas em outros documentos, denunciando essas expedições, que arrebanharam para fóra da villa a maioria de seus homens.

Em novembro desse anno encontra-se internada no sertão dos "carijos", provavelmente no Guayrá, uma bandeira, da qual fazia parte Henrique da Cunha Gago, o velho, o mesmo da expedição de Nicoláu Barreto, vinte annos antes.

Falleceu Henrique da Cunha Gago nesse sertão dos "carijós". Escreveu elle, nos seus ultimos instantes, o testamento, graças ao qual consegui saber dos seguintes paulistas, seus companheiros:

João Gago da Cunha (filho do fallecido) e seu genro Jeronymo da Veiga; Matheus Luiz Grou (intrepido mameluco); Jeronymo Alves, Diogo Barbosa do Rêgo e João de tal ("*Invent. e tests.*", V. I, 215).

Infelizmente, não foi feito o inventario summario do bandeirante fallecido. Isso teria, sem duvida, assinalado um numero maior de expedicionarios, e trazido bem melhores informes a respeito da léva. Fica-se na ignorancia, até do nome do cabo maior da expedição.

Pouco tempo antes da empreitada supra mencionada, Sebastião Preto, notabilissimo sertanista, do qual tenho já falado, fez parte de uma bandeira, talvez a mesma que a de Henrique da Cunha. Ella é assinalada no sertão dos indios "*abueus*", nome que nada adeanta para o estudo das regiões attingidas. E' o testamento feito pelo

proprio Sebastião Preto, ferido por uma flechada que a marca, (*Invent. e tests.*, V. VI, 73 e 74 (21).

Assignaram como testemunhas esse documento denunciando-se, como componentes dessa léva, os seguintes paulistas:

Pedro Vaz de Barros, Francisco de Alvarenga, Antonio Pedroso de Alvarenga, Raphael de Oliveira, Domingos Cordeiro, Paulo da Silva, Francisco Alvares e Ascenço de Quadros (22).

Tambem não fizeram o inventario summario do fallecido, de fórma que não foi possivel se colher mais detalhes a respeito desse feito. E' porém, muito possivel, e mesmo provavel, ter sido essa a bandeira chefiada pelo capitão Manuel Preto, que, nesse anno de 1623, e principios do seguinte, penetrou no Guayrá, onde atacou varias reduções jesuiticas, capturando cerca de 1.000 indios, que trouxe para São Paulo (Basilio de Magalhães. *Rev. Inst. Hist. Bras.*, tomo esp., V. II, 98); (Pedro Taques, *Nobiliarchia Paulista*).

Em fins de 1623, Fernão Dias Leme, filho do povoador do mesmo nome, e neto de Pero Leme, tambem povoador:

(21) O nome de "abueus" muito se assemelha pela sua terminação aos das tribus guaycurús do Paraguay, conforme se vê do estudo ethnographico do dr. Rodolpho Garcia, no *Diccionario Hist. Ethnograph.*, vol. I, editado pelo Inst. Hist. Bras. Se os "abueus" foram guaycurús, Sebastião Preto teria penetrado no Paraguay ou no sul de Matto Grosso.

(22) Todos esses são nomes bem conhecidos nos capitulos do bandeirismo e além disso constam do grandioso trabalho genealogico de Silva Leme, como sendo ancestraes de milhares de paulistas.

“... queria ir ao sertão e leva consigo segundo se dizia alguns moradores o q era e grande prejuizo deste povo por aver pouqua jente por respto dos moradores estare no sertão...” (indubitavelmente se referindo á gente de Manuel Preto, e bandeiras supra citadas) (“Actas”, V. III, 50).

Não sei se Fernão Dias Leme, tio do futuro governador das esmeraldas, chegou a penetrar no sertão, nem se outra bandeira, que concomitantemente se organisava, sob o influxo de Paulo do Amaral, Francisco Roiz da Guerra, Antonio Peres, Alonso Perez Guimarães e Jorge Rodrigues Deniza (loc. cit. “Actas”), conseguiu sahir do povoado.

Em dezembro de 1623, as bandeiras citadas acima, as de Sebastião Preto, Henrique da Cunha Gago e Manuel Preto, ainda não haviam chegado ao povoado paulistano, conforme se vê pelo documento seguinte, constante do vol. III, pag. 14 da “Actas” :

“... pera iso por estar tudo êbarcado e a jente no sertão” (23).

Teriam levado muito tempo essas expedições palmilhando os sertões agrestes na lucta homerica contra os elementos naturaes e na derrocada

(23) Aliás, não era época ainda da volta dos sertanistas ao povoado. O que se nota é que as bandeiras costumavam partir para o sul no fim do inverno e só volviam nove, dez mezes, ou mais, depois.

das possessões castelhanas, pois, ainda em 10 de fevereiro de 1624, não haviam ellas tornado a São Paulo, como attesta o seguinte documento:

“q inda a jente não era toda chegada do sertão q é elles vindo se faria o dito caminho e pontes (“Actas”, vol. III, 84).

Em abril de 1624, porém, encontra-se em S. Paulo, o capitão Manuel Preto, bem como muitos dos paulistas, companheiros de Sebastião Preto, da lista acima, assignando uma carta, na assembléa popular. Era um protesto indignado, contra uma provisão do governador, sobre os quintos, dizimo que elle queria impôr sobre o numero de indios recentemente trazidos do sertão, esses mesmos que os signatarios sertanistas nomeados apre-saram nas entradas acima referidas (“Actas”, V. III, 101).

Após esses feitos, succedeu, em S. Paulo, uma subita paralyzação, nas entradas ao sertão, determinada pela gravissima crise politico-militar que, então, em meados de 1624, empolgava todas as colonias luso-hespanholas.

Os flamengos, no Nordéste, haviam, em um golpe de força, se assenhoreado da cidade da Bahia, pondo em polvorosa todas as colonias.

Reflecte-se esse acontecimento em S. Paulo, por meio de um mandado do capitão-mór, Alvaro Luiz do Valle, pelo qual:

“... em vista da tomada da Bahia pelos hollandezes, onde prenderam o governador com esquadra de 50 vélas tra-

tando da defeza da capitania não havendo mais de 5 arrobas de polvora, e muito pouca gente na Capitania com muitos delles homisiados procurem, os officiaes da Camara saber quem tem chumbo e polvora bem como os capitães não deixem sahir gente para o sertão obrigando a gente de armas a se aprestar para a defeza da Capitania mandando ir perante si todos os que tenhã ido o sertão sob pena de serem havidos por traidores de sua Magestade ("Registo", V. I, 457).

Assim, ficaram os paulistas inactivos no bandeirismo. Occupavam-se com o continuo chocalhar de suas armas, nas constantes idas e vîndas pelo "Caminho do Mar", ao menor rebate de inimigo na costa. Procedeu-se, com aqodamento, á mobilização e concentração da população mascula, pondo-se á frente della, arregimentada e dividida em companhias, os capitães Manuel Preto, Antonio Pedroso de Alvarenga, André Fernandes e Fradique de Mello Coutinho, ("Actas", III, 142), Salvador Pires de Medeiros, chefe dos aventureiros e Pedro Vaz de Barros, (loc. cit., III, 136), ("Actas", V. III, 142). Todos esses eram formidaveis sertanistas, autores das mais notaveis façanhas do bandeirismo seiscentista. Deveria ter sido bem numerosa a força mobilizada e armada, pelos paulistas, para a defesa da Capitania, contra qualquer tentativa flamenga, na costa, pois que, só na villa de São Paulo, existiam para mais de duzentas e cincoenta armas de fogo ("Actas", vol. III, 139), além de muitos milhares de indios de arco e flecha. Isso constituia um grande e po-

deroso contingente bellico. Elle apparecerá ainda maior se tivermos em conta a qualidade da tropa, que era excellente e aguerrida nas entradas ao sertão e luctas contra o gentio.

Nesse estado de cousas decorreu o tempo, sem que os moradores de São Paulo pudessem pensar na sua occupação favorita, até que em 1627, quando a pressão flamenga (24), já afrouxada na Bahia com a retomada da cidade por Fradique de Toledo Osorio, repercutiu em São Paulo houve um recomeço de actividade, entre os incorrigiveis batedores das selvas.

Em outubro desse anno de 1627:

“os ispanois de villariqua e mais povoaos vinhão dentro das teras da croa das teras de portuguell e cada ves se vinhão aposuando mais dellès de sendo todo o gentio que esta nesta coçroa... (“Actas”, vol. III, 282).

Não queriam os paulistas se capacitar da estreita união entre os duas coroas peninsulares e sempre traziam de olho os inimigos seculares da estirpe. Serviu essa noticia de incentivo para a proxima campanha de aniquilamento de jesuitas e hespanhóes no Guayrá, visto como Antonio Raposo Tavares e Paulo do Amaral começaram, nessa mesma occasião, a aliciar gente e organizar bandeira.

(24) E' preciso ficar recordado que os paulistas então organisaram e fizeram partir para a Bahia um corpo de auxilio, que se bateu desde o Espirito Santo, onde desembarcou, contra o inimigo hollandez.

Os officiaes da Camara paulistana porém, dominados ainda pelas severissimas medidas adoptadas, durante o periodo do terror flamengo, expediram logo ordens de prisão contra os organizadores de expedição:

“prender Ato. raposo tavares e paullo do amarall por serem amotinadores deste povo e mandarem allevar gente pa. iren ao sertam... (“Actas”, vol. III, 281).

e adeante:

“... não nos podendo prender lhe tomarão a pollvora e xumbo que levão, os coais irão até o termo de maraxubava.

... e assin prendera a todos os mais que achar que vão a sertam... que estão em Cajuha, no currall dos padres...”
(loc. cit. “Actas”).

Eis como fracassou a primeira tentativa de Raposo Tavares para a organização da formidável bandeira, que, com Manuel Preto, um anno depois, partiu de São Paulo, para o aniquilamento das reduções do Guayrá e expulsão dos castelhanos do territorio que hoje é o Estado do Paraná.

São, pois, a meu vêr, os pródomos da grande arrancada.

CAPITULO IX

GUAYRA

A fundação da Companhia de Jesus determinou a vinda para a America do Sul dos padres loyolanos.

A parte portugueza, como a parte hespanhola, recebeu essa gente.

Sabemos todos da acção benefica inicial dos jesuitas em S. Paulo.

Conhecemos todos o muito que fizeram os vultos notaveis de Nobrega e de Anchieta.

A norma de proceder delles, porém, era, impedir a escravisação, o apresamento do indio. Com isso, era fatal, foram-se collocando em atricto com os paulistas. Dahi as luctas entre os paulistas e os jesuitas do planalto piratiningano, as quaes tanto reboaram nas arcadas soturnas da nossa historia.

Era porém, fóra da região paulistana que a lucta entre paulistas e jesuitas deveria se desenrolar com mais fragor.

Os jesuitas hespanhoes haviam pelo rio Paraná arriba se estabelecido no territorio do Paraguay e dahi se passaram ao territorio do Guayrá,

que é o do Estado do Paraná, já na segunda metade do quinhentismo.

Pela catechisação das tribus guaraníticas, os jesuitas foram reunindo uma enorme massa de índios, uma população aborígena que se expandia em grande crescendo.

As reduções, que eram aglomerações de população indígena se multiplicavam prodigiosamente em expansão para leste, que fazia prever para breve uma chegada delles ao Atlantico.

Isso seria uma ameaça tremenda para S. Paulo e todas as colonias lusitanas.

Se S. Paulo não fosse engulido nessa avançada para o Atlantico, toda expansão dos paulistas para o sul e para oeste seria impedida e cortada.

Varias possibilidades se desenhariam com a expansão para léste dos jesuitas, guaranis e castelhanos.

O Paraguay com acesso ao Atlantico, crescia de tal modo que se agigantaria debruçado sobre os nucleos luso-paulistas.

Estes, os mais meridionaes do povoamento portuguez seriam esmagados pelos castelhanos que não teriam difficuldades em os absorver. Eram nucleos pequenos e que sem embargo da grande força de resistencia que possuiam eram, pelo numero de seus componentes, uma presa facil para os jesuitas do Guayrá engrandecido.

Os jesuitas, com o crescimento notavel da civilisação que implantavam entre os guaranis, tendiam a formar uma organisação politico-theocratica, a qual tomaria uma formidavel expansão, reunindo comsigo toda a população indígena or-

ganisada e civilisada, e impedindo o povoamento lusitano.

Ora S. Paulo tendia justamente a crescer em sentido contrario. A expansão jesuitica — guarani — castelhana era dirigida para o oriente. Caminhava em direcção ao Atlantico.

A expansão paulista-lusitano-tupi caminhava para o sul e oeste, em direcção ao occidente: — aos Andes.

Essas duas forças, em crescimento deveriam se encontrar. Era uma fatalidade.

Uma dellas deveria vencer a outra.

Uma dellas deveria prejudicar a outra.

A paulista foi a mais forte. A paulista esmagou a outra.

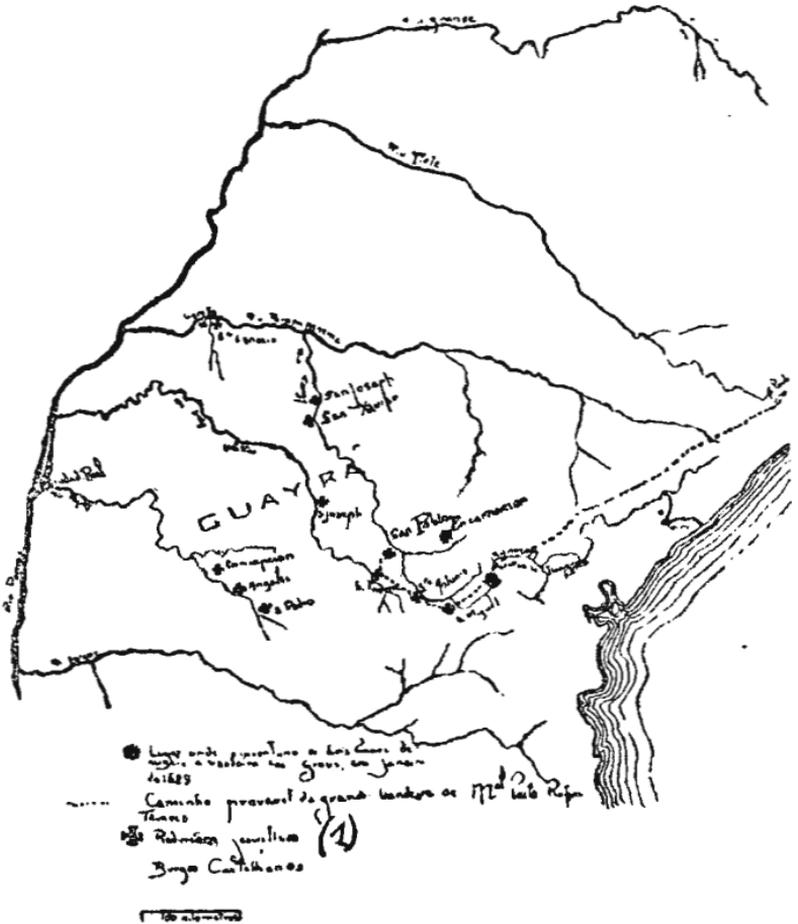
Vemos as consequencias.

O imperio theocratico jesuitico-guarani foi destruido ainda no seu nascedouro. Os limites castelhanos foram contidos na margem direita do rio Paraná. O territorio do Guayrá com todo o sul foi incorporado á expansão lusitano-paulista. Os jesuitas tiveram que se contentar em ficar no Paraguay, que elles chamavam de — "*provincia do Paraná*".

* * *

Esse encontro teve seus prodromos, desde o inicio do seculo.

A bandeira de Nicoláu Barreto, teria sido o primeiro embate se é que as expedições do seculo quinhentista as chefiadas por Jeronymo Leitão e por Jorge Correia já não haviam sido as primeiras escaramuças, dessa lucta que em crescendo deve-



ria no primeiro terço do seiscentismo attingir ao auge.

Em 1628 Antonio Raposo Tavares e Manoel Preto, aquelle, cuja figura lendaria fora nitidamente destacada da bruma confusa, em que promiscuamente vivia entrelaçada e misturada com a outros homonymos, pelo notavel pesquisador Washington Luis; organisaram uma famosa bandeira, que tinha por objectivo a conquista do Guayrá.

Milhares de homens compunham essa expedição gigantesca, com seu estado maior, etc.

Dizem que eram cerca de 900 mamelucos e 2.000 indios dirigidos por 70 paulistas, divididos todos em companhias chefiados pelos grandes nomes da terra como o Capitão Pedro Vaz de Barros, o Capitão Salvador Pires de Medeiros, o Capitão Pedro de Alvarenga, e outros.

Não é meu objectivo estudar essa empreza em suas minucias.

Outros já o fizeram e constitue dos mais notaveis capitulos o que della escreve o eminente Tauxay na sua "*Historia Geral das Bandeiras*" onde se esgota o assumpto.

Fica dito apenas que nessa occasião foi destruida a immensa e admiravel organisação jesuitica do Guayrá.

Os indios foram apresados; os padres expulsos pelo rio Paraná abaixo; o territorio avassalado para a coroa de Portugal.

São os paulistas accusados de cruéis, de assassinos, de escravizadores, etc.

São nesse diapasão as chronicas lamurientas dos jesuitas apaixonados, porque eram parte na lucta.

Não é de se crer muito nessa crueldade.

O objectivo dos paulistas era o apresamento de indios, já mansos das reduções. Não seria intelligente da parte delles a destruição daquillo que ambicionavam anciosamente apresar.

Elles destruiam sim as reduções. Queimavam, incendiavam, arruinavam, arrazavam, etc., mas dahi em se crer em morticinios de indios vae muita distancia.

Não é verosimil que os paulistas hajam assassinado e diminuido a mercadoria que buscavam através de tantas agruras.

Mas, mesmo que fossem verdadeiras as accusações que fazem aos paulistas. Haveria nisso algo que os denegrisse?

Não. Nessa mesma época os puritanos da New England ou os anglicanos da Virginia, usavam a escravatura branca (Laboulaye, "*L'Histoire des États Unis*"). Importavam elles os convictos das prisões europeas e teimavam em não abandonar o famoso supplicio da gaiola. Os catholicos ibericos queimavam os miseros judeus, nas praças publicas da Hespanha e viviam no regimen odioso do "*crê ou morre*".

Logo depois Warren Hastings, culto inglez, fazia as maiores crueldades com os miseros hindús.

Hoje em pleno auge de uma rebrilhante civilização, o que os francezes fazem no norte africano, onde o "bled", annuvia um céu immaculado, com

os seus “biribis”, Dante não viu nos prodígios do “Inferno”.....

Como se exigir de rudes lusitanos e de agres-tes mamelucos, mais humanidade que os compa-nheiros de Pizarro, de Cortez, de Albuquerque etc.?

* * *

Parece que nesse anno de 1629, os paulistas esmagavam as reduções de San Miguel, San Antonio, Jesus Maria, Encarnacion, San Xavier e San José, no alto Tibagy.

Com isto os loyolanos desceram pelo Parapana carregando os restos da sua organização que se esboroava, se refugiando nas reduções de San Ignacio e N. Senhora de Loreto, na foz do Pirapó.

Não escaparam ahi da faina bandeirantista, pois logo os paulistas ahi chegaram e os obrigaram a continuar na fuga.

Não se sabe se a mesma expedição ou se outra em 1632 destruiu as aglomerações do Ivahy e do Pequery com os burgos castelhanos de Villa Rica e de Ciudad Real, cujos habitantes escaparam, graças á interferencia do bispo de Assunción. O que se tem como certo é que nessa occasião Guayrá foi toda varrida pelos paulistas e seu territorio indirectamente conquistado, não para um Brasil então inexistente mas para a Capitania vicentina.

CAPITULO X

GUAYRA' (OUTUBRO 1628 A JULHO 1632)

E' muito sabida já, a famosa bandeira de 1628, commandada por Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares, que destruiu Guayrá, encorporando-a ao nosso territorio paulista.

Já tem sido ella tratada por muitos illustres e dedicados historiadores desde Toledo Piza, Assis Moura e Basilio de Magalhães.

Ultimamente, della se tem occupado, através da documentação hespanhola, o profundo sabedor Affonso Taunay, que tem trazido a publico interessantes resultados de suas brilhantes pesquisas. Conseguiu Taunay, augmentar o numero de expedicionarios, conhecidos em cerca de uma vintena, alem de desvendar grande serie de factos, desenrolados durante a campanha, o que constitue brilhantissimo serviço á causa da nossa historia.

Conhecida assim, como está, a grande expedição de 1628, deixei de repetir o que já está ao alcance de todos, nas muitas publicações que se tem feito a respeito, para só me occupar do que ainda está envolto em mysterio e procurar trazer um pouco da luz da nossa documentação archival publicada. Quero ver se consigo tirar

dahi algum conhecimento novo, que resulte em proveito da verdade historica.

A documentação paulista, porém, pouco adeanta, infelizmente, para o esclarecimento dessa bellissima pagina do nosso passado, mas por outro lado, vem revolver o que já estava assentado, trazendo confusão, na qual, difficilmente, se poderá ver claro.

Vejamos, porém, com methodo.

Na documentação inserta nos "*Inventarios e testamentos*", é de onde vou tirar os poucos esclarecimentos que, directamente, dizem respeito a bandeira de Raposo e Manoel Preto, no que concerne á sua composição.

Nessa publicação documental, encontram-se referencias a uma bandeira internada no sertão de Ibiaguira, cabeceiras do rio Ribeira, a qual, pela extraordinaria coincidencia de datas e de região, estou plenamente convencido, tratar-se de um destacamento da grande bandeira Raposo - Preto, por qualquer motivo um pouco atrazado do grosso da expedição, que então se precipitava pelo Tibagy abaixo.

Quero me referir á bandeira de Matheus Grou ("*Invent. e tests.*", vol. VII, 425).

De facto, a grande bandeira sahiu de S. Paulo a 18 de outubro de 1628, (*Basilio de Magalhães*, "*Rev. Inst. Hist. Bras.*", tomo esp., V. II), devendo ella atravessar a extensa zona que separa S. Paulo do rio Assunguy, (sertão de Ibiaguira). Ahi era passagem forçada, para a penetração na região das reduções do alto Tibagy. De São Paulo ás nascentes do Assunguy medem, em linha recta, cerca de 400 kilometros. Isso quer dizer que a ban-

deira teve a vencer pelo menos 600 kilometros, através de obstaculos naturaes de todo o genero. Devia ella levar para chegar ao seu alvo, pelo menos tres mezes, de onde se conclue que, em janeiro de 1629, devia a expedição estar trilhando as proximidades do Ibiaguira, ou num raio de 50 kilometros, justamente. Nessa região o fallecimento de Luiz Eanes nessa occasião, denuncia a presença da bandeira de Matheus (inicio do inventario de Luiz Eanes 10 de janeiro de 1629). Ha ainda a coincidencia extrema de que bandeirantes, como Antonio Grou, figuram simultaneamente na lista dos companheiros de Manuel Preto, da "*Relacion de los agrabios*", e na bandeira de Matheus Grou.

Existe outro argumento ainda mais notavel e interessante.

E' que Balthazar Gonçalves Malio, fazendo parte da expedição de Matheus Grou, sendo assignalado diversas vezes no inventario sertanejo de Luiz Eanes, sahio de S. Paulo com a bandeira de Manuel Preto, a 18 de outubro de 1628, conforme prova o testamento de sua mulher Jeronyma Fernandes, feito em 5 de janeiro de 1630 ("*Invent. e tests.*", vol. VIII, 237), onde diz:

"..... e porque o dito meu marido de presente está ao sertão na companhia de Manuel Preto..."

Balthazar só apparece no inventario em setembro de 1631.

Não ha, pois, que duvidar terem havido estreitas ligações de organização, entre as duas expedições mencionadas. A ser assim, como se evi-

dencia, a lista dos bandeirantes, conhecidos de Guayrá, pode ser augmentada de vinte e tres nomes identificados:

Pero Domingues (o velho, talvez); Luiz Eanes Grou (sobrinho de Matheus); Matheus Luiz Grou (Cabo da tropa); André Botelho; *Antonio Dias Grou* (tambem na lista da bandeira de Manuel Preto); Domingos Luiz Grou; Antonio Dias de Oliveira; Ascenço Luiz Grou; Manuel de Oliveira; Antonio Fernandes; Miguel Garcia Carrasco; Jacome Nunes; Isaque Dias Grou; Jeronymo Luiz; Bernardo Fernandes; Ruy Gomes Martins; Domingos do Prado; *Balthazar Gonçalves Malio* (marido de Jeronyma Fernandes); Antonio do Prado; Sebastião Rodrigues Velho; João Lopes; João de Oliveira (talvez, Sutil de Oliveira); Antonio da Silva.

Vejamos, agora, o outro lado da questão, em que a documentação paulista vem trazer confusão para o estudo da expedição destruidora de Guayrá.

Apesar de muito estudada, essa bandeira de Guayrá, de 1628, apresenta-se ainda muitissimo obscura.

Não se sabe, por exemplo, qual tenha sido o seu itinerario exacto, na marcha destruidora. Nem se sabe, tão pouco, como se deu essa destruição e conquista.

Teria a bandeira, sahido de São Paulo em outubro de 1628 e permanecido em campanha, no

sertão, até depois de 1630, quando morreu flechado o seu chefe supremo Manuel Preto, para poder em 1631 completar a conquista com a destruição de Villa Rica, reduções do Ivahy, Pequiry e Ciudad Real?

E' um ponto profundamente obscuro, que, diante do que existe a respeito na documentação do archivo municipal de São Paulo, dá a impressão nitida de que a destruição e a conquista do Guayrá não foi obra de uma só bandeira.

De facto, se tivesse sido, não poderiam ter participado da segunda phase da campanha, isto é, da tomada de Villa Rica, e reduções do Ivahy, do Pequiry e Ciudad Real, o que transcorreu no anno de 1632, muitos paulistas constantes da lista da "*Relacion de los agrabios*", os quaes, segundo as actas de vereações do anno de 1630, não arredaram pé ininterruptamente de S. Paulo, taes como: (25)

Antonio Bicudo, Fradique de Mello, Pero Madeira e Antonio Raposo, o velho, os quaes são encontrados em São Paulo desde 25 de janeiro de 1630. ("*Actas*"., vol. IV, 46).

Sebastião de Freitas e Manuel Pires são encontrados em São Paulo, desde 29 de

(25) A tomada de Villa Rica, demonstrou o illustre Taunay, foi em 1632, e Ciudad Real foi desamparada. Os paulistas a acharam deserta.

Então Raposo Tavares estaria em S. Paulo, onde, por ocasião do inventario de sua mulher Beatriz Bicudo, é assignalado.

Não chefiaria elle já os paulistas.

Quem o estaria fazendo?

maio de 1630. (“*Actas*”, vol. IV, 55) e outros como:

Dom Francisco de Lemos, Alvaro Neto, Domingos e Sebastião Bicudo, Onofre Jorge Gaspar Maciel Aranha, Manuel Alvares Pimentel, Mathias Lopes, Manuel Mourato, Pero Moraes Madureira, Bernardo de Sousa, Pero da Silva, Simão Alvares e o proprio *Antonio Raposo Tavares*, que achei assignado vereações desde 17 de junho de 1630, (“*Actas*”, vol. IV. 58).

Tudo isto faz crer que a bandeira partida sob o mando de Manuel Preto e Raposo Tavares em outubro de 1628, logo depois da morte daquelle caudilho, e depois de haver esmagado as reduções do Tibagy, taes como Santo Antonio, San Miguel, Jesus Maria, Encarnacion, San Xavier e San Joseph, bem como as situadas na Paranapanema, (fóz do Pirapó), Santo Ignacio e Loreto, voltou a S. Paulo, onde se encontraram assignadas as vereações, logo no começo de 1630, quer dizer que essa bandeira esteve em campanha apenas de outubro de 1628 a fins de 1629.

Para a destruição de Villa Rica, reduções do Ivahy, Pequiry e Ciudad Real, a meu ver, sahiu outra bandeira de S. Paulo em começo de 1631, ou fim de 1630, chefiada essa pelo intrepido Raposo Tavares. Ella, após as destruições mencionadas, teria passado o Paraná e teria conquistado o “Itati”, com o burgo castelhanao de Santiago de Xerez, voltando a S. Paulo antes de julho de 1632. Ahi Raposo Tavares é novamente assignalado no in-

ventario de sua mulher, Beatriz Bicudo. (*Inv. e Test.*, V. XI, pag. 89 a 95) (26).

A ser verdadeira essa hypothese de duas terem sido as bandeiras conquistadoras do Guayrá, á qual dellas será cabivel a nominata fornecida por Pastell's, da "*Relacion de los Agrabios*"? Penso que essa lista tenha reunido nomes de ambas as expedições, confundidas em uma só, pelos chronistas da Companhia. E' preciso ter-se bem em mente, que muitos paulistas, taes como Gaspar Maciel Aranha, Antonio Raposo, o velho, Geraldo Corrêa, estiveram o anno todo de 1631 em São Paulo, embora os seus nomes constem da lista da "*Relacion*", como tendo feito parte da bandeira conquistadora de Guayrá (*Actas*, vol. IV, 75 a 102). O mesmo se dá em relação a Fradique de Mello Coutinho, Onofre Jorge e o proprio Geraldo Correia, que não se arredaram de S. Paulo em 1632. (*Actas*, vol. IV, 103 a 139).

Só futuras pesquisas, entretanto, feitas em maior cabedal de documentos, poderão firmar

(26) Diz Taunay, loc. cit. 201, que os documentos hespanhóes se oppõem a essa hypothese.

Eil-a por terra.

Mas então não teria podido Raposo Tavares chefiar os paulistas que tomaram Itati.

A menos que esse feito haja tido logar antes de 1632; antes da tomada de Villa Rica e de Ciudad Real.

Aliás Taunay affirma, não poder precisar a data da tomada de Xerez. Suppõe apenas que haja sido em 1633, pois o documento do padre Ferrusino não tem data; e é nelle que Taunay se estriba.

qualquer cousa a respeito. Por emquanto, só supposições podem ser tiradas da confusão que aponto.

A unica cousa absolutamente certa é que os paulistas conquistaram o Guayrá e dahi expulsaram os jesuitas e os hespanhoes.

CAPITULO XI

CONQUISTA DO ITATI

Havia na organização jesuitico-guarani, ao norte da provincia do Paraná; ao norte do rio Ap- pa, onde hoje é o sul do Estado de Matto Grosso, as aglomerações de San Pablo, Concepcion de los Gualachos, San Joseph, Angeles, Santa Maria la Maior, Natividade de Acaray, San Ignacio, Loreto, etc.

Formando centro, nesta provincia havia o burgo castelhano de Santiago de Xerez.

Essa provincia formava systema com as do Guayrá, a sudeste a do Paraná, onde hoje é a Re- publica do Paraguay, as de Tape e do Uruguay no sul.

* * *

Não se sabe bem por que expedições paulistas, essa provincia de Itati começou a ser atacada.

“Sobre a destruição dos estabelecimentos do Itatim pelas bandeiras de S. Paulo pouca docu- mentação existe e a mais laconica. Mesmo a hespanhola é muito omissa”, diz Taunay em vol. II, 195 da sua “Hist. Geral das Bandeiras Paulistas.”

Suppõe-se que Raposo, Tavares haja chefiado os paulistas.

Antes de 1632. (junho) em que Raposo é assignalado em S. Paulo, no inventario de Beatriz Bicudo é possivel que tenha tido lugar esse feito.

Em S. Paulo persistia o leão dos sertões, pois em janeiro de 1633 era elle empossado Ouvidor da Capitania de S. Vicente e tomava parte activa nos disturbios havidos contra os jesuitas.

A verdade é que os paulistas destruíram Itati, aprisionaram dahi os indios, que seriam guaranis, guaicurús, ou paiguazes, expulsaram dahi os jesuitas e os castelhanos, conquistaram o territorio e trouxeram para S. Paulo muitos moradores, entre os quaes:

Gabriel Ponce de Leon, Bartholomeu de Torales, Barnabé de Contreras y Leon, etc.

CAPITULO XII

CONQUISTA DE "TAPE" E "URUGUAY"

A tremenda lucta travada secularmente entre os paulistas, e os padres da Companhia de Jesus é muito conhecida. Começou ella pelos fundadores de São Paulo, sectarios loyolanos, e João Ramalho, o velho patriarcha da nossa estirpe, pae dos mamelucos, os formidaveis iniciadores da conquista de immenso "hinterland".

O germen do odio surdo, votado aos padres da Companhia, adormecera, por longos annos, no espirito dos nêtos do alcaide mór da Borda do Campo até que, na sua incontida expansão para o sul, os paulistas se encontraram com a corrente catechisadora dos jesuitas, a serviço da corôa de Castella, em terras do Guayrá.

Foram destemerosas as arrancadas paulistas contra essa provincia jesuitico-castelhana, que hoje é o Estado do Paraná, onde medravam em franca prosperidade dezenas de reduções ignacianas. Reuniam ellas em seu seio milhares de indios de varias nações gentilicas, entre as quaes predominavam a dos carijós, de estirpe tupi, além de muitas da familia guarani.

Depois de muitos annos de constantes correias pelos territorios guayrenhos, os paulistas em 1628, capitaneados por Manuel Preto, e em 1631, mandados por Antonio Raposo Tavares, esmagaram os jesuitas do Guayrá. Destruíram-lhes todas as reduções arrebanhando para S. Paulo, milhares de indios, e os enxotaram para as provincias de além Paraná e além Iguassú. Os pagés de batina a serviço de Castella, foram expulsos e os burgos hespanhóes de Villa Rica e Ciudad Real foram destruidos.

Com isso, foi integrado na corôa portugueza, todo o territorio, que hoje corresponde ao Estado do Paraná.

Tordezilhas fôra violado, "manu militari", pelos móradores de S. Paulo, ninho das aguias bandeirantes, que, altaneiras no seu vôo, implantaram as quinas portuguezas, por sobre as esguias araucarias paranaenses.

A victoria paulista no Guayrá não significava, porém, só a conquista territorial ou a captura de milhares de rubros servos, mas era, sem duvida, o inicio para a paulatina invasão de ainda mais vastos terrenos, que Tordezilhas prodigamente déra a Castella; era a situação estrategica invejavel, criada para os mamelucos paulistas, collocando-os em ameaça ao Gobierno del Paraguay, ao "Itati", e finalmente ás provincias sulinas de "Uruguay" e "Tape".

A conquista de Guayrá foi o primeiro golpe no traçar das fronteiras meridionacs das colonias luso-americanas. A elle, porém, succedeu, como era natural, a reacção jesuítica. Foram muitissimas as chorasas cartas, e sentidas lamurias dirigidas pelos

jesuitas ao rei da Hespanha. Muito pouco caso fazia elle porem de seus dominios da America do Sul. Nessas cartas eram expostas as selvagerias da conquista paulista. Eram relatadas tambem as innominaveis traições do ingenuo Céspedes, governador paraguay. Nada conseguindo por esse lado, elevaram os padres os seus clamores até ao Papa. Com esse foram mais felizes, conseguindo delle uma bulla, contra os "*mamelucos gente bellicosa e atrevida*". Nada porém servia de barreira á audacia da gente paulistana, pois os proprios jesuitas portuguezes do collegio de S. Paulo foram victimas, então, do odio herdado do precursor ramalhano.

Estavam as cousas nesse pé, quando, em 1635, as bandeiras esticaram o seu raio da acção em direcção ao sul, onde se encontravam "Tape" e "Uruguay".

A vasta e intelligente organização jesuitica, em terras de Castella, comprehendia varias provincias, que eram enormes conglomerações de reduções indigenas.

Milhares e milhares de indios viviam ao serviço da Companhia, em pleno regimen communista. Elles eram, porém, convertidos pela baptismo, á medida que progredia a civilização, que os padres não se cansavam em distribuir pelas rusticas mentalidades dos aborigenes. Assim, foram se formando, aos poucos, incrementadas pela formidavel expansão jesuitica nos dominios hispanicos, as provincias de "Guayrá", "Itati", "Paraguay", "Paraná", "Tape" e "Uruguay".

"Guayrá", como vimos, foi conquistada em 1628-1632, pelos paulistas, o mesmo acontecendo ao "Itati", em 1633; restavam, pois, as outras, as

quaes, em breve, iriam soffrer as mesmas consequencias do espirito bellicoso do paulista.

A provincia de "Tape" era situada na vasta região comprehendida, pela parte central do actual Estado do Rio Grande do Sul. Ella abrangia o alto Ibicuhy, ao norte a Serra Geral, a léste se estendia até ao valle do rio Cahy, e para o sul ia até á Serra dos Tapes.

Sobre o Alto Ibicuhy, em 1632, logo após a destruição de Guayrá, os padres Buenavides e Christovam de Mendonça, obedecendo ás ordens do padre Romero, haviam fundado a redução de *San Miguel*. Ahi, segundo Trecho, foram baptisados cerca de 8.400 indios em dous annos. Essa aglomeração era formada com indios da nação dos "tapes", de raça tapuya. Tambem eram dessa raça os "minuanos", "charruas", "araxanes". igualmente chamados "patos", e "caaguás".

Mais para baixo, no curso do mesmo Ibicuhy, em 1633, o padre Cataldino, localisou a redução de *S. Joseph de Itacoatiá*.

Ao norte de *S. Miguel*, havia a redução de *San Cosme y San Damian*, fundada em 1634. Ainda mais para baixo, sobre o mesmo Ibicuhy, os padres Ernote e Buenavides haviam fundado a redução de *San Thomé*, com os indios "tapes", do cacique Arazay. Nessa ultima redução, que foi iniciada em 1632, foram reunidas cerca de 1.200 familias.

Essas reduções supra mencionadas constituam o grupo do Ibicuhy.

Completando esse systema, os jesuitas se estenderam pelo rio Jacuhy, na vertente oceanica. Fundaram os padres Romero e Mendoza, em 1633,

a redução de *Sant'Anna*. Ahi foram reduzidas, segundo Trecho, cerca de 7.700 almas.

Mais para o norte, o mesmo padre Romero iniciava, em 1633, *Nactividad de Araricá*. Sempre para o norte, no Jacuhy, estava *San Joaquim*, edificada pelo padre Jimenez, ainda em 1633, e *Vizitacion*, e mais ao norte, nas nascentes do Jacuhy, a redução de *Sta. Theresa*.

Para o sul, mas sempre sobre o Jacuhy, collocaram os padres a redução de *Jesus Maria*. Finalmente, a duas leguas para o sul de Jesus Maria, o padre Contreras marcou, em 1633, a redução de *San Christobal*, com indios "Araxanes", ou "Patots".

Anteriormente a esses estabelecimentos já existiam sete grandes reduções á margem esquerda do Uruguay, formando a provincia deste nome.

Foram ellas constituídas por indios de raça guarani, que, dessa região para Oéste, se estendiam por todo o Paraguay. Eram ellas:

Candelaria sobre o Piratiny, fundada em 1627. *San Nicolas* sobre o mesmo rio, ahi localizada em 1626; *Caaró e Martyres del Japon*, sobre a margem esquerda do Ijuhy, edificadas em 1628 e 1629 respectivamente. Sobre a margem direita desse rio, *Assumpcion*, fundada em 1628; *Apostoles de Cazapaguazú*, com 3.000 indios reduzidos, e finalmente *San Carlos de Caapi*, mais ao norte, com cerca de 6.000 indios reduzidos, e levantada em 1631.

Foram, como se vê, essas reduções todas estabelecidas, em formidavel movimento de expansão, entre os annos de 1626 e 1633. Formavam, co-

mo se vê, um colossal compacto de população rubra e um magnifico núcleo de civilização, implantada pelos servos de Loyola, em pleno coração da virgem America hespanhola.

Imagine-se o desenvolvimento que essa organização iria ter no decurso dos seculos se não houvesse encontrado um obstaculo na sua expansão!

CAPITULO XIII

CONQUISTA DE "TAPE" E "URUGUAY"

Início da invasão. — Bandeira de Aracambi (1635)

Havia muito tempo, eram os escravagistas da raça vermelha tentados pelo grande celeiro de índios do territorio rio-grandense. Desde 1619, iniciaram-se os primórdios da invasão do "Tape"; mas não por gente de S. Paulo.

Em junho desse anno, o capitão-mór Gonçalo Correia de Sá expediu uma provisão, que, nessa mesma occasião, foi registrada em S. Paulo. Ordenava ella a Sebastião Fernandes Correia, que fosse no navio São Boaventura, aos Patos, tomar um navio, que sahira do Rio de Janeiro, "*sem estar para ir resgatar aos Patos, mandou prender toda a gente a que não deixasse branco algum nos Patos*", ("*Rev. Inst. Hist. São Paulo*", V. volume, 184).

Apesar disso, porém, os paulistas se continham de avançar sobre tão magnifica presa, não os molestando até ao anno de 1635. E' o que assegura o texto documental, inserto em "*Actas*", vol. IV, 253: "*.... e serem nossos amigos e de*

nossos antepassados avia mais de sem anos..." (27). Em 1635, porém, esgotado o immenso manancial de indios a apresar do Guayrá, começaram os paulista a augmentar o raio de suas incursões, atirando-se a horizontes mais vastos, que tinham ante os olhos, nas provincias jesuiticas restantes de além Tordezilhas.

Era justamente "Tape" a provincia que ficava ao sul do Guayrá, tendo como divisa natural entre as duas o rio Iguassú.

Nesse anno de 1635, eram muito sérias as condições das colonias luso-hespanholas. A guerra holandesa recrudescia de rudeza no Nordéste. Reflectia ella de algum modo nas colonias e principalmente, em São Vicente, pelas constantes ameaças dos flamengos em desembarcar gente armada de seus navios, que cruzavam constantemente ao largo da costa paulista (28).

Como em 1624, com a tomada da Bahia, São Paulo passava, nessa época, juntamente com o resto das colonias, por uma grave crise politico-militar. Disso resultou, da parte das autoridades vicentinas, a reedição da energica prohibição de sahirem os paulistas para o sertão em bandeirismo, já havida no citado anno de 1624.

(27) Basilio de Magalhães diz, porém, loc. cit.:

"Deveriam ser constantes as arremettidas dos caçadores de escravos no rumo sul, por toda a segunda decada do seculo XVII — porquanto a 5 de Junho de 1619 (vide "Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo", V, 185), era expedido um alvará regio, mandando tirar devassas "aos culpados em fazer entradas ao sertão de Patos a resgatar gentios".

(28) Nesse anno Mathias de Albuquerque perdia o famoso arraial do Bom Jesus, em frente a Recife e fazia a celebre retirada.

O capitão-mór da capitania, Pedro da Motta Leite, recebia constantes avisos da metropole, bem como do governador geral da colonia, de que:

“os inimigos rebeldes hollandezes e outros de sua facção estão sobre esta barra com duas náus grossas de guerra que poderão vir...” (“Registo Geral da Camara Municipal de S. Paulo”, vol. I).

As esculcas navaes batavas já haviam capturado em aguas vicentinas, quando em caminho para o Rio de Janeiro, a Paulo Marques, com sua embarcação carregada de fazendas. Isso aggravava os temores.

Era necessario, pois, que se tornasse a proceder na capitania a uma nova mobilização bellica de todos os seus recursos, em homens, armas e munições, para enfrentar os hollandezes, que se aproximavam.

Dahi, pois, os numerosissimos “*quarteis*” e “*bandos*”, expedidos pelo capitão-mór, durante todo o anno de 1635, e mesmo principio de 1636.

A’ mobilização, executada, com a maior rapidez possivel, succedeu-se a concentração de forças, as quaes foram partindo para Santos, á medida que se preparavam. Ahi ellas se postaram sob o commando em chefe do capitão-mór já mencionado.

Assim é que, durante o mez de maio de 1635, partiu de São Paulo, pelo caminho do mar, toda a tropa de índios das aldeias que rodeavam a villa de S. Paulo, commandados pelos capitães dom

Francisco de Rendon e João Raposo Bocarro. (*“Registo Geral”*, vol. I).

Não foi, porém, tão rigorosa essa proibição, por parte do capitão-mór Pedro da Motta Leite. É isso o que se vê de varios officios enviados a elle, pelos camaristas da Paulicéa, defendendo-se de uma injusta accusação, que lhes havia assacado o capitão-mór. Dissera este que os paulistas haviam incorrido em desidia, no serviço de Sua Majestade (*“Registo Geral”*, vol. I, 499) pela demora em proceder á concentração em Santos, das companhias de homens de armas dos capitães dom Francisco de Rendon e João Raposo Bocarro.

Assim é que, em começo de 1635, tendo-se aprestado em S. Paulo poderosa léva de bandeirantes, requereu o seu cabo, ao Capitão-Mór Pedro da Motta Leite, autorização para ir ao sertão dos “Patos”. Ahi dominavam os jesuitas das reduções de “Tape”, e não sei porque, com tal frouxidão se houve o capitão mór, apesar dos perigos, que ameaçavam a Capitania, permittiu a partida da trópa pelas suas barbas.

Talvez, um occulto interesse, como facilmente se deprehe de insinuação dos edis paulistas, nos officios supra mencionados, tivesse levado o capitão-mór a assim proceder.

Teriam já, nessa longinqua época, a “advocacia administrativa” e a “negociata”, implantado o seu terrivel dominio?

É, pelo menos, o que se vê do seguinte texto da vereação de 12 de maio de 1635:

“... enformados que o capitão-mór, pero da mota leite, POR SEUS PARTICU-

LARES INTERESSES davalisensa pera irem aos patos e estas pessoas não levavão mais que polvora e chumbo e corentes sendo contra a lei de sua magde. estando em auto de guerra indo mais de DUZENTOS OMES AOS DITOS PATOS sem os ditos indios de sua parte darem ocasião pera serem molestados e serem nosos amigos e de nosos antepasados avia mais de sem anos...

(“Actas”, v. IV, 252 e 253).

A bandeira deveria ser grande, como se deprehe de do texto supra citado, pois que só de paulistas compunha-se ella de 200. homens, além do acompanhamento de indios de arco. E’ o que confirma a seguinte passagem de documento:

“... com tanto escandalo desta capitania e serem elles mais de duzentos homens que eram bons para esta ocasião de guerra e assim vossa merc fez contra o serviço de sua magestade...”

(“Registo Geral”, v. I, 499).

Depois de aviada a trópa, partiu ella de S. Paulo, nas proximidades do dia 17 de março de 1635.

Nessa occasião, o bandeirante Fernão de Camargo, o tigre, um dos chefes da expedição, que era então vereador, desaparece, bruscamente, das vereações sendo eleito outro em seu lugar:

“... os ofisiaes da camara se juntarão em camara para fazer a votos hun vereaa-

dor em AUSENCIA DO VEREADOR FERNANDO DE CAMARGO durante sua ausencia..."

("Actas", v. IV, 246 e 251).

Sahindo a expedição de S. Paulo, tomou o caminho do mar, em direcção ao porto de S. Vicente ou de Santos, ou talvez mesmo de Itanhaem, onde teria embarcado, como se demonstra, com o documento seguinte:

"... como se não fosse-mos christãos nem vassallos de el rei nós o não fomos quando em tal occasião deixaramos ir BARCOS E BARCOS com polvora e pelouros e correntes a dar guerra ao gentio dos Patos que está ha tantos annos de paz e alguns christãos, o que protestamos..."

("Registo Geral", v. I, 499).

Confirmado por uma outra passagem do mesmo documento, que é uma carta escripta, pelos edis paulistanos, ao capitão-mór Pedro da Motta Leite:

"... pois tendo vossa merce tantos avisos como na sua nos diz assim de sua magestade como do senhor governador geral, de inimigos, deixar ir para fóra da capitania tantos BARCOS AOS PATOS com tantos escandalos desta capitania..."

("Registo Geral", V. I, 499).

Fica disso exuberantemente provado ter esta bandeira de 1635 tomado o caminho maritimo, pa

ra o sertão rio-grandenses, onde eram os Patos. Passemos a acompanhá-la no seu roteiro.

Vinte dias mais ou menos, deveriam os barcos ter levado, na rota de Santos ao Rio Grande do Sul. Eram elles meio de transporte infinitamente mais rapido do que as longas caminhadas, pelos sertões agrestes, da via terrestre.

Deveria a bandeira, em questão, ter desembarcado, ou na Laguna, em Santa Catharina, justamente onde passava o meridiano de Tordezilhas. Dessa época, em deante Laguna foi muito frequentada pelos bandeirantes paulistas, como faz certo o inventario do paulista Custodio Gomes, 1638, (*"Invent. e tests."*, vol. XII, 253). A Lagoa dos Patos, no proprio Rio Grande do Sul, logar muito em uso, por bandeiras maritimas, paulistas, poderia ter sido o ponto do desembarque. Em una carta de Felipe IV, dirigida de Madrid, ao vice rei do Perú, marquez de Mancera, em 16 de setembro de 1639, dizia que os vizinhos e moradores de S. Paulo, haviam realizado, desde 1614, varias entradas pelas terras a dentro, "*como por el puerto de Patos y Rio Grande*". (Taunay. "*Era das bandeiras*", 51).

Se assim tiver sido, os paulistas teriam entrado pelo rio Grande na Lagôa dos Patos e dali, rumando ao norte, teriam, talvez, entrado mesmo pelas boccas a dentro do Jacuhy, para, no curso baixo desse caudal, quaes normandos da America, assaltar as malócas dos "Patos" ou "Ara-xanes" e quiçá ameaçar as primeiras reduções do "Tape", que margeiam esse rio.

Parece-me mais provavel terem os paulistas desse "raid" procedido de accôrdo com essa ulti-

ma versão, do que a de terem effectuado o desembarque no porto de Laguna, para dahi passar por terra, através de não pequena distancia, em terras dos carijós, para chegar ás margens do Jacuhy, onde se localisavam os "Patos". De nada lhes serviria esta caminhada, se os mesmos barcos poderiam lhes deixar nas proximidades das malócas a assaltar.

Seja, porém, como fôr, sahida a bandeira em 17 de março de S. Paulo, em principios de julho do mesmo anno estava acampada, em arraial, junto á aldeia do principal de Aracambi, no sertão dos "Patos", em pleno Rio Grande do Sul.

Ahi, é ella encontrada e denunciada, pelo fallecimento do bandeirante Juzarte Lopes. Este, fazendo testamento, nos seus ultimos momentos, deixou-o assignado pelas seguintes testemunhas que fizeram parte da expedição, dentre os duzentos que a compunham ao todo:

Luiz Dias Leme (notavel paulista, que parece ter sido o chefe da expedição, tio do futuro governador das esmeraldas), Fernão de Camargo, o tigre; Juzarte Lopes, o fallecido, Domingos Vieira, Domingos Dias o moço, Francisco de Camargo, Christovam de la Cruz, Francisco de Oliveira (com certeza, Sutil de Oliveira); João de Santa Maria, Simão Leitão, Pero Lopes de Moura, Estevam de la Cruz, João Rodrigues de Moura, Francisco da Costa. ("*Inventarios e Tests.*", V. IX, 468 e v. X, 294).

Ignoro, infelizmente, por falta de referencias nos documentos analyzados, quaes os feitos dessa bandeira no sul. Não sei se chegou ella a atacar as reduções do "Tape". Foi curta a permanencia della, fóra do povoado paulistano, pois oito mezes depois de tel-o abandonado, tornava novamente, de regresso do seu longo percurso. Encontra-se a Fernão de Camargo, o tigre, da lista supra, novamente, em Camara, a 10 de novembro de 1635; ("*Actas*", V. IV, 268). Prova evidente, que a bandeira, tambem, já se encontrava em S. Paulo. O inventario de Juzarte Lopes, fallecido no sertão, só foi iniciado judicialmente, em S. Paulo a 10 de dezembro de 1635. ("*Inventarios e Tests.*", V. IX, 463).

Esses oito mezes, de ausencia de São Paulo, não podem ser tidos em conta de pequena permanencia no sertão. Deve se ter em mente a insignificante parcella de tempo, tomada por ella, com o seu transporte ao local da *razzia*; pois poderia ter ella levado, cerca de quarenta dias no percurso maritimo, de ida e volta ao sertão dos Patos. Enquanto isso, a futura bandeira, de Raposo Tavares, que a ella succedeu no Rio Grande do Sul, levou dez mezes para lá chegar e seis para voltar, como terci de estudar.

Com isso, vê-se, teve a expedição grande sobra de tempo, para permanecer occupada, com seus assaltos e conquistas aos desventurados indios gaúchos.

Foi essa bandeira a iniciadora da invasão do Rio Grande do Sul, pelos paulistas. O conhecimento della é mais um passo, sem duvida, no desvendamento do mysterio, que encobre o nosso passa-

do remoto. Ainda o devemos á publicação da documentação archival, pelos governos da Cidade e do Estado, se bem que Pedro Taques já a mencionasse e Silva Leme reproduzisse essa menção, sem, porém, lhe darem a importancia que teve como iniciadora da conquista de uma região famosa.

CAPITULO XIV

CONQUISTA DE "TAPE" E "URUGUAY"

Bandeira de Raposo Tavares (1636)

Logo após a partida da bandeira de Aracambi, em 1635, os da governança levaram todo o resto do anno a luctar desesperadamente contra a faina irrequieta dos bandeirantes paulistas. Apesar do brado constantemente repetido, de "*inimigo na costa*", persistiam elles em organizar levas e expedições, para o devassamento dos sertões. Marcava-lhes a róta a bandeira, que a incuria ou o interesse do capitão-mór Pedro da Motta Leite deixara passar, pela via marítima. . .

Algumas expedições, teriam conseguido sahir de S. Paulo, ainda nesse anno de 1635, na sua segunda metade, talvez, pois só assim se consegue justificar os iracundos "quarteis" e interminaveis "bandos", com que os edis paulistanos, atormentavam os audaciosos aliciadores de bandeiras e conductores de homens aos longinquos sertões das selvas.

Não consegui, entretanto, identificar uma só bandeira, depois da de Aracambi, até que em 1636 o famigerado Antonio Raposo Tavares, o leão

dos sertões sul americanos, organisou uma poderosa léva composta, segundo parece, de 120 paulistas e mais de 1.000 indios "tupis", conforme, indirectamente, nos assevera o chronista jesuita padre Carlos Teschauer, na sua "*Historia do Rio Grande do Sul*".

Dentre os paulistas, companheiros de Raposo, são conhecidos trinta e tres bandeirantes, graças aos inventarios de Braz Gonçalves e Paschoal Neto, fallecidos no sertão.

São elles:

Antonio Raposo Tavares (cabo da tropa), Diogo de Mello Coutinho (immediato), Pero Leme (o moço), Antonio Rodrigues (?), Sylvestre Ferreira, Gaspar Maciel Aranha, Estevam Fernandes, Estevam Fernandes, o moço, Alberto de Oliveira, Rafael de Oliveira, o moço, Domingos Borges de Cerqueira, Gaspar Vaz Madeira, Luiz Feyo, João Maciel (Valente), Matheus Neto, João Machado, João Rodrigues Besarano, Paulo Pereira, Antonio Pedroso de Freitas, Paschoal Neto, Paschoal Leite, o moço, Balthazar Gonçalves, Braz Gonçalves, o moço, (?) João de Godoy, Balthazar de Godoy, o moço, Fernão de Godoy, José de Camargo, Antonio de Faria Albernaz, Simão da Costa, Miguel Nunes, Jeronymo Rodrigues, Duarte Borges, Francisco Chaves e Pero de Oliveira.

Dentre os numerosos indios que, fizeram parte do corpo de armas dessa expedição conseguiu

encontrar oito, pertencentes a Braz Esteves Leme, tio de Pero Leme, o moço da lista supra. (*"Invent. e tests."*, V. X, 340).

Aprestada e bem aviada a bandeira, partiu ella em janeiro de 1636, por terra, rumando o sul, como se depreheende dos seguintes textos:

"..... o ouvidor desta capitania de são vte. antonio rapozo tavares e bem assim o juiz frco. nunes de sigra. e o vereador jeronimo de brito e o procurador do conselho do ano pasado amaro domin-gues por ser ausente o que sahio no pelouro frco. dias e sendo todos juntos en camara pelo dito ouvidor (Raposo Tavares), foi dito aos ditos ofisiaes da camara que visto averse dado jurament.º a antonio pedroso e não mostrar melhorament.º de sua apelação e faltar hu vereador e procurador do conselho por serem ausentes "e ele dito ouvidor estar de caminho peña fora a acudir ao serviso de sua magde..."

(Actas da vereação de 1.º de janeiro de 1636, "Actas", vol. IV, 281).

"..... e por respeito do ouvidor capitão mór antonio raposo tavares levar fora da vila o escrivão da camara e tabalião a cuja falta se deixou de faser a dita eleisão... (Vereação de 7 de janeiro de 1636, "Actas", vol. IV, 285).

E' de notar que, depois dessa ultima data, o nome de Raposo Tavares desaparece das actas.

Com o testemunho desses dous citados documentos municipaes, faz-se certo que a bandeira de Raposo Tavares, em serviço de sua majestade, partiu entre 1 e 7 de janeiro de 1636. Curioso serviço de sua majestade, que era o proprio rei da Hespanha, senhor das terras que elle Raposo ia assaltar e conquistar!!!

A bandeira tomou o caminho do Guayrá, passando pelo Assunguy e sertão dos Carijós, onde talvez, já em territorio do Rio Grande do Sul, tivesse fallecido Braz Gonçalves, em 10 de outubro de 1636. (*Invent. e tests.*, vol. XI, 129).

E' de notar a extraordinaria demora levada, pela expedição, para chegar ao Rio Grande do Sul, pois, tendo sahido em principio de janeiro, só dez mezes depois ella attingia os sertões de "Tape".

Esse espaço de tempo, maior se torna, se o tivermos em relação com o empregado pela expedição de Aracambi, do anno anterior, que em oito mezes foi aos Patos e tornou a São Paulo.

A bandeira de Aracambi, entretanto, tomando o caminho maritimo, usou de um meio muito mais rapido e commodo, ao passo que Raposo Tavares, na sua longa caminhada para o sul, teve de afrontar toda a sorte de obstaculos naturaes, além de que, ia o famoso caudilho levando a raso as malócas por onde passava.

Em fins de novembro de 1636, a bandeira se aproximou sobremaneira das reduções da provincia de "Tape". Ella atravessou, necessariamente, o rio Taquary, proximo á sua foz e no dia de S. Francisco Xavier, segundo referencias na "*Historia do Rio Grande do Sul*", do padre Carlos Teschauer, (3 de dezembro), attingiu a redução de

Jesus Maria, á margem esquerda do Jacuhy. Ella assaltou essa redução com mil e quinhentos tupis e grande multidão de guaranis, que, no caminho, haviam sido obrigados a se lhes incorporar (Teschauer loc. cit.).

Os paulistas, affirma o illustre historiador gaúcho, estavam bem armados e revestidos por uma couraça de algodão, que lhes defendia o corpo das settas, que a não podiam atravessar e, assim protegidos ao som de guerra, com as bandeiras desfraldadas e em ordem de batalha, atacaram a redução ás 8 horas da manhã, resistindo esta até ás 2 horas da tarde, durante 6 horas a seguir, sendo, porém, afinal, obrigada a ceder terreno, tendo os paulistas entrado na mesma.

Tomada Jesus Maria, espalharam-se os bandeirantes pelas aldeias vizinhas, reduzindo á escravidão quantos indios encontravam. Impotentes, para a resistência, evacuaram os jesuitas a redução de San Christobal, mais ao norte, sobre o Jacuhy, cujos indios transportaram para redução de Santa Anna. Com elles foi formado um corpo de 1.600 indios, á frente dos quaes se puzeram, para contra atacar os paulistas. Suppondo já terem estes entrado e se estabelecido em San Christobal, para ahi marcharam. Ahi chegando, o exercito jesuita-guarani não encontrou a bandeira de Raposo, que ainda se encontrava acampada a distancia, talvez se preparando para novas luctas. Nessa occasião, falleceu Paschoal Neto, um dos bandeirantes companheiros de Raposo, naturalmente em consequencia dos ferimentos recebidos no combate de Jesus Maria, seguramente a 19 de dezembro

de 1636. E' o que se vê do inventario summario, processado, nesse sertão de Jesus Maria de Ibitica-raiba, dos indios araxans (ou patos). ("*Invent. e tests.*", vol. XI, 143).

Occupando novamente San Christobal o exercito jesuita, a 25 de dezembro, e sendo dia de Natal, segundo affirma Teschauer, loc. cit., estavam todos rezando nas egrejas da redução, quando foram, subitamente, surprehendidos pelo ataque dos paulistas, que Teschauer, baseado em chronistas do tempo, como Trecho e outros, diz serem em numero de 120 mamelucos, acompanhados de 1.400 tupis.

A gente de Raposo teve que travar novo combate. Durou a lucta cerca de 5 horas, até á noite, quando os paulistas esmagaram os indios e jesuitas, obrigando-os a se refugiar, ao norte, no alto Jacuhy, onde se entrincheiraram, aguardando novos ataques em posição defensiva.

Achava-se nessa occasião, na provincia de Tape, em visita, o provincial padre Boroa que, á vista das devastações dos paulistas, clamou por soccorro ao governador do Paraguay Dom Pedro de Lugo y Navarro, o qual se recusou a prestalo, dando como pretexto os ataques paulistas no Itati, com os quaes estava a braços (29).

Auxilio, tambem, foi pedido ao governador do Prata, que se recusou a dar.

Nessa situação de desespero, para a causa ignaciana, reuniu o provincial o conselho jesuitico a 7 de abril de 1637, no qual ficou resolvido o

(29) E' certo que os paulistas haviam atacado a provincia de Itati (sul de Matto Grosso), mas isso foi em 1633 ou sejam 3 annos antes.

abandono da redução de San Joaquim, em posição muito exposta, confiar a defesa da provincia ao padre Alfaro e enviar á Europa representações, sobre o que praticavam os paulistas, em sua invasão.

Relata os factos acima narrados o padre Teschauer, ob. cit., não identificando porém, a expedição paulista, por elle mencionada, como sendo a de Raposo Tavares. Isso é uma illação tirada da mais perfeita paridade de datas, entre os dizeres do chronista jesuita, que escreveu baseado em escriptos do tempo e os documentos do bandeirante Paschoal Neto.

Além da exactidão das datas, existe o nome da redução de Jesus Maria, atacada pelos paulistas no dia de S. Xavier de 1636, segundo Teschauer, a mesma região, onde se encontrava a bandeira de Raposo Tavares, nesse momento, segundo os documentos paulistas citados.

Os effectos da *razzia* de Raposo foram tremendos em toda a provincia de "Tape", sendo apresados muitissimos indios. Estes foram carregados para S. Paulo. Além disso foram tomadas duas reduções do baixo Jacuhy, sendo as restantes, situadas sobre esse rio, evacuadas pelos padres atemorizados.

Foi, enfim, outro abalo sério na conquista de terras castelhanas, de além Tordezilhas.

A bandeira de Raposo, porém, logo após a conquista de San Christobal, tornou ao povoado paulistano, onde deveria ter chegado pouco antes de 20 de junho de 1637. Nessa data foi apresentado, em juizo, por Pero Leme o moço, um dos bandeirantes do ról supra, o inventario summa-

rio, procedido no sertão, pelo fallecimento de Paschoal Neto, (*"Invent. e tests."*, vol. XI, 153). Seis mezes foi o tempo empregado no percurso da volta da bandeira, tendo ella se demorado um anno e meio no sertão.

Rio Branco e Basilio de Magalhães (*Le Brésil, Levasseur e Rev. do Inst. Hist. Bras.*, tomo esp., V. II, 102) attribuem a Raposo Tavares a chefia dos paulistas que conquistaram a provincia de "Uruguay". Enganaram-se os egregios estudiosos do passado paulista, pois em 1638, data em que iniciaram os bandeirantes a invasão de "Uruguay", já estava em S. Paulo, como acima ficou dito, o grande Raposo, com a sua gente.

CAPITULO XV

CONQUISTA DE "TAPE" E "URUGUAY"

Bandeira de Francisco Bueno no rio Taquary
(1637 - 1639)

Estava ainda no sertão do Rio Grande do Sul, Raposo Tavares, com a sua grande bandeira, quando, em principios de 1637, sahiu de S. Paulo uma expedição de bandeirantes, composta de mais de uma centena de paulistas, além de copioso sequito de indios. Seus organizadores foram os membros das familias mais importantes em S. Paulo. Os Buenos, os Cunhas Gagos e os Pretos, irmãos, sobrinhos e filhos do velho sertanista Manuel Preto, fallecido em 1630, na lucta contra os jesuitas hespanhóes do Guayrá, foram os chefes da mencionada léva.

Como cabo dessa importante bandeira ia o capitão Francisco Bueno, irmão de Amador Bueno, o aclamado, filho do sevilhano Bartholomeu Bueno da Ribeira e pae do Anhanguera, o velho, tendo como immediato o capitão Jeronymo Bueno, seu irmão. Provinha, pois, Francisco Bueno, de Salvador Pires e de Meciaussú e portanto de Pequeroby, o maioral guayaná.

Dentre os componentes dessa bandeira são conhecidos os seguintes nomes, extrahidos dos inventarios dos bandeirantes mortos no sertão:

João Preto, Manuel Preto, o moço, Gaspar Fernandes, Estevam Gonçalves, Capitão Francisco Bueno (cabo da tropa), seu irmão capitão Jeronymo Bueno (immediato), e seus sobrinhos Amador Bueno, o moço, e Antonio Bueno (filhos de Amador Bueno, o acclamado) e Lazaro Bueno, (não mencionado pelos linha-gistas), Henrique da Cunha Gago, o moço, e seus irmãos Manuel da Cunha Gago e Francisco da Cunha, Manuel Preto, o moço, seu tio João Preto, e seu primo Gaspar Fernandes Preto, Domingos Garcia, Miguel Garcia Rodrigues, Balthazar Gonçalves Malio e seu filho Estevam Gonçalves, João Paes Malio, Antonio Ferreiro Malio, Gregorio Ferreira, Francisco de Siqueira, Antonio de Siqueira, Sebastião Mendes, Diogo Aros, Antonio Ribeiro, Bernardo da Motta, Antonio Cordeiro Porto, Pero Vidal, Antonio Botelho, João Fernandes e Antonio Dias Carneiro. (*Inventarios e testamentos*, vol. XI, 178, 200, 217 e 166).

Muitos dos historiadores que se têm referido a essa bandeira, entre os quaes Pedro Taques, citado por Basilio de Magalhães (*Rev. Inst. Hist. Bras.*, tomo especial, vol. II, 104), Taunay, (*Uma Explicação*, “Correio Paulistano”), dizem ter si-

do a região sul de Matto Grosso a percorrida por ella, sendo ahi o rio Taquary assignalado nos inventarios dos fallecidos bandeirantes. Outros que-rem, á força e sem a menor base, incorporar os bandeirantes da lista supra aos destruidores do Guayrá, que, desde 1632, havia deixado de existir, por completo (Ernelino Leão, "*Os conquistadores do Guayrá*". Correio Paulistano) (30).

Acredito, porém, que se enganam os que isso affirmam, a respeito da bandeira dos Buenos. O rio hoje conhecido por Taquary, em Matto Grosso, ainda não devia ter essa designação, na occasião da expedição de que tratámos. Não consta, pelo menos, essa denominação dos mappas da época dessa região, embora o curso desse caudal esteja nelles graphado. Veja-se por exemplo um magnifico mappa anonymo da região parano-paraguaya, existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, datado do seculo XVIII. Da esplendida collectanea de mappas antigos publicados pelo Museu Paulista, sob a direcção do inclyto Taunay, consta uma copia desse citado mappa. Nada affirmamos, por outro lado, que o rio Taquary matto-grossense, já em 1637, tivesse esse nome.

De facto, seria muito de admirar que o capitão Francisco Bueno dirigisse a sua gente para uma região completamente diversa da que os paulistas na occasião faziam alvo de suas temerosas incursões. Seria de extranhar que elle se fosse internar no sertão ingrato do grande pantanal, que margeia

(30) O insigne mestre e grande historiador Taunay na sua monumental "*Historia Geral das Bandeiras*", vol. II, 242, diz: "*Assim, pois, convencidos pelos argumentos de Ellis approvamos as suas conclusões*".

o rio Taquary matto-grossense, sem objectivo visível.

O alvo das *razzias* bandeirantes, na data em que Francisco Bueno, á frente da sua expedição, sahiu de S. Paulo, era indiscutivelmente o sertão dos Patos, na provincia de "Tape", em pleno Rio Grande do Sul. Era um magnifico e inesgotavel celeiro de indios, já mansos e baptisados, das reduções. Dahi, ainda, não havia chegado Raposo Tavares, com seus imperterritos companheiros, trazendo enormes despojos e immensa copia de indios capturados. Para essas paragens, sem duvida, deveria ter a bandeira sob exame, seguido.

Justamente nesse sertão dos Patos, provincia de "Tape" havia um rio Taquary, perfeitamente mencionado com esse nome e muitissimas vezes assignalado nas chronicas jesuiticas do tempo e já conhecido, tambem, dos paulistas. Raposo Tavares, em 1636, deveria tel-o atravessado, para poder attingir Jesus Maria. Isso teria acontecido em 1635, com bandeirantes de Aracambi.

Não parece que a denuncia do provincial jesuita do Paraguay, mencionando os chefes Francisco e Jeronymo Bueno, Domingos Garcia e Aguiar Bueno, venha desmanchar o meu raciocinio. A provincia de "Tape", estava sob o provincial do Paraguay, ao passo que este nada tinha que ver contra os paulistas, que, porventura, fossem a Matto Grosso, em cujo Taquary não havia estabelecimentos jesuiticos.

O Rio Grande do Sul pois, deveria ter sido o territorio percorrido pelos companheiros de Francisco Bueno e o Taquary dos documentos paulistas, com absoluta certeza, foi o rio affluente do

Jacuhy. Quando não obrigassem a essa conclusão os argumentos acima referidos, havia um só que bastaria para convencer.

Consiste elle na extraordinaria paridade nas datas, entre as chronicas dos jesuitas, synthetizadas magnificamente pelo illustrado padre Carlos Teschauer (*"Historia do Rio Grande do Sul"*), que assignala, em meados de 1637, uma grande bandeira paulista no rio Taquary, marchando contra as reduções do alto Jacuhy, depois de ter atacado os indios Caamós e Caaguás, entre o rio Cahy e o littoral, com os documentos paulistas, quaes os inventarios citados dos bandeirantes mortos, no sertão do rio Taquary.

O de João Preto, em 8 de junho de 1637.

O de Manuel Preto, o moço, em 2 de julho de 1637.

O de Gaspar Fernandes, em 26 de maio de 1637 (loc. cit. *"Invent. e tests."*).

A bandeira assignalada por Teschauer não póde deixar de ser a de Francisco Bueno, em vista de tão admiravel coincidencia de datas, confirmando a de designação geographica, bem como a orientação natural da directriz bandeirante na época (31).

Isso estabelecido, e deixado o assumpto livre de qualquer sombra de duvida, acompanhemos a bandeira na sua campanha, aproveitando os magnificos, ainda que, naturalmente, apaixonados ensinamentos de Teschauer. Este eminente historiador era jesuita; além de que elle bebeu os seus ensinamentos nas chronicas dos jesuitas, da épo-

(31) Taunay na sua *"Historia Geral das Bandeiras Paulistas"*, vol. II, já se inclina pelo que acima fica referido.

ca seiscentista, contemporaneos da conquista de "Tape".

Sahindo Francisco Bueno e sua tropa de S. Paulo em principios de 1637, para o sul, passando, talvez, pelas cabeceiras do Ribeira, classico caminho do Guayrá e nascente do Tibagy, atravessando os Estados do Paraná e Santa Catharina, penetrou no Rio Grande, surgindo em maio, desse 1637, no rio Taquary.

Enormes devastações deveriam os paulistas ter praticado já no caminho, entre os indios carijós e outras tribus sulinas, pois grande foi o pavor que os precedeu, entre os "tapes", tendo os indios da redução de San Joaquin, anteriormente evacuada pelos padres, se dispersado, logo á chegada dos paulistas invasores. Divididos estes em duas columnas, para mais facilmente atacar as reduções ao sul e ao norte, cahiram como raios sobre Santa Thereza, que tinha cerca de 4.000 almas.

Eram os paulistas, diz Teschauer, 260, auxiliados por numerosos indios, cifras provavelmente muito exaggeradas (32).

A bandeira tudo destruiu, entregando-se os habitantes de Santa Thereza, sem resistencia. Esse ataque se deu em fins de 1637, no dia de Natal, tendo naturalmente a gente dos Buenos se demorado muito tempo, invernando no rio Taquary, antes de iniciar a marcha destruidora para o noroeste, onde ficava Santa Thereza.

(32) Acho exaggerados porque então S. Paulo formava já a expedição de Raposo Tavares, com cerca de 120 paulistas, com o que sommariam os homens de Bueno um total grande demais para as forças demographicas paulistas.

Continuando a sua marcha nessa direcção, os paulistas de Bueno acercaram-se de San Carlos de Caapi, de Apostoles de Caazapaguazú, destruindo-as, após Candelaria e Caaró; — todas na provincia do “Uruguay” em principios de 1638.

Ao se defrontarem os paulistas com a redução de Caaró, conta-nos Teschauer, 1.500 indios chefiados pelo padre Alfaro deram-lhes combate desesperado, sendo, porém, depois de intensa refrega, postos em fuga.

Na sua caminhada conquistadora, tiveram os bandeirantes de Francisco Bueno de travar mais um sanguinolento combate, contra os indios das reduções. Estes eram commandados, pelo famoso guerreiro rubro Nicoláu Nhienguirú o vencedor de Nheçum. Nesse combate, ainda foram vencedores os filhos de Piratininga. Graças a isso, cahiu em seu poder a redução de San Nicolas no Piratiny, a ultima restante de todo o noroeste do Rio Grande do Sul.

Com este ultimo successo foram os jesuitas expulsos para além Rio Uruguay. Apenas lhes ficaram das duas florescentes provincias de “Tape” e “Uruguay”, as reduções situadas sobre o Ibicuhy, que, mais a sudoeste, ainda não tinham sido attingidas pelas incursões formidaveis dos moradores de S. Paulo.

Em fins de 1638, deveriam os companheiros dos Buenos ter tomado o caminho de volta ao povoado. Foram então atacados pela rectaguarda, pelos bronzeos sagitarios de Nhienguirú, reforçados por 1.500 indios trazidos, ás pressas, pelo padre Romero, travando-se então, o combate de Caazapamirim, sendo os paulistas, ainda vencedores,

diz o erudito Basilio de Magalhães. (“*Rev. Inst. Hist. Bras.*”, tomo esp., V. II, 102), vencidos affirma Teschauer.

Com isto, voltaram os bandeirantes a S. Paulo, onde chegaram, pouco antes de 19 de março de 1639, data em que encontrámos João Paes Mallo, da lista supra mencionada, figurando no inventario judicialmente procedido, por morte de Francisco Bueno, o chefe da expedição, morto no sertão. (“*Invent. e tests.*”, v. XIV, 35). E’ certo, porém, que até fins de janeiro de 1639, em S. Paulo, não se tinham noticias da bandeira, como se pôde ver do inventario do referido Francisco Bueno, (“loc. cit.”, 20):

“... sem se fazerem nelles partilhas por razão de se esperar pelo testamento do defunto pelo trazer seu irmão Jeronymo Bueno e até agora não é chegado nem novas delle...”.

E’ possivel que muitos dos bandeirantes, componentes da léva de que trato, tivessem se separado do grosso da expedição. Elles teriam chegado a S. Paulo, no anno de 1638, data em que Amador Bueno, o moço, e seu irmão Antonio Bueno se casaram, respectivamente, com Margarida de Mendonça e Maria do Amaral, segundo affirma Silva Leme (“*Genealogia Paulistana*”, tit. Buenos, vol. I, 419 e 421).

A mesma conclusão deve-se tirar, por ter sido o inventario de Francisco Bueno procedido, judicialmente, em S. Paulo, muito antes da chegada da bandeira que elle commandava. (“*Inv. e tests.*”, loc. cit.).

Dous longos annos levou a gente paulista de Francisco Bueno internada no sertão. Sustentou ella as mais ardorosas pelejas, como attestam os numerosos fallecimentos de bandeirantes, assignalados pelos muitos inventarios feitos no sertão. Foi ella, sem duvida, uma das mais notaveis façanhas em toda a historia do bandeirismo paulista, e um dos mais memoraveis capitulos na historia da conquista do Rio Grande do Sul, pelos nossos vetustos antepassados, na lucta tremenda, sustentada por elles contra o jesuita e o castelhano, para maior gloria da nossa historia paulista.

CAPITULO XVI

CONQUISTA DE "TAPE" E "URUGUAY"

Bandeira de Fernão Dias Paes, no Rio Grande (1637 - 1638)

Quando, em principios de 1637, sahia de S. Paulo, em demanda aos sertões riograndenses do "Tape", a grande expedição chefiada pelo capitão Francisco Bueno, aprestava-se uma outra quadrilha de assalto, sob o mando capitão Fernão Dias Paes, o futuro heróe das pedras verdes.

Os documentos que a denunciaram, entretanto, não permittiram determinar, com precisão, a data da partida, para o sertão, da léva que menciono. E' certo que, em 1.º de janeiro de 1638, data em que, em S. Paulo se procediam ás eleições para os cargos de officiaes da Camara, já a bandeira de Fernão estava ausente do povoado paulistano. Membros della, taes como Gaspar da Costa, tendo sahido eleitos nos pelouros, não puderam ser effectivados, em virtude de ausencia, pelo que tiveram de ser outros nomes votados ("Actas", vol. IV, 370 e 371).

Não ha duvida que o chefe da expedição, o capitão Fernão Dias Paes, tenha sido o que des-



Omitiendo por lo tanto las unidas
 de "Tapa" y "Uruguay" -
 quedan a cargo de D. Agustín Saldaña
 el resto de las partes -

cobriu, no fundo sertanejo do rio Doce, as almejas esmeraldas, mais de quarenta annos depois. E' certo que, em S. Paulo, havia um tio do famoso sertanista, com o mesmo nome e com mais idade e condições para chefiar bandeiras, sendo que em 1638 tinha apenas 30 annos o estoico e tenacissimo Fernão Dias.

O seu tio homonymo e tambem bandeirante, porém, encontramol-o em S. Paulo, funcionando no seu cargo de procurador e capitão dos indios, em 11 de setembro de 1638, época em que a bandeira de Fernão estava no sertão ao longe (*"Actas"*: vol. IV, 402).

Qual, porém, o destino tomado, pela grande arrancada do futuro actor da monumental tragedia do Sumidouro?

O laconismo dos documentos assignala-a no sertão do Rio Grande, que o insigne mestre e profundo rebuscador do nosso passado, Affonso Taunay, na sua preclarissima conferencia, proferida a proposito do grandioso vulto de Fernão Dias, quiz interpretar como sendo o rio Paraná, que então era conhecido como rio Grande pelos paulistas.

E' de opinião Taunay ter a expedição, sob exame, percorrido o Guayrá devastado, chegando até ás margens do grande caudal.

A outras interpretações, porém, se presta a designação de rio Grande, unico sulco deixado, nos documentos paulistas, pela empreitada, de que trato. Rio Grande poderia ter sido o proprio Paraná, quando este, muito abaixo, divide os territorios, hoje argentinos das Missiones, dos

paraguayos, ou mesmo quando as aguas do grande rio atingem a provincia correntina (33).

Rio Grande, porém, poderia ter sido o rio Uruguay, caudaloso curso de agua, possivelmente, alvo de uma denominação que os paulistas prodigalisavam a muitos dos rios por elles conhecidos.

Rio Grande, dos documentos paulistas, poderia, enfim, ter sido, no proprio Rio Grande do Sul, a Lagôa dos Patos, tambem chamada Rio Grande, como faz certo a já citada carta de Felippe IV ao vice-rei do Perú, marquez de Manceira, de 16 de setembro de 1639:

“... como por el puerto de Patos y “rio grande”. (Taunay, “Era das bandeiras”, 91) (34).

Em abono dessa ultima interpretação, a meu ver a mais acertada, milita a natural conclusão de que Fernão orientava a sua bandeira segundo a directriz invariavel da época, isto é, para as regiões da provincia de “Tape”, então atacada, segundo já sabemos, pelas bandeiras de Raposo Tavares e Francisco Bueno.

Foram muitas as incursões bandeirantes assignaladas no Rio Grande do Sul, pelos chronicistas da Companhia de Jesus, a devastar as reduções. Ellas, entretanto, até agora não têm sido bem identificadas. Não se sabe tambem, com exa-

(33) Mais tarde Taunay, convencido pelos mesmos argumentos rectificou o juizo que formára sobre a região percorrida por esta bandeira. “*Annaes do Museu Paulista*”, tomo IV, 32.

(34) Parece que a terminologia “rio grande”, aqui, é attribuida ao rio Guahyba.

ctidão, quaes tenham sido os paulistas, autores dessas memoraveis façanhas.

Com os indícios que a documentação paulista offerece, ao lado de um raciocinio perscrutador, chega-se á conclusão de que Fernão Dias Paes, com sua bandeira, militou contra as reduções jesuíticas no "Tape".

Confirmando esse resultado, achei em Simão Pereira de Sá, na sua "*Historia da nova colonia do Sacramento*", interessantissima referencia a Fernão Dias, aliás já reproduzida por Tau-nay, mas que penso esplendidamente condizente para o que affirmo sobre a expedição sob exame:

"... mas destas intruzoes e atentados se desforçarão as nossas armas descendo da cidade de Sam Paulo Fernam Dias Paes com muitos naturaes intrepididos e esforçados os quaes apresentando batalhas aos Castelhanos e seus "confederados" por varias vezes lhes fizeram viva guerra. Constrangidos do erro e timidos da mortandade desalojarão de muitas "aldeias" e se retirarão para seus dominios perseguidos fugindo maltratados. Lisongeados os paulistas das victorias se hião valerosamente a encontrar as tropas..."
(loc. cit. liv. 16, 46 vs.).

O texto de Simão Pereira de Sá é muito claro, elaborado como foi no anno de 1750, um seculo, apenas, depois das arruaças paulistas no Rio Grande do Sul. Por elle, vê-se que os paulis-

tas de Fernão Dias deram combate aos hespanhóes e seus alliados, que não seriam outros senão os jesuitas e os indios das reduções, sendo estes desalojados de muitas aldeias, as quaes não passavam das aglomerações jesuiticas do Tape e do Uruguay, sendo elles perseguidos pelos paulistas, fugindo para os seus dominios de além do rio Uruguay. Evidencia muito esse documento, do remoto historiador, em haver a bandeira de Fernão Dias penetrado no territorio riograndense, a guerrear os padres da Companhia, quando os paulistas apprehenderam a conquista desses sertões sulinos.

E' esta, pelo menos, a minha convicção, muito embora acoimado de pouca autoridade seja Simão Pereira de Sá e apesar do doutissimo mestre Tournay collocar essa expedição de Fernão Dias, referida por Simão, no territorio uruguayo, o que a meu ver não é provavel (*"Mappas das bandeiras do Museu Paulista"*).

Além desses preciosos indicios, que me levaram ao raciocinio exposto sobre a bandeira, que o capitão Fernão Dias Paes commandou, em 1637-1638, existem varias referencias, nas chronicas jesuiticas do tempo. Ellas serviram de base, para o padre Teschauer escrever, na sua magnifica *"Historia do Rio Grande do Sul"*, a respeito de uma bandeira paulista, cujas datas coincidem perfeitamente com as em que esteve a de Fernão no sertão.

E' a que Teschauer assignala, conquistando, em 1638, as reduções do Ibicuhy, as restantes da provincia de "Tape", San Cosme y San Damian, San Joseph, San Thomé, San Miguel e Nactividad.

Segundo Teschauer, ficaram essas reduções, em 1638, completamente arrazadas pelos paulistas, que voltaram a S. Paulo, em seguida, levando um numero elevadissimo de indios, além de grandes despojos, da florida christandade, que ahi vivia.

Assim, pois, Fernão Dias, o bandeirante emérito, assinalado, nos documentos paulistas, no sertão do Rio Grande, seria o salteador das reduções do Ibicuyh (35).

(35) De facto, bem analysada a vida de Fernão Dias á luz dos documentos impressos, chega-se á certeza de que, a não ser em 1645, só em 1638-1639, poderia ter o insigne "condotieri" feito jus ás referencias da chronica setecentista de Simão Pereira de Sá.

Encontra-se o sertanista das pedras verdes em S. Paulo de volta da sua peregrinação pelo sul já em 1640 ("*Actas*", vol. V; 25, "Inv. e tests.", vol. XIV; 39).

Em dezembro de 1640, Fernão foi o chefe da expedição a Santos, com um desembarque de flamengos, tendo em S. Paulo tomado parte não activa na expulsão dos jesuitas. ("*Annaes do Museu Paulista*", tomo IV, 36 — Taunay).

Sabemol-o em S. Paulo até fins de 1644, quando parece que, á frente de uma grande bandeira, penetrou no sertão ignoto.

Era esta bandeira desconhecida na lista das *razzias* bandeirantes, até que encontrámos um documento denunciando-a, constante, do inventario de Lucrecia Leme, sua avó ("*Invent. e Tests*", vol. XIV, 325):

"..... porque o capitão Fernão Dias Paes se não sabe o logar nem parte certa donde esteja para haver de ser citado".

Tem este documento a data de julho de 1645.

Até fins de 1646, Fernão esteve ausente de S. Paulo, visto como não compareceu no inventario citado, para receber o seu quinhão de herança, em seu logar figurando seu irmão mais velho, Paschoal Leite Paes.

Talvez essa bandeira de Fernão, fosse a mesma, que descobri em 1646, graças ao seguinte documento: ("*Actas*", V, 262):

A documentação paulista a que me tenho referido, como base identificadora da bandeira, é um inventario de Antonio Silveira e seu testamento feitos no sertão, por seu fallecimento (*"Invent. e tests."*, vol. XI, 239 e seguintes).

"..... porquanto a mor parte dos m.res desta villa e ainda os de mayores poses estavam de caminho para o sertão sem nenhum temor de deos nem das justias desamparando esta capitania e deixando-a exposta a notaveis perigos....."

O certo, porém, é que só encontrámos Fernão em S. Paulo em 1649 em dezembro (*"Actas"*, V, 398), sendo provavel que, bem antes, tenha chegado do sertão.

Em 1651 foi chefe do executivo, Juiz Ordinario (*"Actas"*, V, 451 e seguintes). Até 1659, não sahiu Fernão, de S. Paulo, evidenciando-se, na lucta entre os Pires e Camargos, bem como na readmissão dos jesuitas e na do vigario Albernaz, banido pelo povo, depois de varios tumultos (*"Actas"*, VI, 27 e *"Invent. e Tests"*, vols. XV, 310, XVI, 30, etc.).

Em dezembro de 1660, o seu nome constante do *"Registo"*, vol. II, 601, prova sua presença em S. Paulo. Em 1661, sabe-se que esteve elle no antigo Guayrá, entre os Guayanazes, de Tombú, Sondá e Gravitahy.

Já Pedro Taques nos affirma isso, dizendo mais ter Fernão, por alguns annos, passado no convivio dos tres monarchas de rubra raça Guayaná. E' bém certa essa asserção do insigne Plutarcho dos varões illustres paulistas, pois que, ainda em feveiro de 1662, não havia Fernão voltado ao povoado paulistano, visto como pelo inventario de seu irmão Pedro Dias Leite, ahi figurava representado, por seu outro irmão e procurador João Leite da Silva (*"Invent. e Tests"*, vol. XVI, 48).

Em 1664, já de volta da sua demorada incursão, por entre a referida nação gentilica, Fernão Dias, recebia de Affonso VI de Portugal, um autographo concitando-o a auxiliar a expedição das esmeraldas, de Agostinho Barbalho, o que se deu pressa o magnata paulista em fazer.

Dessa occasião em deante, encontrámol-o em S. Paulo, até 1666 (*Actas annexo* ao VI, 483) e em junho de 1667, em documento inserto no vol. XVII dos *"Invent. e Tests."*, 168, prova de ter elle persistido em não abandonar a villa.

Por elles, se consegue a referencia do sertão do Rio Grande, bem como os nomes dos bandeirantes seguintes commandados por Fernão Dias:

Capitão Fernão Dias, seus irmãos, Paschoal Leite Paes e Pedro Dias Leite, e seu tio Luiz Dias Leme (o mesmo bandeirante da entrada de Acarambi, ao Rio Rio Grande do Sul), Valentim Pedroso de Barros (futuro heróe do Nordéste na guerra hollandeza), Domingos Leme da Silva, Matheus Leme, Paschoal Leite Fernandes, Salvador Simões, Romão Freire, João Nunes da Silva, Sebastião Gil, o moço, Pedro Agulha de Figueiró, Antonio da Silveira (o fallecido), João de Santa Maria, Christovam de Aguiar Girão, Mauricio de Castilho, o moço, Manuel de Cas-

Sem ter voltado ao sertão em bandeirismo, Fernão permaneceu até 1672, quando, em agosto, foi convidado a organizar bandeira para ir ás esmeraldas. ("*Invent. e Tests.*", vol. XVII, 266, 281, 302; "*Actas*", VI, 219, 263, 273 e 284).

No anno seguinte, em 1673, partiu Fernão, como é sabido, não mais voltando com vida, da sua fantastica empreitada, em Minas Geraes.

Com tudo isso, vê-se que, a não ser em 1638-39, só em 1644-1646, poderia Fernão ter luctado contra os Castelhanos e seus alliados, sendo que antes de 1638, era elle muito jovem, para chefiar bandeiras.

No dilemma, pois, de ter Fernão, em 1638-39, ou em 1644-1646, luctado contra os Castelhanos, no sul, a primeira data reúne indicios mais poderosos, como já fiz notar, ao passo que a segunda, por emquanto, nada tem a seu favor, não havendo o menor ponto de partida, para se saber onde tenha ido com seus companheiros bandeirantes.

A' vista disso, não é audacia concluir-se que Fernão em 1638-1639 foi conquistador do Tape.

tilho, Gaspar da Costa, Ba...., Paulo da Costa, João Favacho, André Bernardes, Fructuoso da Costa, Antonio Gonçalves Perdomo, Francisco Alves Marinho, João de Oliveira (com certeza Sutil de Oliveira), Domingos Barbosa (Calheiros, com certeza).

Voltando da sua perigração pelo Rio Grande, essa expedição ainda não havia chegado ao povoado paulista, até aos ultimos dias de 1638, como se deprehe de do não comparecimento em Camara dos officiaes que haviam no principio do anno sido eleitos para os cargos de officiaes. Assim foi com relação a Gaspar da Costa (*"Actas"*, V. IV, 371 a 412).

A sua chegada a S. Paulo deveria ter coincido, com a volta da bandeira dos Buenos em principio de 1639.

Eis o que consegui saber com respeito de uma grande empreitada, sepultada no olvido de um longinquo passado. O conhecimento mais nitido della é devido á publicação dos documentos paulista, que citei, em torno dos quaes, foi possível tecer uma série de raciocinios, originadores da hypothese que constitue o presente trabalho. Outras pesquisas a fazer, em documentos que a poeira dos archivos ainda conserva em seus dominios serão os juizes infalliveis a julgar da veracidade desta hypothese, que, óra, deixo registrada.

CAPITULO XVII

CONQUISTA DE "TAPE" E "URUGUAY"

*Bandeira de Domingos Cordeiro (1639) —
Bandeira de Jeronymo Pedroso de Barros (1641) —
M'Bororé.*

Em 1638, em S. Paulo, nos meios bandeirantes, o entusiasmo bellico era intenso, contra os jesuitas e castelhanos. No sul, numerosas bandeiras se succediam, no sertão riograndense, na faina de conquista a Castella e destruição das reduções da Companhia, do allucinado fidalgo de Manreza. Muito pouco se ligava á guerra hollandeza, que ia accesa no norte das colonias (36). Neste anno, nada menos de tres grandes expedições estavam empenhadas na lucta: a de Raposo Tavares, a de Francisco Bueno e a de Fernão Dias, além de uma quarta que se aprestava para partir. Entre outros sertanistas, que escaparam á identificação, consegui saber os seguintes nomes, pertencentes a essa quarta expedição:

(36) Esse facto palpavel e evidente do nosso passado não é muito abonador da homogeneidade da historia brasileira.

Isso mostra, ao contrario, que as historias regionaes é que importavam.

Domingos Cordeiro, Fernão Dias Borges, Mathias de Oliveira e Pedro de Oliveira. (*"Invent. e tests."*, vols. VIII e IX).

Dirigindo-se ao sertão foi essa empreitada infeliz. Foram mortos varios bandeirantes, seus componentes acima mencionados, não havendo em S. Paulo mais noticias a seu respeito. Isso dá a entender ter sido essa bandeira aniquilada.

E' isso que se vê das inquirições procedidas em S. Paulo (*"Invent. e tests."*, vols. VIII, 138 e XIV, 199, 253 e 213): ". . . conforme affirmam e juram numero de testemunhas de experiencia que bem sabem o risco e perigo do dito sertão..."

Apesar de não se ter elementos que, positivamente, o assegurem, acho que essa expedição aniquilada no sertão o tenha sido na lucta travada contra os jesuitas do "Tape". Na occasião, a orientação das *razzias* bandeirantes era indiscutivelmente essa região riograndense. Na data em que deveria ter sido destroçada a bandeira sob exame, segundo ensina o padre Tschauer, na sua *"Historia do Rio Grande do Sul"*, iniciava-se entre os jesuitas, indios e castelhanos a reacção contra as incursões audaciosas da gente de S. Paulo. Nos combates travados, em alguns os jesuitas, com seus indios armados, levaram de vencida os bandeirantes, que ameaçavam tão longe do seu ninho.

De facto, em 1639, conseguiram os indios e jesuitas, dirigidos pelo guerreiro Nhienguirú e pelo padre Alfaro, esmagar uma bandeira paulista, em um combate, no qual foi morto o padre Alfa-

ro, perdendo também a vida grande quantidade de paulistas, cahindo outros prisioneiros. Estes foram entregues, pelos padres, ao já celebre D. Pedro de Lugo y Navarro, governador do Paraguay, então em visita ás missões da margem direita do Uruguay.

Deu-se esse combate nas proximidades de Caazapaguazú, em começo de 1639, sendo que a bandeira avançava pela margem direita do Uruguay, segundo diz Teschauer. Os prisioneiros foram, por D. Pedro de Lugo, levados a Assumpção, de onde foram libertados e tratados com muita consideração. Os paulistas, mais uma vez, deveriam se julgar afortunados com a constante boa vontade dos governadores paraguayos a seu respeito...

Acho muito possível que a bandeira de Domingos Cordeiro e de seus companheiros tivesse sido a esmagada por Nhienguirú, tendo perecido no combate os bandeirantes, que não mais tornaram ao povoado paulistano.

A proposito dessa bandeira existe, entretanto, uma curiosidade notavel, qual a de Domingos Cordeiro e Fernão Dias Borges, dous sertanistas dados como desaparecidos, figurarem assignando o testamento de Sebastião Gonçalves, feito no sertão em 163... (talvez 1639, "*Invent. e tests.*", vol. XI, 199). Ora, Sebastião Gonçalves falleceu no anno de 1641, no sertão, em companhia da bandeira chefiada por Jeronymo Pedroso de Barros, da qual me occuparei em breve. Esse facto me leva a suppôr terem havido ligações entre a ban-

deira desaparecida de Domingos Cordeiro e a de Jeronymo Pedroso (37).

Ou então Sebastião Gonçalves fez o testamento no sertão, quando anteriormente ahi penetrou em companhia da infeliz bandeira de Domingos Cordeiro. A falta de outros elementos me impede, porém, de conhecê-las, bem como, deixa na escuridão do mysterio uma sciencia mais profunda a respeito da bandeira, que encontrou a desdita no sertão, além Tordezilhas. Isso tudo me limita a uma hypothese, que só tem a seu favor possibilidades mais ou menos acceitaveis.



Até o anno de 1641, haviam já os paulistas conseguido expulsar os jesuitas de todo o territorio do "Tape", bem como se assenhorear da totalidade das reduções do "Uruguay".

A grande região, que hoje constitue o Estado do Rio Grande do Sul estava, por completo, conquistada, pelas armas paulistas, que, em successivas arrancadas, haviam tomado essa immensa área ás garras de Castella, para reunir á *monarchia lusa dos Braganças, recémconstituída*.

Os paulistas em 1641 sempre mais afoitos, pelas suas constantes victorias, já cubiçavam os indios fugidos para o territorio mesopotamico, á margem direita do Uruguay, hoje provincia argentina de Corrientes. Ahi os jesuitas haviam er-

(37) Também é possível ser a bandeira sob exame, a derrotada em M'Bororé e os sertanistas desaparecidos serem victimas do infeliz combate em que, tão ao longe, os paulistas foram vencidos.

guido novas reduções, com os elementos escapos á sanha paulista no "Tape" e no "Uruguay".

Assim é que, nesse anno, vinda do norte, pela margem direita do Uruguay, surgiu deante das recém-edificadas aglomerações jesuitico-guaranis um bandeira paulista. Silenciam as chronicas jesuiticas o nome do chefe dessa bandeira, bem como dos seus componentes.

Os loyolanos, já prevenidos, desde 1640, da aproximação dos bandeirantes de S. Paulo, haviam organizado a resistencia. Prepararam um exercito, com cerca de 4.000 indios, escolhidos da enorme massa rubra mobilizada, á testa dos quaes collocaram o murubixaba Abiarú. Disponha a força guarani de cerca de 300 arcabuzes e mesmo de artilharia de bambú, diz Teschauer.

Não podia ser grande a bandeira paulista, apesar das cifras enormes, fantasticamente relatadas pelos jesuitas, que escreveram a chronica, visto como de S. Paulo havia seguido para a guerra hollandeza no Nordéste, reunindo-se á celebre expedição naval do conde da Torre, um concurso militar não pequeno, composto dos seus mais valerosos bandeirantes, chefiando os seus guerreiros mais escolhidos.

Talvez, mais de duas centenas de expedicionarios tenham ido a guerrear o flamengo. Muitos desses ficaram juncando as torridas catingas parahybanas, na retirada de Barbalho. Outros muitos haviam se transviado, com os destroços da esquadra do titular da Torre, para Carthagenas das Indias. Outros, emfim, haviam se demorado na Bahia, defendendo-a contra o assalto de Mauricio de Nassáu, não dando tempo para, chegando a S.

Paulo, em 1640, partir em bandeira, para o sertão sulino do Rio Grande e ahí tomar parte no combate de M'Bororé.

Tambem em 1641, duas aclamações se ouviam estrepitosas, em S. Paulo, quaes a de Amador Bueno, e a de D. João IV, reunindo no povoado avultadissimo numero de paulistas.

Com isso, facilmente se comprehende quão modestas proporções, deveria ter a bandeira paulista que, no mez de março de 1641, descia pela margem direita do rio Uruguay.

Chegando ella proximo ao riacho chamado M'Bororé, foi subitamente surprehendida pela artilharia dos jesuitas (38). Nessas condições travou-se o combate, o qual durou encarniçado tres dias, terminando com a retirada dos paulistas e victoria dos indios das reduções. Teve tão pequeno effeito, esse insuccesso dos paulistas, que os jesuitas, aterrorizados ainda pela audacia "mameluca", não tiveram coragem de reatruessar o Uruguay e se estabelecer de novo em terras do Rio Grande do Sul, senão no fim do seiscentismo, em uma estreita faixa ao noroeste do territorio do Estado gaúcho. Ahí elles implantaram, então, o celebre Sete Povos, estando, então, os paulistas occupados com as descobertas auríferas, com que desprezavam já as *razzias* de apresamento de indios.

Qual teria sido a expedição paulista estacada no combate de M'Bororé?

(38) Mais minucias desse encontro existem na monumental "*História Geral das Bandeiras Paulistas*", vol. II, do insigne Tau-nay. Tudo quanto se sabe, porém, sobre esse feito, é bebido em chronicas jesuiticas, que eram parte na lucta.

A documentação jesuitica e a hespanhola, até agora conhecidas, em nada adeantam, para o descobrimento do mysterio que ennevôa essa parte historica do nosso passado.

A documentação archival paulista, por outro lado, silencia por completo a respeito desse capitulo bellico, o mesmo se dando em relação ás chronicas dos mais antigos estudiosos do passado paulista. Vejamos entretanto, quaes os empreendimentos sertanejos, de S. Paulo, na occasião em que se feria M'Bororé (39).

Havia uma bandeira no sertão, assignalada pelo fallecimento de Luiz Dias (*"Invent. e test."*, vol. XIII, 434), e uma outra, tambem internada nas selvas, denunciada pelo inventario ahí procedido por morte do bandeirante Sebastião Gonçalves (*"Invent. e tests."*, v. XI). Era esta ultima expedição chefiada pelo capitão Jeronymo Pedroso de Barros e se achava, na occasião do inventario supra mencionado, internada em um sertão do rio Grande, dos "*Guanayazes*".

Que rio Grande teria sido esse? Seria, porventura, o rio Paraná?

Ou o rio Uruguay? — Ou ainda, a Lagôa dos Patos, tambem assim chamada pelos paulistas?

Que sertão de indios "*Guanayazes*" seria o mencionado no inventario?

Poderia ser uma má gravação de "guayanazes", que eram localizados nas proximidades do rio Paraná, no antigo Guayrá, mas é tambem muito possivel que fosse uma corruptela do "*gonanazes*", cujo "habitat" era a região marginal do al-

(39) Hoje se sabe qual tenha sido a bandeira derrotada em M'Bororé.

to Uruguay, os mesmos que Theodoro Sampaio chama de "guanás", (*Rev. Inst. Hist. Bras.*, tomo esp., vol. II, 593).

A ser verdadeira esta hypothese, ou de ser a região ribeirinha da Lagôa dos Patos, o sertão do rio Grande, do documento citado, é bem possível ter sido a bandeira de Jeronymo Pedroso de Barros a que se bateu em M'Bororé. Isso é de se crer pela extraordinaria coincidência de datas, bem como o não se ter noticias de outra qualquer empreitada paulista no sertão, absorvida como estava a actividade dos moradores de Piratininga, na época em que teve logar a bandeira de Jeronymo e o combate de M'Bororé. Este facto, como já assignalei acima, torna difficil conceber-se a existencia de outra bandeira no momento, a qual seja a vencida de M'Bororé (40).

Essa possibilidade que faço notar, porém, só poderá ser estabelecida se outros elementos e vierem confirmar, depois de terem sido submettidos a analyse esmerada os documentos referentes a M'Bororé, de origem castelhana, o que, infelizmente, ainda está por acontecer, não obstante a grande actividade do insigne mestre Taunay, em procurar fazel-o. As difficuldades têm, po-

(40) O erudito historiador Taunay, recebendo do Archivo das Indias de Sevilha os documentos referentes a M'Bororé, conseguiu saber que a bandeira paulista derrotada nesse combate foi, na verdade, a que assignalei, chefiada pelo capitão Jeronymo Pedroso de Barros, bem como por João Pires. Esse, a meu ver, seria o bandeirante João Pires Monteiro, da lista por mim organisada ao tratar dessa expedição.

Ficam assim comprovadas, em documentos de origem castelhana, as minhas hypotheses, feitas muito antes de conhecer esses documentos, e então apenas baseadas em um raciocinio.

rém, vencido todos os esforços, nesse sentido, permanecendo os documentos, em candida virgindade, nos archivos de Sevilha.

Graças, ainda, ao inventario, mencionado, de Sebastião Gonçalves, feito no sertão, são conhecidos os seguintes nomes de bandeirantes que, com Jeronymo Pedroso, foram ao apresamento de indios:

Capitão Jeronymo Pedroso de Barros (cabo da tropa) e seu irmão Capitão Antonio Pedroso de Barros, Capitão Antonio da Cunha Gago (o gambeta), Balthazar Gonçalves, Bartholomeu Alvares, Sebastião Gonçalves (o fallecido), Antonio Rodrigues (?), Clemente Alvares, Simão Borges, João Leite, Mathias Cardoso (de Almeida), Pero Nunes Dias, Domingos Furtado, Miguel Lopes, Matheus Alvares, Pero Lourenço, Amador Lourenço, João Pires Monteiro, Pedro Cabral, Domingos Pires Valladares, Sebastião Pedroso Bayão, Antonio de Aguiar, Antonio Fernandes Sarzedas, Antonio Carvalhaes e João de Pina ("*Invent. e tests.*", V. I, 500 a 507 (41)).

(41) Vê-se nessa lista que foram parte da bandeira as ancestraes illustres e memoraveis de muitos troncos paulistas emeritos.

Ahi estão Pedroso de Barros, João Pires Monteiro, Domingos Pires, Pedroso Bayão, Clemente Alvares, Mathias Cardoso e outros que, por si ou por suas proles deveriam tanto se sobressahir no bandeirismo,

Essa bandeira, no sertão, em setembro de 1641 só deveria ter chegado ao povoado paulistano, em agosto do anno seguinte, data em que, judicialmente, foi iniciado o inventario de Sebastião Gonçalves.

CAPITULO XVIII

PRIMEIRO SOCCORRO PAULISTA PARA A RESTAURAÇÃO DO NORDESTE BRASI- LEIRO (1639)

E' sabido que d. Francisco de Mascarenhas, conde da Torre, foi almirante da poderosissima esquadra de trinta e tres grandes navios, encarregada da restauração do Brasil Nordéste, occupado pela batavo de Nassáu. Tendo elle perdido, na travessia oceanica, muita gente da sua infantaria e tendo conhecimento, ao chegar á Bahia, da fama dos sertanistas paulistas, a 3 de fevereiro de 1639 enviou a Salvador Correia de Sá uma provisão ordenando o levantamento de soldados, nessa capitania de S. Vicente e S. Paulo. Poderia o dito Salvador Correia de Sá, acabada a guerra, premiar aos voluntarios desse alistamento, com cargos e serventias vitalicias da capitania, onde eram moradores (*"Registo da Camara"*, vol. II, 79).

Com essa ordem Salvador, por sua vez, encarregou a d. Francisco Rendon de Quebedo (42),

(42) Esse Dom Francisco Rendon era hespanhol, vindo na armada de Dom Fradique de Toledo Osorio em 1625. Casára-se com Anna Ribeira, filha de Amador Bueno.

que procedesse ao alistamento e levasse a expedição ao Rio de Janeiro. Dahi deveria ser essa gente embarcada para a Bahia, onde o conde da Torre, pachorrentamente, a aguardava, no bojo de seus desgraçados galeões.

Tendo recebido de Salvador Correia de Sá a ordem para o levantamento, com a data de 18 de março de 1639, d. Francisco de Quebedo poz-se em campo, conseguindo alistar na capitania vicentina, vinte e dois infantes e cincoenta e quatro indios. Eram cifras insignificantes, como se vê, para o enorme espaço de tempo levado no serviço de recrutamento.

Por esses numeros diminutos se pôde verificar o pouco enthusiasmo que despertava na capitania a guerra de restauração no longinquo Nordeste, pois só em agosto chegou ao Rio de Janeiro d. Francisco de Quebedo, com seu minguado corpo expedicionario ("*Registo da Camara*", vol. II, 90), muito menor do que qualquer das expedições sahidas de S. Paulo para as bandas sertanejas, á conquista do indio (43).

(43) Por este pequeno detalhe, aparentemente de minima importancia, se vê que o paulista não se importava com o resto das colonias.

Eram mesmo regiões muito diferentes e distantes que se povoavam.

As communicações entre essas regiões eram raras. O isolamento as separava. As mentalidades caminhavam descentricamente.

Como podiam os paulistas se interessar pelo Nordeste, que elles não tinham muitos motivos para amar.

A patria delles se resumia ao planalto paulista. Apenas vagamente havia uma certa ternura por Portugal, e pelo seu rei. Isso mesmo que era alimentado pelas vindas constantes de elementos portuguezes emigrados e estaria amortecido com a reunião das corôas ibericas na cabeça dos Habsburgo.

Era um duro sacrificio a se desejar, por parte dos paulistas. Elles tinham as suas posses limitadas a pequena lavoura de trigo, marmello, milho, canna e algodão das redondezas de S. Paulo e S. Vicente. Não é provavel que vissem interesse directo na lucta da reconquista, contra o hollandez, que era considerado, pelos proprios portuguezes, como inimigos de Castella. Contra esta a Hollanda dirigia os seus bótes, em Pernambuco. Ia a tal ponto a bôa fé portugueza, em relação á Hollanda e o inverso para com a Hespanha, que, impacientemente, aguardavam o transe de se alliarem aos batavos, para se verem livres dos castelhanos (44).

Julgo tratar-se dessa primeira léva de que fizeram parte Antonio Raposo Tavares, Luiz e Valentim Pedroso de Barros, Diogo da Costa Tavares, Manuel Fernandes de Abreu e João Paes Florião, mencionados por Pedro Taques (*"Nobiliarquia"*, *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, vol. 24, 177 e segs. e 35, 47).

Levado ao Rio de Janeiro esse corpo de armas, por Dom Francisco de Rendon, que o fez inteiramente á sua custa, estava elle prompto para partir, reunido a mais gente alistada no Rio de Ja-

Isso faz com que a Historia do Brasil não seja senão uma somma de capitulos de historias regionaes.

Quem vislumbrou isso e corajosamente affirmou foi o sociologo fluminense Oliveira Vianna no prefacio do seu *"Populações Meridionaes"*, cujas sábias palavras, data venia, reproduzo:

— "*E' já possivel distinguir, da maneira mais nítida, pelo menos tres historias diferentes: a do norte, a do centro-sul, a do extremo-sul...*"

(44) Isso é naturalissimo aliás. Portugal, em bôa doutrina politica, deveria procurar os inimigos de seus inimigos.

neiro, por Salvador Correia de Sá, quando chegou nova provisão do conde da Torre, ordenando a Salvador que, para augmentar o vulto do corpo de soccorro, perdoasse os crimes commettidos, particularmente os de entradas ao sertão, aos que se alistassem nos corpos destinados á restauração. Com isso Salvador Correia de Sá, sustando a partida das tropas já organizadas, ordenou a Dom Francisco de Rendon, por uma nova provisão, que tem a data de 2 de agosto, desse mesmo anno, procedesse novo alistamento, em S. Paulo, pelo qual elle, em nome de sua Majestade, podia conceder o perdão pelos crimes commettidos.

Rendon deveria ter conseguido maior proveito, nesse seu novo alistamento, em S. Paulo, uma vez que acenava, com o perdão de sua Majestade, ao grande numero de criminosos existentes, culpados de exercicio do bandeirismo.

Não consegui saber o numero dos que Rendon conseguiu alistar, dessa vez. Não ha nos documentos paulistas a menor referencia ao vulto desse segundo corpo expedicionario. Delle, porém, deveriam ter feito parte os seguintes paulistas:

João Sutil de Oliveira, alistado para o fim de seu pae Francisco Sutil de Oliveira obter o perdão das muitas bandeiras em que tomou parte (“*Registo*”, vol. II, 99);

Paulo Pereira, (“*Registo*”, vol. II, 103), que não chegou a partir, pelo que enviou quatro indios em seu logar;

Estevam Fernandes, o moço, e Manuel Gonçalves, (loc. cit. 131);

Jeremias Nogueira, (loc. cit. 145); quatro índios de João Matheus Rendon, *José*, mameluco, filho bastardo de Pedro Alvares Moreira, acompanhado de seis índios, que haviam sido de seu pae (“*Invent. e tests.*”, vol. XI, 343 e 355); *Alberto de Oliveira*, filho de Rafael de Oliveira, o velho, que fez todos os gastos do avia-mento, para ser perdoado das entradas, que fez ao sertão, (“*Invent. e tests.*”, vol. III, 311); e *Lazaro Bueno*, que chegando da conquista do Tape, na bandeira chefiada por Francisco Bueno, tambem se alistou na gente de Dom Francisco de Quebedo (“*Invent. e tests.*”, vol. XII, inventario de Francisco da Cunha Gago).

Além desses nomes mencionados, muitos outros que os documentos silen-ciam a respeito.

Essa nova léva, bem mais numerosa do que a primeira, foi, pelo porto de Santos, para o Rio de Janciro, a se juntar á outra que a aguardava e dahi partiram, para a Bahia, embarcando na armada do conde da Torre, pelos fins de 1639.

Em janeiro de 1640, tomaram parte os paulistas, nos combates navaes, contra os flamengos, ao longo da costa parahybana. Com a derrota e dispersão da frota do titular da Torre, nos celebres combates dos seis dias, o corpo expedicionario paulista foi desembarcado na ponta dos Touros, no Rio Grande do Norte. Dahi fez até S. Salvador da Bahia, a famosissima retirada, sob a chefia de Luiz Barbalho, um dos feitos portento-

sos da historia, e que, sobremaneira, illustrou as armas paulistas, commandadas pelo mestre de campo Antonio Raposo Tavares.

Tomou parte na memoravel "anabase" do Nordéste brasileiro, chefiando uma companhia, o capitão Valentim Pedroso de Barros bem como seu irmão, com igual commando, Luiz Pedroso de Barros. São antepassados gloriosissimos de muitas das actuaes familias paulistanas. São ainda elles bandeirantes de raça, filhos do capitão Pedro Vaz de Barros. Luiz é o futuro cabo da tropa, que penetrou e morreu nas cumiadas andinas do Perú, em lucta fantastica contra os indios serranos.

Não sei, ao certo, se todo o corpo expedicionario paulista foi desembarcado na ponta dos Touros, dada a desordem que reinou nos destroços da esquadra luso-hespanhola, depois dos interminaveis combates navaes, em que foi batido o conde da Torre. E' possivel porém, que uma pequena parte dos paulistas tenha ido, com alguns galeões dispersos, sob o commando de Vega de Bazan, até Carthagena das Indias, para dahi se passar a S. Paulo, onde deveriam ter elles chegado de data muito posterior.

Antonio Raposo Tavares e muitos dos paulistas que com elle chegaram á Bahia, voltaram immediatamente a S. Paulo, ao que parece, com o fito de aliciar novos soldados, tendo sido mandados pelo marquez de Montalvão, D. Jorge de Mascarenhas.

Em todo o caso, Raposo Tavares foi assignalado em S. Paulo, nos primeiros mezes de 1641, acclamando D. João IV, logo á chegada da noti-

cia da separação dos dous reinos ibericos. O restante da gente paulista, provavelmente, permaneceu na Bahia, com os capitães Valentim e Luiz Pedroso de Barros, tomando parte na lucta contra o batavo, e defendendo a Bahia do ataque de Mauricio. O certo, porém, é que Valentim e Luiz voltaram muito posteriormente a S. Paulo, casados com as irmãs Siqueira de Góes de Araujo, de nobilissima estirpe portugueza, na Bahia.

Com a volta desses dous heróes a S. Paulo, terminou a historia do primeiro soccorro paulista ao Nordéste, infructifero, como viu-se sob o ponto de vista colimado, o da restauração.

Veu elle, porém, aureolado pelo martyrio estoico soffrido, com Barbalho, nas caatingas pernambucanas.

CAPITULO XIX

ACCLAMAÇÕES DE AMADOR BUENO E DOM JOÃO IV (1 e 3 DE ABRIL DE 1641).

Ainda que não sejam propriamente episodios de bandeirismo, essas duas acclamações a elle, estão ligadas, por laços taes, que resolvi incluir o estudo sobre ellas, entre os que realiso referentes á grande epopéa da gente paulista.

A acclamação de Amador Bueno a rei de São Paulo foi a bellissima pagina do nosso passado que frei Gaspar da Madre de Deus nos fez chegar com tanta precisão e que tão duramente atacada foi pelo odio surdo e inexplicável de Candido Mendes. Teve ella, entretanto, a sua definitiva consagração, na reconstituição das "*Memorias de frei Gaspar*", pelo tão erudito quão incansavel historiador paulista Affonso de Taunay. De vez para sempre foi derrocado o equivoco levantado por Candido Mendes, para lhe servir de base á aleivosa accusação, contra o monge beneditino historiador. Credor é Taunay da gratidão de todos os paulistas por ter sido esse insigne pesquisador, o descobridor das peças documentaes, onde se assenta a ver-

dade historica, sempre tão cultivada por frei Gaspar (45).

Quanto á data exacta desse acontecimento, bem como a em que teve logar a acclamação do primeiro Bragança, têm sido ultimamente objecto de alguma duvida.

Acreditam, alguns sabedores das sciencias historicas, que as acclamações tiveram logar mui-

(45) O meu pensamento a proposito do gesto de Amador Bueno é differente.

Se na apparencia esse meu directo ancestral foi de lealdade cavalheiresca, tudo me léva a crêr ter sido a timidez ou a fraqueza a causa de haver Amador recusado o throno paulista.

Não encontrei o nome de Amador em ról algum de sertanistas.

Pelos documentos elle não foi lavrador e sim moleiro e fabricante de chapéus de feltro.

Tivesse elle tido mais ousadia, S. Paulo teria então formado um Estado soberano.

As colonias, preoccupadas com a guerra hollandeza no Nordeste, não teriam elementos para guerrear os paulistas.

Se o fizessem, seria o enraizamento dos flamengos ao norte do S. Francisco, quiçá até onde?

Portugal, no seu malabarismo politico com a Hollanda, com os habeis manejos de Sousa Coutinho e do glorioso padre Antonio Vieira, nada poderia.

A Hespanha, que comprimia e ameaçava Portugal, aperreada pela França que a levou ao desastre de Rocroi, tambem nada faria.

S. Paulo ficaria livre, com um hinterland que abrangeria Minas, Goyaz e Matto Grosso.

Na mineração que riquezas espantosas seriam retidas, aqui livre de D. João V!

O gesto de Amador Bueno foi louvado porque o espirito de sebastianismo evocava as vergonhas de Thomar onde o Habsburgo Felippe 2.^o foi acclamado rei de Portugal (1580).

Os lusos ardiam por uma desforra e quizeram ver no acto de Amador Bueno uma nobreza que havia faltado depois da morte do cardeal rei D. Henrique, o ultimo Aviz.

to depois de 1 e 3 de abril de 1641. Basear-se-iam, talvez os que assim pensam, na agitação intensa, que lavrou na Paulicéa, em 19 de maio de 1641. Então cuidavam da expulsão dos jesuitas e da fuga do vigário Manuel Nunes. Essa agitação foi um esplendido inicio de revolução separatista, tendo a nossa, então villa, do planalto, se isolado, com as suas vias de comunicação cortadas, etc.

Tal movimento teve como consequencia a aclamação de Amador Bueno, affirmam os que optam pela data posterior a 1 de abril, como a em que teve logar a aclamação do rei paulista, visto como era Amador um dos chefes do movimento ante jesuita. Isso tambem attrahiu o concurso do elemento hespanhol, que teria assim servido apenas de complemento á aclamação.

Muitos são os historiadores que se filiam a essas considerações. Nellas se firmam as asserções do dr. Ermelino de Leão, no seu recente trabalho "*Vultos do passado paulista*", onde existe uma tendencia positiva para admittir as aclamações em maio e não em abril, como frei Gaspar e Azevedo Marques registraram.

Aliás muito antes de Ermelino de Leão assim se manifestar sobre essas datas, já Washington Luis, em 1904, ao escrever a sua bellissima memoria sobre Antonio Raposo, na "*Revista do Instituto Historico de São Paulo*", vol. IX, pgs. 494 e 495, assim se manifestava:

“Assim, pois, poderia elle ter tomado parte na aclamação de d. João IV, em S. Paulo, a 3 de abril de 1641. Escrevemos “poderia ter tomado” porque parece

que Azevedo Marques se equivocou quanto a esse facto e a essa data.

Nesse dia 3 de abril não houve vereança e nem nos livros de vereança existe auto algum de acclamação.

Examinamos com cuidado diversos outros livros da camara — registos fianças, eleições — que serviram no anno de 1641, e em nenhum delles encontramos esse auto de acclamação: é possível que elle exista em algum outro livro de que não tivemos noticia”.

Entretanto, se ha vinte annos atrás, Washington Luis não foi feliz na sua devassa aos archivos, mais tarde, quando esse historiador, sendo prefeito da capital, mandou publicar os papeis municipaes, prestou o immenso serviço á historia de tornar publico, justamente, o documento que, sem successo, antes, tanto procurára.

No volume VII, Supplemento, do “*Registo Geral*”, pg. 251, vem impresso esse auto de acclamação, com a respectiva certidão. Ahi está a data de 3 de abril, a provar que o facto, em absoluto, não teve logar em maio, nem em outra data qualquer.

Assim diz o documento:

“.....
o vereador mais velho Paulo do Amaral arvorou o dito pendão por tres vezes deixando em cada uma Real Real Real por El rei dom João o quarto de Portugal respondendo a cada uma destas vezes todos os circumstantes com mil vivas e jubilos

em o dito altar que estava preparado em o qual assistia o reverendo padre vigario revestido com o sobre peliz e estola em um livro dos Santos Evangelhos ou missal jurou nelle o dito capitão mór João Luiz Mafra de conhecer e manter por estes reinos de Portugal ao senhor dom João o quarto rei de Portugal promettendo-lhe a menagem desta capitania e que a não entregaria senão a sua real magestade ou a seu certo recado e acabado tornou o dito vereador a tremular com o dito pendão tres vezes dizendo Real Real por El Rei dom João o quarto de Portugal a quem seguiam os vivas e jubilos dos mais circumstantes e sahindo da dita procissão a casa do concelho donde havia de ficar o dito pendão por remate de tudo antes de se recolher o dito vereador fez as ditas cerimonias arvorando tres vezes o dito pendão ao que se seguiu a acostumada e aprazivel voz de todos com mil vivas e jubilos e por aqui se deu fim a esta tão festejada como alegre cerimonia de que mandaram fazer este auto de juramento e obediencia e eterna vassalagem e sujeição ao dito senhor rei dom João o quarto de Portugal em que assignara e eu Manoel Coelho escrevi. / João Luiz Mafra / Antonio Raposo Tavares / Francisco Pigneiro Raposo / João Fernandes de Saavedra / Paulo do Amaral / João Martins de Heredia / Miguel Garcia Carrasco. frei João da Graça dom abba-

de de S. Bento frei Manuel de Santa Maria

 Custodio / frei Francisco dos Santos guardião ambos de São / Fernão Dias Paes / Antonio Pompeu de Almeida / Francisco Rodrigues da Guerra / O licenciado Francisco de Chaves / o vigário Manuel Nunes (46) / Francisco Velho de Moraes / João Ferreira Coutinho / Lourenço Castanho Taques / Victor Antonio e Castro Novo / padre Manuel Madureira / Bernardo de Quadros / dom Francisco de Lemos / Manuel Lourenço de Andrade / Luiz Rodrigues Cavalheiro / Balthazar de Godoy / Claudio Furquim / Manuel Mourato Coelho / Domingos da Rocha frei Vicente de Brito frei Antonio de Santo Estevam frei Domingos da Encarnação Antonio Pedroso de Alvarenga / Antonio Ribeiro de Moraes / Ascenso Ribeiro / João Raposo Bocarro / Francisco da Fonseca Falcão / Gregorio Fagundes / Francisco Martins.

Como se vê, esse auto de aclamação não tem data, em virtude de haver o tempo deteriorado o papel onde estava escripto o cabeçalho. Existe, porém, uma certidão, logo a seguir esse documento

(46) Esse vigário Manuel Nunes fugiu de S. Paulo em meados de maio desse anno. Muito afeiçãoado aos ignacinos, tendo mesmo sido jesuita, esse padre incorreu no desagradeo dos paulistas pelo seu procedimento a favor da Companhia.

que traz a data de 3 de abril de 1641 e a elle se refere, como se pode vêr:

“*Certidão*”

“Certifico eu Manuel Coelho da Gama, escrivão da Camara desta cidade de S. Paulo e tabellião do publico judicial e nota nella e dou minha fé em como aos tres dias do mez presente de abril se jurou e recebeu nesta villa junto a nobreza della e mais povo, por rei legitimo dos reinos de Portugal, ao senhor D. João o quarto deste nome que Deus guarde, fazendo-se todas as cerimonias conteudas no auto atraz em que assignaram alguns delles confessando o dito povo uniformemente ao dito senhor D. João o quarto por seu rei e senhor, promettendo-lhe obediencia, lealdade e eterna vassalagem por bem do que passei a presente por mim feita e assignada no dito dia acima da era de mil e seiscentos e quarenta e um annos — Manuel Coelho da Gama.

(“*Registo Geral*”, vol. VII, supplemento 205).·

A’ vista, pois, desses dous documentos, evidente se torna, que a verdadeira data da acclamação, em São Paulo, do monarcha Bragança, foi 3 de abril de 1641. Como consequencia logica, tambem incontestavel, faz-se, que, Amador Bueno foi acclamado em 1.º de abril, visto como essa acclamação antecedeu a do principe bragantino.

A descoberta desses dous documentos de publicação official veio desfazer uma duvida e um erro que se accentuavam na nossa historia. A já mencionada obra de Ermelino de Leão, recentissimamente sahida a lume, muito convictamente affirma: não haver documento que prove terem as acclamações tido logar nos primordios de abril (*"Vultos do passado paulista"*, 145).

E' que o escriptor paranaense não teve a necessaria argucia de proceder á devassa da documentação impressa, deixando de compulsar os volumes do *"Registo Municipal"*.

A causa, porém, desse erro que ameaçava se enraizar nas paginas de nossa historia, está no pouco cuidado dos que a tem estudado se limitando a copiar o já impresso, abstendo-se das pesquisas originaes. Chegaram mesmo muitos historia-dores a ignorar o nome do proprio governador da capitania nesse anno de 1641!!!

Parece incrível que se tenha affirmado ter sido o capitão-mór nessa época um tal Luiz Leme (talvez attribuinto a Luiz Dias Paes Leme, o bandeirante, já nosso conhecido). Não figura entretanto nos documentos esse nome como exercendo o mencionado cargo da governança!

Ermelino de Leão, corrigindo essa asserção, diz que o capitão mór na occasião foi Francisco Pinheiro Raposo e, naturalmente, o mesmo signatario do auto de acclamação de dom João IV, como vimos acima.

A emenda é tão errada quanto o soneto, pois capitão mór era João Luiz Mafra, como se vê dos documentos impressos, estando de accôrdo com a verdade João Mendes, que isso affirmava.

A verdade historica reintegrada e banida qualquer duvida existente sobre a verdadeira data das acclamações, com elementos irrefutaveis, como os que estampeï acima, estão ellas definitivamente perpetuadas na nossa historia, marcando os episodios, que tanto revelaram sobre o estado de alma paulista.

Seriam dignas de um monumento que as perpetuasse á posteridade da nossa "urbs", evidenciando a gratidão do presente ao passado remoto, que testemunhou o primeiro movimento nacionalista da patria paulista.

A ignorancia dos presentes, em assumptos da nossa historia, têm impedido que tal preito seja levado a effeito.

CAPITULO XX

DIVERSAS EXPEDIÇÕES AO SERTÃO (de 1640 a 1650)

No anno de 1640, deveria ter sahido de S. Paulo a bandeira que se bateu no combate de M'Bororé, em março do anno seguinte. Como já se affirmou, não podia ella ser muito grande. Sem duvida, são exaggeradissimos os effectivos, a respeito dos quaes relatam as chronicas jesuiticas que, ainda nisto, se evidenciam parcialissimas contra a gente de S. Paulo.

Nem a pequena villa do planalto poderia nesse anno enviar ao sertão sulino uma expedição de proporções avultadas.

No Nordeste, em porfiada lucta contra os flamengos, estaria ainda o importante corpo de socorro enviado de S. Paulo, sob o commando do mestre de campo Raposo Tavares e dos cinco capitães, commandantes das companhias.

Justamente nessa occasião em que se feria M'Bororé, ao se ter a noticia, em S. Paulo, da elevação dos Braganças ao throno portuguez, então separado da Hespanha, grande quantidade de povo acclamava Amador Bueno, rei de S. Paulo e

quasi ao mesmo tempo outra multidão fazia o mesmo em relação a D. João IV.

Foi também em 1640, quando deveria ter já partido a gente paulista de M'Bororé, que os holandeses desembarcaram em Santos, em um "raid", de tentativa de conquista do Brasil meridional, que tanto effeito lhes tinha surtido na Bahia e em Pernambuco, annos antes.

Tiveram os paulistas de, á pressa, organizar vultoso corpo de armas, que, pela serra de Mar abaixo, correu a repellir o invasor, o que conseguiu, não sem ardorosa lucta. Foram os paulistas chefiados, então, pelo já celebre sertanista capitão Fernão Dias Paes, como revela o emerito Taunay, na sua já tão citada, quão magnifica, conferencia sobre esse mencionado "condotieri" (47).

Deveriam ficar de sobreaviso os bandeirantes de serra acima, contra outras tentativas flamenegas, que muito bem poderiam repetir a façanha e encontrar os moradores do littoral, como os do planalto desprevenidos, se não estivessem elles em mobilização continua e ininterrupta.

Aliás, era essa a norma de proceder dos paulistas, quando, ao longe, surgia um rebate qualquer de inimigos na costa. Ficava, em consequencia, prohibido o bandeirismo.

Foram tremendas, como se vê, as energias, que os habitantes de S. Paulo tiveram de pôr em

(47) Essa conferencia cresceu tanto de vulto que é hoje um livro notavel sobre esse meu ancestral.

Constitue essa preciosa biographia a grande parte do tomo IV dos "*Annaes do Museu Paulista*".

Por ella se vê como foi áspera a refrega entre os paulistas chefiados por Fernão Dias, e os holandeses ávidos em tomar pé.

jogo com tantos perigos e tantas empreitadas em acção.

Não lhes seria possível, com isso, reunir um exercito de 4.000 tupis e 500 a 600 mamelucos, como dizem os jesuitas (Teschauer, loc. cit.), e envial-o contra os frangalhos das organizações da Companhia de Jesus, na margem direita do Uruguay (48)..

Além de tudo isso, ainda haviam bandeiras do sertão, a chefiada por Jeronymo Pedroso de Barros, que é justamente a que julgo ter militado em M'Bororé, e já assinalada em estudo anterior e uma outra internada em sertão anonymo, da qual faziam parte os seguintes bandeirantes:

Vicente Bicudo, Luiz Dias (fallecido no sertão), Francisco Correia, Antonio Gil, Sebastião Gil, Pedro Furtado... Baptista, Antonio Lopes Perestrello, Francisco Barreto, Antonio Agostim e mais outros que escaparam á identificação. ("*Inv. e tests.*", V. XIII, 434, testamento de Luiz Dias (49).

Em setembro de 1642, deveria estar de retorno ao povoado paulistano essa expedição.

Um anno antes, em setembro de 1641, apresentava-se em S. Paulo outra bandeira para ir ao ser-

(48) As chronicas dos jesuitas, unicos historiadores do tempo, fazem tudo em deixar os paulistas no peor partido, afim de resaltar a propria causa.

Isso é humano !

(49) E' possivel que este Luiz Dias fosse Luiz Dias Leme, já nosso conhecido.

tão. Isso chamou a atenção da governança, ainda abalada pelo recente "raid" e desembarque flamengo em Santo, pelo que o procurador do conselho requereu que:

"... a sua notisia hera vindo que se aviavam desta villa mais de sesenta pessoas moradores della pera hirem ao sertão contra as leis provizões prohibições de sua magestade que pedia e requeri aos juizes ordinarios q logo e com efeito impedisse a tal hida do sertão procedendo com todo o rigor contra as ditas pessoas e prizão e sequestro de todos seus bens e indios de seu serviço postos nas aldeas pera que abrigadas de rigores deixasse de fazer hum tão grande desservico de s' magde...". ("Actas", vol. V, 107).

O procurador dispunha de tão poucos meios de impedir tal entrada que, talvez, já ella tivesse abandonado o povoado, em direcção a Itanhaem, onde, provavelmente, deveria embarcar com destino ao sul, segundo se depreheende do requerimento.

Proseguia o procurador no seu peditorio:

"... e outrosi requeria aos ditos officiaes da camera mandassem pasar precatorio ao capitão mór e ouvidor da capitania e repartição da condeca do vimieiro e offes. da camera de tinhaem impedriem com todo o effeito que por aquella capitania não pasase gente gente nenhua ao

dito sertão nem della sahisse e do contrario protestavão de que a magde sendo informado mandar proceder contra elles e se haver per suas fazendas e bens todas as perdas damnos que da dita hida e viagem resultassem e que se fixasse quartel. . .” (“Actas”, vol. V, 107).

É muito possível, e as datas comparadas o admittem, que essa expedição, de que esse citado documento municipal nos dá noticias, seja a mesma que, um anno depois chegou a São Paulo, e da qual dei noticias acima, graças ao testamento de Luiz Dias, fallecido no sertão.

Depois desses empreendimentos, não outorgaram os documentos examinados, nenhum esclarecimento novo a respeito do bandeirismo. Eis que em 1643, quando sahiu de São Paulo, uma bandeira sob a chefia de um tal João Pereira, desconhecido homonymo do capitão mór Botafogo, meio seculo atrás. Della fez parte um dos grandes sertanistas do tempo, o capitão Jeronymo da Veiga, que, na opinião de Azevedo Marques, foi dos maiores potentados paulistas, pela sua grandeza em cabedaes.

Era elle filho de Belchior da Veiga, não mencionado por Silva Leme, e genro de João Gago da Cunha.

Divergindo da direcção sul, então tomada pela totalidade das entradas, que procuravam os grandes celeiros de indios já domesticados das reduções, de além Tordezilhas, tomou essa bandeira o rumo norte, já quasi esquecido no passado pelos paulistas. Essa bandeira entrou no sertão dos

indios guaromimis, depois chamados guarulhos, affins dos guayanazes, que ficavam em territorio actualmente de Minas Geraes, na vertente de além Mantiqueira, no alto Sapucahy, e eram vizinhos dos Puris e Caetés (Gentil de Moura, "A Villa de Taubaté", "Rev. do Inst. Hist. de São Paulo", vol. XX, 546 e 552), todos de raça tapuia (Nelson de Senna, "Rev. Inst. Hist. Bras.", tomo esp., vol. II, 530, Theodoro Sampaio, ibidem 563).

Eram esses territorios da vertente opposta da Mantiqueira, quasi exclusivamente, trilhados pelos companheiros de Jacques Felix, que sobre o Parahyba, nessa occasião, assentavam o alicerce de Taubaté.

Trouxe Jeronymo a São Paulo, nessa occasião, grande numero de peças guaromimis que estabeleceu em sua fazenda de Caucaya (50).

Revelou essa entrada o inventario de Pedro Rodrigues de Beja, no qual Jeronymo da Veiga fôra curador de um orpham, Pedro Rodrigues, tendo levado para o sertão um carijó, a elle pertencente ("Invent. e tests.", V. IX, 248 e seguintes).

Sem entrar no conhecimento de bandeiras, já sabidas, como a que Pedro Taques revela em 1644, sob o mando de Jeronymo Bueno (51), anniquilada no Paraguay, e para as quaes de nada adeantam os documentos publicados, em 1645 encontram-se em

(50) Parece que foi o desastre de M'Bororé que deu nova orientação ao bandeirismo.

(51) Este Jeronymo Bueno foi genro de Manuel Preto; — era irmão de Amador Bueno o aclamado; — tio do velho Anhanguera.

anonymo sertão, uma bandeira sob a chefia do capitão mór João Mendes Geraldo, com os seguintes companheiros conhecidos:

Capitão Francisco de Siqueira, Antonio Bicudo de Brito, Bernardo Bicudo, João Bicudo de Brito, Antonio Pedroso de Alvarenga (talvez o segundo deste nome), Manuel Domingues, Belchior da Costa, Luiz Castanho de Almeida, Christovam de Aguiar Girão, Manuel Girão, Pero da Silva, Miguel Gonçalves Correia, Antonio Gomes Borba (fallecido no sertão) e Francisco Ribeiro de Alvarenga (*"Invent. e tests."*, V. XI, 347 a 370, inv. de Antonio Gomes Borba).

Infelizmente o documento, onde fui colher a noticia dessa empreitada sertaneja, não valeu de nada para se saber mais alguma cousa a respeito della.

Nesse anno de 1645, de Santo Antonio das Cruzes de Mogy, hoje Mogy das Cruzes, o capitão Sebastião Fernandes Camacho se punha a frente de uma expedição de descoberta de metaes, conforme se vê do texto seguinte:

"... a notificar ao capitão Sebastião Fernandes Camacho por uma ordem por escripto que o dito senhor me deu como governador das minas e reaes quintos da Casa da Moeda deste Estado; a que com pena de crime; de lesa magestade e confiscação de seus bens, e de se proceder

contra elle com todo o rigor não fizesse ás partes donde o intentava e fazendo a dita modificação o dito Sebastião Fernandes Camacho me respondeu que ia ao serviço de sua magestade como leal vassalo ao descobrimento das minas e metaes e particularmente ao de prata de que tinha bastante noticia; e que tinha feito grandes gastos por serviços do dito senhor; e que havia de seguir sua viagem emquanto sua magestade não mandasse o contrario. . .” (“Registo”, V. VII, 216).

No anno de 1646, além da chegada a S. Paulo da bandeira de João Mendes Geraldo, de que dei noticia acima, só se encontra, referente ao bandeirismo, que em fevereiro desse anno partiu de S. Paulo, para o sertão, uma formidavel bandeira, como assegura o seguinte texto documental:

“... porquanto a mor parte dos moradores desta villa e ainda os de maiores posses estavam de caminho para o sertão sem nenhum temor de Deus nem das justias dezamparando esta capitania e deixando a exposta a notaveis perigos sobre o que por duas vezes se tinha deprecado ao capitão mór da capitania a villa de Santos requerendo-se lhe viesse a esta atalhar estes excessos. . .”. (“Actas”, vol. V, 262).

E' facto verdadeiramente notavel ter esta bandeira denunciada por este documento muni-

cipal composta da maior parte e dos maiores potentados da terra passado despercebida a Pedro Taques, bem como a qualquer outro illuminador das trevas do nosso passado.

Para onde se teria dirigido essa léva, que deixava desamparada a villa paulistana, exposta aos perigos e ao terror, que os cruzeiros flamengos lhes causavam; — tanto mais quanto já tremenda ia de novo a guerra que os pernambucanos moviam ao invasor?

Qual o empreendimento que no sertão de longe attrahia a actividade de tantos bandeirantes, o qual não reflectiu, ainda, nas paginas de nossa historia conhecida?

E' o que fica ao futuro responder, quando os documentos do nosso archivo tiverem sido melhor estudados, por algum paciente rebuscador que vá escavar essa mina riquissima, até agora soterrada na poeira do esquecimento.

Em outubro ainda de 1646, o governador geral, o varonil Antonio Telles da Silva, capitão mór da Bahia, em carta dirigida aos officiaes da Camara paulistana, os convida a, uma vez ultimados os accòrdos com a Hollanda (!) preparar uma expedição que fosse conquistar o Rio da Prata:

“... e em se concluindo as conveniencias, com Hollanda se emprehender com esta armada a conquista do Rio da Prata (“Registo”, V. II, 170) (52).

(52) E' déveras curioso que nessa época Portugal pensasse em se aproximar da Hollanda. Dava-se a insurreição pernambucana e os navios de Serrão de Paiva eram incendiados pelos holandezes.

Dessa esquadra mencionada um dos barcos deveria ser construido pela villa de S. Paulo:

“... me pareceu encomendar a encarregar a vossas mercês que com toda a brevidade façam por mão a fabrica deste barco de maneira que se veja no effeito a demonstração com que espero que desempenhem vossas mercês...”. *Ibidem*).

Barco que S. Paulo naturalmente equipararia e que sortiria de soldados para a ousada empreitada.

E' o sonho que Manuel Lobo, em 1680, realizou, em parte, com a fundação da Colonia do Sacramento. Tivessem, porém, os portuguezes conseguido esses referidos accórdos com a Hollanda, hoje, sem duvida, as placidas do Prata seriam brasileiras, mas o Nordeste seria batavo.

Que era a conquista do rio da Prata para os paulistas, que já haviam humilhado Castella, no Guayrá, no Tape, no Paraguay e no Perú, tendo mesmo os esculcas bandeirantes marchado contra Buenos Ayres?

A doce illusão de Antonio Telles da Silva, de Portugal ligar-se á Hollanda, contra a monarchia

E' certo foi então que o padre Vieira tramou a venda aos hollandezes das terras por elles occupadas no Brasil e Sousa Coutinho operava prodigios de acrobacia diplomatica na Hollanda.

Mas, então, esta nação tratava da paz de Münster com a Hespanha e o proprio Mazarino, após a tomada de Dunkerque por Condé, ia se aproximar de Felipe, abandonando Portugal e obtendo a mão da infanta Maria Thereza para Luiz XIV e os Paizes Baixos hespanhões.

V. Calogeras — “*Politica Exterior do Imperio*”, vol. I, pgs. 119 e segs.

dos Felippes, fôra-se com a apparição dos canhões ameaçadores de Segismundo van Schoppe, no re-concavo bahiano, logo um mez depois do plano acima referido ter sido communicado á Camara paulistana.

Nova carta então escrevia o governador aos officiaes municipaes de S. Paulo. Agora não mais para propor uma arrogante offensiva contra os antigos alliados castelhanos, mas para implorar o auxilio de 200 homens para a guerra de Pernambuco e contra os hollandezes que invadiram territorios até ao rio S. Francisco, e que fossem elles por terra, acompanhados de 2.000 indios.

São realmente admiraveis essas cartas de Telles da Silva, pois nessa occasião o poder hollandez estava em cheque pela victoriosa campanha dos lusos sublevados, que já cercavam o Recife.

Em março do anno seguinte, em 1647, apenas Segismundo, ainda fazia plantão com suas vé-las deante de São Salvador, tendo mesmo desembarcado gente na ilha de Itaparica. Com isso mais urgente se tornou o soccorro paulista.

Além da tropa de 200 brancos e 2.000 indios, o governador pedia mais gente, tendo para isso enviado barcos, que mais depressa os levassem á Bahia ("*Registo*", v. II, 172 a 174).

Muito pouco se sabe a respeito dessa expedição de soccorro que S. Paulo teria enviado á Bahia. Pedro Taques apenas menciona as cartas de Telles da Silva á Camara paulistana ("*Nobiliarchia*", "*Rev. Inst. Hist. Bras.*", XXXIII, p. 1.º, 221-299), e que ella seguiu em junho de 1647, sob o commando de Antonio Pereira de Azevedo.

De facto, Antonio Pereira de Azevedo, a 30 de junho desse anno, se apresentou a Camara, offerecendo-se para ser: "*Capitão de uma companhia de soldados que nesta dita villa se levanta para ir á praça da Bahia*" ("*Registo*", V. II, 175).

Nada se sabe ao certo se essa companhia foi levantada com o effectivo de 200 homens e mais 2.000 indios, numeros elevados de mais para uma singela companhia.

Não encontrei documento algum que prove a partida da expedição.

Tambem é ignorado se, anteriormente a essa léva, já haviam seguido outras através do sertão, como queria o governador.

Pesquisas no archivo bahiano, ou mesmo no Nacional, no Ministerio da Guerra brasileiro poderiam fazer certos esses pontos do nosso passado.

CAPITULO XXI

RAPOSO TAVARES, CAMPEADOR DE MINAS (1648-1652).

Ainda ha bem pouco tempo, quando a nossa historia jazia, immersa na vastidão do oceano do desconhecido e apenas raros sedimentos se depositavam, vagarosamente, por sobre os escriptos de Pedro Taques e frei Gaspar da Madre de Deus, grande era a confusão em torno de Antonio Raposo Tavares.

As innumeradas e incriveis façanhas do heróe seiscentista eram arbitrariamente distribuidas entre varios outros moradores de S. Paulo antigo, seus homonymos. Isso naturalmente embaçava sobremodo o brilho da sua extraordinaria personalidade.

Por outro lado, a tradição e o grande acervo de lendas pullulando em redor do bandeirismo mais obscureciam a verdade historica, com as roupagens carnavalescas da fantasia, encampadas por todos os chronistas e historiadores.

Nessa meada, onde a confusão dos nomes de Antonio Raposo se misturava com tantos erros grosseiros que Washington Luis, munido de seu talento de pesquisador e armado do alvião da pa-

ciencia, foi derrocar os nossos archivos originaes. Dahi o egregio pesquisador tirou as peças documentaes com que, nos apresentou, entre os seus muitos trabalhos, a reconstituição exacta da grande figura de Raposo Tavares. Ahi apparece o rei do bandeirismo com a sua vida e os seus feitos magnificamente analysados. Não tivesse o emerito historiador, no seu activo de serviços á causa sagrada do passado, trazido da poeira da documentação archival tantos conhecimentos novos, só esse de reedificar o vulto de Raposo Tavares, é digno da gratidão dos que se entregam á religião dos antepassados cyclopicos da estirpe.

Assim, pois, foi graças a Washington Luis, que se ficou sabendo ter sido Raposo Tavares, o destruidor do Guayrá, conquistador do Itati, avasallador do Tape, como chefe dos paulistas companheiros de Luiz Barbalho, na celeberrima retirada, e o autor do maior cyclo de devassamento de terras americanas, dominando os Andes do Perú e da Nova Granada, e navegando as aguas placidas do "Rio Mar".

E' justamente sobre esta ultima e majestosa empreitada de Raposo, que giram as minhas apreciações. Por que se atiraria elle a tão formidavel entrada, empenhando-se afoito, já na lucta contra a féra natureza, já na guerra que, as suas armas temerarias ousaram levar aos reconditos alcantis andinos, onde imperavam os leões de Castella?

Por que, por quatro longuissimos annos de fantastica caminhada, andaram Raposo Tavares e sua gente diminuta devassando a America hespanhóla, na vereda da conquista e na senda do desbravamento?

Por que tanto esforço e sacrificio, em tão dura e agreste avançada? Qual o objectivo desse homeriada?

A conquista do indio em que se esmerára o valente "*condotieri*", não era certamente a sua finalidade, pois, para isso, tanto não se fazia mister.

Abundavam ainda os guaranis, nas reduções jesuíticas do territorio mesopotamico da provincia do Rio da Prata, e o Paraguay era ainda um celeiro fecundo de servos já mansos e baptizados. Eis as bandeiras que Braz Rodrigues de Arzão e Barbosa Calheiros levaram em 1651 aos sertões sulinos demandando o Prata, como ensina o erudito Taunay, ou as quadrilhas que esse mestre doutissimo encontrou, pela documentação hespanhóla, destruindo malócas, reduções e "encomiendas", na serra de Maracajú, precisamente em 1648.

Qual então a móla, que impulsionou o vôo triumphal da aguia bandeirante de S. Paulo, por sobre as geleiras andinas de Castella?

E' o que vem responder um tão interessante quão precioso documento, encontrado, na publicação official, elucidando um ponto que permanecia ignoto nas trévas e accrescentando mais uma noticia á maior empreitada de bandeirismo de todos os tempos.

Não conseguiria o afan das bandeiras de conquista do indio e do territorio, apagar na imaginação dos paulistas os sonhos de incommensuraveis riquezas a explorar no distante sertão, implantados pelas expedições de d. Francisco de Sousa, no começo do seculo. Assim é que, logo á separação dos dous reinos ibericos da península, com a as-

cenção dos Braganças, se reanimou em S. Paulo a ambição do ouro, da prata e das pedrarias.

Não era para menos, pois Potosi e o Mexico, pelo muito que ainda davam á Hespanha, faziam inveja á côrte lisboeta, em apertos com a caríssima paz da Hollanda!

Foi nessa occasião que, á frente de um punhado de homens, partiu o mestre de campo Antonio Raposo Tavares, em busca de minas internando-se pelo Paraguay nas possessões castelhanas. Attingiu elle a cordilheira andina, dir-se-ia que á procura do precioso metal, nas proximidades de Potosi, onde já Antonio Castanho da Silva, bandeirante paulista, havia penetrado antes, ahi tendo fallecido em 1622. O documento a que supra referi e que prova ter Antonio Raposo Tavares ido campear metaes ou pedrarias é um "*traslado e registo da patente de capitão mór Manuel de Sousa Silva*", constante do vol. II, pag. 489 a 493, do "*Registo Geral*".

Eil-o nos dizeres que nos interessam:

"Dom Affonso por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa senhor da Guiné e da conquista navegação e commercio de Ethiopia Arabia Persia e da India etc. faço saber aos que esta minha patente virem que por o Marquez de Cascaes Dom Alvaro Pires de Castro donatario da capitania de São Vicente e São Paulo no estado do Brazil me haver proposto para capitão della tres pessoas na forma das minhas ordens para eu escolher e nomear

o que fosse servido e ser uma della o alferes Manuel de Sousa da Silva que me tem servido algum tempo no Maranhão achando-se com o Capitão Pedro da Costa Pavella no castigo que foi dar ao genitio truquejão por commerciar com os holandezes acompanhando depois ao MESTRE DE CAMPO ANTONIO RAPOSO TAVARES POR SEU ALFERES NA VIAGEM QUE FEZ EM DESCOBRIMENTO MINAS QUE DUROU QUATRO ANNOS, e.....”.

Ora, Raposo Tavares só foi mestre de campo depois que esteve no Nordeste, commandando o primeiro soccorro paulista em 1640-1641, e a unica bandeira que delle se tem noticia, depois dessa data, é a que partiu em 1648, voltando em 1652, depois de ter andado por invios sertões, justa e precisamente quatro annos, como reza o documento supra mencionado (53).

Esse texto faz certo, pois não só ter Manuel de Sousa Silva acompanhado a bandeira de Raposo, como seu alferes, como ter sido objectivo della a exploração de territorio, em busca de minas.

Talvez tenha o notavel sertanista seguido a esteira deixada, meio seculo antes, por Nicoláu Barreto, e dahi penetrado em terreno paraguay de Castella, para sair na bacia amazonica. E' de crer tambem tenha elle procedido a devassa, at-

(53) Além disso, Dom Affonso VI só foi rei de Portugal de 1656-1667, o que quer dizer que esse documento deveria ser datado dessa decada e a referencia á viagem que fez Raposo, a qual durou 4 annos, só poderia ter sido a de 1648-1652.

trahido pela fama de Potosi, hem como pelo rumor do ouro do paiz do Ophir.

O sólo, porém foi ingrato ás pesquisas do bandeirante, que no regaço da formidavel cordilheira e nas margens do caudal immenso, foi patentear a grandeza da estirpe, como que querendo compa-ral-a aos dous monumentos gigantescos que a natureza implantára na America sulina.

Não ha noticias de ter Raposo algo encontrado na sua incursão, que nem por isso deixou de ser um marco miliario no desbravamento das selvas e uma gloria immorredoura para a gente de São Paulo.

O documento que estampo, sem ter illumina-do inteiramente esse feito memorável foi porém, esclarecedor de seu objectivo.

Outras pesquisas futuras a fazer, por quem melhor proveito souber tirar dos documentos, terão em conta, sem duvida, este ponto de partida para mais profundas conclusões.

Ainda a descoberta do documento, que é objecto deste estudo, se deve a Washington Luis com a publicação dos nossos archivos, manancial soberano, de onde jorram aos borbotões, conhecimentos crystallinos sobre a historia do bandeirismo.

CAPITULO XXII

DIVERSAS EXPEDIÇÕES AO SERTÃO DE 1640 A 1650

Em fevereiro de 1647, quando se aviava em São Paulo o socorro á Bahia, aprestava-se também, para partir, uma outra expedição, com o fito, pelo menos apparente, de descobrimento da prata. Seria ella capitaneada por Antonio Nunes Pinto, que devia levar apenas 12 homens comsigo, segundo demonstra o zeloso requerimento do procurador do Conselho, na vereação de 16 de fevereiro de 1647:

“...porqto van a buscar o gentio e nam ao descobrimto da prata e que fosse notificado antonio nunes pto. que nam levasse mais gente em sua compa. que a que tinha nomeado nesta camera por hu rol que eram doze homes e outrosi reque-reo mais o dito procurador do conselho que sendo cazo que o dito ant.º nunes pto. indo a busca da prata que hia descobrir que todo o gentio que troxese ho puzessem nas aldeas de sua magde...” (“Actas”, vol. V, 294).

Nada mais rezam os documentos, dahi por deante, em relação ao destino tido pela léva de Antonio Nunes Pinto, que, certamente, nada encontrou de prata nem de outro qualquer metal.

Bem mais vultosa que a de Antonio Nunes Pinto foi a bandeira de Antonio Domingues, assignalada no sertão, em vinte e cinco de junho de 1648, graças aos testamento e inventario, feitos por morte do bandeirante Affonso Dias, de onde tirei a seguinte lista de membros da expedição:

Capitão Antonio Domingues (cabo da tropa), (Silva Leme não menciona este membro da familia dos Domingues, talvez fosse elle irmão de Amaro Domingues e filho de Pero Domingues, o velho), Pero Domingues, o moço, João de Oliveira, (Sutil de Oliveira, que fez parte do primeiro soccorro a Pernambuco, e outras bandeiras), Domingos Cordeiro, o moço, Francisco Cordeiro, Pero Cabral de Mello, João Paes Malio, Manuel Domingues, Antonio Cordeiro, (o futuro capitão mór de Jundiahy, Antonio de Oliveira Cordeiro), Jorge Ferreira da Rocha, João Ferreira, Roque Lopes do Amaral, Balthazar Ferreira, Affonso Dias (o fallecido), Antonio Martins, Balthazar Carrasco dos Reis, Matheus Serrão, Jorge Gonçalves, Pero Correia da Silva, Paschoal Dias, o moço, Jeronymo da Silva, João Dias, Martim Rodrigues, Simão Rodrigues Coelho e Affonso Fernandes (*"Invent. e tests."*, vol. XV, 52 a 60).

Nesses documentos examinados, infelizmente, não se encontram dados para concluir quaes as paragens, por onde andou, essa grande turma de desbravadores do sertão e conquistadores de indios.

Ella não voltou a S. Paulo, porém, antes de outubro de 1649, data do “cumpra-se” de testamento do fallecido Affonso Dias.

Quaes teriam sido as regiões attingidas por essa bandeira?

- Seria ella, porventura, uma das muitas bandeiras assignaladas, pelos documentos hespanhóes, em terras do governo do Paraguay, nesse anno de 1648, assaltando as aldeias ao norte da serra de Maracajú, das quaes da conta a pena perscrutadora do notavel historiador Taunay?

Ou talvez fosse ella uma parte do segundo soccorro paulista ao Nordeste, occupado pelo batavo de Nassáu, o qual deveria ter tomado o caminho terrestre, sahindo de S. Paulo em 1647?

São apenas conjecturas que se esvoaçam dos laconicos documentos citados, bem como das datas das empreitadas referidas, mas que, entretanto, dellas sahir seria por demais temerario, visto como nada ha, por emquanto, que as solidifique.

Ainda nesse anno de 1648, no mez de maio, revela documentação impressa paulista uma outra expedição, iniciando a descida pelo Tieté, de onde deveria se internar no sertão ignoto, talvez demandando o sul de Matto Grosso ou o Paraguay.

Quando, ainda no porto de Pirapitinguy, “*estando para embarcar a fazer uma viagem rio baixo*”, Pedro Fernandes, lembrando-se dos perigos

que ia atravessar, teve a boa idéa de fazer o seu testamento. Graças a este não ficou a léva de que era parte, postergada ao esquecimento, por isso foi possível organizar o seguinte ról de bandeirantes:

Antonio Pereira de Azevedo, Pero Fernandes, Francisco Bicudo Furtado, Vicente Annes Bicudo, Antonio de Andrade, Miguel de Qdo. Martinho, Sebastião de Peralta, Francisco Diniz e Manuel Moreira (“*Invent. e tests.*”, vol. XII, 397).

Não designando com precisão o destino desta expedição, o documento, entretanto, faz notar uma interessantissima particularidade, digna da maior attenção, e que traz não poucas reflexões a respeito della.

Como vimos, do ról acima consta o nome de Antonio Pereira de Azevedo. Ora, o paulista desse nome é o que, em junho do anno anterior, se havia proposto a chefiar a tropa paulista de socorro á Bahia, ameaçada por Segismundo Schoppe, conforme já fiz notar em escripto anterior.

Se elle, em junho de 1647, partiu commandando esse socorro, como affirma Pedro Taques (“*Nobiliarchia*”, loc. cit.) e como fazem entender os documentos de que iria partir, como se explica, que logo, em 1648, esteja elle, em bandeira, para descer o Tieté?!!

Poder-se-ia, talvez, explicar, com a hypothese de ser a bandeira da qual fez parte Antonio Pereira de Azevedo nada mais do que o proprio socorro paulista á Bahia, do qual foi chefe o mesmo Pereira de Azevedo. E', entretanto, essa hy-

pothese absurda, visto como o Tieté conduz á direcção opposta á que foi alvo do soccorro paulista.

Nesse caso, então, só duas explicações são viáveis. Ou em S. Paulo eram dois os moradores, bandeirantes, com o mesmo nome de Antonio Pereira de Azevedo, cousa que é muito difficil admitir, ou elle nunca seguiu para a Bahia chefiando o soccorro paulista, que, ou não se effectivou, ou seguiu commandado por outrem.

Foi ainda nesse 1648, que de S. Paulo sahiu a memoravel expedição que Raposo Tavares, o maior bandeirante do tempo, levou até ás boccas do Amazonas, depois de ter assaltado as reduções de Bolaños, Xerez, Itutin e N. S. da Fé. Isso teria sido em combinação com outra bandeira chefiada pelo mameluco "*matador de indios*", André Fernandes, segundo documentação hespanhola, revelada pelo egregio historiador Affonso Taunay (Enganou-se Silva Leme, que, na "*Geneal. Paulistana*", vol. VII, 225, diz ter André Fernandes fallecido em 1641) (54).

No anno de 1649, no mez de março, fazia Bernardo Bicudo o seu testamento, no sertão, onde falleceu. Com isso denunciava elle a léva do capitão Francisco de Paiva, em companhia da qual estava elle bandeirando.

Consegui, dessa entrada, saber os seguintes componentes expedicionarios:

(54) Tambem é possivel ser o André Fernandes que em 1648 assaltava as malocas indigenas, outro que não o que Silva Leme affirma haver fallecido em 1641.

Lazaro Diniz, Christovam Diniz, Domingos Dias Diniz, Manuel Collaço de Oliveira, Domingos Nunes Bicudo, Domingos Paes da Silva e Bernardo Bicudo (o fallecido) (*Invent. e tests.*, vol. XV, 176).

Fico na impossibilidade de commental-a, porque me fallece qualquer outro elemento sobre essa bandeira.

Com ella encerra-se a primeira parte do seculo de bandeirismo, que me propuz a estudar. A documentação paulista, tão parca, nas revelações sobre os feitos dos nossos maiores, nem assim, porém, deixou sem pontos de partida, dos quaes foram possiveis importantes conclusões. Estas, certamente, não poderão ser desprezadas na confection definitiva da historia das bandeiras, a pagina das mais gloriosas do nosso passado paulista.

CAPITULO XXIII

DOMINGOS BARBOSA CALHEIROS, LUIZ PEDROSO DE BARROS, ANTONIO PEDROSO DE BARROS (1650 - 1660)

Ao se iniciar a segunda metade do seculo dos seiscentos, um "raid", verdadeiramente notavel, implantou no bandeirismo um marco memoravel, testemunhando a audacia dos sertanistas de S. Paulo. Foi no anno de 1651, conta Taunay, que varios bandeirantes acompanhando Domingos Barbosa Calheiros e Braz Rodrigues de Arzão, chefiando algumas quadrilhas de assalto, em *razzias* e correrrias, chegaram á vista da cidade, hoje argentina, de Corrientes, no termo mesopotamico de Castella. ("*Correio Paulistano*", 11-10-921). Dessa arrancada fantastica que Taunay descobriu, analysando a documentação castelhana, conseguiu o mesmo mestre apresentar alguns nomes de chefes de quadrilhas que constituiram a expedição.

Divirjo, ligeiramente, do doutissimo historiador, na identificação desses nomes, mal graphados nos papeis hespanhóes.

Francisco Ribeiro poderia ser identificado com o que foi inventariado em 1683 ("*Invent. e tests.*")

vol. XXVII, 540), ou então, de preferencia, com Francisco Ribeiro de Moraes, fallecido no sertão em 1665, (*"Invents. e tests."*, vol. XVI, 510). Não poderia ser com Francisco Pires Ribeiro, como pensou Taunay, (*"Correio Paulistano"*, loc. cit.), por ter esse paulista, sobrinho do futuro governador das Esmeraldas, nascido em 1656. Em 1670, ao se proceder ao inventario de sua mãe, Sebastiana Leite da Silva, tinha elle apenas 14 annos, (*"Invents. e tests."*, vol. XVII, 290; Silva Leme, *"Geneal. Paulistana"*, vol. II, 128 e 454).

João Maciel, seria, sem duvida, o filho de João Maciel Valente, cunhado, portanto, de Domingos Barbosa Calheiros (*"Genealogia Paulistana"*, vol. VIII, 258). Jorge Moreira, que foi juiz em S. Paulo (*"Invents. e tests."*, vol. XVI), seria o outro chefe bandeirante.

Desgraçadamente, pouco se sabe desse feito. Elle não repercutiu de maneira alguma na documentação paulista. Delle só tive conhecimento pelas noticias que publicou Taunay.

Só assim, tal empreendimento não passou ao esquecimento, banido como foi, até então da nossa historia, pela completa indifferença dos paulistas de outras éras, em perpetuar á posteridade os seus feitos grandiosos.

Talvez, fosse porque os nossos avoengos, habituados com o manifestar continuo das qualidades bellicas de seus pares, não tinham consciencia de quão extraordinarias ellas eram. Os castelhanos, mais parcos em cousas dessa natureza, e mais providos da loquacidade, que é proverbial, foram mais habéis em escrever as chronicas registradoras dos documentos para a historia.

Nesse mesmo anno de 1651, a bandeira de Barbosa Calheiros deveria ter tornado a S. Paulo, pois que logo ao se iniciar 1652 foi elle eleito juiz ordinario, cargo que occupou durante todo o anno ("*Actas*", vol. V).

Em 1651, falleceu no sertão João Pedroso de Moraes, filho do celebre "terror dos indios". Ignorando-se o local desse fallecimento e mais detalhes d'elle, é possível, entretanto, que tenha occorrido na companhia da expedição supra tratada.

Sempre em 1651, havia ainda no sertão outra empresa de preamento de indios. Della fazia parte, não sabemos com que gráu de hierarchia, o capitão Antonio Pedroso de Barros, um dos maiores e mais ricos potentados paulistas, do "clan" dos Pedroso de Barros, e irmão de muitos formidaveis devassadores do sertão.

Ao fallecer sua mulher Maria Pires, Antonio Pedroso estava no sertão, como se vê do inventario da mesma ("*Invent. e tests.*" vol. XV, 470), procedido em maio de 1651.

Não se sabe a paragem sertaneja, onde tenha ido o poderoso caudilho paulista (55).

E' de notar, porém, que no inventario, procedido por sua morte, logo no anno seguinte, em 1652, só encontrei nos arrolamentos de indios os das nações carijós e guayanazes, ainda bravos, e sem baptismo, em numero de 500, mais ou me-

(55) Esse Antonio Pedroso de Barros foi parte da bandeira vencida em M'Bororé.

Não é fóra de proposito se crêr haja Pedroso ido com Barbosa Calheiros até Corrientes.

nos. Isso denuncia claramente, um recentissimo apresamento, fazendo suppôr que tenham sido trazidos pela bandeira de 1651, da qual fizera parte o fallecido. E', pois, possivel, ter Pedroso penetrado, com sua léva, no territorio do Guayrá devastado. Ahi encontraria guayanazes, recém-transplantados, bem como, carijós, mais para léste, até ao Rio Grande. E', porém, uma simplississima hypothese, que, infelizmente, não acha base mais séria do que uma ligação de raciocinios.

E' certo, porém, que no anno de sua morte, em 1652, Antonio Pedroso de Barros cooperava em uma bandeira, nessa occasião no sertão, para onde havia mandado muitas armas de fogo, e alguns indios do seu sequito, segundo se vê do seu inventario, (*"Invent. e tests."*, vol. XX, 6 e seguintes).

Quantas bandeiras nessa época, teriam passado incolumes aos registros dos documentos archivaes paulistas!

Muito pouca cousa, se encontra, rezando sobre o bandeirismo, após os feitos relatados.

Além das bandeiras, que foram ao descobrimento do Sabarabuçú e das minas de Paranaguá, já tratadas em separado e com alguns detalhes, só achei algumas allusões nos documentos á famosa expedição do capitão Luiz Pedroso de Barros, em 1656. Elle, o famoso condotieri paulista, por occasião do inventario de sua mãe, Luzia Leme, se encontrava no sertão (*"Invent. e tests."*, vol. XV, 410), em logar incerto e não sabido. Isso foi justificado préviamente por meio de muitas testemunhas inquiridas, como era do rito processual (*ibidem*).

Acredito que Luiz Pedroso, em 1656, quando os documentos mencionados o assignalam no sertão, já havia partido, no assomo de audacia medieval, para as cumiadas andinas de Perú, onde foi morrer ás mãos dos indios "serranos", como ensina Pedro Taques. Assim pensando, entretanto, affronta-se a veneravel autoridade do linhagista, que disse ter sido tal feito em 1662, tendo o heróe paulista partido em 1660. Os indicios encontrados nas inquirições das testemunhas supra referidas são, porém, favoraveis, á hypothese de ter a bandeira partido em 1656.

Talvez, só em 1662, se tivesse em S. Paulo conhecimento do glorioso fim do sertanista, que tão ao longe levára as armas paulistas.

De facto, com difficuldade se admittiria que o heróe da retirada de Barbalho, havendo antes um pouco de 1656 emprehendido uma entrada, da qual ninguem tinha noticias, ignorando-se em S. Paulo o seu paradeiro, tivesse logo depois, em 1660 de novo, partido, para affrontar o ex-imperio incaico, em suas enneoadas cordilheiras.

Seja como fôr, a verdade é que em 1656, já ninguem sabia de Luiz Pedroso, em S. Paulo, não havendo, dahi por deante, mais noticias do seu nome nos documentos.

Qual, porém, o mobil que, impulsionára o audaz bandeirante, tão distante da villa do planalto? Por que se teria atirado esse valente paulista, com suas armas minguadas, por paragens ignotas, enfrentando uma lucta tremenda contra a natureza gigante e uma guerra feroz de mil inimigos humanos?

O apresamento de indios, que á primeira vista poderia parecer, como a miragem tentadora sonhada pelo bandeirante, não pôde ser levado em conta, visto como abundavam, ainda immensas reservas de indios, a menor distancia do burgo paulistano. Além das reduções jesuíticas existentes em possessões castelhanas reunindo dezenas de milhares de servos civilizados e mansos, havia ainda territorios bem vizinhos da capital do bandeirismo, com densa população aborigena e quasi virgens da penetração de apresadores.

Taes eram os sertões de além Mantiqueira, que só então começavam a ser trilhados pela gente taubateana do hespanhol Jaques Felix.

Taes eram as selvas goyanas ou as do sul do Matto Grosso, onde se accumulavam muitas tribus gentilicas.

Com isso quero crêr que Luiz Pedroso quizera repetir a façanha, de que Raposo Tavares fôra autor, poucos annos antes, nos terrenos de além Tordezilhas.

Assim, pois, Luiz Pedroso, igualmente, em ser viço de sua majestade, teria partido de São Paulo atrás do mytho enganador, que a loucura collectiva da época fazia entrever nos altissimos platós castelhanos do Perú.

Ainda menos feliz que o grande caudilho, a quem tomára por modelo, Luiz Pedroso de Barros nessa empreitada deixou a vida sangrando de rubro os alvinitentes tópes da grande cordilheira. Tal foi o fim do grande batalhador paulista.

CAPITULO XXIV

BANDEIRA DE ALVARO RODRIGUES DO PRA- DO — SABARABUÇÚ — GRANDE BANDEIRA DE APRESAMENTO REVELADA (1650-1660).

A serra resplandescente de Sabarabuçú, cuja fama trouxeram do sertão as entradas bahianas do seculo XVI, fôra, já no começo do seiscentismo, a causa que impulsionára Dom Francisco de Sousa, a fazer partir em busca da prata, desses tópes rutilantes, a expedição de André de Lião (56).

Durante cincoenta annos, calaram-se os documentos e silenciaram as chronicas, a proposito do serro fantastico, talvez já sepultado no olvido de um passado, que se fôra em amargas desillusões, para os que sonharam com os mythos de Aspicuelta Navarro e tantos outros.

Quando, porém, Eliodoro Eobanos e Gabriel de Lara, descobrindo as minas de Paranaguá em 1649, reaccenderam a ambição paulista, já havia partido na sua sublime peregrinação pelos Andes

(56) Os bahianos não tiveram bandeiras. Na Bahia os governantes organisaram expedições officiaes que se chamaram "entradas". Assim ellas se distinguiram das paulistas que eram empreendimentos particulares.

de além Tordezilhas, á procura de minas, Raposo Tavares e já Sebastião Fernandes Camacho, em 1645, havia seguido em busca de prata. Então resurgiu o nome sonóro de Sabarabuçú, nunca mais cessando de acalentar as esperanças dos sonhadores paulistas, atirando-os aos mais arrojados empreendimentos.

Pouco antes de 1653, sahiu de S. Paulo uma bandeira anonyma, que, após tres mezes de viagem áspera, chegou a Sabarabuçú, cujas minas descobriu. Trouxe ella para S. Paulo amostras de prata e de pedras preciosas.

Infelizmente, o documento que a revelou nada adeanta absolutamente para se proseguir no seu completo conhecimento. Eis que não se sabe quem a tenha chefiado, nem tão pouco os nomes dos seus componentes.

A verdade, porém, é que, voltando essa bandeira, até agora desconhecida no ról das investidas contra o sertão, com a sua preciosa colheita, feita em Sabarabuçú, o barulho chegou aos ouvidos de Pedro de Sousa Pereira, provedor da Fazenda Real no Rio de Janeiro e administrador geral das minas da repartição sul. Então passava elle por S. Paulo, para as minas de Paranaguá, quando resolveu preparar uma bandeira bem aparelhada para a exploração das minas recém-descobertas.

Para esse fim, logo se offereceu a Pedro de Sousa Pereira um paulista que se propunha a chefiar o empreendimento: Alvaro Rodrigues do Prado, que era pessoa pratica dos sertões, em condições de levar a cabo a exploração e bandeirante

antes de 1641, como faz certo o inventario de seu pae Clemente Alvares, (*"Invent. e tests."*, vol. XIV).

Já havia Alvaro rompido os sertões muitas vezes, chegando mesmo aos confins castelhanos, onde tivera noticias de preciosidades metalicas (57).

Com tantos dotes de sertanista, foi Alvaro incumbido pelo administrador de organizar a bandeira e á frente della partir para Sabarabuçú.

A bandeira anonyma supra mencionada, bem como a de Alvaro Rodrigues do Prado, apesar de tão importantes marcos no bandeirismo, por terem reiniciado as explorações dos terrenos promissores da zona central mineira, passaram incolumes ás syndicancias dos historiadores. Mesmo Pedro Taques, della não soube dar noticias. Um interessante documento, entretanto, veio supprir essa lacuna, trazendo-a ás paginas da historia paulista.

E' esse documento constante da publicação official do nosso archivo municipal e trata-se de uma *Provisão de Pedro de Sousa Pereira passada a Alvaro Rodrigues do Prado, morador nesta villa de S. Paulo* (*"Registo"*, vol. II, 157 a 360), que diz:

"Pedro de Sousa, etc..... ..Faço saber aos que esta minha provisão virem porquanto em cumprimento de uma or-

(57) Alvaro Rodrigues do Prado era filho do grande e tenacissimo pesquisador do ouro, Clemente Alvares e de Maria Gonçalves, esta filha do bandeirante mameluco Balthazar Gonçalves. Era, portanto, um mameluco com 1/8 de sangue indio.

dem de sua magestade Deus o guarde e obrigação do cargo de administrador das minas vim a estas capitánias do sul tratar da obrigação e entabolamento e beneficio dellas e achando nesta de São Paulo..... informações grandes noticias de que algumas pessoas antigas haviam ido á serra de Saborabossu no sertão da repartição deste reino de Portugal distancia de tres mezes de viagem pela aspereza delle e haviam la achado pedras de metal de prata e outras diversidades della e que algumas haviam trazido que serviram e havendo a informações do mesmo modo desta serra na capitania do Rio de Janeiro considerando a importancia do descobrimento della e a obrigação dos haveres que promette tratei de dispor logo ao descobrimento tomando o parecer de homens praticos e experimentados e sertanejos para a da pessoa a quem havia de encarregar e semelhante empreza, sendo Alvaro Rodrigues natural e morador arraigado nesta dita capitania elle se me offereceu para fazer a dita jornada, a dita serra de Saborabossú e descobrimento dos metaes e pedras que nela houvessem dizendo que por servir a sua magestade elle com tres filhos que tinha e seus escravos, e mais pessoas que o querem acompanhar e para esse effeito queria logo em caminho e todos concordaram que ninguem era mais sufficiente para o tal descobri-

mento que o dito Alvaro Rodrigues do Prado por ter muitas vezes rompido grandes sertões e chegar nos confins dos castelhanos onde alcançou grandes noticias de e se fundarem e examinarem entre os indios desinteressado e zeloso do serviço de sua majestade e bem da patria o que tudo julguei de sua resolução co animo talento com que me pareceu digno de toda a honra e empreza delle que obrará nesta reino de Portugal confiança que faço muito valor hei por serviço de sua magestade eger como pela presente faço capitão da dita empresa do desco.... da serra de todos os mais capitães e que debaixo de sua ordem se governem do descobrimento digo de descobrir e averiguar tudo das minas pedras daquellas paragens com grande clareza e verdade distincção das partes e qualidades tidades de amostras que for possivel e por nenhuma maneira tratará o dito capitão e cabo nem consentirá a nenhum dos que o acompanharem escandalisar o gentio daquelles sertões fazendo-lhes guerra nem lhe tomando de suas familias uma só pessoa e o que lhe hei por mui encomendado e encarregado em nome de sua magestadedo mesmo modo a conservação dellas e tratando com grande zelo de fazer crer que queremos sua amisade trado e commercio e achando nella sitio e

capacidade os aposentará por sua ordem nos logares que convierem ao intento deste descobrimento doutrinando-os para este fim, e ainda deixando com elles quem os conserve até vir dar conta usando com os ditos indios de toda a liberdade que o cabedal lhe der logar e achando que algum da dita companhia altera contra isso alguma cousa ou inquieta os ditos indios o castigará conforme o merecimento do delicto para o que lhe concedo o poder necessario
na villa de São Paulo de outubro de 1652, Pedro de Sousa Pereira”.

Eis o documento clareador dessa entrada, que atravessou os séculos na penumbra do ignoto, apesar de marcar ella uma época na historia da penetração do territorio sul-americano.

Como vimos, em outubro de 1652, ficou resolvido que Alvaro Rodrigues do Prado levasse a bandeira a Sabarabuçu.

Não conseguiu, porém, esse paulista organizal-a logo a seguir, para ainda nesse anno penetrar no sertão, atrás do seu argenteo velocino. Em março de 1653, ainda está elle em povoado, reunindo indios para a bandeira.

E’ o que se vê da acta de vereação de 29 de março de 1653. (“Actas”, vol. VI, 16-17).

“... e logo pareceu tambem Alvaro roiz de prado e por elle foi requerido aos ditos ofisiaes que lhe era patente em como tinha provisam do provedor das mi-

nas pero de souza, pa., a viaje e descobrimento das minas pera que tinha todos os poderes necessarios e provisois e que pera conseguir o serviso de sua magde. por falta de indios asim lho mandasem dar e pellos ditos ofisiaes lhe foi dito e perguntado que próvizois tinha e por elle foi dito que avia de mister ter indios e pellos ofisiaes da camera lhe foi dito que os indios que avia levaram ao descobrimento das minas (naturalmente em Paranaguá) e outros heram idos a boscar o ouvidor geral e que vise o dito requerente os indios que avia que se daria ordem para se lhe darem visto ser serviso de sua magde., e pera que a....”.

Em junho de 1653, já deveria ter Alvaro sahido em busca da serra resplandecente. A’ sua bandeira se refere um trecho de uma carta escripta pelos edis paulistanos a sua majestade dom João IV, com data desse mez:

“... capitais em todas as occasiões necessarias como em effeito se serviu o dito Pedro de Souza, levando muitos em sua companhia a buscar as pedras a Pernaguá despedindo outros para mais longe com alguns brancos a descobrir as minas de prata...”. (“Registo Geral”, vol. II, 378).

Existe outro documento semelhante ao supra referido, a respeito da bandeira de Alvaro Rodri-

gues do Prado. E' uma carta escripta na mesma occasião pela Camara da paulicéa ao Governador Geral ("Registo", vol. II, 379).

Entretanto, achei uma outra peça documental com a data de maio de 1655, que é um quartel affixado pelos camaristas paulistanos, assim se referindo á entrada que óra se estuda: ("Regist. Geral", vol. II, pag. 422).

"... porquanto o dito capitão mór fixou um quartel reservado sómente o dos Arexams o que nós novamente em todo impedimos e defendemos, e somente poderá sahir o capitão Alvaro Rodrigues do Prado com a sua frota ao descobrimento das minas de prata por ser serviço de Sua Magestade ..."

Com esse documento fica-se na duvida sobre a data exacta da partida da expedição da prata a Sabarabuçú.

E', porém, muito possivel que esse quartel supra-mencionado seja referente a uma data muito mais atrazada a 1653, quando, de facto, teria partido Alvaro.

Nada se sabe, quanto tempo levou esse sertanista, com sua gente procurando a prata. Não se sabem tambem os nomes dos paulistas seus companheiros ou os resultados por elles colhidos no emprehendimento. E', porém, de se concluir tenham sido nullos, pois não provocou alarde de especie alguma, que se reflectisse nos documentos.

Seria pequena a expedição, pois assim o eram, geralmente, as bandeiras exploradoras de metaes. E' só o que me foi dado saber sobre a entrada de

Alvaro Rodrigues do Prado. Pôde ella ser incluída no ról dos primiévos empreendimentos exploradores do sub-sólo mineiro, realizada em uma época de crise dolorosa para S. Paulo. Então, se travava a terrível lucta dos Pires e Camargos. Era de prevêr estivessem todas as attenções voltadas para as riquezas que Eliodóro Eobanos e Gabriel de Lara encontraram em Paranaguá, pouco tempo antes. Nunca se pensava que Sabarabuçú já fosse nessa data um fanal rutilante a attrahir a cupidez humana.

Sem embargo dos cruzeiros flamengos infestarem a costa littoreana, da guerra civil entre os Montechios e Capuletos paulistas, ou da grande actividade desenvolvida pelo administrador geral das minas, Pedro de Sousa Pereira, em apparelhar esquadrilhas de exploração para o sul, sobre Paranaguá, ou para o norte sobre Sabarabuçú, em 1655 houve importante empreitada de caça ao indio, realizada ainda na primeira metade desse anno.

Era até agora, essa bandeira de prea, completamente desconhecida nos annaes do bandeirismo. Foi a publicação official dos nossos archivos que veio tornar possivel o seu estudo e consequente desvendamento. Ainda, não se pôde conhecel-a, em seus detalhes de composição, destino e região por ella trilhada.

Nem por isso, entretanto, deixa-se de ter conseguido um bom principio para o seu estudo.

Teria tido grande vulto essa bandeira de 1655. Com ella foi ao sertão a maior parte dos moradores paulistanos, segundo nos demonstra uma certidão dos tabelliães de S. Paulo, pela qual tremendas

accusações são feitas ao capitão mór Gonçalo Couraça de Mesquita, entre as quaes a de haver deixado partir essa expedição, só a prohibindo de ir ao sertão dos Araxás, que seria o dos Patos no Rio Grande do Sul, já tão devastado algum tempo antes. Assim diz o documento citado, no que nos respeita:

*(“Registo Geral”, vol. VII, Supple-
mento, 245)... e outrosim é verdade que
dito capitão mór mostrou uma carta di-
zendo que o inimigo hollandez infestava
esta costa sem embargo do que consentiu
sahisse a maior parte da gente para o ser-
tão e sómente impediu não fossem para o
Araxans o que vendo os ofisiaes da Cama-
ra mandaram passar e fixar nos logares
publicos...”.*

Infelizmente não encontrei outro indicio nas minhas devassas para proseguir no conhecimento desse feito de bandeirismo. Tenho, entretanto, vagas suspeitas, de que essa fosse a bandeira que o capitão Luiz Pedroso de Barros chefio em direcção ao Perú, onde foi morrer em lucta homérica contra os serranos dos Andes.

A data dessa bandeira coincide perfeitamente com a da expedição que acima me referi, como em estudo apartado já deixei claro, mau grado ter Pedro Taques ensinado que Luiz Pedroso foi ao sertão em 1662. Talvez como parte dessa expedição, tenha fallecido no sertão Mathias Cardoso de Almeida, o velho (Silva Leme. *“Genealogia Paulista”*, vol. III, 328).

CAPITULO XXV

BANDEIRA DAS ESMERALDAS — JOÃO CORREIA DE SÁ (1650-1660).

Basilio de Magalhães, o doutíssimo historiador do bandeirismo, ao falar sobre os documentos que descobriu, no Archivo Nacional, affirma, a respeito do cyclo das esmeraldas. (“*Rev. Inst. Hist. de S. Paulo*”, vol. XVIII, 438):

“Depois da expedição dos Azeredos, Salvador Correia de Sá e Benevides, nomeado, a 3 de Dezembro de 1648, governador das capitánias do sul (Rio de Janeiro, S. Paulo, e Espirito Santo), organizou na Victoria, em Abril de 1659, uma bandeira chefiada por seu filho João Correia de Sá e por um sertanista pratico enviado de São Paulo, por Antonio Ribeiro de Moraes (que ali fora capitão mór em 1642) e destinada a continuar as pesquisas antecedentes, no valle do rio Doce. Ignora-se o resultado de mais este tentamen. Sabe-se porém que o delegado portuguez retrocedeu em 1660 para o Rio de

Janeiro onde o povo levantado depuzera o seu preposto Thomé Correia de Alvarenga..."

Não é de todo falha a documentação paulista, sobre essa expedição, que, pelo valle do rio Doce, partiu do Espirito Santo em busca das tão ambicionadas pedras verdes. E' possivel que ella demandasse os serros, onde mais tarde Fernão Dias viu lhe sorrir a côr verde da esperança crystallizada nos seixos das esmeraldas que descobriu.

A respeito da bandeira de João Correia de Sá, achei no "*Registo Geral*", vol. II, 530, uma carta dirigida do Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1659 aos officiaes camaristas da Paulicéa que assim reza:

"Hoje 3 de Novembro tive aviso do senhor general Salvador Correia de Sá e Benevides em como a cinco de setembro na Bahia tomara homenagem de seu governo geral desta repartição do sul e tornava para esta cidade e por lhe parecer conveniente mandar ao descobrimento das esmeraldas se resolvera a o fazer para o que se apparelhava com toda a brevidade e me recommendou muito fizesse aviso a vossas mercês lhe remettem a capitania do Espirito Santo a um fulano Pedroso ourives e lapidario que conste nessas villas e trinta ou quarenta homens brancos bons sertanejos de prestimo para se acharem no dito descobrimento advertindo que não provia posto senão depois

de juntos para occupar os que merecessem indo por mestre de campo seu filho João Correia pelo que por serviço de sua magestade e o que represento a vossas merces com toda a brevidade remettam a villa do Espirito Santo ao dito lapidario e mais gente que voluntariamente quizer ir de que faço aviso em como o hei feito a vossas merces para se esperar por essa gente porque assim se haverá sua magestade por bem servido guarde Deus a vossas merces Rio de Janeiro, tres de novembro de 1659, Thomé Correia de Alvarenga”.

Um mez depois de chegar essa carta aos da governança paulistana, já estes tomavam as providencias que o caso exigia. Fixaram quartéis e fizeram convites aos sertanistas para que se deixassem tentar pela aventureosa empreitada. Assim é que no vol. annexo ao VI das “Actas”, pag. 158, encontra-se, referente a essa bandeira de João Correia de Sá e Benevides “*hu quartel pera que quizesse hir ao descobrimento das esmeraldas*”, que foi passado em duplicata.

Ignoro o effeito dessa propaganda entre os bandeirantes para a consecução do desideratum de Salvador Correia de Sá, com o que não se póde assegurar, sequer, tenham os paulistas participado de mais esse tentamen para o desvendar do mysterio das pedras verdes.

Se, porém, de S. Paulo foi alguem ao Espirito Santo, como assegura o erudito Basilio de Magalhães, parece que, no mez de abril de 1660, já devia estar elle na companhia de João Correia,

em face do seguinte texto de um *“traslado de uma carta de Salvador Correia de Sá e Benevides; vinda em dez de abril de 1660 annos”*:

“Quizera em pessoa dar-lhe a vossas mercês os parabens da paz que estão hoje gosando nessa villa; que seja para sempre (evidentemente se referindo ao ajuste entre os Pires e Camargos que nessa data chegaram ás boas)mas não me foi possivel fazel-o nesta occasião por estar acabando de aviar a jornada que mando fazer ao descobrimento das esmeraldas e principiando a fabrica destes galiões; e sem duvida me porei a caminho para tratar do entabolamento das minas de ouro de Parnaguá e das mais que se me offererem...”. (Registo”, vol. II, 575).

Apesar disso, ainda no mez de junho, em S. Paulo, se reunia gente para essa expedição, segundo entendemos de um outro documento constante da publicação dos nossos archivos. Eil-o (*“Actas”, vol. annexo ao VI, 192*):

“... mais requereu o dito procurador; que sem embargo de que se pos he fixou coartel; pera que todos os que quizesem hir as minas por ser serviso de sua magde. o fizesen na forma da carta do sro. governador geral; salvador correia de sa he Benevides, se se pasase avizo; as pessoas de pose de cada Bairro; manifestado lhe a dita carta e ordem pera que vão

como o dito governador ordena...". (Termo de vereança de 5 de junho de 1660).

Ora, a carta do governador a que esse requerimento do procurador se refere parece-me ser a que escreveu Thomé de Alvarenga, por ordem de Salvador Correia de Sá, á Camara paulistana e que reproduzi na integra neste estudo.

Se assim fôr, só depois de junho de 1660 deveria ter penetrado no sertão a bandeira das esmeraldas chefiada por João Correia de Sá, o que me parece bem condizente com outros factos occorridos nessa época, pois que Salvador só em novembro desse mesmo anno annunciou sua vinda a S. Paulo. Isso prova que nessa occasião já tinha elle resolvido a materia que o prendia no Rio de Janeiro, que era o aviamento no Espirito Santo da bandeira das esmeraldas, como se viu pelo documento supra mencionado.

Apesar de todas essas noticias documentadas, entretanto se ignoram outros informes sobre essa léva de João Correia de Sá. E' provavel, porém, que nada tenha ella conseguido, no sertão, a respeito do seu objectivo collimado, pois que sobre ella silenciam os documentos e nada dizem os chro-nistas.

As multiplas e successivas desillusões, porém, não matavam a doce esperanza de um dia se encontrar as pedras verdes!

CAPITULO XXVI

DOMINGOS BARBOSA CALHEIROS E O SOCORRO PAULISTA AO RECONCAVO BAHIANO (1650-1660).

E' sabido que, após a expulsão do hollandez, o norte das colonias basicas se viu seriamente affligido pelas sublevações negras dos Palmares e rubra do reconcavo bahiano. Foram ambas debelladas, depois de immensos esforços, pela gente paulista, chamada em soccorro a gente do norte, impotentes ante o impeto dessas feras humanas do sertão.

Só mesmo o sertanista de S. Paulo poderia dar cabo da "Troya negra" pernambucana ou da bronzea hydra do Reconcavo, que impedia a colonização das proximidades da capital das colonias.

Foram varios os corpos expedicionarios que São Paulo teve de enviar contra os barbaros infestadores de toda a região septentrional das colonias portuguezas.

A primeira, é sabido, foi a chefiada por Domingos Barbosa Calheiros, em 1658-1660. A documentação sobre ella não é totalmente falha. O que temos entretanto, vem apenas confirmar o que já

está na sciencia de todos, sem trazer revelação de conhecimento digno de nota.

Em setembro de 1657, á vista da impotencia dos bahianos em esmagar as tremendas *razzias* dos indios tapuias, que durante muitos annos assolaram as proximidades de sua capital, o governador geral do Brasil, Francisco Barreto, escreveu á Camara Paulistana, pedindo o soccorro dos bandeirantes. No volume II, 506 a 509, do "*Registo Geral*", encontrei uma carta do governador tão cheia de interesse quão laudatoria aos meritos dos homens de guerra da villa do planalto vicentino.

Por esse documento, que seria muito longo reproduzir na integra, assignala Barreto o facto de seus antecessores, já por muitas vezes, haverem mandado expedições, com muita infantaria e indios domesticos, para castigar a insolencia dos indios, que costumavam descer ao Reconcavo. — Mas esses eram muito ligeiros e conhecedores das veredas da matta virgem sertaneja, de fórma que continuavam nas suas depredações, pelo que, Francisco Barreto resolvera armar uma nova expedição, que, de vez, cortasse o nó gordio bahiano. Como a infantaria regular tinha pouco habito em pelejar com os indios, entendia elle que "*só a experiencia do sertanista dessa capitania poderá vencer as difficuldades*". E, tendo em vista, continua Barreto na sua missiva, a guerra civil entre os Pires e Camargos, será grande serviço para Sua Magestade, converter a actividade dessa interminavel contenda de "clans", em guerra contra os barbaros. Por isso ordenava que a edilidade paulistana elegeisse um cabo de confiança, dous capitães e mais vinte potentados, que se tenham dis-

tinguido no bandeirismo, e levantasse duzentos indios, bons soldados de sertão, fossem elles de propriedade particular ou pertencentes ás aldeias regias, remettendo-os todos nas primeiras monções para S. Salvador, de onde depois do necessario repouso marchariam para a lucta. Como paga dos serviços prestados, Barreto consentia que os paulistas se apoderassem dos prisioneiros indios que porventura cahissem em suas mãos.

Considerando o damno que os indios rebellados vinham praticando na Bahia, desde os tempos de Telles da Silva, resolveu Barreto, nessa carta, tomar a si a responsabilidade da escravização dos prisioneiros pelos paulistas. Disso se haveria em tempo opportuno com Sua Magestade, para que essa autoridade confirmasse o captiveiro. Ordena outrosim Barreto aos camaristas paulistanos que tomassem todas as embarcações que existissem na capitania, obrigando os seus capitães a carregar a expedição, partindo todos juntos em *“frota e vindos se conservem na viagem, e seguindo a bandeira de seu cabo cheguem junto a este porto”*.

Ordens tambem dá o governador ao provedor da Fazenda Real da capitania, para que forneça a expedição com mantimentos, tanto na ida como na volta, etc. Termina Barreto a sua epistola dizendo que a materia era de evidente importancia, para maior gloria de S. Paulo, por serem os paulistas os libertadores da Bahia, devendo sua Majestade remunerar, *“com que Deus ha de permittir que venham esses moradores vençam e voltem para suas casas”*.

E' de extranhar esse desusado empenho do governador em querer lançar mão dos paulistas

para reprimir as tropelias indigenas, pois que, apenas finda a tremenda lucta contra o flamengo, deveriam sobrar elementos no norte brasileiro, para guerras dessa natureza, quer em homens aguerridos, quer em materiaes bellicos e armamentos, que certamente, não abundavam no territorio paulista.

Entretanto, se eram os sertanistas de S. Paulo parcos em recursos materiaes, não lhes fariam falta qualidades bellicas de homens affeitos á guerrilha e á vida dos sertões.

Com a data de setembro de 1657, a carta do governador só em março de 1658 era levada á Camara. Só então os da governança paulistana convidaram os que quizessem ir terçar armas na Bahia, não sem lembrar as gordas recompensas promettidas.

Nessa occasião, offereceu-se Barbosa Calheiros, o mesmo bandeirante que annos antes provará ser tão ousado quão bellicoso, querendo marchar á frente de sua gente sobre Buenos Aires, tendo mesmo chegado á vista de Corrientes. Nas "Actas", vol. annexo ao VI, 81 á 82, encontra-se:

.. "Aos dezasete dias do mes de marso de mil e seis semtos e sincoenta e oito anos nesta villa sampaulo na casa do conselho e camera della onde se ajuntaram os officiaes da camera que servem este presente ano e juntamente com a capitam mor hieronymo pamtoja leitam com os homens bõns deste povo e nobreza delle pera acordaren sobre quem avia de segir

a armada da bahia visto as cartas e provizam do gdor. geral deste estado franco, barreto e as ordens que manda pera se darem embarcaois bastantes e mantimentos. necesarios a todos os que quizerem yr a cidade da bahia oprimir o impito erompinto de gentio barbero e declarasam que faz em nome de sua magde. dar por captivos ao gentio rebelde vensido na dita guerra e as mais franquesas nas ditas que todas lhe foram lidas e patentes alem dos quarteis que este senado e camera em publico e lugares acostimados desta villa mandaram afixar pera que todos os moradores que desta villa yr a dita tera fazer pedido pelas ditas ordens o fizesem e tanben ordenado aos capitães das aldeas desta villa passasem palavra aos ymdios della se aprestasem pera o dito efeito e viesem a esta camera pera com clareza e escrito della apresentacem na sidade da bahia amte o governo e segirem as ordens que lla se ordenasem.

E ora novamente por todos os sobre-ditos postas as cousas e declarasois asima e atras se ofereseram, o capitam bernardo samches dagiar e o capitam dos barbosa calheiros, a ir a este socorro da sidade da bahia cada hu com a gente que podesse tirar e adquirir asim brancos como ymdios todos confiados na gramdesa e clemensia de sua magde. a qual viagem e partida se fara nestas monsois...”.

A 8 de maio desse mesmo anno, não havia a expedição partido, cuidando-se ainda da sua organização.

Os cabos de guerra mencionados no documento supra que se haviam proposto a chefiar o emprehendimento, se reuniram para dentre elles ser eleito o chefe supremo. Ratinharam-se os indios das aldeias, mobilizaram-se as forças disponiveis, etc. Na reunião effectuada na Camara, e ahí presente o capitão mór Pantoja Leitão, ficou assente que Barbosa Calheiros, "*por ser um dos nomeados na carta que veiu da Bahia do senhor governador geral*" ("*Registo Geral*", vol. II, 505), foi escolhido para o elevado posto, devendo ter por adjuntos os capitães Fernando de Camargo e Bernardo Sanches de Aguiar, com o que "*concordaram todos tres irem no mesmo adjunto e serem uma mesma pessoa*".

Entre os outros componentes da léva elegeram mais dous capitães e mais os officiaes necessarios. Infelizmente o documento examinado não menciona os nomes desses eleitos. Combinou-se tambem na reunião que todos estariam, com a expedição, no porto de Santos, no dia 31 de maio.

Ainda nesse documento citado e constante do "*Registo*" existe mais uma curiosidade, que diz respeito ao numero dos expedicionarios:

"... e logo pelo dito capitão mór aos sobreditos acima nomeados foi dito que nomeassem a gente que tinham para esta léva e por elles foi dito que entre todos os brancos e indios que haviam de ir nesta léva faziam somma de quinhentos ho-

mens e que todos haviam de estar na villa de Santos no dia acima nomeado...”.

Como se vê, não era das maiores expedições saídas de S. Paulo. Apenas quinhentos homens a compunham, fazendo apagado vulto deante das terríveis bandeiras salteadoras do Guayrá e do Tape, algumas das quaes eram pequenos exercitos com mais de um milhar de guerreiros, como já se estudou

Se a léva paulista deveria sahir a 31 de maio de Santos, entretanto só em outubro conseguiu chegar a Bahia, e assim mesmo com os seus effectivos desfalcados, segundo consta de um outro documento, que é uma carta do governador geral registada no vol. II, 515 do “Registo Geral”.

“Chegou o capitão mór Domingos Barbosa Calheiros a esta praça com os soldados que se embarcaram no porto dessa e posto que não veiu o numero completo o que vossas merces me avisaram havia de vir os que chegaram são bastantes para fazer o serviço de sua magestade com elles determine acabar de arruinar o gentio barbaro do sertão... a tropa... espero restituil-a a vossa merce tão victoriosa que...”.

Tem essa carta a data de 14 de outubro de 1658, quando deveriam se iniciar os movimentos bellicos contra os indios revoltados.

Sobre os successos ou antes os insuccessos desenrolados na Bahia com essa léva paulista, cala-se por completo a documentação impressa.

É sabido, porém, já tendo Silva Leme feito publico, que no corpo expedicionario, entre os seus potentados, estavam Francisco Jorge Leite, João Leite (fallecidos no sertão), João da Costa Leal, capitão Diogo Domingues de Faria, Manuel Garcia Bernardes e o padre Manuel Nunes de Siqueira, (capellão), identificados, por um testamento feito em 1659, na aldeia sertaneja de Tapuricé.

Dous annos levaria a tropa de S. Paulo ausente do seu torrão, internada no sertão do Paraguassú, até que seu chefe Calheiros, naturalmente ante o fracasso do seu objectivo, fel-a voltar.

Não encontrei peça documental alguma sobre a volta da expedição

Em fins de 1660, porém, deveriam os paulistas estar de novo na sua villa do planalto vicentino, pois que, em 2 de novembro, desse anno, Domingos Barbosa Calheiros é encontrado assignando com uma multidão de moradores um energico protesto contra a vinda de Salvador Correia de Sá e Benevides ("Actas", vol. annexo ao VI, 209 - 210), o habilidoso quão enigmatico governador da repartição do sul.

CAPITULO XXVII

DIVERSAS EXPEDIÇÕES (1660-1670)

Pouco antes de 1658, data da sua morte, o capitão Pedro Dias Leite, irmão do futuro heróe das pedras verdes, foi ao sertão. Dahi trouxe immensa copia de indios apresados — “*mais de trezentas peças...*”, como se vê do testamento de sua mãe Maria Leite (“*Invent. e tests.*”, vol. XVII, 419).

Onde foi o sertanista buscar essa rica presa, é ainda mysterio para mim. Não consegui ir além de onde os laconicos dizeres dos textos documentaes me permittiram. Já não havia nessa epoca uma directriz costumada para as expedições. Estas ora faziam alvo ao norte, ás geraes e ao territorio goyano; ora era o sul o seu destino predicto, pelos sertões paranaenses, paraguayos e mesmo correntinos; era enfim o oéste longinquo mattogrossense ou bolivio-peruano, o trilhado pelas algáras audaciosas de São Paulo.

Em 1659, estava no sertão incognito, uma bandeira da qual fazia parte Salvador Bicudo de Mendonça, filho do grande sertanista Manuel Pires e cunhado de Raposo Tavares. Elle levára seis indios do séquito de sua mãe Maria Bicudo, como

transparece do inventario desta. (*Inv. e tests.*, vol. XVI, 84).

Só em meados de 1660, chcgou a São Paulo, essa expedição, de volta de sua caminhada scrtaneja, loc. cit.

Tinha muita razão Pedro Taques em dizer ter sido em 1661, a expedição pacifica de Fernão Dias, junto aos guayanazes de Sondá, Tombú e Gravitahy, no ex-Guayrá.

A analyse dos documentos isso confirma, como terei occasião de ver em separado.

Manuel Roiz de Arzão, foi, sem duvida, dos grandes devassadores das selvas, desse tempo. A 23 de abril, de 1662, entrava elle pelo sertão em bandeirismo: "...visto o juiz mel. roiz de arzam ter feito fugir desta villa pera o sertam..." (*Actas*, vol. annexo ao VI, 272) (58). Ainda quanto a essa empreitada, os documentos não adeantam, outros informes. Isso acontece a uma outra bandeira sahida de São Paulo no anno seguinte, em março. Della era parte, não se sabe com que grau de hierarchia Estevam Ribeiro Bayão, o futuro chefe do soccorro ao reconcavo bahiano (*Actas*, v. annexo ao VI, 306 e 307):

"... visto o juiz estevão ribeiro
Baião Parente aver ido pera o sertão..."

(58) Manuel Rodrigues de Arzam é filho do flamengo Cornelio de Arzam, vindo em 1599 com dom Francisco de Sousa e de Elvira Rodrigues. Foi casado em 1642 com a mameluca Maria Affonso (Silva Leme, *Genealogia Paulistana*, vol. VII, 316).

Foi Manuel grande bandeirante e morreu em 1700.

Em agosto de 1664, Estevam é de novo achado no povoado, já de retorno do sertão (“*Actas*”, vol. cit., 378).

* * *

Faziam cocegas, nas ambições paulistas, os reflexos longinquos das suppostas esmeraldas. A idéa das suas descobertas, nessa occasião, em S. Paulo, parece ter atingido á maturação.

Em 1663, o capitão Mathias de Mendonça, nome que, por signal, não é dos mais conhecidos no bandeirismo, resolveu ir procurar as esmeraldas e desvendar de vez o mysterio que pesava sobre os crystaes da esperançosa coloração.

Em 23 de setembro desse anno requeria elle á Camara paulistana:

“... por ser serviso de sua magde., pera efeito do descubrimento das esmeraldas a que se obrigou o dito capitão Mathias de mendosa a fazer todas as delygencias posyveis pera o que deu fiança segura e abonada a noso contento que he o capitão João Gago da Cunha he pera que coñsiga esse descubrimento he serviso tão grande de sua magde., nos pareseu darlhe das aldeas do dito senhor preteñcentes / digo preteñcentes a esta vyla, trinta indios des de cada hua cõnbeñ a saber; des da aldeia de São Miguel; he des da aldeia de Nossa Senhora da Conceição dos Goarullhos; he outros des da aldeia de Maruery q ao todo fazem soma de trinta he dos des

que der cada aldeia sera huñ deles cabo pera governar os nove que lhe tocareñ da dita sua aldeia os coais indios mañdamos acoñpanhareñ he sigão as ordens que lhe der o capitão matias de meñdosa, pera q coñ efeito se descubrão as ditas esmeraldas..." ("Actas", vol. anexo ao VI, 335).

Logo, porém, chegaram suspeitas aos edis paulistanos de que o capitão Mathias de Mendonça, não ia descobrir esmeraldas nem cousa parecida. Elle ia sim a prear indios, tendo illudido a boa fé dos membros do augusto senado piratiningano: pois que o sertanista não só desprezou a "...*provisão*" que lhe haviam mandado passar os da governança, como "...*eisedeu as ordeñ que nesta camera lhe forão dadas*", ("Actas", loc. cit., 336), levando para o sertão mais indios do que fôra combinado em Camara.

E' inutil dizer que muita razão deveria acompanhar os vereadores de S. Paulo. Mathias, nunca trouxe a S. Paulo esmeraldas ou outro qualquer precioso seixo.

Talvez fôsse o terreno mineiro o percorrido por essa empreza de bandeirismo, tendo demandado o valle do rio Doce. Com o mesmo fito já haviam feito os Azeredos e na occasião fazia Agostinho Barbalho.

Nessa época, o ouro, tambem, infundia cubiças aos bandeirantes, que, innumerous, o procuravam no distante sertão.

Assim é que, em novembro desse mesmo anno, logo após á partida da expedição, que dizia ir

em busca das esmeraldas, se organizou, em S. Paulo, uma léva, da qual foi parte Paulo da Fonseca, que então exercia o cargo de juiz de orphãos. E' o que assegura o seguinte texto documental, inserto em "Actas", vol. annexo ao VI, 338 e 339:

"... pareceu o capitão paulo de foñseca juis de orphaus desta dita vila he por ele foi dilo aos ditos ofisiaes da camera que a ele se lhe ofresia ocazião de la ao ao descubrimeñto de huas minas de ouro por ser serviso de sua magde., he Beñ comuñ desta capitañia e que podia gastar no dito descubrimeñto alguas somanas..."

Permaneceu no sertão um longo anno essa bandeira do ouro. Em novembro de 1664, teve a Camara paulistana a noticia do fallecimento, talvez, ainda fóra do povoado, de Paulo da Fonseca: "*...he que era falesido da vida presente o vereador paulo da foñseca...*" ("Actas", loc. cit., 386).

E' provavel que tambem tenha sido o territorio de além Mantiqueira o alvo dessa expedição. Não ha indicio, absolutamente algum, nos documentos, sobre a identificação dos sertões por ella percorridos.

O anno de 1665 registrou uma interessante expedição, por parte do padre Matheus Nunes de Siqueira, que penetrou em territorio da vertente oposta da Mantiqueira. Dahi trouxe elle para S. Paulo copioso numero de indios da tribu dos guarulhos, dos quaes já haviam numerosissimos na terra, conhecidos por guarominis.

O padre Matheus Nunes de Siqueira localizou-os nas cercanias de S. João de Atibaia, depois de os chamar ao catholicismo pelo baptismo, como faz certo o seguinte documento (59): ... o R.º *matheus nuñes de sequeira; Avia por seus meios desejo do sertão; cantidade de gentio goarulho o coal por dexerjar; de se chegar ao gremio de sañta madre igreja vinha reseber a agua do sñto bautismo... o coal gentio estava já eñ povoádo he termo desta vila; ña paragem chamada atubaia; he que o dito reverendo pe. eñtregava o dito gentio; e eles ditos ofisiais; pera que formaseñ aldeia...* (Actas, loc. cit., 428).

De S. Paulo, nesse anno de 1665, sahia outra expedição para as bandas sertanejas, da qual foi parte Lourenço de Siqueira, pae do futuro descobridor do ouro nas geraes, Bartholomeu Bueno de Siqueira, o grande bandeirante. (*"Invent. e tests."* vol. XVII, 29 a 33) (60).

Ainda em 1665, no mez de dezembro, encontra-se internada no remoto sertão goyano importante bandeira, sob a chefia do capitão-mór Francisco Lopes Buenavides. Ella já era conhecida, por intermedio de Azevedo Marques e já citada por Basilio de Magalhães (loc cit.). Dessa bandeira fizeram parte, além do commandante, os seguintes sertanistas:

(59) Este padre Nunes de Siqueira era paulista descendente de Victoria Nunes Pinto, que veiu com Martim Affonso de Sousa e de Antonio de Siqueira.

(60) Este Lourenço de Siqueira de Mendonça era um paulista illustre tendo sido casado com Maria Bueno, filha de Jeronymo Bueno e de Clara Parente, esta filha do grande Manuel Preto (Silva Leme — *"Geneal. Paulist."*, vol. VII, 503 —).

Capitão Antonio da Rocha do Canto, João Rodrigues (de Oliveira), Pero da Silva, Bento de Sousa, João de Lara de Moraes, Francisco Sutil Side, Bento Gil de Oliveira, Antonio Domingues, Isidoro Rodrigues, Jeronymo Bueno, Antonio Alvares Machado, Antonio Lopes, João Martins Eredia, Pedro Gonçalves Meira, Antonio Ribeiro Roxo e o capitão Francisco Ribeiro de Moraes, este fallecido no sertão de Goyaz (*"Invent. e tests."*, vol. XVI, 510 a 515).

Infelizmente, os documentos municipaes não dão a menor referencia a esse notavel empreendimento devassador do planalto central sulamericano, de modo que nada mais se sabe a respeito delle.

Deveria ter partido para o sertão uma grande bandeira em começo de 1666. E' o que se deduz de um documento municipal, constante do volume annexo ao VI, 469 das *"Actas"*, termo de vereação de 20 de fevereiro, onde diz: "... *he se tereñ notificado alguñs capitães que vão pera o sertão...*".

E' possivel ser essa a mesma bandeira que, em novembro desse anno de 1666, estava no sertão com a quasi totalidade dos moradores masculos de S. Paulo, a qual é denunciada pela acta da vereação de 29 de novembro desse anno (*"Actas"*, vol. cit., 508): "... *he por estareñ a maior parte dos moradores desta vila no sertão...*".

Esta deveria ter sido uma notavel bandeira, pelo numero elevadissimo de componentes que teria reunido, talvez para alguma empreitada gigantesca.

Passou esse feito, entretanto, despercebido ao linhagista, o que é verdadeiramente admiravel.

Ainda quanto a essa arrancada não tenho elementos para saber as regiões por ella trilhadas e nem sequer a directriz tomada. Talvez, a ella pertencesse André Lopes, que em janeiro de 1667, se encontrava bandeirando fóra do povoado piratiningano, como nos attesta "*Actas*", vol. cit., 528.

Em principios de 1668, era Cornelio Rodrigues de Arzão, irmão do já mencionado Manuel Rodrigues de Arzão, que sahia de S. Paulo para o sertão, como componente de uma léva, segundo se vê de "*Actas*", vol. cit., 564.

Nesse anno partiu, tambem em maio, a bandeira de Lourenço Castanho Taques. Este illustre paulista por incentivo de um autographo real e constantes suggestões de Salvador Correia de Sá e Benevides, foi ao Cataguazes procurar o ouro tão almejado.

Dessa entrada desejo tratar de modo particular, pelo que della encontrei nos documentos publicados, fazendo-o em separado, afim de poder com mais vagar examinal-a á luz de uma argumentação mais minuciosa (61).

(61) Lourenço Castanho era filho de Pedro Taques que viera com dom Francisco de Sousa em 1599.

CAPITULO XXVIII

LOURENÇO CASTANHO TAQUES, O VELHO — BANDEIRA DOS CATAGUAZES (1668-1670) — ENGANO DE PEDRO TAQUES

Como se viu, anteriormente, foi enorme o desenvolvimento do bandeirismo na década de 1660 a 1670.

O apaziguamento da tremenda lucta entre os “clans” Pires e Camargo fez sem duvida com que os paulistas volvessem com redobrado ardor ás incursões sertanejas, sua occupação favorita.

Logo no primeiro lustro da década, em 1664, chegou a S. Paulo a celebre carta de 27 de setembro desse anno, pela qual Affonso VI incitava os paulistas avidos das descobertas. Nessa mesma época, com auxilio paulista, Agostinho de Barbalho, pelo Espirito Santo, penetrou á procura das esmeraldas (62).

(62) Sobre a expedição de Agostinho Barbalho diz Basilio de Magalhães o seguinte (“*Rev. Inst. Hist. Brasil.*”, tomo especial, 64):

“E’ entretanto, cousa liquida e certa que a metropole não descoroçoava com os reiterados mallogros na busca das pedras preciosas. Apesar de Agostinho Barbalho de Bezerra ter sido sediciosamente aclamado capitão mór do Rio de Janeiro (em

Foi indubitavelmente a de Lourenço Castanho, o velho, a mais importante empreitada de penetração do sertão, em toda a década. Marchou ella contra os ferozes cataguazes e abriu caminho nas geraes, que ficou livre da tribu gentilica de verdadeiros cerebros das minas de ouro.

Acredito ter Lourenço Castanho entrado nas Geraes pelo Lopo e dahi attingido o Sapucahy, junto ao qual começou a bater os cataguazes, e não pelo Embahú, seguindo o Parahyba, como quer Diogo de Vasconcellos (*"Historia antiga de Minas Geraes"*). Parece ter o bandeirante paulista ido até ao Paracatú, affluente do S. Francisco. Quanto á data do empreendimento ha, porém, controversia. Pedro Taques, o velho linhagista,

1661 (um dos tres motins a que acima se reporta Salvador Correia), uma provisão régia de 7 de dezembro de 1663 escolheu-o para administrador das minas de Paranaguá e da serra das Esmeraldas. Em carta de 21 de maio de 1664 (in Archivo Nacional, documento avulso), dirigida a D. Pedro de Mello (1662-1666), a este recommendava o rei que dêsse toda a ajuda e favor, para os novos descobrimentos, a Barbalho Bezerra, cuja patente e soldo vêm alli mencionados. Affonso VI escreveu tambem aos officiaes da camara e potentados de S. Paulo, em 27 de setembro do mesmo anno, pedindo-lhes auxiliassem a empresa de Barbalho.

Este, depois de haver mandado primeiro uma tropa explorar os caminhos para as jazidas, despachou um proprio a S. Paulo, com carta sua a Fernão Paes de Barros, solicitando soccorros de mantimentos, que de todo escasseavam no Espirito Santo, e, recebidos elles, — mil varas de paunos de algodão, armas, sessenta arrobas de carne de porco e outros comestiveis, — metteu-se terra a dentro, em procura da serra das Esmeraldas, mas "faleceo antes de acabar de concluir com o dito descobrimento". (Carta régia de 16 de dezembro de 1667, documento avulso do Archivo Nacional), em meio do sertão com muitos da sua comitiva, cujos sobreviventes chegaram ao litoral em fins de 1667 (ou 1668 segundo Calogeras, in op. cit., I, 501; mas o documento acima citado faz crêr antes na primeira data.

que, neste caso, deveria se revestir da mais particular e pujante autoridade, visto como Lourenço Castanho, o velho, foi seu bisavô, affirma ter o velho sertanista ido aos cataguazes em 1674, logo após ter recebido do principe regente D. Pedro, o aguilhão ferreo e ponteagudo de uma carta autographa. Continuando Taques a falar de seu antepassado, affirma ter elle fallecido em 1677 a 5 de março, logo á volta da viagem, da qual resultára o primeiro descobrimento do ouro nas geraes.

Outros chronistas, de menor autoridade sobre a materia, se têm manifestado, diversamente, sobre a data da bandeira de Lourenço Castanho o velho, divergindo do patriarcha da nossa historia.

Assim é que o Barão do Rio Branco, no seu já citado resumo historico do "Le Bresil" de Levasseur, talvez, apoiado em Azevedo Marques ("*Apontamentos*", vol. II, 55) tirou illação errada da mencionada carta regia de 1664, e assevéra ter Castanho realizado o seu "raid" antes dessa data, em 1663. Diogo de Vasconcellos, o historiador mineiro, estudando melhor as circumstancias, com razão achou errada a data da bandeira segundo Rio Branco e Azevedo Marques.

A todos esses devassadores do passado, inclusivé o egregio autor da "*Nobiliarchia*", abandonou a verdade historica.

Preliminarmente Lourenço Castanho o velho não falleceu em 5 de março de 1677, como diz Pedro Taques e copiam outros historiadores. O fallecimento desse magnata paulista é de seis annos antes, em 5 de março de 1671, conforme se vê do seu inventario, iniciado em S. Paulo, onze dias depois

dessa data (*"Inventarios e testamentos"*, vol. XVIII, 69 a 151).

Não podendo o sertanista chefiar bandeiras tres annos depois de morto, fica por terra o que affirma Pedro Taques indesculpavelmente em lamentavel erro.

Resta o que dizem o Barão do Rio Branco e Azevedo Marques, (loc. cit.), de ter sido em 1663 a expedição de Lourenço o velho.

Erram, tambem, esses dous analysadores do passado paulista, porquanto Castanho é facilmente encontrado em São Paulo, desde 1659, funccionando como procurador de sua filha, Anna de Proença, no inventario de seu genro Pedro Dias Leite, (*"Inventarios e tests."* vol. XVI, 29 a 58), em datas successivas até 1664. E' encontrado ainda á testa de sua vara de orphams, em 6 de abril de 1663, (*"Invent. e tests."*, vol. XVI, 421); em 12 de maio desse mesmo anno, presidindo o inventario de Antonio Raposo da Silveira, (*"Invent. e tests."*, vol. XVI, 416); em 8 de junho, sempre de 1663, fazendo o inventario de Manuel Perez Calhemares, (*"Invent. e tests."*, vol. XVI, 393), em 23 de novembro, fazendo o de Maria Leme, (*"Invent. e tests"*, vol. XIII, 382). Como se vê, pois, durante todo o tempo decorrido desde 1659 a 1664, estava Castanho em S. Paulo, não podendo estar ao mesmo tempo penetrando nos sertões mineiros dos cataguazes.

Provado, pois, fica terem, tambem, esses dous historiadores mencionados cahido em erro.

Vejamos, porém, a verdadeira data da expedição, cuja existencia não pôde ser posta em duvida.

Não occorreu ella, tenho a certeza absoluta,

nos annos de 1664, 1665, 1666, 1667 e 1668, até maio deste tempo em que esteve, todo elle, Lourenço Castanho, o velho, em S. Paulo, á frente da mencionada vara de orphams, havendo funcionado ininterruptamente nos inventarios de Estevam Furquim, (*"Invent. e tests."*, vol. XVI, 197 a 369), de Lourenço de Siqueira (loc. cit. vol. XVII, 27 a 49), no de Henrique da Cunha Lobo, (loc. cit. XVII, 65), e de Ignez da Costa (loc. cit. XVII, 95).

O seu nome, porém, brusca e repentinamente desaparece da vara de orphams (Pedro Taquez diz que Lourenço a abandonou ao penetrar no sertão), a 15 de maio de 1668. Passa a figurar em seu lugar o nome de seu filho, do mesmo nome, Lourenço Castanho, o moço, como se verifica dos *"Invent. e tests."*, v. XIV, 202, inventario de Miguel Garcia Galera (vol. XVII, 223, vol. XVI, 25), invent. de Estevam Furquim e do inventario de Lourenço Siqueira, (*"Invent. e tests"*, vol. XVI, 94 e seguintes).

O nome de Castanho não apparece nos documentos examinados, até á morte de sua mulher, Maria de Lara, em dezembro de 1670, quando subitamente reaparece, não tendo assumido, porém, o exercicio da vara de orphams, (*"Invent. e tests."*, vol. XVIII, 153).

O seu testamento, que tem a data de 20 de julho de 1670, parece ter sido feito já em São Paulo.

De tudo isso é facil concluir-se que Lourenço Castanho, tendo deixado o exercicio da sua vara de orphams em 15 de maio de 1668 e reaparecido em 20 de julho de 1670, nesse lapso de tempo tenha realizado a sua empreitada de bandeirismo,

tendo ficado provado que não o poderia ter feito em outra ocasião.

E, quando não bastasse já tão evidente documentação, ha outra prova, que categoricamente confirma a minha argumentação supra referida, de fórma a não ficar sombra de duvida sobre o caso.

Trata-se da acta de vereação de 7 de abril de 1668, publicada em "Actas", vol., annexo ao VI, 575. Por esse documento, Lourenço Castanho surge em Camara e se demitte do cargo de Juiz de Orphams, cuja vara entrega, bem como as chaves do cofre, visto ter de seguir para o sertão:

"Aos sete dias do mez de abril de mil he scisseñtos he seseñta de oito anos nesta vila de são paulo estañdo eñ vereação os señhores offisiaes da Camera; pareseu loreñso castanho taques juis dos orfaus; he por ele foi dito he referido aos señhores ofisiaes da camera; eñ como ele estava de caminho pera fora desta vila; pera o que vinha exebirse; da dito ofisio, eñ tregando; a chave do cofre ao juis ordinario ant.º de almeida; pera que sua merse; eñ sua somana; acudise a obrigação coñforme sua magde. lhe encomenda; encoanto o dito juis dos orfaus não torña a entrar no dito cargo..."

Com esse texto, torna-se crystallina, a verdade historica, e, se algum dos muitos historiadores, que se tem occupado dessa bandeira, em vez de céga-mente copiar a Pedro Taques, ou delle divergir

absolutamente sem base, fosse consultar os documentos do nosso archivo, não teríamos tido a controversia de datas a que me referi acima.

E' extraordinario constatar o engano de Pedro Taques, principalmente quanto á data do fallecimento de Lourenço, o velho, seu bisavô, o que certamente determinou o erro em que incorreu com a data da expedição, por ter na verdade Lourenço fallecido logo depois de sua chegada do sertão. Talvez se pudesse attribuir essa falha da "*Nobiliarchia*", a cópia do original de Taques feito por Diogo de Ordonhez, se não fosse tão accentuada, com as referencias nella feitas á bandeira de Fernão Dias. Segundo a "*Nobiliarchia*", esta foi anterior a de Castanho, quando, na verdade, esta a precedeu de quatro annos no sertão, sendo que, quando Fernão sahiu de S. Paulo, já era morto Castanho.

A unica explicação, clara e logica para o desvio na verdade historica do relato do linhagista, está na evidente confusão por elle feita entre Lourenço Castanho o velho e seu filho homonymo (avô de Pedro Taques). Este, de facto, em principios de 1676 foi ao sertão em bandeira, levando seu irmão José de Lara, como se vê do proprio inventario de Lourenço Castanho o velho ("*Invent. e tests.*", vol. XVIII, 146).

Assim, fica, pela força dos documentos publicados pelos governos do Estado e da Cidade, rectificado mais um ponto na historia do bandeirismo paulista e das explorações e descobertas auríferas dos territorios de além Mantiqueira.

CAPITULO XXIX

FERNÃO DIAS — VARIAS BANDEIRAS ENTRE 1670 E 1680

S. Paulo, nesse periodo, chegára ao apogeu na senda do bandeirismo.

Dezenas e dezenas de vultosas expedições seguiam á conquista do indio, ao lado de muitissimas outras que partiam em exploração. Estariam á cata do fascinante metal ou da pedraria, que a avidez da corte portugueza fazia de miragem aos olhos cupidos do paulista aventureiro (63).

Iniciou a decada bandeirante Bartholomeu Bueno de Siqueira, o futuro descobridor do ouro nas geraes, com uma bandeira de prea em 1670.

Sertões ignotos foram trilhados por Bartholomeu e sua gente nesse anno.

Em 1671, S. Paulo, transbordava na sua plethorica accumulção de audaciosissimos aventureiros bandeirantes. S. Paulo se tornava pequeno

(63) O augmento demographico das populações paulistas de então, causado não só pelo crescimento vegetativo como ainda pela entrada de muitos elementos de além-mar, causa naturalmente um proporcional crescimento do movimento expansionista.

para conter o agigantado numero de "condotieri", que, sem cessar, se multiplicava. Com o andar dos annos, se organizou a famosa léva capitaneada pelo governador Estevam Ribeiro Bayão Parente, auxiliado pelo, já notavel, Braz Rodrigues de Arzão, Manuel Vieira Sarmiento, Pedro Vaz de Barros, o Vazguassú e tantos outros. Livrou esta expedição a capital das colonias da formidavel pressão que contra ella exerciam os indios revoltados no Reconcavo. Isso não pudera fazer Dómingos Barbosa Calheiros e seus 500 seguidores em 1659.

Nesse 1671, de gloriosa memoria, Luiz Castanho de Almeida vae até aos reconditos confins goyanos ("*Nobiliarchia*", XXXIII, p. 2.º, 48 - 50), não sem padecer, porém, a guerra de seus seguidores indios revoltados, em cujas mãos deixou a vida.

Antonio Soares Paes, nesse mesmo anno, depois de encontrar os destroços, diz-nos Pedro Taquez, da bandeira de Castanho, vae tambem até ao planalto central de Goyaz, onde, tambem fallece, não porém sem deixar inventario ahi feito, denunciando o valente feito de conquista do bravo sertão ("*Invent. e tests.*", vol. XIX, 131 e segs.).

Nesse meio tempo, de S. Paulo saem duas bandeiras para o sertão: A de Manuel de Campos Bicudo, com seu filho Antonio Pires de Campos, que chegou, em Matto Grosso, a desvendar o lendario Pactolo dos Martyrios, attingindo Goyaz e a dos dous Anhanguéras, que nesses mesmos sertões erraram, durante largo tempo (64).

(64) Esse Manuel de Campos Bicudo foi um formidavel bandeirante, havendo 24 vezes penetrado no Paraguay.

Contam-se cousas, a respeito delle, verdadeiramente assom-

Ainda uma terceira bandeira nessa época, a mando do Bixira, Manuel Dias da Silva, attingiu as remotissimas paragens de Santa Fé, hoje cidade argentina. Taunay, na sua tão citada carta das bandeiras do Museu Paulista, acha que essa entrada do Bixira se effectuou em 1660, tendo ella passado pelo Rio Grande do Sul.

Em fevereiro de 1673 estava elle porém, em São Paulo, onde foi almotacé (“Actas”, vol. VI, 298). Em outubro do anno de 1672 é Manuel Paes Linhares quem, já velho, parte á frente dos homiados á cata do ouro, que, tão teimosamente, se occultava a tão repetidas tentativas.

Antes um pouco dessa data, em principios de agosto, em S. Paulo já se faziam sentir os prodromos da grandiosa expedição, a mais memoravel da época, a qual deveria passar á historia immortalizando o seu lendario organizador e commandante supremo. Em oito de agosto de 1672, appareceu em camara Manuel de Brito Nogueira, que apresentou em vereação uma carta recém-vinda do conselho ultramarino portuguez pela qual:

*“encommendava que este senado q’
pellas notiçias que sua alteza q’ deos gde.
(o regente d. Pedro) lhe forão dadas sobre
averem nos çertoin do dstricto desta
terra minas de prata e ouro de fundição*

brosas, que alongariam em demasia este trabalho, se se fosse relatal-as.

Silva Leme na sua portentosa “Genealogia”, tantas vezes citada, esclarece, sem se precisar reproduzir o que o insigne paulista sobre isso escreveu.

e esmeraldas o que encomendou o dito sñor., ao secretario de seu conselho ultramarino escrevesse, e lhe dessemos notiçia sobre a dita materia, da certeza que nella avia e com a notiçia destas couzas não nos foim manifesta, nem por pessoas alguma, somente ditos, de algumas pessoas que ouvirão a homens antigos averem minas de prata em sabarabuçú, o que se não tem averiguado nem averiguou athe o presente e pena que isto tenha efeito o que se encarregou mandar chamar, ao capitão fernando dias paes para que elle declarasse a ordem que tinha do governo geral, sobre o descobrimento das ditas minas, que o tinha por certo, ou era aventura de experiencia e pello dito capitão foi dito que elle hia aventurar pellas informaçoes dos antigos, e, que se reportava ao que tinha escrito ao governador deste estado sobre as minas de prata e esmeraldas, com hua relação pera que o dito guovernador geral do estado afonso furtado de castro do Rio de mandonça enviasse a sua alteza, de que fiz este termo... ("Actas", v. VI, 283 e 284).

Eis o inicio da bandeira que iria assombrar a historia, pelas fantasticas peripecias de heroismo sem par, tenacidade sem igual e estoicismo maravilhoso. Fernão Dias, como indica esse precioso documento, já em agosto de 1672 se aprestava, para a sua magnifica entrada de exploração. Ia aven-

turar a descoberta da prata e das esmeraldas, como diz elle singelamente em seu depoimento (65).

Mal sabia o maior potentado paulista da época, que tal aventura lhe custaria sete longos annos de soffrimentos inominaveis, nas agrestes paragens mineiras onde deixaria a vida, em troca das amostras das famosas pedras verdes.

Basilio de Magalhães, insigne poeta e magnifico historiador de além Mantiqueira, no seu estudo sobre as bandeiras ("*Rev. Inst. Hist. Bras.*", tomo esp. v. II, 87), menciona ligeiramente a existencia desse documento por mim reproduzido na integra.

(65) O insigne mestre Taunay, nos "*Annaes do Museu Paulista*", tomo IV, ao relatar a vida do grande paulista dá, em todas as minucias, o grande emprehendimento. Por isso não repetirei o que é facilmente encontrado ahi.

Gilberto Freyre no seu "*Casa Grande & Senzala*", pag. 295 diz que a familia Leme degenerou.

"Que sirva de exemplo a familia Leme tambem de origem nordica, outrora tão illustre; hoje decadente, só lhe restando talvez do antigo brilho, a eloquencia do Cardeal Dom Sebastião Leme".

Bem se vê que o escriptor nortista conhece pouco dos paulistas, pois que seu livro pôde-se adaptar bem ao norte, mas está cheio de cochilos quanto a S. Paulo.

Os Leme não degeneraram pelo motivo muito simples que Leme não são somente os portadores desse nome. Toda a população paulista da velha estirpe, tem sangue Leme, inclusive quem escreve este livro.

Leme foram Prudente de Moraes, Campos Salles, Antonio Prado, Conde de Parahyba, e todos os vultos salientes do nosso presente.

Só por um lamentavel descuido em materia de genealogia Gilberto Freyre poderia ter escripto tal coisa em seu livro.

Alem disso temos muitos expoentes que com brilhantismo ostentam o nome de Leme. O autor da grandiosa "*Genealogia*

Azevedo Marques, (*"Apontamentos"*, v. I, 146), porém, induziu o erudito escriptor em erro, fazendo-o attribuir como figura principal nesse documento a Fernão de Camargo Ortiz, o filho do Tigre, em lugar do futuro governador das esmeraldas, como supra se verifica.

Eis rectificado um desculpavel engano do sabio historiador, baseado num cochilo de Azevedo Marques.

De todos são conhecidos os detalhes da formidavel empreza, levada a cabo por Fernão Dias Paes. Pouquissimas, porém, são as referencias nos documentos a ella feitas.

Encontrei nos documentos (*"Invent. e tests."*, v. XVII, 318), que Fernão levou em sua companhia seu sobrinho e curatelado Francisco Dias da Silva, que foi chefiando *"quatro negros (indios) e*

um rapaz a saber Sebastião carijó, e Manuel e José, e outro que se não sabe qual será e Jeronymo as quaes peças...".

Foi esse o sobrinho de Fernão Dias que depois passou a se assignar Francisco Ribeiro, como diz Silva Leme (*"Geneal. Paul."*, vol. II, 129, nota). Enganou-se, porém, Silva Leme ao affirmar que esse sobrinho do governador da trópa leváva grande séquito de administrados armados, pois, como se vê do texto acima, só o acompanharam cinco pes-

Paulistana" foi Luiz G. da Silva Leme, nosso confrade e um dos maiores paulistas do rol dos que tem vivido no nosso planalto. A sua genial *"Genealogia Paulistana"* fazendo jus a immensa gratidão dos paulistas é um cabal desmentido a tirada infeliz de Gilberto Freyre.

soas. Feu de Carvalho, o erudito pesquisador mineiro, affirma ter Balthazar de Costa de Veiga feito parte da bandeira de Fernão Dias. Deveria ter partido, porém, depois de 1675 para, já em Minas, a ella se aggregar, visto como elle ainda é encontrado em S. Paulo, em agosto de 1675, discutindo o testamento de sua mãe, Maria da Cunha (*"Invent. e tests."*, vol. XVII, 500).

Ao mesmo tempo em que Fernão Dias levou ás geraes a sua grande bandeira, a qual pertenciam varios dos mais famosos sertanistas da época como Mathias Cardoso, Borba Gato e outros, de S. Paulo sahia em direcção norte outra bandeira, que ia sob o commando de Sebastião Paes de Barros, em exploração ao valle do Tocantins. Foi essa léva de bandeirantes exterminada pelos ferocissimos "bilreiros" ou caiapós.

Taunay, porém, no seu mappa das bandeiras, colloca essa expedição no norte goyano (66). Ainda em 1674, com João Gago da Cunha, o moço, foi ao sertão uma algára de paulistas em exploração. Não se sabe, entretanto, qual a direcção tomada pela trópa, em vista do laconismo do texto documental, de onde colhi essa informação (*"Invent. e tests."*, vol. XVIII, 412).

Em principios de 1675, sahia de Parnahyba a importantissima léva ao commando de Francisco Pedroso Xavier, potentado abastado dessa localidade nas proximidades da Paulicéa. Elle levava o terror ao Paraguay, onde, em plena serra de Maracajú, depois de ter tomado e destruido Villa Rica

(66) Não é facil se imaginar o roteiro pelo qual essa bandeira de Sebastião Paes de Barros attingiu o norte de Goyaz.

del Espirito Santo, esbarrou Andino, ex-governador do Paraguay, com 1.000 homens e indios. Em batalha defensiva, derrotou-o e obrigou-o á retirada. Foi enorme o apresamento feito por esse filho do "Terror dos indios".

Foi tambem em 1675 que Manuel de Campos Bicudo perlustrou o norte de Matto Grosso, chefiando temeraria algára, segundo ensina Tau-nay no seu bellissimo mappa do Museu Paulista.

Além dessa empreitada em 1675, consegui assignalar no sertão nesse anno João de Araujo (?), fazendo parte de uma bandeira que teria penetrado onde não tive elementos para desvendar ("*Invent. e tests.*", v. XIX, invent. de Margarida de Brito). Manuel Pereira Sardinha tambem rumou fóra do povoado paulistano, nessa occasião chefiando para o sul, (Taques "*Informações*", 31); mas em janeiro de 1678 de novo estava elle em São Paulo ("*Invent. e tests.*", vol. XIX, 202).

No anno seguinte, além da volta victoriosa da bandeira de Francisco Pedroso Xavier, foi importante a expedição ao sertão de Lourenço Castanho, o moço, ("*Invent. e tests.*", vol. XVIII, invent. de Castanho, o velho). Essa bandeira origina a confusão estabelecida por Pedro Taques, a proposito dos dous paulistas homonymos, pae e filho, bem como das duas bandeiras, em épocas diversas, por elles chefiadas.

Não sei se pertencendo a essa gente de Lourenço Castanho, o moço, estava no sertão o bandeirante Ascenço Gonçalves, conforme revela ("*Invent. e tests.*", vol. XIX, 246). Poderia elle ter sido parte da expedição que, nesse anno, Bartholo-

meu Bueno Cacunda conduziu, por paragens ignotas (*"Actas"*, vol. VI, 403) (67).

Em 1677, possivelmente com Lourenço Castanho, o moço, ou com Bartholomeu Bueno Cacunda, ou ainda com outra expedição sertaneja qualquer, falleceu no sertão Domingos Góes Pereira. Tinha elle em sua companhia Manuel Pires Salvago, Clemente Portes, Miguel Garcia, Jeronymo Bicudo Cortes e João Luiz do Passo (*"Invent. e tests."*, vol. XIX, 193, inv. de Domingos Góes Pereira).

Bartholomeu Bueno de Siqueira, em 1676, é assinalado por Taunay, no seu mappa do Museu Paulista, trilhando os territorios goyanos do norte do Paranahyba. E' possivel seja esta mesma, a bandeira de Bartholomeu Bueno Cacunda supra referido, havendo a semelhança dos nomes dado logar á confusão.

Entre outras bandeiras partidas para o sertão, que até agora escaparam á identificação, está a de que fez parte Antonio de Almeida Lara, irmão do mencionado Lourenço Castanho, o moço, partida em maio de 1678 (*"Invent. e tests."*, vol. XIX, 382, testamento de Antonio de Almeida Lara). Além dessa, ha uma outra em 1680, á qual acompanhou Balthazar de Godoy, (Balthazar de Godoy Bicudo, provavelmente).

O capitão Manuel da Cunha Gago, genro de

(67) Bartholomeu Bueno Cacunda era filho de Mariana de Camargo e de Bartholomeu Bueno da Ribeira, o moço.

Bartholomeu Bueno de Siqueira era filho de Maria Bueno, esta filha de Jeronymo Bueno e de Clara Parente, filha de Manuel Preto. Era seu pae Lourenço de Siqueira, tambem bandeirante.

Manuel Garcia Velho, foi tambem dos bandeirantes mais esforçados desse tempo, tendo, repetidas vezes, penetrado em bandeira pelo sertão, conforme se vê do seu testamento e inventario ("*Invent. e tests.*", vol. XIX, 232 e seguintes).

Qual, porém, a região trilhada por essas numerosas expedições sertanejas que assignalei? O mutismo dos documentos não dá o menor ponto de referencia.

Nessa época, era o planalto central goyano a zona preferida pelos devassadores das selvas, que não demandavam a esteira deixada no oceano verde da matta virgem das geraes pela grande bandeira de Fernão Dias.

Os sertões paranaenses não estavam fóra do raio de acção das bandeiras paulistas desse tempo, que ahí se afazendavam nas sesmarias que lhes eram doadas com generosidade. Além de tudo, as minas de Paranaguá despertavam então a attenção do tenente general Jorge Soares de Macedo e a do administrador dom Rodrigo de Castello Branco.

Raras eram já as turmas paulistas a attingir as colonias castelhanas do Paraguay ou das margens do Uruguay, onde medrosamente se estabeleciam de novo os jesuitas com suas reduções de guaranis.

CAPITULO XXX

SEGUNDO SOCCORRO PAULISTA AO RECONCAVO BAHIANO. -- ESTEVAM RIBEIRO BAYÃO PARENTE, BRAZ RODRIGUES DE ARZÃO (1670 - 1680).

Desde 1669, segundo se conclue de Pedro Taquez, citado por Basilio de Magalhães, na sua magnifica e já tão citada "*Expansão Geographica do Brasil até fins do seculo XVIII*", ("*Rev. Inst. Hist. Bras.*", tomo esp. vol. II, 117), o governador geral Alexandre de Sousa Freire (68), á vista do insuccesso da expedição de Domingos Barbosa Calheiros em 1658-1659, pedira a Pedro Vaz de Barros, o Vazguassú, um auxilio para esmagar de vez os indios revoltados do reconcavo bahiano.

Nada encontrei na documentação impressa que diga respeito a esse tópico do linhagista.

Ignoro tambem o que tenha conseguido o governador geral com o potentado paulista Pedro Vaz de Barros. O certo e livre de duvidas é que, em 1670, á vista de não terem, ainda, conse-

(68) Alexandre de Sousa Freire foi o velho governador geral que se empossou em 1667 e foi até 1671. —

guido os governantes da capital das colonias dar um cheque de morte nas tribus que assolavam sempre as regiões bahianas do Reconcavo, de novo o Governo Geral escreveu á Camara Paulistana. Reclamava elle outra vez um corpo paulista para ser a guerra levada aos indios indomaveis.

A vinte de maio de 1670, reunia-se a assembléa municipal de S. Paulo, para tratar desse assumpto, havendo recebido a requisição do Governador Geral com a presença do capitão mór da capitania Agostinho de Figueiredo e do provedor da fazenda real, Pedro Taques de Almeida.

Nessa vereação ficou determinado que Estevam Ribeiro Bayão Parente, sertanista já nosso conhecido, e seu adjunto Braz Rodrigues de Arção, bandeirante emerito, tambem já innumeradas vezes referido, organisassem a força expedicionaria.

O curioso documento que comprova essas asserções, que, aliás, não são novidades, sendo já de ha muito sabidas, está constante das "Actas", vol. VI, pag. 205:

"Aos vinte dias do mes de Maio de mil he seis sentos he setenta anos nesta vila de san paulo na caza he pazo do conselho he camera dela donde se ajuntarão os ofisiaes da camera com o capitão mor desta capitania agostinho de figeiredo he o provedor da fazenda real he capitão pero taques de almeida, pera efeito de tratar he deferir as materias mais convinentes ao serviso de sua alteza he em particular a viajen recomendada do sor.

governador deste estado, pera que os moradores desta capitania fosen a estingir he afugentar os indios muito barbaros que infestão a sidade reconcavo he moradores da baia, he estando os ditos ofisiaes da camera, capitão mór e provedor en consulta sobre o asima referido pareseu ante eles o capitão estevão ribeiro baião parente he por seu adjunto bras rodriques de arzão he por eles foi dito que eles ambos se oferesião pera a dita jornada do sertão da baia, pero o que trazião a ditos senhores as propostas que for escrito Antes eles eixevião pera que sendo manifestas ao sor. governador geral he estando por elas e querendo lhas aseitar he conprir, como nelas se conteen se obrigavão a fazer a dita jornada a todo o tempo q do sr. governador geral lhes for mandado ir con presa posto que tendo efeito o asima referido avião de segir a sua viagen por mar por mais conveniente e breve; o que tudo visto pelo ditos ofisiaes capitão mor he provedor aseitarão a sua proposta somente pera as remeter he avizar ao governador geral: he avendo por bem de se lhe conseder o que pedem, he con avizo do sor. governador geral segirão dita viagen pera o que con as condiçois referidas he consetas fiquão obrigados os ditos capitão e adjunto con a gente que tivesen A iren fazer a entrada contra estes barbaros infestadores he por asin ser proposto he aseito na forma so-

bredita mandarão os ditos senhores fazer este termo en que todos asinarão...".

Levou muito tempo a resposta do governador geral às propostas de Estevam Ribeiro Bayão a chegar a S. Paulo. Quasi um anno após a reunião, que menciona o documento supra, ainda a expedição de soccorro á Bahia não havia marcado a data exacta da partida, tendo apenas sahido da sua phase de organização.

E' o que demonstra o seguinte documento, que é um termo de vereança, do dia 27 de março de 1671:

(“Actas”, vol. VI, 243). “Aos vinte he sete do mes de março de mil he seis sentos he setenta he hum anos nesta vila de san paulo na caza he paso do conselho he camera os abaixo asinados he por eles foi dito Ao procurador do conselho se tinha alguma couza que requerer do serviso de sua Alteza he ben comun deste povo o fizesse he por ele foi dito he requerido aos senhores ofisiaes da camera que suas merseses mandasen notificar ao capitão da leva pera o sertão da baia estevão ribeiro baião pera pasar mostra da gente que ten. A coal lista pasara a segunda oitava pera ir consegir aua viagem Antes que se pasen as monsois o que visto pelos ditos ofisiaes mandarão se fizese logo deligencia con o dito capitão mór da leva estevão ribeiro baião se aprestase pera segir sua viagem de que tudo fiz este termo...”.

Dous mezes depois dessa vereança, ainda se tratava da lêva de Estevam Ribeiro Bayão, que, não se sabe porque, permanecia no povoado paulistano.

Talvez esperasse elle recursos para fazer a viagem. Então o governador havia mandado lhe fornecer mil cruzados em dinheiro, que lhe foram entregues pelo thesoureiro do donativo real, Bartholomeu Monteiro. E' o que assegura o termo de vereança de quatro de maio de 1671 (*"Actas"*, vol. VI, 246).

Não encontrei nos documentos, nada que se refira á data da partida da expedição de Estevam para a Bahia. Assegura Pedro Taques (*"Nobiliarquia"*, *Rev. Inst. Hist. Bras.*, vol. XXXV, p. 1.º 55), porém, que ella sahiu de Santos em junho desse mesmo 1671. Isso é muito provavel que assim tenha sido, por ser a ultima referencia a seu respeito encontrada nos documentos, a mencionada com a data de 4 de maio. Desapparece ella dahi por deante da attenção dos camaristas paulistanos.

Sobre a sua composição, além do que já é sabido por intermedio de Taques (loc. cit.), como, por exemplo, terem feito parte da expedição Manuel Vieira Sarmiento, João Maciel Parente, filho do cabo da tropa e Braz Rodrigues de Arzão, ad junto do chefe pouca cousa se sabe. Tenho sérias suspeitas de que Cornelio Rodrigues de Arzão irmão de Braz, e que foi em 1671 juiz ordinario, tambem tomou parte nessa exposição tendo sahido de S. Paulo nessa data (*"Actas"*, 253, VI).

Pedro Vaz de Barros tambem se afigura ter sido um dos membros importantes da emprei-

tada. Foi testamenteiro no inventario de Antonio Pedroso de Barros, seu irmão, e tutor de seus sobrinhos menores, funcionando ininterruptamente com essas qualidades no inventario. Precisamente em abril de 1671, deixou esses cargos desapparecendo o seu nome nos documentos (*"Inventarios e testamentos"*, vol. XV).

Pedro Taques, referindo-se a Pedro Vaz de Barros, demoradamente fala sobre esse soccorro paulista á Bahia, sem, porém, peremptoriamente, affirmar ter o Vazguassú d'elle participado.

E' certo, porém, que a expedição paulista de soccorro á Bahia permaneceu em campanha até ao anno de 1674. Nessa data sabe-se com certeza estar Pedro Vaz de Barros internado no sertão, segundo pude colher do inventario de Sebastião Paes de Barros, procedido em S. Paulo em 1674. (*"Invent. e tests."*, vol. XVIII, 452).

"Deu-se-lhe um cavallo de carga que levou o capitão Pedro Vaz de Barros para o sertão...".

Não tendo ainda o soccorro da Bahia em 1674 tornado a S. Paulo, é muito possivel que esse sertão, no qual estava Pedro Vaz de Barros, fosse o do Reconcavo bahiano, onde os paulistas permaneciam. Elles eram, então, chefiados por João Amaro Maciel Parente, visto como Estevam Ribeiro Bayão fallecera em São Salvador.

Pedro Taques affirma ter o governador geral escripto em 1673 á Camara de S. Paulo, dando conta do successo da gente que, de S. Paulo, levou essa bandeira de Estevam Ribeiro Bayão, conse-

guindo debellar os indios assoladores do Recôncavo bahiano. Por mais cuidado posto nas pesquisas, não consegui encontrar esse documento, entre os da publicação official. E' possível que a razão resida em que o tempo o haja consumido juntamente com os que tinham a data de 1672 e 1677, formando uma grande lacuna no "*Registo Geral*". Não consegui, por esse motivo, talvez adiantar cousa alguma no que já é de sobejo conhecido a respeito da grande gloria colhida na Bahia, por essa expedição paulista.

Devassas nos archivos bahianos, entretanto, poderiam proporcionar interessantes pormenores a respeito desse victorioso emprehendimento paulista.

CAPITULO XXXI

DIVERSAS EXPEDIÇÕES AO SERTÃO ENTRE 1680 E 1690 — GARCIA RODRIGUES PAES.

Grandes esperanças animavam o príncipe regente, o futuro Pedro II, de que em Paranaguá fosse o ouro abundantemente encontrado.

Em 1678, choviam as provisões de seu punho regencial, promovendo descobertas auríferas e argentíferas, na distante colonia de além mar. Nesse anno resolveu o regente:

“fossem ao descobrimento das minas de prata e ouro de Pernaguá o administrador geral Dom Rodrigo de Castello Branco e o tenente general Jorge Soares de Macedo para de uma vez se vir em conhecimento de que ha estas minas, ou de todo colher o desengano...” (“Registro”. III, 195).

Chegando á capitania vicentina o tenente general no dia 29 de novembro de 1678, promettia, por meio de um bando, o perdão aos criminosos e pedia um auxilio para a expedição de descobrimento que ia emprender “... das minas de prata que houver neste sertão até o rio de Buenos

Aires, . . .". No começo do anno seguinte estava tudo preparado e nomeado para capitão mór da gente Braz Rodrigues de Arzão, segundo se vê da provisão passada a 24 de janeiro de 1679 ("*Registo*", III, 203 a 205).

Em março affirma Pedro Taques, partiu elle de Santos.

Levava grandes effectivos, pois, só de indios das aldeias, iam cerca de 500, como se vê da acta de vereança de 13 de março de 1681 ("*Actas*", VII, 113), e não 200, apenas, como affirma o linha-gista.

Sabidas são de sobejo as desventuras dessa empreitada, que depois de muitos insuccessos chegou á ilha de Santa Catharina, onde se bipartiu. Alguns foram com o tenente general e Braz Rodrigues de Arzão, para a ilha de São Gabriel. Ahi se encontrava Manuel Lobo, na nova Colonia do Sacramento, e outros, cerca de trezentos e tantos indios, sob o mando do vedor capitão Manuel da Costa Duarte retornaram, por terra, a S. Paulo. Só chegaram nove indios, com o referido vedor, devido á falta de mantimentos ao chegar ao rio de S. Francisco, tendo os restantes se dispersado nessa occasião ("*Actas*", loc. cit.).

São já muito conhecidos os malogros de Jorge Soares de Macedo e seus companheiros, até chegar á Colonia do Sacramento, que finalmente cahiu em poder dos castelhanos, ficando o general e os paulistas prisioneiros em Buenos Ayres.

Em 1681, já havia partido Dom Rodrigo, em busca da "prata de Sabarabuçú". Ainda estava no sertão Balthazar da Costa da Veiga, como se vê, em "*Actas*", vol. VII, 86, só se assignalando em

povoado em março do anno seguinte de 1682. Em todo o anno de 1681 esteve ausente no sertão, não tendo apparecido em camara para tomar posse do cargo de vereador, para o qual havia sido eleito. Em março do anno seguinte, como eu disse, o seu nome de novo surge, assignando um indignado protesto, contra um breve de Sua Santidade, pelo qual supprimia ao "*povo seus escravos, que com tanto custo de sua vida e bens tinham adquirido no sertão*" ("*Actas*", vol. VII).

Balthazar estava no sertão, desde 1676, em companhia de Fernão Dias Paes, á cata de esmeraldas, tendo com elle feito a gigantesca peregrinação, conta o insigne Taunay, na sua magnifica conferencia sobre o Governador das esmeraldas (69). Foi Balthazar, porém, accusado de ter abandonado a Fernão, quando voltava elle ao arraial do Sumidouro, em 1681, com as pedras verdes emfim descobertas. Balthazar teria, assim, cedido ás injunções de seu parente, Antonio do Prado da Cunha, o qual muito desfalcou a bandeira do grande sertanista paulista. E' possivel que Balthazar tenha chegado a S. Paulo em companhia de Garcia Rodrigues Paes (70).

Em fevereiro de 1681, Lucas Ortiz de Camargo, depois de requerer á Camara que "*... a elle se lhe offerencia hir Buscar Remedios no sertão que he o trato ordinario desta terra, pelo que Reque-*

(69) Essa conferencia foi depois ampliada em grandiosa monographia que consta do vol. IV dos Annaes do Museu.

(70) Quem tiver a curiosidade de conhecer mais minuciosamente esse ponto não tem senão que ler o que Taunay escreveu na sua portentosa monographia "*A grande vida de Fernão Dias Paes*" nos "*Annaes do Museu Paulista*", tomo IV.

ria a suas merces o ezevicem da assistencia, porquanto não podia deixar de seguir viagem...". ("Actas", vol. VII, 92), penetrou no sertão todo o anno de 1681 ignorando-se, porém, onde tenha ido bandeirar.

Em 1682, internados do sertão estavam Innocencio Preto ("Actas", vol. VII, 166), que tornou a S. Paulo, em fins do anno referido, e Salvador Pontes, irmão do celebre Padre Belchior de Pontes. No anno de 1683, encontra-se internada em anonymo sertão uma bandeira chefiada pelo capitão João Lopes de Lima, da qual faziam parte, entre outros, Francisco Rodrigues, Antonio Vaz, (fallecido e inventariado no sertão "*Invent. e tests.*", v. XXII, 12), capitão Antonio Domingues Galera. Manuel Ferreira de Lemos, Domingos Luiz, João Baptista de Moraes, Joseph da Fonseca, Carlos Pedroso da Silveira, o futuro manifestador do ouro nas geraes, e Manuel Rodrigues de Arzão.

Em setembro de 1684, estava a bandeira no sertão, e em junho do anno seguinte, de volta a São Paulo, onde foi feito judicialmente o inventario de Antonio Vaz, fallecido.

Ignoram-se as regiões percorridas por essa expedição. E' possível, porém, estar ella á cata de metaes, em cuja mineração tanto se distinguiu João Lopes de Lima nas minas do Carmo, nas décadas subsequentes.

Nessa época, fechavam as bandeiras paulistas densa urdidura nos sertões, com as esteiras de suas passagens, á cata do ouro, tão grande era o numero de expedições, que, abandonando a caça ao indio, cediam ás ambições metropolitanas, di-

vergingo das primitivas directrizes, para concentrar os pertinazes esforços nas geraes e no territorio dos guayazes.

Apenas divergiam dessa regra as bandeiras de conquista de Pero Leme da Silva em Matto Grosso, de Mathias Cardoso ou de Domingos Jorge Velho, no norte do paiz, assombrando com seus pasmosos feitos de heroismo e audacia contra os hespanhóes, indios insubmissos ou negros quilombolas dos Palmares (71).

Nessa data, já havia o novo monarcha portuguez Dom Pedro II, resolvido a continuar com os esforços para a excavação das esmeraldas, que Fernão Dias descobrira, no fundo sertanejo do serro de Itacambira. Em 1683, 23 de dezembro, passou uma provisão de *“administrador das minas de esmeraldas que descobriu e gosará todas as horas...”*, visto como, *“tendo respeitado á Garcia Rodrigues Paes á haver acompanhado a seu pae Fernão Dias Paes do descobrimento das minas de esmeraldas, de que trouxe amostras e nelas se fazer exame e se offerecer a ir continuar com elle profundando mais a terra por se entender que só assim se virão achar mais perfeitas e com differente bondade em razão das que trouxe, serem de superficie e para que, de uma vez, se tome desengano deste descobrimento ha tantos annos pretendidos, fazendo-se esta ultima experiencia e se consiga esta diligencia...”*. “Registo”, III, 431).

(71) O já citado Taunay na sua monumental *“Historia Geral das Bandeiras Paulistas”* estuda analyticamente esses feitos memoraveis.

Desejava el rei desde muito enviar mais uma bandeira á procura de esmeraldas. Em fevereiro desse 1683, escrevia elle á Camara paulistana, assim se manifestando e ordenando que dessem a Garcia Rodrigues Paes, os indios das aldeias (“*Registro*”, III, 428).

Muito tempo, porém, levou o filho do grande Fernão a se preparar para a empreitada. Só em 1686, na sua primeira metade, se achava elle em condições de partir, pelo que requeria á Camara paulistana em 28 de fevereiro:

“... *pareceu o Capam. Maior garsia Riz Pais pello qual foi requerido q em virtude de hua provizão q tem de sua Mag. que deus guarde q estão registadas nesta Camera fas conta com o favor de deus seguir viagem ao descobrimento das esmeraldas pa. depois da pascoa logo pa. o q lhe era necessario conduzir todos os Indios das aldeas de S. Magde. q. estivessem por caza dos Moradores pa. lhe não faltarem*”.

Só tendo partido em meados de 1686, logo devia ter Garcia attingido, senão as esmeraldas, ao menos as regiões onde abundava o fulvo metal. Em 1697, recebia elle uma carta régia, pela qual se vê que foi elle o “*primeiro que descobriu briu o ouro de laugem dos Ribeiros, que correm para a Serra de Serababasú*” (Basilio de Magalhães, “*Rev. Inst. Hist. Bras.*”, tomo esp., vol. II, 124). Isso obriga a concluir que Garcia foi o verdadeiro desvendador do mysterio que, secular-

mente, encobria o territorio mineiro, occultando systematicamente aos esforços paulistas o brilhar do precioso metal.

E' do anno de 1689 que se encontra nos documentos publicados pelo governo da cidade a ultima referencia ao bandeirismo seiscientista.

Trata-se da bandeira de Mathias Cardoso, o destemido bandeirante que acompanhou ao sertão das esmeraldas Fernão Dias e dirigiu a expedição de d. Rodrigo para o mesmo sertão.

A dezenove de fevereiro de 1689, recebia a Camara Paulistana uma carta do "*sr. Arsebispo e governador geral do estado em que avia emcarregado aos ofisiais da Camera se fizese gente pa. o sertão ou comquista do Rio grande como tambem pareseu salvador c. de Alma. com outra carta do mesmo governo em q emcarrega a mathias cardoso de Almeyda pa. a dita comquista*" ("*Actas*", vol. VII, 374). E concordando os edis "*quera bem e dese calor e ajuda a fazer gente pa. esta comquista do Rio grande o q todos em adjunto admitirão q hera bem...*". ("*Actas*", vol. VII, 375).

E assim foi organizada a expedição que o famoso sertanista levou aos sertões do Nordéste, a debellar a crise por que atravessavam Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, atropellados pelas correrias dos indios revoltados. Os documentos calam-se sobre a partida da bandeira guerreira, bem como quanto á sua composição.

Eis que os documentos archivaes paulistas tornavam-se muito mais laconicos sobre coisas de bandeirismo, á medida que o seculo attingia o occaso.

As destemerosas façanhas dos paulistas, também, ao se aproximar a última década do seiscentismo, descambavam para as explorações dos terrenos auríferos. Encontrado, afinal, o Pactolo das Geraes, terminou a lucta formidável dos paulistas para o afastamento da fatídica Tordezilha. Ella, já então, ao longe se sumia no horizonte ennevoadado dos remotísimos e fragosos confins dos Andes em Matto Grosso, a oeste, para, ao sul chegar, quasi, ás margens castelhanas do Prata longinquo.

CAPITULO XXXII

DIVERSAS EXPEDIÇÕES AO SERTÃO ENTRE 1680 E 1690 — DOM RODRIGO DE CASTEL BRANCO.

Em fins de maio de 1680, aportava, pela segunda vez a S. Paulo, Dom Rodrigo de Castello Branco, com suas "*provizois e Regimtos.*". E' o que se vê da acta de vereação de 1.º de junho desse anno, ("*Actas*", vol. VII, 60), e não no mez de julho conforme affirma Basilio de Magalhães ("*Rev. Inst. Hist. Bras.*", tomo esp., vol. II, 90).

A 20 de junho apparecia dom Rodrigo em Camara, para requerer aos:

"... ditos srs. officiais que era necessario para o serviço de S. A. que deus gde. que suas merces como vasallos leaes de Sua Alteza avizasen as cameras de pernaiba moegi e taubaté que pa. Sancta Iza-bel mandasen vir esta villa os homens ancioins e de respeito e os homens Bons desses povos para se deliberar o seguinte, da função de Sabarabuçu...". ("*Actas*", vol. VI, 62).

Eram sem duvida, os primordios para a organização da expedição que o desventurado castelhano fôra incumbido de levar ao encontro das pedras verdes, que Fernão Dias descobrira aos olhos cupidos da metropole lusa.

Por entre as varias diligencias (Basilio de Magalhães, loc. cit.), impulsionadas pela indiscutivel boa vontade do fidalgo castelhano, foi-se organizando a léva, com gente das villas de S. Paulo e Taubaté. Convocado o conselho de homens notaveis de experiencia, como vimos acima, ficou deliberado que Dom Rodrigo seguisse em fevereiro de 1681, "*para a jornada do descubrimento da prata de Sabarabuçu*", e não o fazendo antes... *pella falta de mantimentos...*". ("Actas", VII, 64). É muito curioso verificar-se que, não obstante haver Fernão Dias descoberto esmeraldas e não prata se continuasse a designar a entrada de Dom Rodrigo como indo á procura da prata de Sabarabuçu.

Logo, nessa occasião, Taubaté offerecia ao fidalgo bandeirante todos os indios de suas aldeias, bem como para mandar plantar mantimentos, pelo caminho da expedição, talvez, pelas cercanias do valle do Parahyba, a principio escolhido para roteiro; *para mais fasilidade se conseguir o descubrimento da prata...*". Dizia a boa gente de Taubaté, ("Actas", VII, pag. cit.).

Desse generoso offerecimento o fidalgo hespanhol só accitou o contingente de "*sessenta indios*", porque "*tinha carta de Anto da Cunha gago, o coal promettia levar mantimentos pa. paragem con que não hera necessario plantas*" ("Actas", VII, 65).

Até o fim de 1680, se aprestou febrilmente Dom Rodrigo, reunindo em S. Paulo das diversas aldeias de Sua Alteza cerca de 120 indios. Isso com trabalhos de alistamento, devido a estarem os effectivos dessas aldeias desfalcados, com as expedições ao sul ao mando de Jorge Soares de Macedo (*"Actas"*, VIII, 88). Além desse contingente é preciso sommar os 60 de Taubaté, de onde também, Antonio da Cunha Gago, (provavelmente o filho de Bartholomeu da Cunha Gago), deveria enviar de seu séquito 150 e mais 60 de Mathias Cardoso de Almeida.

Apesar de haver faltado Antonio da Cunha Gago com a promessa de "... cento e sincoenta Indios seus...". (*"Actas"*, VII, 96), o que não é de extranhar, pois que nessa ocasião o potentado taubateano estaria no sertão em companhia da bandeira que seu paç chefiava em exploração da vertente de além Mantiqueira, partiu Dom Rodrigo a 19 de março de 1681, segundo affirma Basilio de Magalhães, (*"Actas"*, VII, 117 e 118). Levou elle para mais de 200 indios, sendo a expedição chefiada pelo mencionado Mathias Cardoso, com a patente de tenente general (*"Registo"*, vol. III, 297), e por André Furtado, com a patente de capitão (*"Registo"*, III, 299) (72).

Sabindo de S. Paulo a 19 de março, a léva tomou o caminho do Juquery, chegando a Atibaia a 24 de março. E' o que se vê de um recibo que Dom Rodrigo passou ao capitão João Paes Rodrigues (*"Registo"*, III, 293).

(72) Mathias Cardoso havia abandonado Fernão Dias no interior das Geraes. Veja-se Taunay, *"Annaes do Museu Paulista"*, loc: cit., tomo IV.

E' facil se deprehender que uma vez assignalada a presença da expedição em Atibaia, cinco dias após a partida de S. Paulo, tenha ella desprezado o caminho do Parahyba. Divergiu ella, portanto, do roteiro de André de Lião, no começo do seculo, e talvez da esteira deixada por Fernão Dias, se é que o grande bandeirante, tambem, já não havia penetrado nas geraes, por Atibaia.

De Atibaia, Dom Rodrigo devia ter seguido o curso do Camandocaia, entrando em Minas, com o Lopo á direita, para chegar em meados de abril ao Sapucahy. Ahi elle estacou, com a fuga de 27 indios da expedição, que lhe furtaram muito material e armamento ("Actas", VII).

Só em junho, pouco antes de 15, a entrada attingia o arraial de São Pedro de Paraibipéba, de onde escreveu o fidalgo mineirador uma carta a Fernão Dias, que Taunay reproduz na sua esplendida conferencia, proferida sobre o vulto do maior paulista da época.

Devia Dom Rodrigo ter permanecido longo tempo no arraial de São Pedro, pois a 26 de junho, ahi chegando, Garcia Rodrigues, com os restos mortaes de Fernão Dias e amostras de pedras preciosas encontradas, entregou-as ao administrador Dom Rodrigo, sendo lavrado o manifesto:

"... aos vinte e seis de junho em os mattos de Paraibipéba, arraial de São Pedro em pousadas do administrador geral Dom Rodrigo Castello Branco pareceu Garcia Rodrigues Paes e em presença de mim escrivão ao diante nomeado appareceu o dito Garcia Rodrigues Paes ao ad-

ministrador geral com uma pedras verdes as quaes disse serem esmeraldas que o governador Fernão Dias Paes seu pae que Deus haja havia mandado tirar de uns cerros que antigamente tinham tirado os azeredos em reino dos patachos as quaes ditas esmeraldas as manifestada em esta administração para o dito administrador as fizesse presentes a Suas Alteza por duas vias para que o reino se visse se tinham a dureza e fineza e que entretanto que vinha resposta do dito senhor administrador mandasse tomar posse em nome de sua alteza dos ditos cerros adonde se tiraram as ditas plantas digo pedras para que nenhuma pessoa descobrindo-as possa ter direito nellas visto elle dito haver-as manifestado nesta administração..” (“Registo”, III, 307).

Do arraial de S. Pedro, no Paraopéba, em 18 de julho, o administrador Dom Rodrigo enviou a S. Paulo, Francisco João da Cunha com as amostras das esmeraldas, que recebera de Garcia, e com cartas para a Camara de S. Paulo, sempre terminadas com o classico...: *“bejo las manos de vostras mercedes...”*. (“Registo”, III, 310).

Em fins de agosto, chegou a S. Paulo Francisco João e sua preciosa carga, só surgindo perante o Conselho Municipal Paulistano, em 1.º de setembro, chamado pelos homens da governança:

“... que foi portador de um prego com cartas para Sua Alteza, com hu saquinho

todo lacrado e cozido para Sua Alteza com pedras que manda o administrador dom Rodrigo Castel Branco que dis serem berdes transparentes que paresem ser esmeraldas e pelo dito ajudante frco João da Cunha foy dito que as ditas pedras que paresem ser esmeraldas de que elle fora portador forão descubertas pello governador Fernão Dias Paes no reino dos patachos na mesma mina ou serro de onde antigamente tirarão os azeredos e recolhendo com ellas para as plantas do sumidouro adoecera em caminho de que moreira com muita parte dous indios domesticos de seu serviço e q vendeo seu filho Garcia Roiz Pais emposivilitado com seus indios doentes por combalecer e chegar naquelle asidente o administrador e provedor geral das minas Dom Rodrigo Castel Branco o dito garcia Roiz pais filho no dito descobridor viera ao areal do dito administrador a apresentarlhe as pedras que o defunto seu pay tinha descoberto pedindo-lhe que pella emposivilitade com que se achava sem poder vir logo com ellas pera levar aos pes de Sua Alteza pedira ao dito administrador as remetese logo por duas vias para que brevemente se mandarem a Sua Alteza o que logo o dito administrador fes logo prontamente remetendo hua via a esta camara e outra a de guaretinguetá (naturalmente para seguir através da serra do mar e Paraty para o Rio de Janeiro e dahi para Lisbôa) e alem



Plano da capitania de São Paulo de
Castello Branco fundada no ponto de
Saburoaluna

das plantas do sumidouro tinha mais duas outras plantas é que em hu dellas deixara a Joze de Castilho por guarda das esmeraldas descubertas pera que ninguem fosse a ellas... (“Actas”, VII, 136 e 137).

Nessa data, (1.º de setembro), já devia ter a entrada de d. Rodrigo abandonado o arraial de S. Pedro no Paraopéba, em demanda ao Sumidouro, onde chegou através do rio das Velhas.

No Sumidouro arraial de S. João, encontrou o fidalgo castelhano o féro Borba Gato, o formidável genro de Fernão Dias, com os restos da bandeira do grande paulista.

Muito diferente da de Garcia deveria ter sido a acolhida de seu rude cunhado.

São conhecidas as particularidades tragicas e violentas, succedidas por entre as abruptas pene-dias do fatidico logar mineiro. Esse mesmo logar já fôra *theatro* de outra tragedia, quando um dia, tantos annos antes, vira o balouçar soturno do cadaver de José Dias, o filho trahidor do estoico bandeirante das esmeraldas.

Ignora-se com exactidão a data da chegada da expedição de d. Rodrigo ao arraial de S. João.

A morte do fidalgo hespanhol teve logar, porém, em meados de 1682, como com muita razão affirma o “portento de retentiva” Pedro Taques e não em fins de 1681, como pretendeu corrigir o grande Basilio de Magalhães (“*Rev. Inst. Hist. Bras.*”, tomo esp., vol. II, 91). A 6 de janeiro de 1682, ainda, escreveu aos officiaes da municipalidade paulistana, o desventurado administrador, conforme se vê do “*Registo*”, vol. III, 331 e 332.

Com a data de 25 de maio de 1682, encontrei uma outra carta de d. Rodrigo, escripta do Sumidouro (Reg. III, 388), da qual foi portador Manuel Castanho.

Só em 21 de outubro de 1682, teve a Camara paulistana noticias do assassinato de d. Rodrigo, como se vê do seguinte documento, registro de uma carta que a Camara escreveu ao Principe Regente (73) :

“A vinte um de outubro deste presente ano nos veiu por leves noticias vulgarmente que haviam morto o administrador geral das minas Dom Rodrigo Castello Branco na paragem chamada Sumidouro distante desta villa mez e meio de viagem e como andava no real serviço de Vossa Alteza que se tem averiguado ser certa a morte e não temos mais conhecimento nem consta que pelas noticias nem sabemos quem commettesse o delicto...”
(“Registo”, III, 360).

Desgostos hem fundos deveriam estar cravados no seio da familia de Fernão Dias, pela intermissão de d. Rodrigo, nas minas das pedrarias, a querer abocanhar os fructos dos martyrisantes sacrificios da viasacra dolorosa dos sete longuissimos annos no sertão impervio, atravessado pela gloriosa bandeira de Fernão. De facto, em setem-

(73) E' de notar que em 1682, D. Pedro ainda não era rei de Portugal. Só no anno seguinte com a morte de seu irmão desequilibrado Affonso VI foi elle coroado. Antes era simples regente.

bro de 1681, appareceu repentinamente em Camara o padre João Leite da Silva, irmão do formidavel sertanista, e indignado proferiu energico protesto, dando largas ao seu genio arrebatado:

..“...por mim e como irmão do defunto capitam fernão dias pais descobridor das esmeraldas e em nome da viuba sua mulher Maria garcia como seu procurador e de seus filhos requeria a suas mercês hua e muitas vezes da parte de sua Alteza que deus gde. e das nossas atalhem e proivão pellos meios mais combenintes a dom Rodrigo castel branquo os ententos que consta tem de mandar apoderarçe das minas das esmeraldas que o dito meu irmão descobriu os quais ententos se verificuam por hua carta que Mathias Cardozo conpanhero seu escreveo a seu irmão Salvador cardozo em que lhe dis que das esmeraldas espera tirar os gastos da jornada e por outra ao padre capelam felis pais noqueira em o chama e convida para o acompanhar na entrada das esmeraldas e porque de elles asim o fazerem se segirão grandes desservissos de sua Alteza descaminhos das esmeraldas e prejuizos aos que somos interesados neste decubrimto lhes ordenem vms. ou admoestem que não vam nem mandem nem consitam pessoa alguma chegue as ditas minas pellos danos que dahy se podem seguir antes conservem o capitam Joze de castilho a que o dito descobridor deixou em guarda

dellas pello que torno a requerer a vms. da parte do prinsipe nosso senhor e de seu real serviço mandem pello mesmo ajudante que trouxe o avizo e torna intimar este meu protesto e requerimento ao dito Dom Rodrigo e a todas as pessoas de sua companhia e delle cobrem vms. resivo em que se obrigue a entregarlho porque fazendo algum delles o contrario ou constando que forão ou mandarão bolir nas esmeraldas ou nisso consentirão sem ordem eispreça de sua Alteza ou do governador geral protesto de haver pello dito Dom Rodrigo . . .” (“Actas”, vol. VII, 634 e 136).

Teriam sido esses desgostos da familia de Fernão, dos quaes se achava certamente saturado o impulsivo Borba Gato, a causa da triste morte de dom Rodrigo, que apenas ia “*por obrigação de fazer pela razão de meu posto*”, segundo respondeu o fidalgo ao protesto do padre acima mencionado, (“Registo”, III, 131 e 132), e tanto mais que o “*capitão Garcia Rodrigues Paes, por carta que me escreveu e pelo manifesto feito nesta administração, fez de tudo deixoção ao Principe nosso senhor . . .*”, justificava ainda o administrador a sua resposta ao protesto (loc. cit.).

* * *

Desprendido e bondoso mancebo, Garcia Rodrigues, que tudo dava a seu principe depois de tão ingentes sacrificios feitos por seu pae para a descoberta das pedrarias!

Em dezembro de 51, apparecia em Camara paulistana, Garcia Rodrigues, offerecendo *“as esmeraldas q apresentava e manifestava descuberta por seu pay o governador fernão dias Pais as quais lhe restarão das que tinha oferecido ao administrador geral Dom Rodrigo Castel branco”*.

Extranha gente a paulista, que de tudo se privava, para offerecer a seu principe o fructo precioso de seu immenso esforço, sem, nem ao menos, a se reservar uma amostra, que lhe recordasse os duros dias do sacrificio!

Será sempre assim ? . . .

CAPITULO XXXIII

GRANDIOSO MOVIMENTO REGIONALISTA EM S. PAULO — ACCLAMAÇÃO DE AMADOR BUENO DA VEIGA — GUERRA DOS EMBOABAS

Logo após as descobertas das “minas”, pelos paulistas, nas Geraes, no fim do século XVIII, passaram elles a as explorar febrilmente. Retiravam do seio da terra as oitavas auríferas em abundancia, o que constituiu o chamariz de immensa corrente de immigração da metropole, em busca das serranias mineiras e dos socavões generosos, que fantasticamente povoavam todas as imaginações.

Ao começar o século dos setecentos, surgiu porém, entre os paulistas e os adventícios a odiosidade. Em poucos annos, deveria ella ensanguentar o sólo mineiro segundo se deprehende de uma reclamação constante de um “*termo de Requerimento do povo sobre o descubrimento dos catagoas*”, dirigido em abril de 1700 a Arthur de Sá e Menezes, segundo o qual:

“as terras do territorio das minas de catagoas asim campos como matos lavra-

dios de direyto pertensia aos paulistas pa. possuïrem por datas de S. Magde. q deus gde. ou de quen for donatario porqto. elles foram os que conquistarão as ditas terras e são os descobridores das minas de ouro q do presente se lavrão o q he notorio e patente o q tudo fizerão a custo de suas vidas e fazendas sem dispendio da fazda. Real e q seria hua grande emJustisa comsederse as ditas terras aos Moradores do Rio de Janeiro q nunca tiverão parte tanto na conquista como no descobrimento...". ("Actas", vol. VII, 536).

Estavam, pois, como se vê, as autoridades do Rio de Janeiro a proteger os moradores dessa cidade contra os paulistas. Continuaram a assim agir, dahi em diante, em relação a todos os adversarios dos paulistas, não dando importancia aos protestos dos legitimos donos do riquissimo "Pactolo" das geraes. Foram profundos os rancores originados na alma paulista, por essa protecção aos seus rivaes, a ponto de o celebre episodio, de que foi protagonista Jeronymo Pedroso de Barros, não passar de um simples acender do rasilho, já preparado.

A lucta tomou proporções de sanguinolenta guerra civil, cheia de violentissimas refregas, nas quaes, de um lado, pelejavam os paulistas, valentes descendentes dos rudes bandeirantes seiscentistas, e de outro a infrene multidão de forasteiros, protegidos pelos dragões portuguezes, que a governança colonial não deixava de emprestar aos

seus patricios reinóis, para atemorizar os indomitos bandeirantes paulistas.

Em 1709, depois das vergonhosas scenas de innominavel covardia do Capão da Traição, onde, á falsa fé, foram trucidados, desarmados, dezenas de paulistas, com suas mulheres e crianças, em S. Paulo, logo ao chegar a infausta noticia, se preparou grande expedição, para castigar o vandalismo estúpido de Amaral Coutinho e seu asséclas emboabas.

Foi memorabilissimo o movimento de reacção, entre os moradores do velho S. Paulo do Campo, magnifico surto regionalista contra os portuguezes, signal primievo e inconfundivel da differenciação da gente paulista, demonstração cabal da emancipação do nosso torrão.

Organisada a expedição vingadoura, em 1.º de abril de 1709, foi eleito e aclamado pelo povo, para "*cabo mayor e defensor da patria*", Amador Bueno da Veiga: ("*Actas*", vol. VIII, 190).

"Ao primeiro dia do mes de abril de mil e setecentos e nove annos en as Casas e pessoas do conselho dela adonde forão trazidos os offes da Camra, a instancia e requerimto do Povo todos universalmente, e todos por hua vós dizendo q eles da aquelle instante nomeavão e elegião por cabo universal pa. qualquer invazão e defensa da Patria, e bem cumum della e em pról de todo o bem e conservasão da Patria ao cap.am Amador Bueno da veyga, a qm. disserão havião de obedeser como seu cabo mayor em tudo do q fosse em prol do

q assim fica d.o porq assim achavão q convinha. "E como aos impulsos dee hu povo não ha qm. rezista..."

Este bellissimo documento de aclamação de Amador Bueno de Veiga, terminando com esse periodo inconfundivel, foi seguido de mais de uma centena de nomes dos mais em evidencia da governança paulistana, todos descendentes dos velhos pelejadores da época lendaria das bandeiras seiscentistas.

O documento, como se vê, eivado do mais accentuado paulistanismo, define com clareza a noção que elles tinham de patria.

O vulto que, em São Paulo, representava a personalidade do cabo maior, aclamado, era o de mais genuino representante da raça paulista, trazendo nas veias o sangue de varios dos maiores sertanistas do passado, autores de grandes façanhas de bandeirismo. Além disso era puro descendente de innumerados povoadores da capitania vicentina, mesclados com o sangue aborigene dos regulos guayanazes.

Pertencente a velha familia dos Buenos, iniciada com o servilhano Bartholomeu Bueno da Ribeira, e caldeada de sangue indigena pelo casamento desse povoador castelhano, no "clan" dos Pires, de Mecia Ussú, era elle bisnêto de Amador Bueno da Ribeira, que em 1.º de abril de 1641 (notavel coincidência), fôra em S. Paulo aclamado rei e alvo do primeiro movimento separatista de que se tem memoria. Era ainda neto de Amador Bueno, o moço, imperterrito sertanista destruidor de "Guayrá" e de "Tape".

Ainda, por Amador Bueno da Ribeira, procedia elle de sangue mameluco, descendendo de Pequero-by, o maioral do Ururahy.

Pela mulher de Amador Bueno da Ribeira, Bernarda Luiz, era elle procedente de Domingos Luiz, o carvoeiro, casado na raça mameluca de Tibiriçá.

Por seu pae, o capitão Balthazar da Costa da Veiga, companheiro de Fernão Dias, na peregrinação das esmeraldas, Amador era neto de Jeronymo da Veiga, insigne bandeirante, e pela mulher deste, filiado á familia dos Cunhas Gagos, onde havia grandes devassadores do sertão, como João Gago da Cunha, seu bisavô.

Eram ainda seus antepassados Henrique da Cunha Gago, o velho bandeirante da entrada de Nicolau Barreto; João do Prado e Salvador Pires, o companheiro de Jeronymo Leitão, quando esse capitão mór em 1585 iniciou a lucta contra os formidaveis carijós.

Bandeirante de raça, era, pois, pelos seus quatro costados, o cabo maior aclamado pelos paulistas.

Reunindo taes dotes de geração ás qualidades pessoaes e grandes cabedaes de que era possuidor, além de ser pessoa notavel da governança, como nos dizem os chronistas de outras éras, foi elle, nos primordios do seiscentismo, o que seu memoravel antepassado fôra em meados do anterior.

Deveriam ter levado muito tempo para organizar a mencionada expedição, pois a 24 de agosto de 1709, quasi cinco mezes depois da acclamação, foi chamado em Camara, Amador Bueno da Vei-

ga, ao qual foi feito, pelo procurador do conselho capitão Manuel de Avila, um requerimento:

“... que visto seguir pa. as Minas em serco. de Sua Magde. (extranho serviço) que Deus gde. e por bem da Patria e bem commum della que da parte do dito sor. lhe requeria não permittisse se fizecem absurdos, roubos, Hostilidades e ultimamente mortes, porque de tudo se daria El Rey nosso sor. por mal servido, e q naquellas Minas existia o sor. Gor. e capm. gl. desta repartição, a cuja obediencia estivesse gente... dizendo q obrando, elle do cabo mayor o contrario: o imprazavão pa. o tribunal divino... e o dito cabo mayor segurou... porque o seu animo era introduzir aos seus naturais naquella sua antiga posse, o que havia de fazer por meyo licitos e em ton pacifico, mas, que, havendo alguma opozição alterada e quizecem os levantados com aquella costumada ouzadia rouballos desarmallos ou matallos (como tinham feito) que el tal cazo era natural a desfensa, mas que havia de sempre sujeitar-se a rezão e obrar com os mais maduros conselhos, porque a sua vontade era em tudo acertar... (“Actas”, vol. VIII, 198, 201).

Após isso, partiu a expedição paulista, rumando o norte pelo Parahyba, Mogy das Cruzes, Taubaté e Guaratinguetá.

Ao chegar a essa ultima localidade, como é sabido, encontraram os paulistas o general Anto-

nio de Albuquerque, que, como bom portuguez, se deu pressa em avisar os emboabas, que, em posto avançado, sobre o rio das Mortes, eram chefiados pelo intrepido reinól Ambrosio Caldeira Brant, illustre antepassado de tantos paulistas de hoje.

A proposito desse aviso de Antonio de Albuquerque, na documentação de publicação official, consta uma interessantissima carta subscripta por Caldeira Brant dirigida a um tal Domingos Gonçalves Candido, legitimo portuguez, na qual são pedidos esclarecimentos sobre a marcha do exercito paulista, que em novembro de 1709, já havia abandonado Guaratinguetá em demanda do poço do Embahú, onde foi a Mantiqueira escalada, para a penetração nas Minas.

Eis o curioso documento: ("Registo", IV, 3) (74).

"Senhor Domingos Gonçalves Candido, como o senhor general Antonio de Albuquerque nos avisasse do exercito de paulistas que achou em Guaratinguttá, vinha infallivelmente a estas Minas, estamos em todas ellas, não só promptos para os receber em batalha, sinão tambem para os buscarmos em qualquer parte onde constar que estiverem aquartelados, porém, antes de fazermos movimento algum, queremos saber em que situação se acham ou si ainda estão em Guaratinguetá e como desta circumstancia nos parece, é vossa mcê, sabedor e pelo que tem legitimo portuguez e leal vassallo de El Rei

(74) O original desse documento se acha no Museu Paulista.

(VÊ-SE POR ESTE TRECHO QUE A CAMPANHA DOS PAULISTAS NAS MINAS FOI UMA GUERRA PURAMENTE REGIONALISTA EM QUE PAULISTAS SE OPPUNHAM A TODOS OS ELEMENTOS PORTUGUEZES, MESMO OS MORADORES DE TERRITÓRIOS PAULISTAS) *nosso senhor despachamos estes proprios para que vossa mercê nos informe do referido e de tudo que souber do dito exercito e dos seus movimentos, fiamos de vossa mercê e do senhor João Antonio, seu genro, obrem neste particular, como se deve esperar de legitimos portuguezes e leaes vassallos de El Rei nosso senhor, Deus guarde a vossa mercê muitos annos, etc. Rio das Mortes, 19 de novembro de 1709. — Ambrosio Caldeira Brantes”.*

Quanto á respòsta a esse pedido, talvez não tivesse sido o seu conteúdo muito tranquillizador, para a gente de Ambrosio Caldeira, porquanto não foi o seu proceder de accòrdo com as bravatas exaradas no documento reproduzido acima.

Muito longe de os portuguezes buscarem os paulistas, onde constasse estivessem elles acampados, limitaram a fortificar-se nas margens do rio das Mortes e clamar por soccorro não só dos patricios, chefiados por Manuel Nunes Vianna, como dos lusos governantes do Rio de Janeiro, que não se fizeram de rogados em mandar auxilios armados aos intrusos das geraes.

São conhecidos os resultados dessa empreita-

da bellica paulista, bem como suas aventuras em além Mantiqueira, contra o arraial do rio das Mortes e fortim da Ponta do Morro, commandados pelo mencionado Ambrosio Caldeira (75).

Uma discordancia entre os moradores de S. Paulo determinou a volta do grosso da expedição chefiada por Amador Bueno da Veiga, continuando, porém, o pequeno numero de esforçados a lucta tremenda, no rio das Mortes. Com a chegada de um grande auxilio de emboabas, tambem se retirou elle para áquem Mantiqueira, logo chegando a S. Paulo, sem ter conseguido levar a cabo os seus fins.

A dissensão interna entre os paulistas foi a unica causa de não ter sido levada a bom termo a expedição vingadora do massacre do Capão da Traição (76).

Não tivesse essa dissensão existido e os paulistas teriam levado de vencida os seus inimigos reinões, embora fossem estes acobertados pelas autoridades coloniaes e apesar de terem os paulistas as suas forças em grande parte dispersas com as constantes expedições aos longinquos sertões, onde se fixavam formando nucleos de colonização, que depois se transformaram em Estados.

Com Domingos Jorge, Mathias Cardoso e os Macieis Parentes, para o norte das colonias ha-

(75) Este capitulo historico sobre a guerra dos emboabas ainda não está sufficientemente esclarecido.

E' preciso que o seja para se poder formar um juizo perfeito.

(76) Essa é a versão corrente. E' possivel que com novos esclarecimentos ella se venha a alterar.

viam paulistas partido aos caudaes. Ahi se fixaram. Com os Brito Peixoto e os Dias Velho se iniciou o povoamento de Santa Catharina e Rio Grande do Sul, tambem depauperando as forças vivas da cellula mater paulista.

Por outro lado, nas geraes, permaneciam, em mineração, avultado numero de paulistas, com immenso séquito de indios e negros escravos. No longinquo Paraná, distribuiam-sc, generosamente, as sesmarias. Ahi o capitão Nuno Bicudo de Mendonça iniciára o povoamento do "*hinterland*", nos meados do seculo anterior.

Eram os primordios da proxima decadencia de S. Paulo, que já se faziam sentir no horizonte escuro do seculo XVIII.

Sabidos tambem são os successos da rebelião de Nunes Vianna á frente dos emboabas e como os paulistas foram de novo postos nas suas lavras, ao se saber, na governança da colonia, que os paulistas organizavam uma expedição mais poderosa que a que havia fracassado, para de vez se imporem aos emboabas e mais intrusos.

Não é meu objectivo fazer o historico da guerra dos emboabas.

Isso alongaria muito este trabalho.

Outros o farão e com muito maior brilho.

O historiador honesto porém não poderá deixar de ver o grande espirito absolutamente regionalista a presidir todas as scenas dessa guerra.

O espirito de paulistanidade guiava sempre os guerreiros de S. Paulo, de Taubaté, etc., contra os brasileiros e portuguezes que indistinctamente eram os emboabas.

Appareceu ultimamente um livro notavel do sr. J. Soares de Mello "*Emboabas*" — o qual verte muita luz sobre o capitulo. Quem quizer conhecer os episodios da lucta não tem senão que buscar esse livro elucidativo.

CAPITULO XXXIV

BANDEIRA DAS ESMERALDAS — BANDEIRA DO OURO DE AMADOR BUENO DA VEIGA — O ANHANGUERA — ULTIMAS REFERENCIAS DOCUMENTAES SOBRE O BANDEIRISMO.

O tão lamentavel laconismo paulista, já observado no seculo XVII, em transcrever nos documentos os feitos, se transforma em quasi absoluto mutismo, nos setcentos.

As "*Actas Municipaes*" só cuidam de cousas referentes á administração da villa do planalto, em 1711, feita cidade. Nos "*Registos*", só se acham provisões e mais provisões de pessoas da governança. Nos "*Inventarios*", fontes magnificas de revelação de ignotas bandeiras, desaparecem os inventarios summarios, feitos no sertão, excellentes peças identificadoras de listas de bandeiras e de impervias regiões por ellas percorridas. Nas "*Sesmarias*", finalmente, esplendida reunião de cartas de doações, com as quaes se podem acompanhar o paulatino povoamento das zonas vizinhas do burgo anchietano, pelo Anhemby abaixo, ou Parahyba afóra, só se nos deparam as cartas doadoras de terras, cortando os interminaveis sertões do Pa-

raná, pelos campos de Curitiba, ou pinheiraes do Tibagy.

De bandeiras propriamente nada se encontra de aproveitavel não falando de tres referencias, duas das quaes identificadoras de até então, desconhecidos empreendimentos sertanejos.

Logo após os successos desenrolados na lucta dos forasteiros nas minas, orientaram os paulistas, como é sabido, a directriz de sua entradas de exploração, para as bandas goyanas e matto-grossenses, onde logo descobriram novos "El dorados", que lhes presentearam ouro ás arrobas.

Foi logo ao iniciarem os paulistas as suas incursões, pautadas por essas directrizes, que resurgiu na cidade do planalto vicentino a idéa das esmeraldas.

Dom Braz Balthazar da Silveira, governador da capitania de S. Paulo e Minas Geraes, tratou, então, de pôr em pratica essas idéas concretizadas em noticias de concepção de Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, que muitos annos fôra companheiro de seu cunhado Garcia Rodrigues Paes, na famosa expedição das esmeraldas que Fernão Dias levára ao valle do rio Doce (77).

Dom Braz incumbiu a Sebastião Pinheiro de organizar a léva e realisar o descobrimento, com a

(77) Sebastião Pinheiro Raposo era filho de Antonia Pinheiro Raposo e por esta neto do grande Antonio Raposo Tavares e de sua segunda mulher Lucrecia Leme Borges de Cerqueira (Silva Leme, "*Genealogia Paulistana*", vol. III, 543).

Foi Sebastião Raposo, um formidavel sertanista, explorador do "hinterland" mineiro e bahiano, onde falleceu assassinado.

Neste paulista bem se reflectiram as virtudes ethnicas herdadas de seu avô, o maior bandeirante de todos os tempos.

promessa do habito de Christo, mercê, então, muito cubiçada.

Eis o documento, encontrado no vol. IV do "Registo", 103, em que tem assento este emprehendimento:

"Registo de uma provisão do capitão Sebastião Pinheiro Raposo para o descobrimento das esmeraldas".

"Dom Braz Balthazar da Silveira do conselho de Sua Magestade que Deus guarde Mestre de Campo General dos seus exercitos governador e capitão general desta capitania e Minas Geraes etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem que tendo consideração a me representar Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo que elle tinha noticia do sitio em que havia esmeraldas pela experiencia que fez no tempo em que andou occupado, no descobrimento dellas em companhia de Garcia Rodrigues Paes e que presentemente se offerecia para continual-o á sua custa levando para esse effeito escravos e o mais que era necessario, e attendendo ao muito que convem que se consiga assim para maior augmento destes povos como da real fazenda. Hei por bem encarregar ao dito Sebastião Pinheiro, deste descobrimento e tendo elle effeito por sua via e á custa lhe prometto em nome de Sua Magestade a mercê effectiva do habito de Nosso Senhor Jesus Christo para seu filho Antonio Raposo Tavares com a tença que

Sua Magestade for servido, e o foro de cavalheiro fidalgo da sua casa, tendo para uma e outra mercê os requisitos necessarios sem que da parte do mesmo Antonio Raposo haja defeito indispensavel pelos definitivos da mesa da consciencia, e regimentos dos filhamentos da casa real; e ordeno a todos os ministros cabos, e officiaes de guerra e de justiça e a todas as pessoas de qualquer qualidade e condição que sejam não embarcem nem ponham impedimento algum a diligencia deste descobrimento antes dêem ao mesmo Sebastião Pinheiro toda ajuda e favor de que necessitar, facilitando-lhe todos os meios. Dada nesta cidade de São Paulo aos vinte e dois dias do mez de outubro de mil e setecentos e treze..."

Não obtive mais noticias dessa empreitada, quer nos documentos do "Registo", quer nas syndicancias procedidas nas "Actas".

E', porém, provavel tenha essa nova bandeira das esmeraldas fracassado no seu intento de desvendar o mysterio, que tempos antes roubára a vida de Fernão Dias.

Talvez fosse essa expedição a que Sebastião Raposo levou ao rio das Contas, na Bahia, onde achou grande quantidade de ouro.

Após esse feito sertanejo, que partiu em busca das pedras verdes, em 1713, os documentos só se referem ao bandeirismo, ao noticiar uma expedição, até agora conservada na penumbra, na lista das gloriosas bandeiras do ouro. E' possivel que o

motivo tenha sido de seu feito não ter recebido os louros de preciosas descobertas, fructos de penosas peregrinações por invios sertões.

Dous longos annos permaneceu ella fóra do povoado, nos sertões oeste de Minas e talvez nos goyanos, até que, extenuada, já de volta ao povoado paulistano falleceu-lhe o chefe.

Foi essa expedição commandada pelo, já tantas vezes mencionado Amador Bueno da Veiga, que, em 1717, no mez de setembro, recebia de Dom Pedro de Almeida Portugal a incumbencia de fazer novos descobrimentos:

“...tendo em consideração a me representar Amador Bueno da Veiga, que elle tinha noticia de alguns sitios, onde se podiam fazer novos descobrimentos de ouro, e se offerecer a ir fazel-os a sua custa levando para esse effeito, escravos, e o mais que fosse necessario: e attendendo o muito que convem se façam os ditos descobrimentos, assim para augmento destes povos, como da real fazenda: hei por bem encarregar o dito Amador Bueno da Veiga da diligencia de novos descobrimentos de ouro, com obrigação de me dar parte dos que fizer, o remetter as amostras de ouro que tirar, a mim, ou a quem tiver o governo desta capitania...” (“Registo”, IV, 240).

Caminhada longa deveria ter effectuado o *ex-cabo mayor* da gente paulista, com a sua bandeira, pois Pedro Taques nos transmite ter elle falleci-

do em 1719, nos sertões do Rio Pardo, nas cercanias das fronteiras de S. Paulo e Minas, naturalmente quando de volta de seu cyclo.

* * *

Entre as muitas bandeiras já conhecidas, foi a do Anhangüera o moço, Bartholomeu Bueno da Silva, dos ultimos esforços sérios de descobrimentos de novas jazidas auríferas.

E' sabido, partiu ella em 1722, para as bandas sertanejas, onde, outróra, em companhia do velho Anhangüera, seu pae o chefe da tropa, vira o ouro abundar, entre os indios guayazes.

Tres annos de martyrios infinitos em luctas fantasticas, contra a natureza gigante perambulou o formidavel vulto do sertanista, Anhangüera, o moço. Em 1725, o celeberrimo Rodrigo Cesar de Menezes, governador da capitania de S. Paulo e das Minas Novas do Cuiabá e Pernampanema, recebeu noticias de que "...o capitão Bartholomeu Bueno da Silva e mais pessoas que o acompanharam ao descobrimento do sertão dos Goyazes, não haviam descoberto ainda o ouro a que se destinava aquella diligencia e ficar ainda continuando nella e ser conveniente ao serviço de Deus e de Sua Magestade e ao bem commum desta capitania soccorrer-se áquella tropa assim com gente como com munhões, e ter resolutu mandar ao dito sertão, ordeno e mando que todas as pessoas que quizerem ir a ella fazer serviço a Sua Magestade que Deus guarde se ponham promptas para irem na tropa que se ha de expedir e se attendera para este serviço aos requerimentos que tiverem como tambem se dará aos que forem pobres polvora e

munção para a dita jornada...". (*"Registo"*, IV 527, *"Registo de um bando do excellentissimo senhor general sobre mandar soccorro ao sertão dos Goiazes"*).

Eis a ultima referencia encontrada nos documentos publicados a respeito do bandeirismo.

Muitas entradas mais, dos setecentos, são conhecidas, mas só se referem ellas vagamente a viagens ás minas, por caminhos já certos e estabelecidos, através de paragens mais ou menos civilisadas. Não podem ellas ser levadas em conta de bandeiras sertanejas.

De facto, essas viagens eram descidas pelo Tieté abaixo, em periodicas monções, em demanda a Matto Grosso. Ahi abundavam os arraiaes. Demandavam ainda pelas margens do revolto Parahyba, já plantadas de villas, em procura das Geraes. Ahi as minas e agglomerações eram mais densas em população do que a propria Paulicéa.

Poucos eram os aventureiros que, desprezando as Pactolos em exploração, se internavam pelos sertões ignotos á procura de novos filões, travando com a natureza gigante espantosos luctas de tenacidade e estoicos soffrimentos.

Dessas raras empreitadas de mérito immorre-douro é que lamentavelmente silenciam os textos que analysei.

CAPITULO XXXV

O BANDEIRISMO EM DECLINIO

Quando, o nascer do seculo dos setecentos presenciava as multiplas descobertas auríferas, por entre as fragas das serranias centro-mineiras, corroando os esforços tenazes da gente paulista, o destino lavrou o decreto irremovível do declinio do bandeirismo.

O ouro, fanal rutilante, attrahia para a sua mineração, todas as ambições paulistanas e com ellas as energias da quasi totalidade dos moradores das villas planaltinas.

Para os arraiaes mineiros se transplantaram ás dezenas, grandes e poderosas familias piratinganas, levando comsigo os seus haveres, a sua actividade e a vida emfim, da villa do planalto, gigantesca cellula manter do nosso S. Paulo de hoje

E, quando a invasão emboaba saturou as minas do elemento indesejavel e insupportavel para a arrogancia aristocratica do paulista, atirou-se este ao desbravamento dos mysterios do sub-sólo goyano e matto-grossense. Fez elle surgir longinquos confins, novos eldorados, que desviaram para si a corrente emigratoria que partia de São Paulo em busca da opulencia.

E, então, foi Araraytaguaba a dolorosa sangria, dilatadamente aberta nas veias paulista. Dahi jorrára, para as bandas de além, os borbotões de sangue das forças bandeirantes. Despovoou-se o berço piratiningano, para os extensos territorios goyano e cuiabano, com o immenso alluvião de exploradores do ouro.

Com esse depauperamento acelerado pelo setecentismo adiante, S. Paulo ainda, na primeira metade do seculo, viu-se precipitar no abysmo da decadencia. Sua população decrescia e sua agricultura supprimia-se. Seus moradores, aventureiros, valentes e apprehendedores, foram-se transfigurando nos caipiras atrophizados e sedentarios, vivendo miseravelmente nos sitiécicos circumdantes de Guarulhos, Santo Amaro, Parnahyba e Araçaryguama.

A gloriosa villa das bandeiras foi, no seculo XVIII, a lousa fria de um tumulo marmoreo sem epitaphio, onde anonymamente repousavam os louros de um passado esquecido e o inanimado corpo em catalepsia de um povo adormecido e exangue.

Sua seiva, antes tão pujante, fôra aurida sofregamente pelas minas de ouro das Geraes, pelos preciosos cascalhos de Matto Grosso ou pelas campinas de araucarias paranaenses, serras e cochilias rio-grandenses ou pelas torridas fazendas de gado no distante Nordeste.

E o astro grandioso, que, em éras passadas fulgia na escuridão da noite rasgando-a em um raio luminoso pelo destino, apagára-se refrigerado e extinto, esboroando-se em milhares de infimos bolidos, que, precipitados e espalhados em varias

direcções, diluidos logo se tornaram pallidas nebulosas sem calor nem brilho.

O velho tronco de jequetibá altaneiro, em antigos tempos o gigante formidavel da matta virgem, copado e verdejante, despira-se e murchára estiolado, para se mostrar secco e esgueirado, qual esqueletico fantasma no negror da noite procellosa, com a galharada mirrada e resequida, chocalhando macabramente, ao tufão infrene da desgraça.

Só duas luzes brilharam, nas trévas desse seculo aziago para a fidalga villa de Anchieta, a murmurar-lhe lembrando o passado grandioso:

Pedro Taques, o Plutarcho incansavel dos varões illustres da expansão bandeirante, e frei Gaspar da Madre de Deus, o monge aristocrata rememorador das antigas éras dos povoadores lusitanos.

Um longo seculo S. Paulo dormiu no somno lethargico da decadencia.

Suas seáras alouradas de trigo pujante, seus altaneiros milharaes, niveos algodoaes e verdejantes cannaviaes, entrecortados de vergeis copiosos e de extensos marmeleiros, deram logar ás maninhas capoeiras, pardacentos cerrados e interminaveis carrascaes, marginantes do Tieté.

Seus solares senhoriaes, poderosos nucleos de clans bellicosos, que lembravam os castellos medievos e onde dominaram, nos saudosos tempos dos seiscentos, os potentados, que esmagaram na America a Companhia de Jesus e roubaram a Castella um continente, dominando as matyrizantes intemperies de uma natureza fantastica, jaziam em ruínas, desmoronados e encimados de vegeta-

ção rasteira e musgosa, seguidora infallível do abandono e do olvido.

Emigrára para o longínquo horizonte cuiabano a grandeza paulista, levando a grei da população do planalto vicentino, os varões de animo aventureiro, ambicioso e idealista, deixando sómente os timoratos e sedentarios, assim se operando a selecção regressiva.

E como não bastasse, ao quadro dessa desdita o colorido tetrico de um despovoamento a realçar a figura horrída da miseria, teve ainda o nosso torrão de supportar os abusos e desmandos dos governantes lusos. Esses não trepidavam em lhes sugar os resquícios de vida, enviando ao matadouro distante de Iguatemy as derradeiras energias paulistas. Ellas sem queixume, ahí, nas aguas pestilentas desse rio de negra memoria, espelharam bem as tradições herdadas de seus maiores: lealdade, abnegação, ao lado de um estoico e inegualavel espirito de sacrificio.

Esses governos lusos, eram bem os primeiros interventores na terra paulista!

Não seriam os ultimos a vir aqui implantar o odio e a reacção!!...

O ouro que as entranhas terrenas vertiam em abundancia, em Matto Grosso e Goyaz, nem ao menos serviu para dourar os braços carcomidos e enferrujados das velhas casas paulistanas. Enquanto o berço do bandeirismo se baloiçava vasio ao vendaval da miseria, gosava a metropole com o fausto dos quintos arrecadados, pelos cerberos exactores, aos rudes desbravadores dos segredos do sólo, e com as extorsões da governança, na colonia vicentino-paulista.

Emquanto em ruínas tombavam os taípaes paulistanos e desmoronavam os alicerces da villa anchietana, rendilhavam-se em Portugal as pedras vetustas das arcadas manuelinas dos Jeronymos, reburilavam-se os mosaicos do regio Pantheon de Lisboa, cinzelavam-se os marmores de Belém, trabalhava-se febrilmente, na pombalina reedificação da capital portugueza. Então construíram-se S. Roque, Estrella, a Patriarchal, enriquecia-se a Sé, entalhavam-se as admiraveis preciosidades que cumulavam a ostentação de José I, como se festejava o carnaval, etc.....

Eis os ultimos degraus que descemos, no ingrato setecentismo. Ahí nos demoramos, por longuissimas décadas. Eis que a cruzada nobilitante do trabalho iniciada pela gente campineira, sorocabana, ituana e paulistana, em quem germinára finalmente, a semente hereditaria do bandeirismo, veio nos trazer a segunda e definitiva phase da grandeza da nossa patria paulista. Tem ella como pedestal o maior monumento agricola, jámais existido na superficie do planeta, que é a nossa immensa lavoura de café. Esta foi levantada em um solo ingrato, pelo braço herculeo e infatigavel do caboclo paulista, mameluco fixado, empunhando o machado e a foíce e do escravo africano, impulsionado e dirigido unica e exclusivamente pela energia sem par do paulista moderno. Este era o bandeirante da terra roxa e descendente inconfundivel dos velhos Camargos, Buenos, Prados, Cunhas, Pires, Moraes, Penteados, Lemes, Pretos, Godoys, Macieis, Almeidas, Taques, Laras, Castanhos, Alvarengas, Proenças, Campos e Bicudos, es-

ses cyclopes seiscentistas que recuaram o meridiano, de Torzedilhas emparelhando-o com os contrafortes andinos de Castella (78).

(78) Gilberto Freyre no seu "Casa Grande & Senzala" — 303, tem as seguintes linhas:

"Todo o brasileiro, mesmo o alvo de cabello louro, traz na alma quando não na alma e no corpo — ha muita gente de genipapo pelo Brasil — a sombra, ou pelo menos a pinta, do negro".

E' possivel que isso seja verdade em relação ao Brasil e aos brasileiros, mas ha um immenso abysmo entre isso e os paulistas. Aliás Gilberto Freyre erra em querer ao sul as suas brilhantes conclusões para o norte.

O negro só veiu para cá no seculo XIX e o nosso planalto elimina o melanico.

E' por isso que a nossa gente é alva.

O nosso clima profundamente differente do que impera no norte isso predetermina (Ellis — "Populações paulistas").